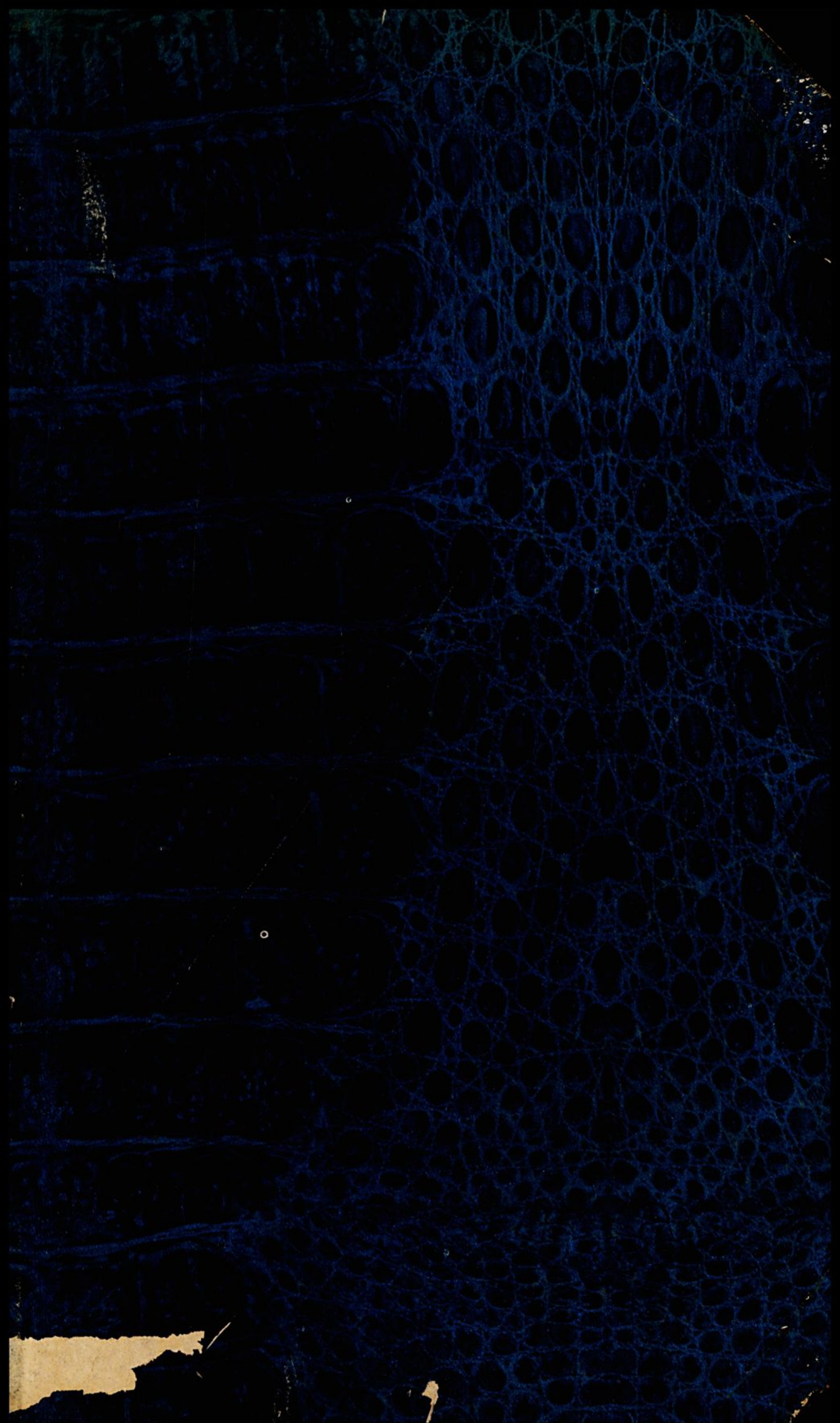




CLASS.: 944.081
C 331 i
tese
TOMBO: no 68

Daisy Ribeiro de Carvalho

SVE

1410000068



A IMPRENSA CLANDESTINA NA FRANÇA DURANTE A
SEGUNDA GUERRA MUNDIAL - 1939-1945



Tese de doutoramento apre
sentada ao Departamento
de História da Faculdade
de Filosofia, Ciências e
Letras de Marília

Marília - 1973

Prefácio

Interessando-nos particularmente pela História da França Contemporânea, pudemos encontrar, para nossa satisfação, na Biblioteca da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, alguns rolos de microfilmes contendo as mais importantes coleções de jornais clandestinos publicados na França no período da Segunda Guerra Mundial, isso nos levou a escolher como tema de nossa tese "A Imprensa Clandestina na França, durante a II Guerra Mundial-1939-1945". Nosso interesse aumentou quando constatamos que muito havia ainda a estudar sobre o assunto.

Começamos nosso trabalho pela leitura desses microfilmes, e na medida em que prosseguíamos nossa pesquisa, cada vez mais nosso interesse pelo assunto crescia.

No ano acadêmico de 1969-1970, aproveitando o ensejo que tivemos de ir à França, ao obtermos uma bolsa de estudos concedida pelo "Institut Européen des Hautes Études Internationales de Nice", aprofundamos nossas pesquisas, ocupando grande parte de nosso tempo com a leitura de obras recentes ou mais antigas, publicadas na França sobre a II Guerra Mundial, a Resistência Francesa, o Governo de Vichy, a Ocupação da França, etc., difíceis de encontrar no Brasil.

De Nice seguimos para Paris onde estivemos quatro meses pesquisando na Sala de Reserva da Biblioteca Nacional, na Biblioteca da Sorbonne e nos Arquivos e Biblioteca do Comitê da Segunda Guerra Mundial e onde contamos com a valiosa colaboração dos renomados professores Henri Michel e Marie Granet. O Prof. Henri Michel é o Primeiro Ministro do Comitê da Segunda Guerra Mundial e o mais conhecido e famoso historiador francês especializado na História da Resistência na França, e a Profª Marie Gra

net é também uma emérita historiadora da Resistência na França.

Escrevendo sobre aqueles que nos ajudaram na elaboração desta tese, desejamos ressaltar o muito que devemos à nossa orientadora, Profa. Dra. Olga Pantaleão, que por suas qualidades de inteligência, de intuição e de método muito nos ajudou, tendo de perto acompanhado nosso trabalho.

Talvez dentro de alguns anos, com o conhecimento de mais abundantes documentos, este trabalho possa vir a ser revisto, completado e retificado em certos aspectos; contudo, queremos ressaltar que ao desenvolvê-lo procuramos colocar em evidência um dos períodos mais dramáticos e complexos que a França Contemporânea conheceu.

A França, no decorrer de 1940, conheceu duas infelicidades: a derrota e a vergonha, e assim desde 10 de julho, a III República Francesa foi liquidada em Vichy, famosa estância hidro-mineral. A França viveu então um novo episódio de sua história com a capitulação, a assinatura do armistício, a ocupação parcial e depois total de todo o seu território pelo exército alemão.

Nesta tese tentamos mostrar o papel da imprensa clandestina no reconhecimento da Resistência Interior na França e também as suas ligações com a França Livre.

Enfim pensamos também com isso render nossa homenagem aos grandes heróis anônimos que compõem a grande maioria de redatores, diretores, colaboradores, etc., dos diferentes tipos de publicações clandestinas: jornais, revistas, brochuras, panfletos, folhetos, etc., que percorreram a França de norte a sul, de leste a oeste, durante todo o período da ocupação, apesar da constante vigilância do Governo de Vichy ou da Gestapo.

Numerosas são as lacunas; o conjunto de jornais

que tivemos em nossas mãos foi pequeno. Pudemos ler apenas os mais importantes e os que foram publicados com maior regularidade. Contudo, mesmo assim, o trabalho foi feito, e diante de tantas dificuldades lançamos a seguinte questão: Qual é o risco maior, o silêncio total ou o silêncio parcial? E ao levantarmos esta questão optamos pelo segundo. Apesar das limitações, a tese está feita.

Daisy Ribeiro de Carvalho

Marília, maio de 1973.



Introdução

A. A FRANÇA DIANTE DA DERROTA DE 1940

A eclosão da guerra foi sendo preparada lentamente pela Alemanha e quando se tornaram evidentes os perigos, que representava para todas as nações indistintamente, o nacional socialismo de Hitler, os governos de Londres e Paris decidiram defender a paz na Conferência de Munique de 30 de setembro de 1938. Esta conferência abriu a crise entre os Estados Europeus. Hoje em dia todos já têm consciência de quanto custou a manutenção da paz neste momento: a Tchecoslováquia foi entregue à Alemanha, o sistema de segurança coletiva foi abandonado pela Sociedade das Nações e a Rússia viu-se isolada. A acolhida dada aos emissários da França, Daladier,⁽¹⁾ e da Inglaterra, Neville Chamberlain,⁽²⁾ na volta desta Conferência, tanto em Paris como em Londres, revela até que ponto a opinião pública estava enganada quanto a possibilidade de manter a paz.

A guerra tornou-se inevitável em virtude da atitude tomada por Hitler depois da Conferência de Munique. Esta guerra foi uma guerra defensiva para a França e a Inglaterra. A Alemanha estava bem preparada e segura de que seria uma guerra rápida, crendo que, diante do seu poderio bélico e militar, nada tinha a temer de seus oponentes.

- (1) Edouard Daladier ocupou pela 3ª vez a Presidência do Conselho em 11 de abril de 1938, depois da queda do Segundo Ministério Blum. Demissionário em 20 de março de 1940. Daladier dirigiu a pasta da Defesa Nacional e da Guerra, no Gabinete de Paul Reynaud, seu sucessor na Presidência do Conselho.
- (2) Neville Chamberlain homem de Estado britânico, 1º Ministro, estava convencido de que uma explicação de boa fé deveria ser suficiente para impedir a guerra e foi com este espírito que participou, a 29 de setembro, dos acordos de Munique. Mas quando Hitler ameaçou toda a Tchecoslováquia, ele constatou o fracasso de sua política de apaziguamento. Chamberlain foi substituído, no governo por Churchill, em 10 de maio de 1940.

A Alemanha lançou-se à guerra com um exército bem equipado, e o continente europeu viu-se colocado em pouco tempo sob a direção do Grande Reich Alemão, que impôs a sua "Ordem Nova" a todos os Países que não quiseram colaborar com sua política europeia.

A ocupação da Tchecoslováquia e da região de Memel pela Alemanha, e da Albânia pela Itália, levaram a Inglaterra e a França a darem à Polônia e à Romênia uma garantia formal em caso de agressão. Os alemães buscaram o apoio da Rússia, com a qual assinaram o tratado de 23 de agosto de 1939, o "Pacto Germânico-Soviético".

A invasão da Polônia deu-se no dia 1 de setembro de 1939, sem declaração de guerra. No dia imediato, a França e a Inglaterra declararam guerra à Alemanha. Esta atitude foi seguida de medidas militares: mobilização da frota pela Inglaterra, e mobilização geral pela França. Antes mesmo que os contingentes tomassem suas posições e que a mobilização francesa fosse completada, a campanha da Polônia já tinha terminado. Nesta investida a Alemanha já revelou a sua potência, tendo utilizado uma tática nova, da qual os elementos principais foram a surpresa e a rapidez. Os aviões, os tanques, os canhões móveis, as transmissões sem fio, foram as armas desta nova tática de guerra, na qual o poderio bélico alemão foi levado a limites extremos. Apesar da declaração de guerra pela Inglaterra e França à Alemanha, não houve hostilidades imediatas. Foram operações muito limitadas na região da fronteira do Sarre, não havendo nenhuma ação militar de vulto, entre outubro de 1939 e maio de 1940. Este período de trégua ficou sendo conhecido como "drôle de guerre" na França e como "Komische Krieg" na Alemanha.

Ocupadas a Polônia, a Dinamarca e a Noruega, a 10 de

maio de 1940, a Alemanha atacou Luxemburgo, Holanda e Bélgica, ainda desta vez sem declaração prévia de guerra. O ataque, apesar de esperado há longos meses, foi uma surpresa. Até então os aliados⁽³⁾ acreditavam na superioridade do seu exército, determinada pela confiança no exército francês, que gozava de renome pelas qualidades dos seus soldados e pelo valor do seu comando. Fora este exército que conquistara a vitória de 1918. A confiança excessiva tornou os dirigentes políticos franceses, assim como o próprio comando do exército, cegos à realidade. A grande maioria dos homens políticos que dirigiam a III República na França, assim como seus chefes militares, não acreditavam na possibilidade da Alemanha ter realmente armado e preparado o seu exército num período exíguo de apenas poucos anos, isto é, de 1935 a 1939⁽⁴⁾. Além disso, estavam seguros da superioridade das marinhas de guerra inglesa e francesa reunidas.

Mas a verdade era bem outra. A supremacia alemã foi incontestável e os aliados acabaram por perceber a situação, pois os fatos demonstraram que eles não estavam preparados para o tipo de guerra que tiveram de enfrentar.

O resultado da investida alemã foi que em pouco tempo a França viu-se invadida e sem possibilidades de impedir a marcha sobre seu território. Com esta invasão viu-se na contingência de mu

(3) Aliados são as potências unidas para enfrentar um inimigo comum; diz-se especialmente das que, em 1814 e 1815 invadiram a França restabelecendo no trono a dinastia dos Bourbons, e ainda das que, na conflagração européia de 1914, estiveram em guerra com a Alemanha, a Austria-Hungria e a Turquia. Nesta tese o termo aliado é utilizado para designar os países que lutaram ao lado da Grã-Bretanha contra os do Eixo.

(4) Em 1933 Hitler recebeu o posto de Chanceler do Reich e neste mesmo ano a Alemanha retirou-se da Conferência de desarmamento da Sociedade das Nações. Em 1935 Hitler estabeleceu o serviço militar obrigatório e em março de 1936 denunciou o Tratado de Locarno, ocupando com suas tropas a zona renana desmilitarizada.

dar a sede de seu governo de Paris para Tours e depois para Bordéus. Esta verdadeira catástrofe que a atingiu tão duramente criou-lhe uma crise ministerial e depois uma crise de regime.

A necessidade de cessar o combate foi de início constatada pelos militares e foi o comandante em chefe do exército francês, o general Weygand⁽⁵⁾, que levou ao Conselho de Ministros a opinião dos militares a respeito da situação. Depois da ruptura da frente de combate no rio Somme, o general Weygand havia dado ordens de retirada geral e resolvera propor ao Conselho de Ministros, na ocasião, sediado no castelo de Canges, perto de Tours, que solicitasse o armistício.

Diante da vergonha e do entorpecimento causados pela derrota, somente o general de Gaulle queria continuar a guerra na França. Queria que o governo partisse para Quimper, e em 11 de junho tinha quase convencido o Presidente do Conselho de Ministros, Paul Reynaud. De Gaulle acreditava que Quimper, situada a noroeste da França, na península bretã, seria um local ideal para os franceses se instalarem, seu terreno acidentado lhes valeria como um precioso meio de defesa contra os tanques alemães e além do mais encontrava-se bastante perto da Inglaterra, o que facilitaria o seu abas

(5) Maxime Weygand, general francês. Participou da 1ª Grande Guerra. Alguns dias antes da mobilização de 1939 foi designado para comandar o teatro de operações do Mediterrâneo Oriental, em Beirut e preparar uma intervenção eventual nos Balcãs. A 19 de maio de 1940, foi chamado à França, em razão da gravidade da situação militar, tendo assumido então o comando supremo. Apesar de toda a sua atividade e a sua energia não pôde restabelecer a coesão das forças aliadas nem bloquear o avanço inimigo. Foi nomeado Ministro da Defesa Nacional pelo Marechal Pétain, a 17 de junho de 1940, permanecendo no cargo até 6 de setembro de 1940. O general Weygand a seguir foi enviado como delegado geral do Governo da França na Argélia, para reorganizar as forças francesas da África do Norte e da África Ocidental a fim de assegurar a intangibilidade destes territórios. A 12 de novembro de 1942 foi capturado pela polícia alemã e transferido para a Alemanha, onde permaneceu internado até 5 de maio de 1945. De volta à França foi julgado pela Alta Corte e preso. Obteve sua liberdade em maio de 1946, ocasião em que foi reintegrado nos seus direitos e prerrogativas.

tecimento, não só pela R.A.F., como também pelas frotas francesa e inglesa.

Acreditava-se ainda que os restos do exército francês poderiam ser juntados em dois grandes setores. Um na Bretanha e outro nas encostas dos Vosges ao lado da linha Maginot. Contudo este projeto de um reduto bretão foi rejeitado e de Gaulle passou a defender a mudança do governo francês para o norte da África, onde poderia organizar uma resistência, a espera do dia em que pudesse expulsar os alemães do solo da França.

O Marechal Pétain⁽⁶⁾ mostrou-se contrário a esta idéia, afirmando que a França não poderia ser abandonada nas mãos dos inimigos, acreditando ser preciso ficar, cessar o combate, preservando assim o país de um mal muito maior. Desse modo, apoiava a opinião do general Weygand e dos militares favoráveis a um cessar-

(6) Henri Philippe Omer Pétain - Marechal da França (1856-1951). Lutou na Primeira Grande Guerra tendo assumido o Comando dos Exércitos do Norte e Nordeste como sucessor do general Nivelle, em Maio de 1917, conseguindo restabelecer rapidamente o moral da tropa que tinha sofrido a derrota de 16 de abril. Sob a autoridade suprema do general Foch, manteve a coesão do seu exército nas ofensivas alemãs da primavera de 1918 e o conduziu ao sucesso final. Por seu desempenho na primeira Grande Guerra foi elevado ao posto de marechal em 19 de novembro de 1918. A seguir ocupou o cargo de Vice-Presidente do Conselho Superior da Guerra, tendo sido enviado para Marrocos entre 1925 e 1926. Em 1931 o marechal Pétain deixou a vice-presidência do Conselho para se tornar Inspetor Geral de Defesa Aérea. Foi Ministro da Guerra no Gabinete Doumergue (1934), renunciando em seguida a todo novo cargo militar. A 3 de março de 1939, foi nomeado embaixador da França na Espanha e a 18 de maio de 1940, foi chamado pelo Presidente Paul Reynaud, para ocupar o cargo de Vice-Presidente do Conselho. Após a ruptura da frente de guerra no início de junho de 1940, insistiu junto ao Conselho do Governo para a conclusão de um armistício. A 10 de julho de 1940, em Vichy, por proposição de Pierre Laval, a Assembléia Nacional entregou ao marechal Pétain todos os poderes para promulgar uma nova Constituição do Estado Francês. O Presidente da República retirou-se e Pétain tornou-se chefe de Estado. Sua força foi diminuída pela assinatura do armistício e pela ocupação de mais da metade do território pelos inimigos. Pelas atitudes assumidas durante seu governo, no fim da guerra, foi levado a alta Corte sendo condenado à morte, condenação que não foi executada por ter sido comutada pelo general de Gaulle, pela de prisão perpétua.

fogo apoiando a proposição apresentada pelo general Weygand, mas que foi depois rejeitada pelo Conselho de Ministros. A 16 de junho, Paul Reynaud⁽⁷⁾, Presidente do Conselho, remetia a demissão do seu ministério ao Presidente da República Albert Lebrun⁽⁸⁾ recusando-se a associar-se a uma política que não aprovava.

Com a sua demissão, foi constituído um outro Ministério sob a presidência do marechal Pétain, que iniciou imediatamente as negociações para o armistício com a Alemanha, e com a Itália.

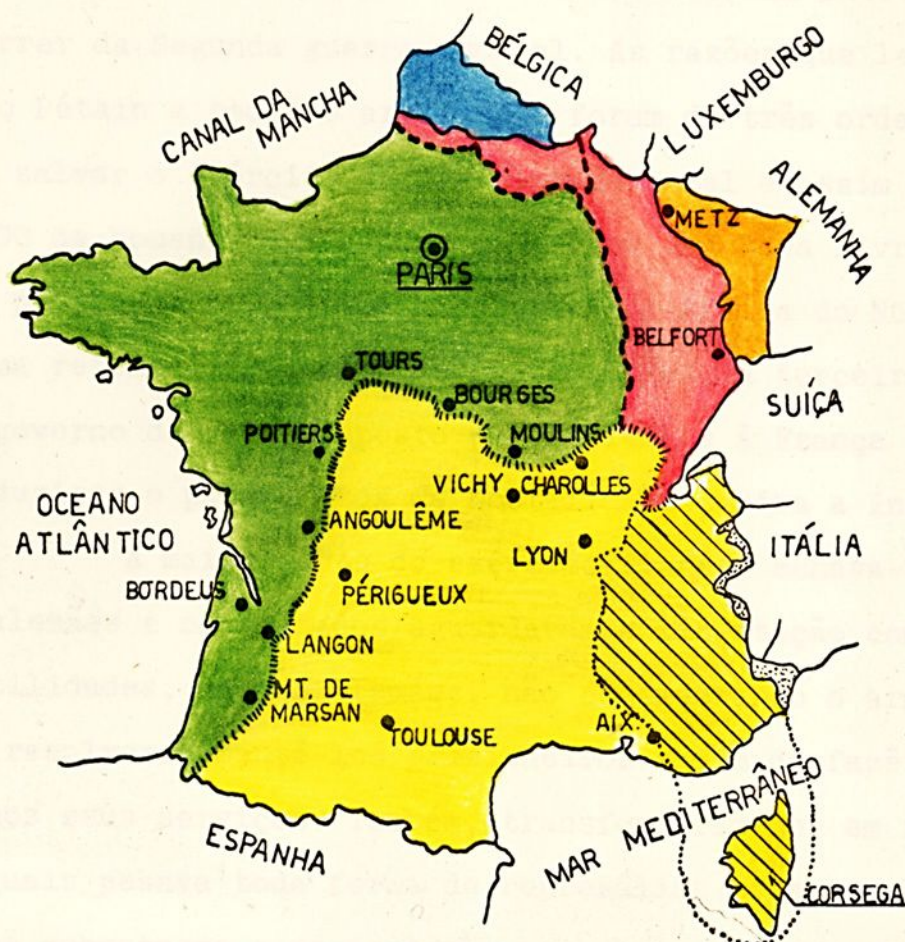
O armistício foi assinado sem discussão a 22 de junho com a primeira, e a 24 de junho com a segunda e foi posto em execução já a partir de 25.

(7) Paul Reynaud, político francês. Eleito deputado em 1928 tornou-se rapidamente um dos principais líderes parlamentares de opinião moderada, tendo ocupado vários postos ministeriais importantes, em 1930, 1931 e 1932. Ministro das Finanças do Gabinete Daladier de 11 de abril de 1938 a 20 de março de 1940. Foi sucessor de Edouard Daladier na presidência do Conselho a 20 de março de 1940, esforçando-se por dar um impulso mais vigoroso à guerra. Nos primeiros sucessos da ofensiva alemã em 10 de maio de 1940 substituiu o general Gamelin pelo general Weygand, na direção do exército francês, procurando reforçar a autoridade moral do seu ministério, colocando o marechal Pétain como vice-presidente do Conselho. Por ser partidário do prosseguimento da guerra ao lado da Grã-Bretanha, após a ruptura da frente de combate na região do Somme, demissionou-se em Bordéus, em 16 de junho de 1940. Aprisionado pelo Governo de Vichy em julho de 1940 foi internado sucessivamente em vários locais até ser entregue à Alemanha a 20 de novembro de 1942, tendo sido em seguida deportado para território alemão perto de Buchenwald, depois para o Saxe, onde foi libertado pelas tropas americanas em abril de 1945. Depois de alguns meses de repouso retornou às suas atividades políticas, tendo sido eleito deputado em 1946. Em 1947 publicou sob o título "La France a Sauvé l'Europe", seu testemunho sobre a derrota e o armistício.

(8) Albert Lebrun foi reeleito pela segunda vez Presidente da República Francesa a 6 de abril de 1939. Exerceu normalmente suas funções até que a Assembléia Nacional reunida em Vichy a 10 de julho de 1940 transmitiu todos os poderes constituintes ao governo do marechal Pétain, com a promulgação do Ato Institucional nº 1, que atribuía ao marechal o título de Chefe do Estado, suprimindo praticamente a função presidencial, que desde então passou a ser confundida com aquela de chefe do governo. A partir de então Albert Lebrun retirou-se da vida pública, passando a residir em Vizille perto de Grenoble onde foi preso em 23 de agosto de 1943 pela polícia alemã e transferido para Lyon de onde foi depois deportado para o Tyrol Bávaro. Foi repatriado por questões de saúde depois de alguns meses de cativeiro. Após a Libertação da França absteve-se de qualquer atividade política.

MAPA DA FRANÇA-SEPARAÇÕES DECORRENTES DO ARMISTÍCIO DE:

24 DE JUNHO DE 1940.



LEGENDA

-  ZONA LIVRE ATÉ NOVEMBRO DE 1942.
-  ZONA DE OCUPAÇÃO ALEMÃ.
-  ZONA INCORPORADA AO COMANDO ALEMÃO DE BRUXELAS.
-  ZONA ANEXADA AO REICH ALEMÃO.
-  ZONA RESERVADA E ZONA INTERDITADA-SEU LIMITE SEGUE APROXIMADAMENTE AQUELE DO SANTO IMPÉRIO ROMANO GERMÂNICO.
-  ZONA DE OCUPAÇÃO ITALIANA DEPOIS DE NOVEMBRO DE 1942.
-  LINHA DE DEMARCAÇÃO E LIMITE DA ZONA LIVRE DE NOVEMBRO DE 1942.
-  LINHA DE DEMARCAÇÃO DO LIMITE COM A ITÁLIA EM JUNHO DE 1942.
-  LINHA DA OCUPAÇÃO ITALIANA DEPOIS DE NOVEMBRO DE 1942.

ORGANIZAÇÃO — DAISY RIBEIRO DE CARVALHO.
DESENHO — PAULO Y. KATSUMOTO.

O armistício francês de 1940 foi um fato importante no decorrer da Segunda guerra mundial. As razões que levaram o Ministério Pétain a pedir o armistício foram de três ordens: a primeira, foi salvar o exército de uma captura total e assim poupar 2.000.000 de homens; a segunda, conservar uma zona livre, na França e assim preservar o Império, e sobretudo a África do Norte, com vistas a uma retomada posterior de hostilidades; a terceira, impedir que um governo de fato, imposto pelos alemães à França Metropolitana, conduzisse o país a atos de hostilidade contra a Inglaterra.

A maior parte do exército francês achava-se prisioneira dos alemães e os soldados aguardavam a libertação com a cessação das hostilidades, mas os alemães, não considerando o armistício como paz, resolveram mantê-los prisioneiros a fim de fazê-los trabalharem nos seus serviços. Também, transformaram-nos em refens, sobre os quais pesava toda forma de represálias se a população francesa não se submetesse a contento às suas leis. Estes prisioneiros fizeram muita falta à França. Sua ausência era sentida pelas famílias e pela economia francesa.

Pelo armistício, a França viu-se cortada em duas partes, ficando separadas regiões, circunscrições administrativas e interesses econômicos. Foi estabelecida uma fronteira, zelosamente guardada, e que impedia a passagem de homens, de mercadorias, do correio, de dinheiro ameaçando a economia francesa de verdadeira paralisia.

Além do mais, violando a convenção do armistício, os alemães anexaram a Alsacia-Lorena e uniram os Departamentos do Norte e do Passo de Calais ao comando militar de Bruxelas, seguindo aproximadamente as fronteiras do Antigo Santo Império Romano Germânico, o que constituía uma grave ameaça para a sorte futura dos territórios da região ocupada.



Assim, a unidade do território francês, a mais antiga da Europa, já não existia mais.

O armistício parou os alemães no rio Loire. A linha que dividiu o território francês começava nos Pirineus, fazia um ângulo reto acima de Limoges, entortava para leste e vinha acabar na Suíça. Ao norte da linha, a região ocupada ou anexada, ao sul, a zona livre.

A zona livre ficava com 32 departamentos preservados da invasão. Esta foi durante 2 anos uma vantagem material e moral do armistício. Nesta zona sul, não ocupada, se bem que o governo estivesse sob a inteira dominação do III Reich Alemão, só a ausência física do ocupante, de suas bandeiras, fez com que a população, em sua grande maioria republicana e hostil à "Ordem Nova", pudesse criar condições de vida bem diferentes daquelas da região norte, onde a Gestapo reinava diretamente.

O Armistício foi pedido pela França, mas com o acordo prévio da Inglaterra, até então sua aliada. Esta pediu à França para não entregar sua frota à Alemanha. No dia 25 de junho de 1940, numa declaração feita na Câmara dos Comuns Churchill dizia: "É com dor e esturpor que li o artigo 8 das condições do armistício fran-cês". Este artigo estipulava que a frota francesa se reuniria em portos determinados onde seria desmobilizada e desarmada sob a direção dos alemães e italianos. Mas a frota francesa jamais foi entregue aos alemães. E isto se decidiu quando, a 27 de novembro de 1942, dois anos e cinco meses depois da assinatura do armistício, quando os alemães quiseram se apossar pela força da frota francesa ancorada em Toulon, seus comandantes não consentiram e a puseram a pique por ordem do governo saído do armistício e fiel às suas convenções, fiel sobretudo à palavra dada de jamais voltar suas armas contra seu antigo aliado.

Apesar do armistício ter sido duramente criticado, apesar de ter provocado a divisão do território francês, enfim apesar de todos os senões, ele teve um aspecto bastante positivo. Pelo menos durante mais de dois anos a zona chamada livre cobriu o Mediterrâneo e a África do Norte, onde os americanos puderam com toda tranquilidade e com o concurso efetivo das mais altas autoridades militares francesas preparar o seu desembarque. Também durante esses dois anos os alemães não puderam usar os aeródromos e as bases navais do sul da França.

Assim, a Inglaterra pôde prosseguir com menos perdas e menos dificuldades a guerra no Oriente Médio.

1. O General de Gaulle e os primeiros esboços da Resistência

Enquanto o governo francês preparava o armistício, o general de Gaulle partia para a Inglaterra e foi de Londres que lançou seu grito de não aceitação, nem da derrota, nem do armistício.

De Gaulle acreditava que os mesmos meios que foram empregados para vencer os franceses em 1940 poderiam levá-los um dia à vitória e que se naquele momento a França encontrava-se esmagada pela força mecânica alemã, num futuro talvez não muito longínquo poderia obter a desforra, com uma força mecânica superior. Mostrava-se também profundamente contra a assinatura do armistício, visto por ele como uma capitulação acreditando que se esta capitulação era uma lei, numerosos eram entre os homens, as mulheres, os jovens e as crianças franceses aqueles que não se resignavam, que não admitiam e que não desejavam o armistício.

O general de Gaulle já exprimia neste momento um sentimento que ia se tornar logo uma realidade: a separação entre a

nação e o governo do armistício. Para ele, assim como para seus seguidores, a França devia continuar a luta ao lado dos aliados ingleses.

De Gaulle até então praticamente desconhecido na vida política do país, passou a destacar-se depois do seu famoso discurso, pronunciado no dia 18 de junho de 1940 na rádio BBC de Londres, onde pela primeira vez a palavra resistência foi pronunciada. Este discurso foi na realidade um apelo de de Gaulle e não trazia nenhuma bagagem política. Era apenas a voz de um antigo sub-secretário de Estado no Ministério da Guerra do Governo de Paul Reynaud, a recrutar soldados e técnicos a fim de manter uma força francesa em luta ao lado dos aliados.

A palavra resistência foi logo em seguida retomada pelos jornais clandestinos na França e serviu de nome para vários movimentos, acabando mesmo por designar todos os que se recusaram definitivamente a aceitar o armistício.

Eis o apêlo do general de Gaulle:

"Os chefes que há muitos anos estão à frente do exército francês formaram um governo.

Este governo, alegando a derrota de nosso exército, entrou em relação com o inimigo para cessar a luta.

Certamente nós fomos, e ainda estamos submergidos pela força mecânica, terrestre e aérea do inimigo.

Não foi propriamente a quantidade de soldados, foram os tanques, os aviões, a tática dos alemães que surpreenderam nossos chefes a ponto de os levar onde estão hoje.

Mas a última palavra foi dita? A esperança de ve desaparecer? A derrota foi definitiva? Não

Crede-me, eu vos falo com conhecimento de causa e vos digo que nada está perdido para a França. Os mesmos meios que nos venceram poderão trazer um dia a vitória.

Porque a França não está só. Ela tem na sua retaguarda um vasto império. Pode fazer o bloqueio juntamente com o Império Britânico, que tem o mar e continua a luta. Pode, como a Inglaterra, utilizar, sem limites, a imensa indústria dos Estados Unidos.

Esta guerra não está limitada ao território infeliz de nosso país. Não foi encerrada pela batalha da França. É uma guerra mundial. Todas as faltas, todos os atrasos, todos os sofrimentos não impedem que se encontrem no universo os meios necessários para esmagar um dia os inimigos. Abatidos hoje pela força mecânica, poderemos vencer no futuro com uma força mecânica superior. O destino do mundo resolver-se-á ali.

Eu, General de Gaulle, atualmente em Londres, convido os oficiais, os soldados franceses que se encontrem em território britânico ou que desejarem vir com suas armas ou sem elas; convido também os engenheiros, os trabalhadores especializados das indústrias de armamentos atualmente em território britânico a se juntarem a mim.

Aconteça o que acontecer, a flama da resistência francesa não deve se apagar e não se apagará⁽⁹⁾

Amanhã, como hoje, falarei na rádio de Londres"⁽¹⁰⁾

(9) O grifo é meu e foi feito para ressaltar a importância dada a essas palavras do general de Gaulle pela Resistência Francesa, tornando-as mesmo um verdadeiro lema para a luta.

(10) GAULLE, Charles de - Mémoires de Guerre: L'appel 1940-1942. 1ª ed., Paris, Librairie Plon, 1960, tomo I, p. 265.

Essas palavras foram ouvidas na França por poucas pessoas, muito embora grande número delas dissessem depois tê-las escutado.

O combate do General de Gaulle pela renovação do exército francês não era seguido senão por alguns homens políticos e por raros militares; a grandeza de pensamento dos seus livros não tinha ainda atraído a multidão de leitores e sua tiragem como a sua audiência era limitada; sua passagem pelo governo tinha sido muito breve para o tirar da sombra, e seu papel na campanha da França à frente de uma brigada blindada na grande derrota passou quase despercebido. Era portanto um desconhecido que se dirigia à França em 18 de junho.⁽¹¹⁾

Além do mais não se pode esquecer que enquanto de Gaulle lançava seu apelo em Londres, a situação da França era terrível. Grande número de soldados estavam prisioneiros nas mãos dos alemães. Outros caminhavam desnorteados com a ordem de retirada. Milhões de civis erravam pelas estradas fugindo apavorados, no maior êxodo da história da França, êxodo que levou em seu turbilhão seis milhões de seres humanos e ensanguentou as estradas de quase todo o país "até o coração do maciço central, até as margens do rio Garona ou até os Pirineus"⁽¹²⁾. Esta debandada, começada no dia 10 de maio de 1940, tivera um duplo fim: fugir do avanço inimigo e fugir das zonas bombardeadas. Para tanto foram utilizados meios de transportes que variaram dos mais modernos aos mais arcaicos, havendo mesmo casos de refugiados que, diante da amplidão do desastre e abandono da luta ordenado pelo governo de Bordeus, empreenderam a fuga a pé

(11) MICHEL, Henri - Les Courants de Pensée de la Résistance. 1ª ed. Paris, Presses Universitaires de France, 1962, p.725

(12) VIDALENC, Jean - L'exode de mai-juin 1940. 1ª ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1957.p.389

mesmo, vivendo assim um verdadeiro calvário.

Nestas circunstâncias, era quase impossível terem sido ouvidos a rádio B.B.C. de Londres e os apelos que de Gaulle fazia aos franceses.

Embora sua escuta fosse proibida, a B.B.C. de Londres multiplicava suas emissões para a França que aos poucos acabaram sendo seguidas religiosamente pelas pessoas ávidas de novidades. Todas as noites depois dos primeiros compassos da 5ª Sinfonia de Beethoven, as famílias agrupadas ao redor de um posto receptor ficavam sabendo da situação da Alemanha e retomavam confiança no futuro, escutando os convites e os conselhos para a ação. Dessa forma, começou a ser combatida a insidiosa e potente propaganda alemã.

Os franceses que não estavam de acordo com a colaboração nem com o armistício passaram a escutar todas as noites, nas horas certas, a voz do general ou de seus porta-vozes como se fosse uma espécie de comunhão regularmente renovada.

Foi pela B.B.C. que os franceses souberam da presença, em Londres, do general de Gaulle e da existência do movimento da França Livre, criado por ele.

Uma intensa propaganda passou a ser difundida por ele e por seus porta-vozes pelo microfone da B.B.C. e no começo não se sabia ainda de quem era a voz admirável, quente, bem timbrada que apelava para a França Livre e que se tornou depois conhecida como a de um dos grandes colaboradores do general de Gaulle, Maurice Schumann. (13)

(13) Maurice Schumann - escritor e político francês que trabalhou entre 1940 e 1944 como chefe dos locutores a Serviço da França na Corporação Britânica de Radiofusão (B.B.C. de Londres) Oficial de ligação das forças expedicionárias aliadas na preparação do dia D até a Libertação de Paris. Depois da guerra foi eleito deputado várias vezes tendo sido Secretário de Estado no Ministério das Relações Exteriores entre 1951-54.

Pouco a pouco de Gaulle passa a ser conhecido e suas palavras, que de início tiveram pouca repercussão, foram sendo ouvidas cada vez com maior simpatia por todos. Os franceses acabaram compreendendo que ele tinha razão.

No começo de sua campanha, em Londres, o general foi um soldado que pretendia reunir o maior número possível de soldados franceses para lutar ao lado da Inglaterra. Pretendia ser um chefe militar e foi por longo tempo uma voz que falava em nome da França Livre.

Seu nome passou a ser conhecido como o de um general corajoso que queria continuar a todo preço a guerra aos inimigos.

Em Londres, o general de Gaulle contou a partir de junho de 1940 com companheiros pouco numerosos, com os quais formou um grupo extremamente matizado: políticos, combatentes, emigrados, aventureiros, israelitas, jornalistas, soldados e marinheiros evacuados de Dunquerque, etc. No início de sua campanha não contou com o apoio de personalidades políticas e militares. Os homens que o cercaram eram praticamente desconhecidos publicamente. Entre os que se destacavam estavam: Pleven, um homem de negócios; Cassin, Presidente do Conselho de Estado e que fôra durante muitos anos professor na Faculdade de Direito; Maurice Schumann, cuja voz admirável falava aos franceses concitando-os a se unirem ao movimento "França Livre". Entre os chefes militares, apenas responderam ao apêlo do general de Gaulle, o general Catroux e o almirante Muselier. O governo de Vichy via o general de Gaulle como um desertor e o condenava à morte por contumácia.⁽¹⁴⁾ Dessa forma apesar de todo esforço dispendido por ele, não foram para Londres nem homens de estado re-

(14) Leis de Vichy tinham degradado os oficiais franceses que se uniram à "França Livre" e o general de Gaulle tinha sido condenado à morte a 3 de agosto de 1940.

putados, nem grandes industriais, nem grandes personalidades da administração.

Esses homens fixando residência em Londres, perto do general de Gaulle, constituíram o seu Estado Maior, tanto político como militar, e foram levados a resolver os problemas políticos, a lutar contra as alegações do Governo de Vichy, a responder à propaganda alemã e a enfrentar as pretensões dos ingleses.

Uma vez na Inglaterra passaram a viver com os ingleses, gozando da sua hospitalidade, vivendo de seus subsídios. Foram homens de diferente formação e muito heterogêneos para elaborar uma doutrina, mas todos tendo em alto conceito estas fórmulas gerais: Pátria, Império, Honra, Dever, Libertação. Foram soldados antes de tudo. Muitos combateram abertamente, outros usaram pseudônimos para a luta, mas tanto uns como outros cumpriram a missão que empreenderam. De modo geral todos sofreram a ascendência do chefe de Gaulle, realmente um homem extraordinário.

Criou-se mesmo uma verdadeira mística do chefe entre os franceses livres. De Gaulle estava realmente acima de todos os seus companheiros. Só ele comandava. Na Comissão de Libertação Nacional, assim como na Comissão de Defesa do Império, todos podiam dar sua opinião, mas só o general de Gaulle resolvia e decidia as questões debatidas.

Ao iniciar sua campanha na Inglaterra, um de seus primeiros passos foi no sentido de conseguir o apoio do Império Colonial Francês para sua causa. O Império era a grande esperança daqueles que em junho de 1940 viram a Pátria invadida, a bandeira alemã tremulando nos mastros franceses, os soldados alemães marchando pelas ruas de Paris, sob o Arco do Triunfo e outros lugares sagrados. Para continuar a guerra, almejavam obter o apoio do Império Colonial.

As dificuldades enfrentadas por eles foram enormes. Na Argélia, estava o general Weygand (substituído mais tarde pelo general Juin, por imposição dos alemães ao governo de Vichy); em Marrocos, encontrava-se o general Noguès, e os dois sempre se mostraram contrários ao chefe da França Livre.

O certo é que no seu esforço para provocar a dissidência do Império Colonial o general de Gaulle não foi bem sucedido em Marrocos em junho de 1940, mas conseguiu a adesão da África Equatorial e do Camerum em agosto do mesmo ano.

Esta era uma das regiões menos povoadas e das mais pobres do Império Colonial, mas permitiu-lhe fazer o famoso manifesto de Brazzaville.

A África do Norte e a África Ocidental não aderiram logo a ele, que sofreu mesmo um revés na tentativa de se apossar de Dakar. Estas regiões deram contudo sua adesão ao general depois do desembarque dos americanos, em novembro de 1942.

O general de Gaulle para administrar estes territórios constituiu um embrião de governo em Londres. Chamou o seu movimento "França Livre" e sua tropa de "Forças Francesas Livres".

As Forças Francesas Livres estiveram presentes em toda parte onde a luta prosseguia: aviadores franceses tinham tomado parte na Batalha da Inglaterra desde o verão de 1940, um batalhão participou da reconquista da Etiópia, entrando em Massaua; navios de guerra e de comércio engajaram-se na batalha do Atlântico; as fracas colunas partidas do Tchad, sob o comando do general Le-

clerc,⁽¹⁵⁾ atacaram e venceram os italianos cercados no oásis de Ku fra.

No manifesto pronunciado em 27 de outubro de 1940, de Gaulle afirmava estar pronto para prestar contas de seus atos ao po vo francês. Falava dos princípios democráticos que defendia fervoro samente. Sua atitude foi vista por muitos como revolucionária.

O general de Gaulle para levar avante sua luta enfren tou dificuldades de toda ordem. A primeira delas foi com os alia dos. Sendo um homem excepcional e estando na Inglaterra, recebendo o apoio dos ingleses, muitas vezes teve problemas com o 1º Ministro britânico, Winston Churchill, também um homem extraordinário, tal vez uma das maiores figuras que o mundo contemporâneo conheceu. Pois bem, as relações entre ambos nem sempre foram satisfatórias, sendo muitas vezes tempestuosas. Apesar de tudo, os dois souberam reconhe cer um no outro as qualidades que ambos possuíam. A 28 de junho de 1942, Churchill declarava: "O governo de Sua Majestade reconhece o

(15) Jacques Philippe de Hauteclouque (1902-1947) mais conhecido como general Leclerc. Em 1939 foi feito prisioneiro dos alemães em Lille de onde conseguiu evadir-se para prosseguir a luta. Novamente prisioneiro, mais uma vez conseguiu evadir-se e depois de múltiplas peripécias foi juntar-se ao general de Gaulle em Londres. Adotando o nome de Leclerc, que imortalizou, par tiu para o Camerum onde desembarcou em 27 de agosto de 1940, conseguindo unir esta região ao Movimento da França Livre. Depois, foi para o Tchad de onde, a partir de 1941, começou a lu ta contra as posições e as forças italianas do deserto, com uma série de fatos que ultrapassaram a imaginação. Apoderou-se de Kufra, de Tripoli, participou da campanha da Tunísia como general. Formou em Rabat a 2ª divisão blindada com a qual desembarcou na Normandia. Libertou Alençon, em Paris forçou a guarnição alemã a capitular (24 de agosto), forçou a defesa dos Vosges, entrou na Alsacia e libertou Estrasburgo (23 de no vembro). Depois de ter contribuído para a tomada de Royan, a divisão Leclerc ganhou a Baviera. Leclerc é considerado como uma das mais brilhantes personalidades militares desta guerra. Depois da vitória sobre a Alemanha, Leclerc foi enviado para a Indochina onde formou o Corpo Expedicionário do Extremo Oriente, em agosto de 1945. De volta a França foi nomeado inspetor das forças da África do Norte, em julho de 1946; faleceu num acidente de avião, quando fazia uma inspeção perto de Colomb-Béchar, a 28 de novembro de 1947.

General de Gaulle, como o chefe de todos os franceses livres, onde quer que se encontrem ou que se unam a ele para a defesa da causa a liada".(16)

Foi apenas um pequeno número de franceses que continuou unido à Inglaterra depois do armistício. O novo governo francês do Marechal Pétain, comumente chamado Governo de Vichy, havia cortado relações com a Inglaterra desde o ataque inglês aos navios franceses em Mers-el-Kébir. O Governo de Vichy era muito popular na França e o Marechal Pétain era tido como grande personalidade.

A derrota da França, a ocupação da maior parte de seu território e a aceitação não oficial mas de fato do desenvolvimento de uma política cada vez maior de colaboração com a Alemanha e iniciada com a entrevista de Montoire, entre Pétain e Hitler, em 24 de outubro de 1940, veio isolar cada vez mais a Inglaterra. Depois da assinatura do armistício, a Inglaterra passou a temer a perda da sua rota comercial do Mediterrâneo. Além disso havia um ponto de ca pital importância a ser resolvido pelos ingleses, que concernia a frota francesa que devia ser desmobilizada e desarmada sob o contro le da Alemanha e da Itália. Esta frota estava ancorada em Toulon, Mers-el-Kébir e Alexandria. Como a Inglaterra temia a sua entrega aos alemães resolveu assegurar ela mesma sua neutralidade. A Inglaterra havia proposto à França que a enviasse para um porto britânico a fim de uní-la à frota inglesa, mas a França não aceitara e ao mesmo tempo se negara a deslocá-la para um porto do seu Império Colonial nas Antilhas ou para os Estados Unidos. Nestas circunstâncias o almirante Sommerville atacou a 3 de julho a esquadra francesa ancorada em Mers-el-Kébir. Este incidente trouxe como consequência o rompimento de relações diplomáticas entre a França de Vichy e a Ingla

(16) CHAPSAL, Jacques - La vie politique en France depuis 1940.
2ª ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1969, p.56



terra. A França passou a aderir de forma um pouco camuflada, mas ca da vez mais evidente, a uma política de colaboração com o III Reich.

Enquanto isso se passava na França, na Inglaterra, o ge neral de Gaulle prosseguia com seu trabalho de unir todos os franceses descontentes com a situação do seu país, fazendo declarações, pregando a resistência a todo preço, não somente à Alemanha, mas também ao Governo de Vichy.

2. A Resistência e Jean Moulin

A documentação sôbre a Resistência é muito pequena, mesmo a possuída pelos resistentes, em consequência da regra imperiosa da vida clandestina: não deixar traços escritos. Assim como os fugitivos apagam todos os vestígios de seus passos, os resistentes deviam destruir todos os documentos ou papéis que passavam por suas mãos. Deviam confiar apenas em suas memórias, não escrevendo quase nada. Esta era a única forma de evitar riscos. Todo papel caído nas mãos dos inimigos podia acabar provocando muitas prisões e contrariedades aos envolvidos.

Apesar desta regra imperiosa imposta pela vida clandestina e apesar de todas as precauções tomadas, à medida que a atividade da Resistência crescia e se diversificava, uma verdadeira administração nascia com seus fichários e classificadores enquanto se esperava a hora da Libertação e que seria a da tomada do poder.

Estes arquivos eram extremamente dispersos, cada proprietário tendo frequentemente conservado o seu. Por outro lado são de leitura difícil em razão do emprego de pseudônimos e da utilização de códigos particulares. A Resistência compreendia, todas as classes, todos os partidos e nela se encontravam lado a lado operários, camponeses, professores, jornalistas, funcionários, aristocratas.

cratas, padres, etc. Ela apareceu de uma escolha individual, nascida de uma revolta da consciência. No espírito da Resistência estava o consentimento de sacrificar tudo o que podia ser desprezado, as comodidades, o repouso, a segurança individual, aos valores como a liberdade, a pátria, a dignidade humana.

A força essencial da Resistência estava no sentimento de solidariedade, no perigo e na necessidade do dia a dia, o que estava bem e ao abrigo hoje poderia estar ameaçado amanhã.⁽¹⁷⁾

A Resistência não foi somente uma oposição aos alemães; após ter sido bem organizada ela se tornou uma verdadeira guerra civil.

A resistência interior reafirmou suas ligações com a resistência exterior primeiramente em Londres com o grupo da França Livre, e mais tarde com a Argélia, reunindo todas as tendências políticas numa larga união nacional.

A resistência durou quatro anos e durante estes quatro anos homens e mulheres franceses viveram outra vida, a vida clandestina, tenebrosa, mas iluminada pelos seus sacrifícios e esperanças. Foi graças a esse trabalho de quatro anos que a França pôde ser libertada em quatro meses. Foram quatro anos de lutas sangrentas, de loucas temeridades, de crueldades sem nome, de sofrimentos indescritíveis. Quatro anos duramente pagos, 150.000 fusilados, meio milhão de deportados, a própria elite da França a arriscar sua vida para salvar a honra da pátria e o futuro da dignidade humana.⁽¹⁸⁾

(17) - BIDAULT, George - Hommage à Jean Moulin. Revue d'Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale, Paris, nº 1, nov. 1950, p. 3

(18) - NOCHER, Jean - Les Clandestins: La vie Ardente et Secrète de la Résistance . 15ª ed., Paris, Librairie Gallimard, 1946, p. 12

Como já se viu foi no seio da clandestinidade que a resistência cresceu. De início apareceu como uma revolta, com pro - pósitos de zombarias contra os ocupantes, mas depois começaram a aparecer folhetos, a princípio escritos à mão, que passaram a ser recopiados e difundidos segundo o sistema de correntes ou bolas de neve.

Os primeiros grupos de resistentes se formaram frequen - temente ao acaso. A inexperiência era grande. Eram grupos muito instáveis, com elementos muitas vezes imprudentes. Estes grupos deixaram de ser inconsistentes quando tomaram contacto com os alia - dos de fora, e somente então se puderam constituir em redes (19), dispondo de meios suficientes para a sua sobrevivência.

A resistência foi na verdade para cada um daqueles que participaram dela, a manhã de uma nova vida. Os resistentes não pediam outra coisa para aqueles que não aderiam a eles na ação,

(19) Redes eram organismos secretos e encarregados de tarefas pre - ciosas. Existiram na França redes francesas, belgas, holande - sas, tchecas, polonesas e também americanas, organizadas mais tarde pelo menos. Estas redes eram de dois tipos: as de eva - são e as de informações. As redes de evasão eram as mais an - tigas e serviram para ajudar os soldados ingleses a voltarem para a Inglaterra, assim como para ajudar os prisioneiros de guerra evadidos a passar a fronteira ou para a recuperação de aviadores aliados caídos na França e auxiliá-los a passar a Espanha, e sobretudo ajudar, na sua fuga para Londres, os vo - luntários franceses da França Livre. Estas fugas muitas vezes foram feitas por mar, mas em sua grande maioria foram feitas por terra mesmo, atravessando-se a fronteira da Espanha pelos Pirineus.

As redes de informações eram as mais numerosas e mais impor - tantes, pois forneciam aos aliados todas as informações úteis sobre as forças dos inimigos suas fortificações, seus movimen - tos, suas tropas, suas intenções, etc. As informações eram transmitidas por rádio e as fotografias e mapas eram levados de avião passando-se pela Espanha ou Suíça. Entre os agentes das redes as perdas sofridas foram muito elevadas: mais de 10.000 mortos e mais de 7.000 deportados.

O professor Henri Michel em seu livro "Les Courants de Pensée de la Résistance", página 119, nota nº 1 afirma que "a pala - vra rede, na linguagem corrente, acabou por designar todo agrupamento de resistentes".

senão unir o sacrifício da manhã ao sacrifício da tarde. (20)

A união da Resistência na França foi sobretudo obra de Jean Moulin, (21) mas ela só foi conseguida a partir de maio de 1943: até novembro de 1942 a resistência recrutou muitos elementos entre os oponentes de princípio da chamada revolução nacional, mas muito poucos entre os conservadores políticos e sociais. A direita clássica, os adversários da república, o alto clero, tinham tomado posição favorável ao Governo de Vichy (22)

Jean Moulin era um alto funcionário da III República e foi um dos raros homens de posição igual a sua que foram para Londres a fim de se unirem à França Livre e que optaram pela clandestinidade. (23)

O Governo de Vichy decidira demitir de suas funções todos os prefeitos regularmente eleitos, mas cujas opiniões inquietavam o novo poder, seja por serem acusados de franco-maçons, se-

(20) BENOUILLE, Guillaime de - Le Sacrifice du Matin . 1ª ed., Paris, Librairie Robert Laffont, 1946, em seu prefácio.

(21) Jean Moulin, um antigo prefeito de Chartres, que, não se conformando com a derrota e o armistício, havia seguido para Londres para aderir ao general de Gaulle. Voltou para a França na noite da passagem de ano de 1941 para 1942, tendo saltado de paraquedas. Na França desempenhou a função de representante do general de Gaulle até sua prisão, em junho de 1943. Foi durante um ano e meio o único chefe e delegado geral, tendo desempenhado as mais difíceis tarefas. Com firmeza e tenacidade surpreendente e uma aptidão excepcional para a vida clandestina tornou-se o grande unificador da Resistência Francesa, sendo mesmo considerado um dos mais gloriosos heróis de guerra da França.

(22) MICHEL, Henri - Histoire de la Résistance . 5ª ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1969, p.16

(23) MICHEL, Henri - Jean Moulin l'Unificateur . 1ª ed., Paris, ed. Hachette, 1964, p. 48

ja porque sua eleição fora devida à Frente Popular".⁽²⁴⁾ Esta decisão atingiu Jean Moulin, pois este antigo prefeito de Chartres, por ocasião da chegada dos alemães na cidade tinha preferido tentar contra a vida a assinar uma declaração por êle julgada infamante para as tropas francesas, na qual se imputava ao exército francês as sevícias cometidas contra a população, pelos soldados alemães. Mostrando-se irredutível, não concordando de forma algma, foi tremendamente torturado. Para não atender as exigências alemãs tentou o suicídio, fazendo um grande corte no pescoço, mas foi socorrido a tempo, ficando em consequência com uma grande cicatriz, que procurava esconder com um chale.

Jean Moulin, resistente da primeira hora, também se mostrou hostil ao Governo de Vichy e por esta razão foi afastado de sua função a 2 de novembro de 1940. Deixou Chartres munido de um documento de identidade que lhe permitiu passar a linha de demarcação para residir na zona sul, onde, apesar de estar na zona chamada livre, não podia conformar-se com a derrota, com o armistício e a vergonha da França o que o levou a decidir partir para Londres, em setembro de 1941.

Voltou depois à França, como representante do general de Gaulle, para tentar unir os diferentes movimentos de resistência quaisquer que fossem suas origens.

Jean Moulin saltou de paraquedas com dois outros jovens: R. Fassin, tenente-aviador da reserva, cujo pseudônimo era Sif e que devia assegurar a ligação entre a França Livre e um movimento de resistência da zona sul que se chamava no momento "Li-bération National" e que depois chamou-se "Combat"; o outro era

(24) Idem, ibidem, p. 34



um operador de rádio, Monjaret.

Jean Moulin era o chefe deste grupo e vinha com o pseudônimo de Max.

Sua missão militar e política foi de grande envergadura, mas para cumpri-la não pôde contar senão consigo mesmo.

Depois de sua volta à França Jean Moulin trabalhou muito. Fez inúmeros contactos com as diversas organizações de Resistência da zona sul, estabelecendo as ligações de cada uma com Londres, tendo constituido dois serviços comuns a todos os movimentos de resistência: O Serviço das operações aéreas e marítimas e o Serviço de rádio.

Suscitou a criação de um organismo encarregado de preparar as medidas que deveriam ser tomadas por ocasião da Libertação e para aconselhar no momento oportuno o governo provisório. Era o Comitê Geral de Estudos (C.G.E.), que a resistência logo passou a chamar de Comitê dos Especialistas ou Clube dos Cérebros. O C. G. E. multiplicou desde o início os estudos, as notas, as informações sobre a França combatente e a partir de abril de 1943 passou a publicar uma importante revista, Les Cahiers Politiques.⁽²⁵⁾ Tinha ela uma dupla utilidade: fazer conhecer em Londres e depois na Argélia as idéias elaboradas dentro do país invadido, sobre problemas políticos, administrativos, sociais, econômicos e constitucionais da França de Amanhã; permitir à França Livre mostrar aos aliados a seriedade e a qualidade da resistência interior e em seguida a representatividade real dos franceses engajados na guerra.

(25) BELLANGER, Claude - Presse Clandestine 1940-1944 . 1ª ed., Paris, Librairie Armand Colin, 1961, p.112



Jean Moulin tomou igualmente a iniciativa de constituir o Escritório de Informação e de Imprensa (B.I.P.), em abril de 1942, que ficou sob a orientação de Georges Bidault.⁽²⁶⁾

Este escritório redigia e difundia um boletim de informações gerais destinado ao mesmo tempo aos Movimentos de Resistência e a Londres. A Rádio da França Combatente e a Imprensa Clandestina se serviam constantemente desta fonte de informações.

Quando Jean Moulin voltou para a França em janeiro de 1942 teve de enfrentar grandes dificuldades para se impor mas possuía um argumento fortíssimo: distribuía dinheiro, graças ao qual os movimentos de resistência podiam sobreviver. Sua principal missão era a de assegurar ligações entre o Comitê Nacional de Londres e a Resistência Interior. No início, hesitante em seu trabalho, conseguiu levar os grupos de resistência a se unirem. Foi assim que obteve em março de 1943 a fusão de 3 grandes movimentos na zona sul com a criação dos Movimentos Unidos da Resistência (M.U.R.)

Em janeiro de 1943 foi criado o Comitê Diretor dos Mo-

(26) Georges Bidault, político francês, professor de História. Nos anos que antecederam a Segunda Guerra Mundial tornou-se um dos principais dirigentes do partido Democrático Popular ao mesmo tempo que editorialista do l'Aube. Aprisionado em 1940, foi libertado em 1941 como antigo combatente. Participou na zona não ocupada da direção do Movimento de Resistência Combat, onde representava a tendência democrata-cristã. Presidente do Conselho Nacional de Resistência, depois da prisão de Jean Moulin em junho de 1943, desempenhou papel importante na Resistência Interior da França. Foi ministro das Relações Exteriores no Governo do general de Gaulle a partir de 9 de setembro de 1944. Foi eleito presidente do Governo Provisório da República Francesa a 19 de junho de 1946, tendo deixado o poder a 28 de novembro de 1946.

vimentos Unidos da Resistência. Sua constituição apresentou certas dificuldades. Achando que Combat era o movimento mais importante, que sempre dera bom exemplo e que resultara da União de dois agrupamentos precoces Libération Nationale e Liberté, Henri Frenay⁽²⁷⁾ reclamava para seu movimento um número duplo de representantes. Jean Moulin recusou apoiado por dois outros chefes de agrupamentos. Foram necessários, todavia vários meses de discussões laboriosas para repartir entre os três movimentos os comandos das regiões e dos departamentos.

..."A partir de então na zona sul a Resistência formara um todo e se implantava por toda parte. À frente, o Comitê Diretor, sob a presidência de Jean Moulin. Henri Frenay e Claude Bourdet pelo "Combat"; Emmanuel d'Astier e P. Copeau por "Libération Sud"; Jean Pierre Lévy e Avinin por Franc Tireur. Havia uma repartição das atribuições: H. Frenay torna-se "Comissário dos Negócios Militares", d'Astier "Comissário dos Negócios Políticos" e J.P. Lévy "Comissário das Informações da Segurança e dos meios materiais". Ficou bem estipulado que cada movimento conservasse a sua imprensa clandestina, de maneira a diversificar a propaganda atingindo assim diferentes categorias de franceses".⁽²⁸⁾

Jean Moulin foi essencialmente um missionário que uniu a resistência exterior à resistência interior clandestina, fa

(27) Henri Frenay nasceu em Lyon a 19 de novembro de 1905. Seu pai, o coronel Frenay lutou na Grande Guerra de 1914-1918. Henri Frenay escolheu também a carreira militar. Entrou em Saint Cyr em 1924 e na Escola de Guerra em 1935. Foi em seguida enviado para o centro de Altos Estudos Germanicos em Estrasburgo. Fez parte do 43º Corpo do Exército que lutou nos Vosges. Tendo sido prisioneiro dos alemães conseguiu evadir-se decidido a não aceitar a derrota nem o armistício, desde agosto de 1940. Foi fundador do Movimento de Libération Nationale que se fundiu com o Movimento Liberté, formando o grupo Combat.

(28) GRANET, Marie et MICHEL, Henri - Combat. 1ª ed., Paris, Presses Universitaires de France ., 1957, p. 281-282.

zendo-se junto de cada uma o advogado da outra.⁽²⁹⁾

É muito difícil precisar bem a origem da Resistência na França pois foi uma organização que se desenvolveu na clandestinidade e era formada pelos mais diversos elementos. Além do mais, deve-se considerar as diferenças de situações ou de possibilidades de progresso no país dividido em duas zonas: norte ocupada e sul livre, apesar da liberdade ser bastante limitada.

Ela apareceu fracamente e durante os 54 meses que durou a guerra foram considerados resistentes todos aqueles que, dentro ou fora do país, não viam a guerra terminada, procurando de qualquer forma prosseguir na luta mesmo violando a convenção do armistício.

Os resistentes ativos no início eram uma minoria ínfima. Eram constituídos por um pequeno número de pessoas que multiplicavam atos e contactos, utilizando vários pseudônimos para dar a impressão de número maior. Sabe-se que a intoxicação é um fenômeno fundamental na guerra psicológica, por isso utilizaram-na ao máximo.

O prof. Henri Michel conclui em seu livro sobre a História da Resistência: "Os resistentes não foram senão uma minoria".⁽³⁰⁾ "Anulando a derrota provisória, dando novamente à França o seu lugar entre as grandes nações, escrevendo algumas das mais belas páginas de sua história militar, provocando um renascimento das mais belas virtudes cívicas e patrióticas, a Pátria muito deve à Resistência".⁽³¹⁾

O trabalho dos primeiros resistentes foi muito difícil. Não aceitando a derrota e o armistício, passaram a lutar con-

(29) MICHEL, Henri - Jean Moulin l'Unificateur. Op. cit., p. 7

(30) MICHEL, Henri - Histoire de la Résistance. Op. cit., p. 125

(31) Idem, Ibidem, p. 127

tra o novo governo constituído na França, o Governo de Vichy, e essa luta era dirigida principalmente contra o chefe desse novo governo, o marechal Pétain, e contra os seus colaboradores diretos. O marechal Pétain gozava de grande prestígio entre os franceses. Era o herói da batalha de Verdun da Primeira Grande Guerra e muito bem visto por todos e, além do mais, uma intensa propaganda levada a cabo por seus seguidores preparava o terreno para aumentar esse prestígio.

As atividades dos resistentes foram iniciadas com zombarias e anedotas que circulavam de boca em boca. Em seguida passaram à distribuição de folhas volantes, folhetos, jornais clandestinos escritos à mão, batidos à máquina, mimeografados (só mais tarde apareceram impressos) com slogans, orações, relatos de fatos e sempre com a recomendação de se recopiar os textos para passar adiante. Cada pessoa que recebia um desses papéis devia copiá-lo várias vezes e passá-lo adiante para pessoas de suas relações e seguras, que também fariam novas cópias para aumentar cada vez mais o círculo de distribuição. Eram as famosas correntes de distribuição que se iniciavam.

Quase sempre a corrente de difusão foi o embrião de um movimento de resistência e estes movimentos de resistência frequentemente foram formados por relações de famílias, de vizinhanças, de amizades, de viagens, ao acaso, em conversações, em confidências, etc. Muitos movimentos nasceram e morreram logo. Outros duraram mais. Os 54 meses de ocupação constituíram um período que permitiu aproximações de pessoas heterogêneas, uniões que antes da guerra em época normal talvez fossem julgadas impossíveis. Indivíduos das mais diferentes atividades, credos ou formações se uniram para lutar pela causa comum da libertação da pátria. É muito difícil de se ava-

liar quanto custou para os alemães o trabalho dos resistentes que entravaram suas atividades. Um camponês escondendo os seus produtos, um funcionário exagerando a lentidão administrativa, um professor que por alusões transparentes orientava os jovens espíritos levando-os a serem destruidores de cartazes, ou sabotadores do material inimigo.

"Foi por ter sido uma reação espontânea, popular, por que tirou constantemente do corpo da nação sua subsistência e sua força é que a resistência pôde sobreviver à repressão e conseguiu a adesão do povo francês, fazendo a França participar da vitória"⁽³²⁾

3. Os Movimentos de Resistência

Os movimentos de resistência apareceram tanto na zona norte como na zona sul. Os homens que os organizaram "vieram de antigos partidos políticos, mas em sua grande maioria eram homens novos, hostis mesmo a estes partidos, vistos por eles como os grandes responsáveis pela infelicidade da Pátria"⁽³³⁾

Surgindo nas mais diversas regiões do país deram à Resistência na França a sua originalidade.

Sendo formados por um número limitado de pessoas, muitos deles foram dizimados logo no início. No conjunto destacaram-se os seguintes: Ceux de la Libération, O.C.M. (Organisation Civile et Militaire), Combat, Libération Sud, Libération Nord, La Voix du Nord, Franc Tireur, l'Insurgé, Libérer et Fedérer, Résistance, Défense de la France, Jeune République, Démocrates Populaires, etc. Quase todos os movimentos tiveram jornais com o mesmo nome e que

(32) MICHEL, Henri - Histoire de la Résistance. Op. cit., p. 31

(33) MICHEL, Henri - Les Courants de Pensée de la Résistance. Op. cit., p. 120

transmitiram pela França as idéias e os anseios do grupo.

Os movimentos de resistência floresceram mais livremente na zona sul onde não havia a presença constante dos alemães e onde o meio geográfico era favorável: havia montanhas, lugar ideal para os resistentes se esconderem. Apesar disso o seu aparecimento foi um pouco mais tardio do que na zona norte. Na zona sul, zona livre, o governo do Marechal era bem aceito e foi preciso a "Entrevista de Montoire" de 24 de outubro de 1940 para que fosse abalada a sua influência, assim como a do Governo de Vichy, sobre grande parte da opinião pública. Nesta região os três principais movimentos foram: "Combat", "Franc Tireur" e "Libération Sud", nomes também de três importantes jornais clandestinos que estavam empenhados sobretudo na difusão do que a imprensa oficial escondia. Falavam da pilhagem que os ocupantes estavam fazendo à França, traziam notícias contra o nazi-fascismo, notícias da guerra, etc.

Estes três importantes movimentos de resistência, apesar de suas origens diversas, foram federados em abril de 1943 sob o título de Movimentos Unidos da Resistência e conhecidos pela sigla de M.U.R.

Nos diferentes movimentos de resistência os comunistas não tiveram uma atuação muito marcante. "A título pessoal, alguns comunistas, provavelmente excluídos de seus partidos, combateram nas fileiras de um movimento, mas no geral o seu papel limitou-se mais a animar e dirigir o "Front National"⁽³⁴⁾, criado por iniciativa do partido comunista e que se tornou mais tarde, em 1944, o mais importante de todos. Contudo o "Front National" não tem os mesmos caracteres de seus homologos, nascidos de iniciativas e de agru

(34) MICHEL, Henri - Les Courants de Pensée de la Résistance. Op. cit., p. 121

pamentos improvisados, se bem que tenha estendido o seu recrutamento a elementos da direita ou do partido socialista, quando todos os franceses que não tinham ainda aderido à Resistência foram convocados pelos membros do Front National da seguinte maneira: "todos aqueles que desejarem agir: católicos, socialistas, radicais e que não tenham aderido a nenhum movimento poderão unir-se ao Front National". Este criou ao mesmo tempo um exército clandestino os Franc Tireur Partisans Français (F.T.P.F.). Os comunistas queriam levar todo o povo francês contra os ocupantes. A entrada na luta do partido comunista francês transformou a resistência que antes era obra de uma minoria numa resistência em que um maior número de pessoas dela participaram. O partido comunista deu uma nova dimensão à Resistência na França.

A maior parte dos resistentes que desejavam agir aderiram ao movimento conhecido por eles. Ignoravam todas as querelas de seus chefes e não faziam mesmo diferença entre os serviços ingleses e os da França Livre. De fato, até 1942, ser da Resistência era sobretudo tomar contacto, encontrar-se para adquirir confiança, lançar as bases de uma organização que não se sabia como funcionaria, sobretudo era difundir idéias e palavras contra os ocupantes.

O rompimento do pacto germânico-soviético em 22 de junho de 1941, quando o exército alemão invadiu bruscamente o território soviético, modificou profundamente a situação da Resistência na França; até então a guerra era vista pelos comunistas franceses como uma guerra de imperialistas rivais. O partido comunista era o único partido francês que tinha conservado uma imprensa clandestina: L'Humanité, l'Avant Garde, La Terre, La vie ouvrière, Les cahiers du bolchevisme eram todos jornais comunistas e que apresentavam uma orientação mais contra o Governo de Vichy do que contra os alemães.

Mas quando houve a invasão da Rússia pelos soldados de Hitler o partido comunista francês entrou na luta contra os alemães sem reservas, com toda sua experiência de clandestinidade, suas equipes de choque, da mesma forma que já combatia o Governo de Vichy. Esta atitude dos comunistas não se modificou até a total libertação do país. Seu lema era o de fazer a guerra, nada mais que a guerra.

Até a data do rompimento do pacto germânico-soviético os movimentos de resistência julgavam-se muito fracos para atacar diretamente o ocupante, temiam as sangrentas represálias que este infligia à população. O partido comunista vai então inspirar-lhes ensinamentos: sabotagem das instalações alemãs, atentados contra seus soldados, contra os seus colaboradores, etc.

O Serviço de Trabalho Obrigatório (S.T.O.) foi também motivo de intensa propaganda contrária pelos resistentes. Os alemães, necessitando de trabalhadores para suas usinas, resolveram recorrer aos franceses para ocuparem os lugares vagos. A convocação de franceses para o S.T.O. provocou um movimento de grande repercussão. Toda uma propaganda foi desencadeada pelos resistentes. Os alemães enviaram para a França, a fim de presidir essa convocação, Sauckel, ministro responsável pelo recrutamento de franceses para utilização da mão-de-obra. Tendo sido nomeado a 21 de março de 1943, fez publicar nos territórios ocupados os decretos instituindo o S.T.O. na Alemanha, isto é a escravidão, em proveito do III Reich. A chegada de Sauckel na França agravou ainda mais a situação de descontentamento pela medida. Sauckel era chamado o "Gauleiter da Turíngia" e este título fazia lembrar as duras provas sofridas pela Tchecoslováquia e pela Polônia anexadas ao III Reich. Arrogante, desumano, esta função o qualificava para recrutar nos países ocupados pela Alemanha milhões de trabalhadores destinados a tomar nas usinas

do Reich o lugar dos trabalhadores alemães que tinham partido para a frente de combate.⁽³⁵⁾

O grande recrutamento de trabalhadores franceses suscitou os mais vivos protestos e foi para amenizar um pouco este problema que Laval⁽³⁶⁾, diante das exigências de Sauckel, pensou na instituição do Revezamento.

O Revezamento consistia na substituição dos prisioneiros de guerra franceses por trabalhadores. Convidavam os trabalhadores para irem trabalhar nas usinas alemãs e em troca os alemães libertariam os prisioneiros. Desde setembro de 1940 a idéia do Revezamento já tinha sido formulada pelo embaixador Scapini. Nesta época, tratava-se de autorizar voluntários franceses a tomarem nos campos de prisioneiros o seu lugar, e na proporção de um voluntário por um prisioneiro. Mas em 1942 quando Laval fez a proposta a Sauckel foi na proporção de 3 trabalhadores por um prisioneiro. Esta proposição de Laval foi seguida de um pronunciamento para anunciar à França que graças à sua política e ao Revezamento muitos presos seriam libertados. Mas este pronunciamento suscitou os mais vivos protestos contra Laval.

(35) ARON, Robert - Histoire de Vichy. 1ª ed., Paris, Librairie Arthème Fayard, 1966, tomo II, p. 199.

(36) Pierre Laval teve uma carreira política brilhante na França e depois de 1940 apareceu em primeiro plano no cenário político de seu país. Mostrou-se violentamente hostil ao prosseguimento da luta contra a Alemanha em território extra-metropolitano. Alguns dias depois da assinatura do armistício foi introduzido no Gabinete Pétain, como Ministro de Estado. A 18 de abril de 1942 foi nomeado Ministro do Interior e dos Negócios Estrangeiros, tendo conservado a direção do Governo de Vichy até seu fim em 1944. Foi um dos homens mais criticados pelos resistentes franceses como colaboracionista e uma das figuras mais odiadas por eles. Hoje em dia pelos documentos pode-se constatar que apesar de ter proclamado várias vezes sua fé na vitória alemã, enfrentou as exigências cada vez mais fortes do III Reich, com todo vigor. Foi julgado pela Alta Corte de Justiça depois da guerra, sendo condenado e fuzilado em 15 de outubro de 1945.

Além do Revezamento, um outro fato que contribuiu para a ampliação dos trabalhos dos resistentes foi o desembarque aliado no norte da África, que trouxe como consequência direta a ocupação da zona livre pelos alemães. A ocupação alemã do território metropolitano ocasionou a dissolução do pequeno exército francês do armistício. Alguns de seus chefes se deslocaram para o norte da África a fim de lutarem ao lado dos franceses livres.

A unidade da resistência interior com a extra-metropolitana foi feita sob a direção do general de Gaulle. Importava muito ao general de Gaulle aparecer aos olhos dos aliados, principalmente dos americanos como o grande unificador dos franceses de todas as opiniões; importava-lhe também não se limitar a um papel de general colocado ao acaso na frente de tropas improvisadas, mas sim desempenhar o papel de chefe do governo respeitoso das regras da democracia, mesmo se a condução da guerra e as circunstâncias excepcionais que lhe tinham conferido o poder o impedissem provisoriamente de manifestar-se integralmente a este respeito.⁽³⁷⁾

Os organizadores dos diferentes movimentos de resistência reprovavam aos antigos partidos políticos o terem aderido tardiamente à Resistência. A oposição entre os movimentos e os partidos foi grande e este antagonismo atingiu o seu ponto culminante com a constituição do C.N.R. (Conselho Nacional da Resistência)⁽³⁸⁾ quando por razões de política geral, os chefes dos movimentos tive

(37) MICHEL, Henri et GUETZÉVITCH, Boris Mirkine - Les idées politiques et Sociales de la Résistance. 1^a ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1954, p.32

(38) Conselho Nacional da Resistência C.N.R. era um agrupamento dos representantes dos Movimentos de Resistência e dos Partidos Políticos para assegurar a Coordenação da Resistência Interior. A sua primeira Reunião se deu em 27 de maio de 1943 e os seus presidentes sucessivos foram: Jean Moulin, Georges Bidault, Louis Saillant.

ram que aceitar que fossem representados partidos que não tinham nenhuma organização clandestina real, excetuados os partidos Comunista e Socialista. Os chefes dos diferentes movimentos estavam imbuidos da idéia de que seriam eles os reorganizadores da vida política do país, depois que o pesadelo da guerra passasse. Eles deveriam fundar partidos novos ou deveriam reagrupar os partidos antigos. De Gaulle tendo como objetivo unir os diferentes movimentos de resistência enviara, como se viu anteriormente, Jean Moulin de volta à França com a missão de contactar e de reagrupar todos os movimentos de resistência e assim nasceu o Conselho Nacional de Resistência (C.N.R.) em 27 de maio de 1943.

O C.N.R. desde então ficou encarregado de assegurar na França metropolitana e na clandestinidade a coordenação dos Maquis⁽³⁹⁾, dos movimentos de resistência, da imprensa clandestina, dos sindicatos e mesmo dos partidos políticos. Colocaram-se no C.N.R. todas as tendências políticas, sindicais, profissionais.

Os movimentos de resistência levantaram protestos contra a representação de partidos no C.N.R.. Os seus chefes eram de

(39) Os resistentes acuados e perseguidos iam para os maquis. Os maquis tiveram um papel de destaque na História da Resistência e da Libertação. Os maquis eram lugares secretos e seguros, onde se escondiam grupos de combatentes. Com a instituição do S.T.O. grande número de jovens convocados, mas que não desejavam partir para a Alemanha se integraram aos maquis. Houve na França zonas onde existiam muitos maquis e em outras nenhum. Os chefes dos maquis preferiam para seus esconderijos as regiões montanhosas que eram as mais favoráveis para suas atividades. A região do Maciço Central foi a mais procurada. Os primeiros que apareceram foram nas regiões montanhosas: Mauriennes, do Puy-de-Dôme e de Corrèze. Pouco a pouco todas as montanhas tiveram os seus. Em junho de 1943, já podia-se avaliar o número de resistentes de maquis. Na região do Jura: 3 000, na Alta Savoia: 1 200, na Savoia: 1 000; nas Ardeches: 200. A experiência provou a estes resistentes a necessidade de se dispersar em pequenos grupos de 25 a 30 pessoas. Os alemães vingaram-se sobre populações civis do terror crônico que lhes inspiravam os resistentes dos maquis, incendiando cidades onde estes se abasteciam. Ex: Oradour-sur-Glane.

parecer que os partidos já estavam representados no seio dos movimentos, dos quais às vezes tinham a direção efetiva, por exemplo o partido comunista estava representado no Front National, o partido socialista no movimento Libération Nord, e, assim sendo, não era necessário ser representado separadamente dos movimentos. Mas por razões de equilíbrio e para dar a ilusão de um leque completo, Jean Moulin fez participar do C.N.R. representantes do Partido Comunista, do Partido Socialista, do Partido Radical, do Democrata Cristão, da Federação Republicana e da Aliança Democrática, ao lado das duas centrais sindicais C.G.T. e C.F.T.C., os três Movimentos da Zona Sul e dos cinco Movimentos da Zona Norte. Assim, a Resistência pelo próprio jogo de sua atividade tinha sido levada a ressuscitar os principais partidos políticos da III República⁽⁴⁰⁾.

Os agrupamentos clandestinos se integraram no Conselho Nacional de Resistência, quando todos os elementos se fundiram num só exército clandestino, formando as Forças Francesas do Interior (F.F.I.).

Na zona norte o mesmo trabalho de união foi feito por Pierre Brossolette⁽⁴¹⁾ e pelo coronel Passy⁽⁴²⁾. Foram encarregados

(40) MICHEL, Henri et GUETZÉVITCH, Boris Mirkine - Les idées politiques et sociales de la Résistance. Op. cit., p. 33.

(41) Pierre Brossolette foi cronista da Radio Difusão Nacional, depois redator de política estrangeira no jornal "Populaire", capitão durante a guerra de 1939-1940. Entrou em relação com o Grupo do Museu do Homem e depois tomou parte na redação do jornal clandestino "Résistance". Partiu para Londres em 1942 e voltou com a missão de empreender uma vasta consulta junto aos movimentos de resistência. Preconizou a constituição de um grande agrupamento tendo como único objetivo a libertação da pátria. Voltou a Londres de onde falava na radio e escrevia nos jornais da França Livre. Voltou a França em fevereiro de 1943 juntamente com o coronel Passy. Foi preso em fevereiro de 1944 e para não falar sob tortura se atirou do 5º andar de um prédio da Avenida Foch.

(42) O Coronel Passy era chefe do Escritório Central de Informações e Ação, cuja sigla era B.C.R.A.

de preparar a reunião do Conselho Nacional de Resistência em março de 1943. Nesta zona os cinco principais movimentos encontrados e reconhecidos foram: Front National, Organisation Civile et Militaire (O.C.M.), Libération Nord, Ceux de la Résistance e Ceux de la Libération. Estes movimentos não uniram nem suas tropas nem suas atividades porque o Front National, de orientação comunista, queria conservar a sua autonomia. Os comunistas não pretendiam perder a direção do seu movimento. A zona norte foi então partilhada em regiões e cada movimento recebeu o comando de uma delas. A solução não era a mais desejada, mas todos os movimentos aceitaram receber as diretivas do general de Gaulle.

Já no início de 1943 a força da Resistência Francesa era bem acentuada. A opinião pública francesa se desligava cada vez mais do Regime de Vichy, condenando severamente a colaboração que este estava dando aos alemães.

Assim em 1944, de Gaulle estava ligado a todas as forças que compunham a Resistência. Os mártires da causa haviam sedimentado com seu sangue o apoio à resistência. As torturas, os sofrimentos, os mortos tinham contribuído com sua parcela para esta sedimentação.

A resistência, nascida de um sentimento patriótico, segundo o apelo de 18 de junho de 1940, lançado por de Gaulle em Londres, representava a França combatente, a França que não se curvava diante da derrota.

Felizmente a França soube guardar sua unidade dentro da resistência não tendo conhecido por exemplo o drama da Yougoslândia, que enfrentou uma divisão entre a resistência de Miklailovitch e a do general Tito.

A França soube guardar a sua unidade, embora os comu-

nistas tivessem tentado uma desorganização notadamente nos comitês de libertação. Contudo a resistência soube guardar sua unidade no sentido de uma mística de esquerda; trata-se de restabelecer a república certamente, mas uma república mais pura, mais dura como escreve Siegfried "Uma mística de renovação social integral, tomando nitidamente o vocabulário do apocalipse".⁽⁴³⁾

(43) SIEGFRIED, A - De la IIIe. à la IVe. République. 1^a ed., Paris, ed. Grasset, 1956, p. 271



II - APARECIMENTO DA IMPRENSA CLANDESTINA

A. Razões que levaram os resistentes a publicar papéis volantes, folhetos e jornais

O aparecimento da imprensa clandestina durante a segunda guerra mundial na França está estreitamente ligado à sua resistência interior contra os ocupantes.

Se fizermos uma comparação entre as grandiosas operações dos exércitos aliados e os combates da resistência, estes representam pouco; é evidente que se a resistência interior não tivesse recebido a ajuda de fora e o auxílio dos exércitos aliados, não teria alcançado grande êxito, mas sua importância está em que nasceu quando os exércitos regulares tinham sido batidos e quando o governo legítimo tinha desaparecido com a derrota. A resistência foi um recomeçar da luta a partir do nada. Os resistentes foram ao mesmo tempo cidadãos e soldados.

Não houve uma guerra da resistência, mas um pensamento de resistência, que foi de início uma reação espontânea e individual. Para compreendê-la é preciso antes de tudo ressaltar a extraordinária vitalidade da vida clandestina durante a ocupação. A vida de toda França, vida parcial, vida ao acaso de homens e mulheres das mais variadas classes, de origens diferentes, e de trabalhos e tradições os mais diversos, que se uniram para expulsar o inimigo detestado.

Logo depois da derrota francesa e da assinatura do armistício, o povo francês não queria mais lutar, sendo que sua grande maioria estava de acordo com o governo do velho marechal Pétain. Eram poucos os inconformados que desejavam retomar as armas para prosseguirem a luta e foi apenas uma pequena minoria atuante que

passou a trabalhar para a publicação dos jornais clandestinos. Em consequência da derrota, os franceses viram-se obrigados a escutar toda uma propaganda mentirosa, tendenciosa, sem possibilidades de responder ou refutar livremente tais mentiras.⁽¹⁾

A imprensa existente na França durante o período da ocupação alemã era totalmente controlada pelo inimigo. Um dos primeiros cuidados dos alemães fôra o de se apoderarem de todas as empresas de imprensa.

Dessa forma existia uma imprensa oficial controlada pelos alemães na zona norte e outra controlada pelo Governo de Vichy na zona sul. Depois de novembro de 1942 toda a imprensa passou a ser controlada pelos alemães.

Os principais temas de propaganda alemã estavam sempre presentes nos jornais da época: a certeza da vitória do Eixo, as vantagens para a França de uma política de colaboração, ataques contra os aliados, contra a Resistência e a França Livre, contra os judeus e os franco-maçons. Em certos períodos os alemães utilizaram mesmo a imprensa da zona ocupada para fazer pressão sobre o governo de Vichy. As condições pelas quais o inimigo impunha as suas idéias e exercia o seu controle variava segundo a política franco-alemã. Os jornais da zona ocupada tinham um acentuado teor pro-alemão e por isso a difusão destes foi proibida na zona livre. Por medida de

(1) NOCHER, Jean no seu livro Les Clandestins: La vie ardente et secrète de la Résistance. Op. cit., p. 218 apresenta algo que ilustra bem isso:

"Philippe Henriot dizia:

-A Resistência é o assassinato

E a Radio de Londres respondia com todo povo:

-A Resistência é a França"

Philippe Henriot foi Ministro e Secretário de Estado do Governo de Vichy e um dos oradores mais escutados da Rádio França de Vichy. Foi assassinado pelos resistentes a 27 de junho de 1944.

represália as autoridades ocupantes proibiram a circulação na zona norte dos jornais da zona sul.

Na zona não ocupada, os jornais apareciam quotidianamente e o regime de censura era menos rigoroso que na zona norte, mas mesmo assim havia um controle acentuado.

Verdadeiramente a ocupação tirara aos franceses toda liberdade de expressão, assim como a liberdade de imprensa e de reunião. A imprensa oficial nem sempre era neutra e a imprensa clandestina apareceu para combatê-la, assim como para levantar o ânimo da população em geral, orientando-a a seguir numa determinada direção no combate aos alemães. Assim, a Resistência pôde fazer-se ouvir em todo o território através dos órgãos da imprensa clandestina. A única maneira que uma minoria de franceses inconformados com a situação encontrou para reagir foi através da imprensa clandestina e por ela começou a desencadear sua contra-ofensiva. Os primeiros jornais foram mais símbolos da liberdade que instrumentos válidos de um pensamento livre. A imprensa clandestina não constituía ainda um fim. Muitos dos que a recebiam não se ocupavam com a sua difusão, senão desdenhosamente, esperando pelo dia em que pudessem se evadir para se juntarem às Forças Francesas Livres.⁽²⁾

E enquanto a imprensa chamada francesa se deshonrava, um punhado de jornalistas livres defendia a verdade, com as armas na mão, escrevendo seus artigos, sem tirar os olhos de sua metralhadora. Assim nasceu a imprensa clandestina.⁽³⁾

O povo francês não sabia o que fazer. Passava por uma séria crise de falta de artigos e materiais essenciais para a sua

(2) BRUNEAU, Françoise - Essai d'Historique du Mouvement né autour du Journal Clandestin "Résistance". 1ª ed., Paris SEDES, 1951, p. 7

(3) NOCHER, Jean - Les Clandestins: La vie ardente et secrète de la Résistance. Op. cit., p. 36.

subsistência. De início estava conformado com a situação, pois havia o governo do Marechal, no qual depositavam inteira confiança, acreditando mesmo que deviam colaborar com ele, sem fazer objeções, pelo bem do país; mas com o passar do tempo este apoio foi sendo so lapado por obra principalmente da Imprensa Clandestina, que através de seus artigos inteligentes esclareciam a população da real situação do país, aliciando cada vez maior número de resistentes ao governo de Vichy, com o objetivo de livrar a França do tão odioso jugo alemão.

O papel da imprensa clandestina foi fundamental para a França. Ela contrabalançou a propaganda alemã dos jornais e rádios, tendo também ajudado a ação das rádios aliadas. Foi a mola propulsora que fez crescer a resistência no país contra o governo estabelecido, por causa de sua política colaboracionista com os alemães. O velho marechal Pétain, que fôra tão popular entre os franceses no início de seu governo, perdeu pouco a pouco a popularidade.

Muitos franceses acreditavam que Pétain desempenhava um duplo papel e que, ao assumir esta atitude colaboracionista, ele aguardava o momento propício para mostrar realmente a sua posição. Mas o tempo foi passando e ele não voltou jamais atrás e essa sua maneira de agir foi a principal causadora de sua perda de prestígio, e à medida que o perdia a resistência interior crescia, conquistando cada dia mais adeptos e já em 1944, todos, principalmente os jovens, queriam lutar pela França.

Desde a Grande Revolução Francesa de 1789 existia na França a tradição de liberdade de dizer tudo o que se queria e tudo o que se pensava, mas a fragorosa derrota de 1940 ocasionou uma virada completa na situação.

Desde a derrota as tipografias e editoras passaram a

ser cuidadosamente guardadas pelos policiais de Hitler e de Pétain e todos os jornais que então tinham permissão para ser publicados estavam sob o controle das autoridades ocupantes. Na zona norte, ocupada desde junho de 1940, as idéias e palavras dos resistentes somente poderiam ser difundidas através das publicações feitas com muitas dificuldades pelas tipografias clandestinas que, em sua grande maioria, eram constituídas de simples mimeógrafos ou pranchas de chumbo, principalmente entre 1940 e 1942. As dificuldades iniciais foram sendo controladas pouco a pouco e a partir de 1943 quase todos os órgãos da imprensa clandestina já apareciam impressos.

Mesmo as imprensas oficiais ou colaboracionistas, as únicas que tinham permissão para funcionar eram zelosamente guardadas, e, apesar de terem o seu funcionamento autorizado, encontravam grandes dificuldades para a obtenção do material necessário para o seu bom andamento. As tintas eram difíceis de encontrar, o papel também, e além do mais, havia obstáculos técnicos para a confecção e a difusão dos jornais. Estas impressoras existiam na zona livre, pois, como já vimos acima, no norte da França existiam apenas simples mimeógrafos e esta situação se estende a partir de novembro de 1942 para todo o território francês, quando em consequência do desembarque dos aliados no norte da África, deu-se a ocupação de toda França, desaparecendo assim a autorização de funcionamento de jornais que até então tinham permissão para serem publicados.

A corporação dos tipógrafos conseguiu camuflar as pranchas de chumbo e entre 1943 e 1944 quase todos os grandes órgãos da imprensa clandestina apareciam já impressos. A solidariedade também era regra e se qualquer um dos jornais clandestinos tinha o azar de ter as suas máquinas impressoras descobertas pela polícia de Vichy ou de Hitler, encontrava asilo nas impressoras dos outros

jornais. A idéia de concorrência era contrária ao espírito da Resistência que acolhia um jornal a mais como uma nova possibilidade de crescimento de trabalho em prol da causa abraçada.

As rádios francesas também sofriam um rígido controle e era por isso que a rádio B.B.C. de Londres desde 1940 as atacava dizendo que as mesmas mentiam. Era preciso combater a propaganda do inimigo, difundindo a verdade aos compatriotas, exaltando a fraqueza dos inimigos escondida atrás de sua tão propalada força. Era preciso ressaltar todos os acontecimentos militares, mostrando que o inimigo não era invencível como procurava se mostrar. Era fundamental para os resistentes o soerguimento do moral dos franceses, demonstrando que apesar das perseguições eles podiam lutar contra tão poderoso ocupante.

Foi sobretudo a providência, a imaginação, a astúcia de alguns resistentes, chefes dos diferentes movimentos de resistência, que contribuíram bastante para o sucesso do empreendimento.

1. Número e Variedade das Publicações Clandestinas

O Catálogo⁽⁴⁾ dos Periódicos Clandestinos distribuídos na França de 1939 a 1945, elaborado pela Biblioteca Nacional de Paris apresenta uma lista de 1.106 jornais que foram publicados no período mencionado, sendo 1.035 na França e 71 no estrangeiro.

O Catálogo dos Periódicos Clandestinos, de acordo com os dados que foram levantados para cada uma das publicações revela: o título, o grupo responsável, os lugares da impressão, o nome dos

(4) Catalogue des Périodiques Clandestins diffusés en France de 1939 a 1945 - Paris, Bibliothèque Nationale, 1954. Esse catálogo embora já tenha sido editado há 18 anos é o único existente, pois não houve nenhuma edição posterior.

impressores, os nomes dos redatores, seus pseudônimos, a data do primeiro número publicado, do primeiro número conservado, etc.

Por tratar-se de publicações clandestinas o trabalho das pessoas que se dedicaram à elaboração deste Catálogo foi muito grande, mas os resultados obtidos para muitos dos itens que despertaram interesse foram bastante limitados.

No anexo que apresentamos no final desta tese figuram os nomes de todos os jornais cujos fundadores, diretores e colaboradores puderam ser identificados.

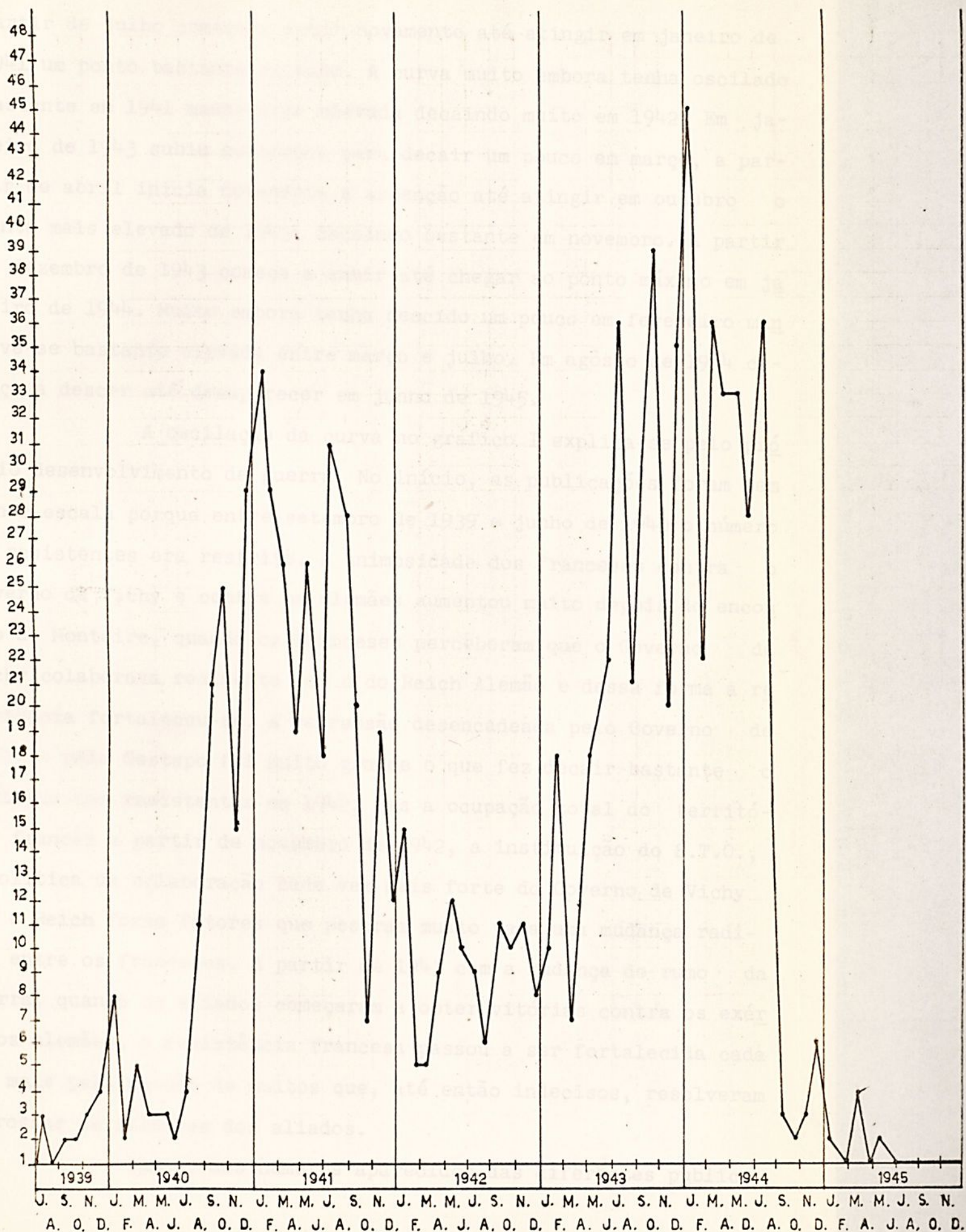
A escala do aparecimento destas publicações pela França é a seguinte:

Ano	Nº de publicações	Porcentagem
1939	9	0,86
1940	118	11,40
1941	265	25,60
1942	103	9,99
1943	266	25,70
1944	267	25,79
1945	6	0,57
sem data	1	0,09
Total	1.035	100,00%

O aparecimento destas publicações foi bastante irregular, com períodos de grande florescimento e outros de regressão. Observando-se a escala anual do seu aparecimento constata-se que os períodos mais pródigos foram os anos de 1941, 1943 e 1944.

O gráfico nº I apresenta além da divisão anual uma sub-divisão mensal e nele pode-se notar melhor os períodos de maior ou de menor intensidade de publicações. Analisando-o, nota-se que entre setembro de 1939 e julho de 1940 o aparecimento foi fraco. Em janeiro de 1940 a curva subiu decaindo paulatinamente até junho. A

APARECIMENTO DOS JORNAIS DE :JULHO DE 1939 a JUNHO DE 1945.



ORGANIZAÇÃO — DAISY RIBEIRO DE CARVALHO.

DESENHO — PAULO Y. KATSUMOTO.

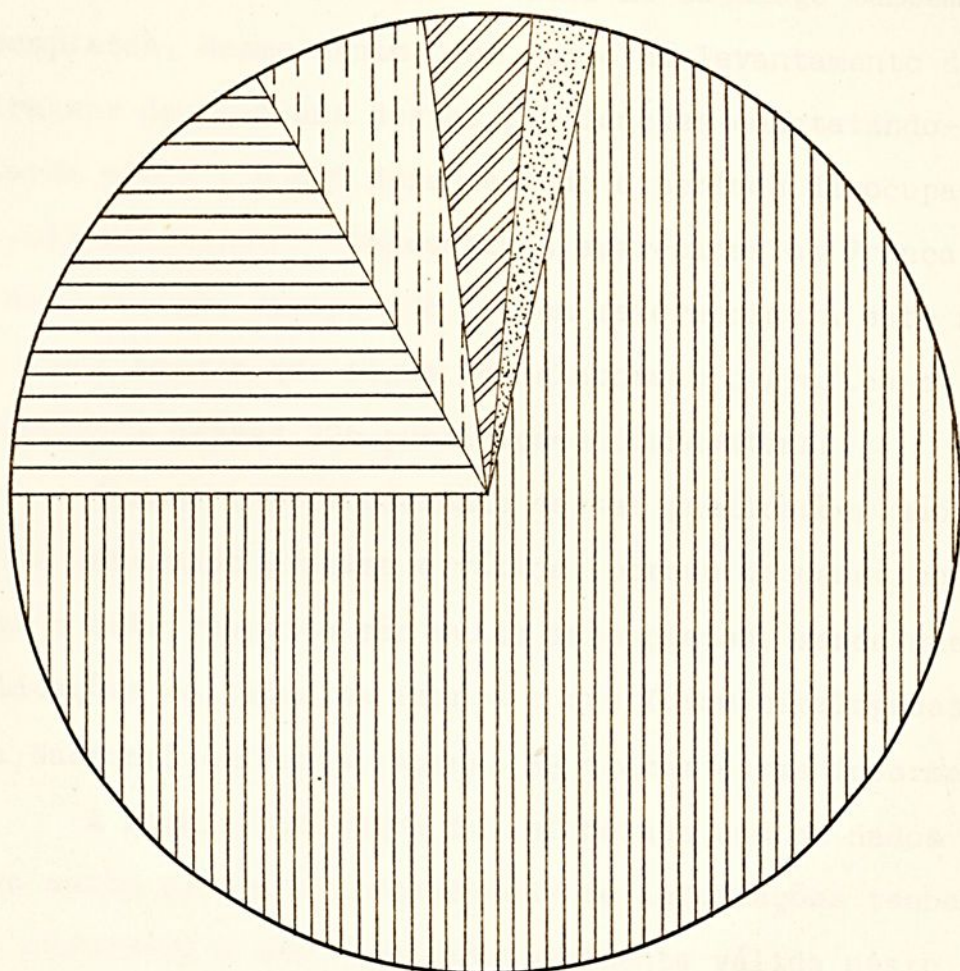
partir de julho começa a subir novamente até atingir em janeiro de 1941 um ponto bastante elevado. A curva muito embora tenha oscilado bastante em 1941 manteve-se elevada decaindo muito em 1942. Em janeiro de 1943 subiu novamente para decair um pouco em março, a partir de abril inicia novamente a ascensão até atingir em outubro o ponto mais elevado de 1943, decaindo bastante em novembro. A partir de dezembro de 1943 começa a subir até chegar ao ponto máximo em janeiro de 1944. Muito embora tenha descido um pouco em fevereiro manteve-se bastante elevada entre março e julho. Em agosto de 1944 começa a descer até desaparecer em junho de 1945.

A oscilação da curva no gráfico I explica-se pelo próprio desenvolvimento da guerra. No início, as publicações foram em menor escala porque entre setembro de 1939 e junho de 1940 o número de resistentes era restrito. A animosidade dos franceses contra o Governo de Vichy e contra os alemães aumentou muito depois do encontro de Montoire, quando os franceses perceberam que o Governo de Vichy colaborava realmente com o do Reich Alemão e dessa forma a resistência fortaleceu-se. A repressão desencadeada pelo Governo de Vichy e pela Gestapo foi muito grande o que fez decair bastante o trabalho dos resistentes em 1942, mas a ocupação total do território francês a partir de novembro de 1942, a instituição do S.T.O., a política de colaboração cada vez mais forte do Governo de Vichy com o Reich foram fatores que pesaram muito para uma mudança radical entre os franceses. A partir de 1943 com a mudança do rumo da guerra, quando os aliados começaram a obter vitórias contra os exércitos alemães, a resistência francesa passou a ser fortalecida cada vez mais pela adesão de muitos que, até então indecisos, resolveram engrossar as fileiras dos aliados.

Quanto aos números aparecidos das diferentes publica-



NÚMEROS DE TIRAGENS DAS 226 PUBLICAÇÕES PARA AS QUAIS O
CATÁLOGO FORNECE ESSES DADOS.



L E G E N D A.

	<u>NÚMEROS PUBLICADOS</u>	<u>NÚMEROS CLANDESTINOS</u>	<u>PORCENTAGEM</u>
	1 a 20	162	71,68 %
	21 a 40	38	16,81 %
	41 a 77	13	5,75 %
	101 a 190	8	3,55 %
	204 a 400	5	2,21 %

ORGANIZAÇÃO — DAISY RIBEIRO DE CARVALHO.
DESENHO — PAULO Y. KATSUMOTO.

ções clandestinas, os dados apresentados no Catálogo também são bastante incompletos. Mesmo assim, foi feito um levantamento dos números de tiragens de cada uma destas publicações constatando-se que elas variaram entre 1 e 400 durante todo o período da ocupação alemã. Das 1.035 publicações clandestinas aparecidas na França e apresentadas no Catálogo, apenas 226 trazem referências a este respeito. De acordo com a escala que segue foi elaborado o gráfico nº II referente as tiragens dessas 226 publicações clandestinas.

Quanto a periodicidade destas publicações não se pôde chegar a uma conclusão precisa e válida, porque os dados contidos no Catálogo a este respeito são muito incompletos, sendo que, das 1.035 publicações editadas na França e que foram catalogadas pela Biblioteca Nacional de Paris, apenas 53 trazem estas informações.

A Escala que segue foi elaborada com os dados obtidos no Catálogo muito embora a precariedade de informações tenham impossibilitado chegar-se a uma conclusão realmente válida neste particular. Analisando-se a escala elaborada com os dados contidos nestas 53 publicações, pode-se notar que aquelas que tiveram maior incidência foram as publicações mensais, enquanto as trimestrais e semestrais foram menores.

ESCALA DE PERIODICIDADE

Periodicidade	Publicações	Porcentagem
diária	4	7,54
semanal	10	18,88
tri-semanal	1	1,88
mensal	29	54,73
bimestral	7	13,21
trimestral	1	1,88
semestral	1	1,88
Total	53	100,00%

O Catálogo da Biblioteca Nacional de Paris apresenta ainda lacunas nos dados concernentes às tiragens das publicações clandestinas; algumas delas foram registradas com apenas uma edição e com tiragem pequena, mas outras além de terem indicações precisas do total de suas edições, têm registradas tiragens muito elevadas, com grande número de unidades para determinadas datas ou períodos.

Algumas destas publicações foram catalogadas registrando tiragem de algumas dezenas ou centenas de unidades enquanto outras atingiram de 50.000, 100.000 ou 200.000 unidades como os jornais Combat, Défense de la France, Franc Tireur, entre 1943 e 1944. Alguns destes jornais chegaram a atingir a tiragem de 300.000 exemplares e um número especial de Défense de la France atingiu a cifra recorde de 450.000 exemplares. Já em 1944 havia cada mês cerca de um milhão e meio de exemplares dos diferentes jornais publicados clandestinamente na França. O Catálogo apresenta estes dados referentes apenas às seguintes publicações:

1. l'Art Français - 1.500 a 2.000 exemplares
2. Avenir - 10.000, 25.000, 50.000 exemplares
3. Les Cahiers du Bolchevisme - 20.000 a 40.000 exemplares
4. Combat - 20.000 exemplares
5. Le Combat du Languedoc - 10.000 exemplares
6. Almanach des Lettres Françaises - 5.000 exemplares para os primeiros 100 números, 10.000 para os seguintes
7. Défense de la France - nº 1 - 5.000 exemplares
fim de 1942 - 10.000 a 30.000 exemplares
verão de 1944 - 450.000 exemplares
8. l'Ecole Laïque - em 1941 - 500 exemplares
em maio, outubro de 1942 - 1.000 a 3.000 exemplares
em 1944 - 7.500 exemplares

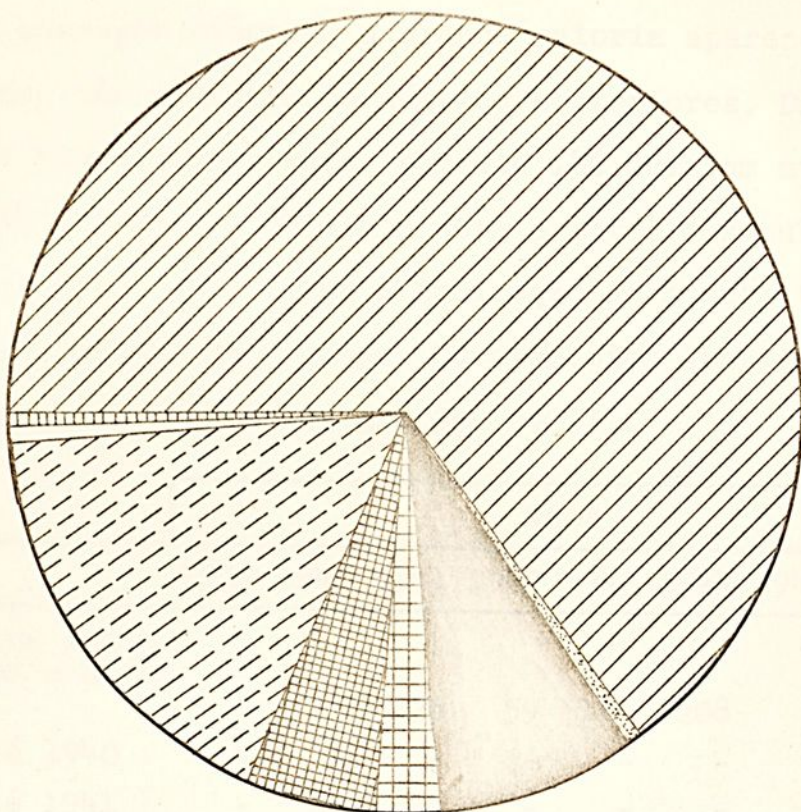
9. Franc Tireur - nº 1 - 6.000 exemplares
em 1942 - 15.000 exemplares
no início de 1943 - 50.000, e no fim de 1943 -
125.000
na primavera de 1944 - 165.000 exemplares
10. La France Continue - 3.000 a 15.000 exemplares
11. La France Interieure - 1º e 2º números tiveram 20 exemplares
nº 11 - 1.500, nº 19 - 2.500 e os núme-
ros 21 e 22 - 7.000 exemplares
12. Les Lettres Françaises - números 11 a 14 - 12.000 exemplares
números 15 a 19 - 15.000 exemplares
13. Libération Nord - entre 15.000 e 50.000 exemplares
14. Libération Sud - 15.000 no início atingindo 145.000 exemplares
no fim do verão de 1943
15. Libérer et Fédérer - 5.000 exemplares
16. Le Médecin Français - 20.000 exemplares para os números 23, 25
e 26
17. Le Populaire (zona sul) - 95.000 exemplares para os últimos nú-
meros
18. Le Populaire (zona norte) - 115.000 exemplares em 1944
19. Résistance - número 1 - 5.000 exemplares, nº 3 - 20.000 exempla-
res
no fim de 1943 - 80.000 a 100.000 exemplares
20. Soldat in Western - tiragem média de 60.000 exemplares
21. l'Université Libre - 500 a 1.000 exemplares
22. Valmy - nº 1 - 50 exemplares, os seguintes tiveram uma tiragem
que variou entre 200 e 300 exemplares e os números de
14 de julho e agosto de 1941 atingiram 10.000 exempla-
res
23. La Voix du Nord et du Pas de Calais - 5.000 a 10.000 exemplares
24. l'Action - 50.000 a 100.000 exemplares.
25. La Bannière - 1.000 exemplares
26. Les Cahiers - 1.500 exemplares

Duração das Publicações

Quanto à duração dessas publicações clandestinas, de acordo com o Catálogo, constatou-se que muitas delas não tiveram



DURAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES.



LEGENDA

DURAÇÃO	NÚMEROS DE PUBLICAÇÕES	PORCENTAGEM
 PUBLICAÇÕES COM APENAS A DATA INICIAL.	667	64,40 %
 PUBLICADAS ATÉ 1940.	5	0,49 %
 PUBLICADAS ATÉ 1941.	91	8,80 %
 PUBLICADAS ATÉ 1942.	28	2,70 %
 PUBLICADAS ATÉ 1943.	55	5,31 %
 PUBLICADAS ATÉ 1944.	186	18,00 %
 PUBLICADAS ATÉ 1945.	2	0,20 %
 SEM DATA DE PUBLICAÇÃO.	1	0,10 %

ORGANIZAÇÃO — DAISY RIBEIRO DE CARVALHO.

DESENHO — PAULO Y. KATSUMOTO.

mais que uma passagem efêmera, a grande maioria aparece com a data inicial apenas, não registrando números posteriores. Das 1.035 publicações que foram registradas, somente 186 duraram até 1944 e 2 apenas até 1945. O quadro abaixo mostra o total das publicações surgidas no decorrer da guerra com a indicação do número total das que tiveram duração maior que a outra. Os elementos contidos no quadro possibilitaram a elaboração do gráfico nº III.

	Anos								Total
	1939	1940	1941	1942	1943	1944	1945	sem data	
publicações que aparecem apenas com a data inicial	4	50	176	59	164	208	6	-	667
Publicadas até 1940	4	1	-	-	-	-	-	-	5
Publicadas até 1941	-	49	42	-	-	-	-	-	91
Publicadas até 1942	-	3	17	8	-	-	-	-	28
Publicadas até 1943	-	4	13	13	25	-	-	-	55
Publicadas até 1944	1	11	17	23	77	57	-	-	186
Publicadas até 1945	-	-	-	-	-	2	-	-	2
Sem data	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Total de publicações	9	118	265	103	266	267	6	1	1.035

B. Os responsáveis pelo aparecimento destes jornais

Como os resistentes conseguiram atingir o objetivo almejado, publicando os jornais e outras publicações clandestinas?

As dificuldades a vencer foram enormes e de toda ordem, tanto para se conseguir as informações como para resolverem satisfatoriamente os problemas técnicos de sua elaboração. Foi grande o número de intelectuais, de universitários de valor, de estudantes, de jornalistas, ou mesmo de profissionais liberais que se fizeram resistentes, escrevendo voluntariamente artigos para os diferentes jornais clandestinos. Muitos desses clandestinos se tornaram mais

tarde escritores ou homens políticos importantes da IV República, tais como Christian Pineau, Georges Bidault, Pierre Henri Teitgen, François de Menthon, Guy Mollet, etc.

A imprensa clandestina sustentou o moral dos franceses, dizendo-lhes a verdade sobre os acontecimentos políticos e militares, prestando-lhes contas dos esforços e sucessos dos aliados.

Pode-se entrever toda a engenhosidade dos resistentes clandestinos analisando-se os esforços dispendidos por eles, assim como a abnegação e a coragem daqueles que não se resignaram ao silêncio, consumindo todas as suas energias para a impressão e a difusão destes jornais proibidos.

Grande parte dos jornais clandestinos foram editados sob a responsabilidade da comissão diretora de um movimento de resistência, alguns membros desempenhando o papel de redatores chefes. Estas comissões diretoras dos diversos movimentos muitas vezes sofreram mudança, seja pelas novas atribuições que muitos de seus membros assumiram, seja pela devastação que a Gestapo ou a Polícia de Vichy provocava entre eles pelas prisões, mortes, ou perseguições de que eram vítimas quando descobertos, levando-os assim a um revezamento nas atividades. Para exemplificar, o jornal Combat teve sua edição de início assegurada por Georges Bidault, a chefia da redação passou depois a ser controlada por Henri Frenay, a seguir por Claude Bourdet e enfim foi confiada a Pascal Pia, a partir de setembro de 1943.

Os jornais clandestinos de uma maneira geral foram editados e redigidos por homens que trabalharam com toda sua força durante um certo tempo, mas que não puderam se manter à sua frente durante todo o período da ocupação. Quando um deles se via impedido de redigir o jornal era logo substituído por outro que se propunha

continuar o trabalho iniciado pelo primeiro.

Alguns homens ligados à comissão diretora de um movimento de resistência é que asseguraram a continuidade das publicações. Eram eles que se encarregavam de redigir os editoriais, as notícias da atualidade, enfim que se preocupavam com a continuidade do jornal.

Toda esta gente dava a sua contribuição, mas os seus artigos jamais apareceram assinados com o nome verdadeiro do autor; foram sempre publicados com pseudônimos, aparecendo muitas vezes sem assinatura alguma, obviamente anônimos. É muito difícil para o historiador a identificação dos autores destes artigos uma vez que todos os redatores ao colaborarem nos diferentes jornais usavam frequentemente pseudônimos que não correspondiam jamais aos nomes pelos quais eles eram conhecidos mesmo no seio da resistência e na clandestinidade. Muitas vezes um mesmo nome servia para artigos de diferentes redatores. Como exemplo pode-se citar Christian Pineau, Jean Texier e Jean Cavaillès que escreveram artigos publicados com o mesmo pseudônimo de François Berteval⁽⁵⁾ e ao contrário, às vezes um mesmo redator escrevia com pseudônimos diferentes, dependendo do assunto a ser tratado. Por exemplo, Marcel Renet usava quando escrevia suas crônicas militares o pseudônimo de Marc Antoine, e quando apresentava os editoriais políticos o de Jacques Des-

(5) Libération Nord foi um jornal fundado por Christian Pineau. Apareceu como um órgão dos franceses livres depois do número 55 e como Semanário dos franceses livres até o 122 de 30 de março de 1943 quando passou a aparecer como Órgão dos Movimentos Unidos da Resistência (MUR) Edição da zona ocupada e a partir do seu nº 130 de maio de 1943 apareceu como um semanário da Resistência francesa. Ao todo foram editados 190 números publicados entre 29 de dezembro de 1940 e 14 de agosto de 1944.

trée, isto no jornal Résistance.⁽⁶⁾

Os trabalhos que os redatores dos diferentes jornais foram levados a desenvolver para exprimir todo o sentimento de inconformidade com o estado presente de seu país não teria alcançado o êxito necessário se dezenas de impressores, milhares de transportadores e de distribuidores não tivessem arriscado também as suas vidas para a difusão destes jornais. E como difundí-los num país onde os nazistas estavam presentes em toda parte? Num país onde a polícia de Vichy espreitava todos os movimentos?

Não era fácil, mas, mesmo assim, muitos resistentes o fizeram.

C. Como eram publicados estes jornais?

Certos movimentos tentaram imprimir eles próprios, suas publicações, mas as dificuldades enfrentadas foram enormes. Problemas de todo o gênero se puzeram constantemente aos responsáveis pela publicação dos jornais clandestinos, e, estes tiveram que resolve-los da melhor forma possível, sòzinhos ou pelo esforço conjugado dos diferentes jornais.

1. As dificuldades de ordem técnica e humana

A obtenção do material era a primeira dificuldade a

(6) Résistance foi um jornal fundado pelo Dr. Marcel Renet. Ao todo foram editados 26 números entre 21 de outubro de 1942 e 7 de agosto de 1944. Foram impressos em Montrouge, Seine, Alfortville, Connère, Sarthe e também Paris onde foi publicado um número sobre a imprensa da Democracia Social. Este jornal começou com uma tiragem de 5.000 exemplares no seu número 1, o número 3, 20.000 e a partir do fim de 1943 a tiragem atingiu de 80 a 100.000 exemplares

Existiram outros jornais com o mesmo nome, um publicado em 1940 pelo grupo do Museu do Homem, e um outro publicado pelo grupo norte de Combat, por Guédon, sob a direção de Henry Frenay, em 1941.

ser enfrentada. Os clandestinos necessitavam de papel, chumbo, tintas, máquinas impressoras ou mimeógrafos. Havia dificuldades muito grandes mesmo para obtenção de simples máquinas de escrever.

As máquinas impressoras, os mimeógrafos, o papel, o chumbo, as tintas etc. tinham que ser transportados de um local para outro e para fazer estes transportes todos os meios eram válidos, não importando o utilizado: bicicletas, caminhões, camionetas, trens, etc., isto num país onde tudo estava requisitado pelo invasor e sob ameaça constante das verificações da polícia.

Para a elaboração das publicações clandestinas dos resistentes foram exigidas toneladas de papel, e este era obtido graças às artimanhas e astúcias dos seus dirigentes.

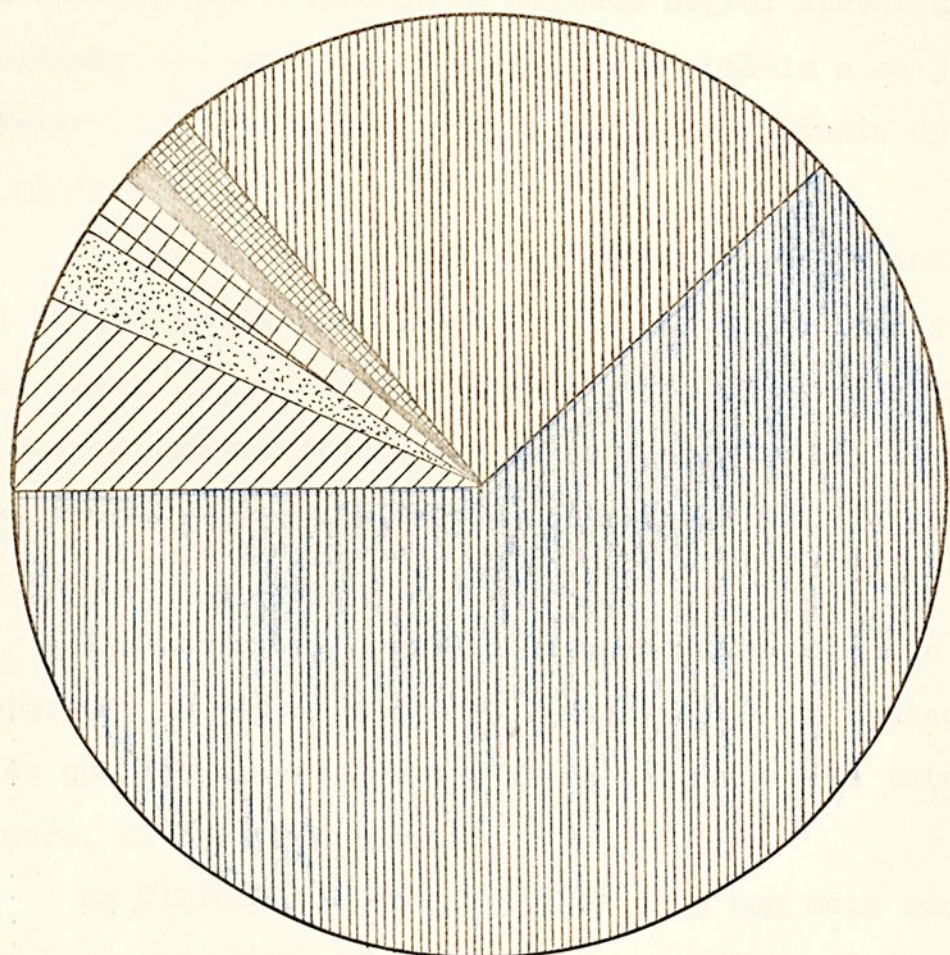
Para ajudarem um movimento de resistência muitos trabalhadores de jornais que tinha sua publicação autorizada desviavam papel destes para o clandestino.

O problema da obtenção do papel mesmo para pequenos jornais era um obstáculo difícil de vencer. Comprava-se no mercado negro, mas era bem mais vantajoso roubá-lo dos grandes jornais da colaboração. Operários em Marselha, que trabalhavam na publicação do jornal colaboracionista, Gringoire, alimentaram, com um roubo quotidiano de 1 ou 2 quilos de papel, muitos jornais da zona sul durante mais de seis meses.⁽⁷⁾ O papel de imprensa era distribuído parcimoniosamente pelos alemães e somente podiam obtê-lo os jornais controlados por eles assim como certos industriais e editores depois de uma verificação muito bem feita de suas necessidades. Dessa forma, os resistentes jamais poderiam comprá-lo pelos meios legais e muitas vezes viram-se obrigados a adquirir este material de ele-

(7) AUBRAC, Lucie - La Résistance: Naissance et Organisation. 1ª ed., Paris, Robert Lang, 1945, p. 75.



NÚMERO DE PÁGINAS DOS JORNAIS E OUTRAS PUBLICAÇÕES
CLANDESTINAS.



L E G E N D A

NÚMEROS DE PÁGINAS	NÚMEROS DE JORNAIS	PORCENTAGEM.
 ENTRE 1 E 5 PÁGINAS.	897	86,66 %
 COM 2 PÁGINAS.	651	—
 ENTRE 6 E 10 PÁGINAS.	64	6,18 %
 ENTRE 11 E 20 PÁGINAS	28	2,70 %
 ENTRE 21 E 48 PÁGINAS	20	1,94 %
 ENTRE 62 E 192 PÁGINAS	8	0,77 %
 SEM INDICAÇÃO DE PÁGINAS	18	1,75 %

ORGANIZAÇÃO — DAISY RIBEIRO DE CARVALHO.
DESENHO — PAULO Y. KATSUMOTO.

mentos desonestos, que o vendiam no mercado negro. Apesar das inúmeras dificuldades, os resistentes conseguiram obtê-lo e os jornais foram impressos e distribuídos apesar de toda vigilância dos alemães e da polícia de Vichy.

O gráfico nº IV refere-se ao número de páginas dos jornais ou outras publicações clandestinas. As dificuldades para a obtenção do papel, forçou os resistentes a utilizá-lo restritamente. De acordo com os dados fornecidos pelo Catálogo dos Periódicos Clandestinos a maioria destas publicações apareceram com apenas duas páginas.

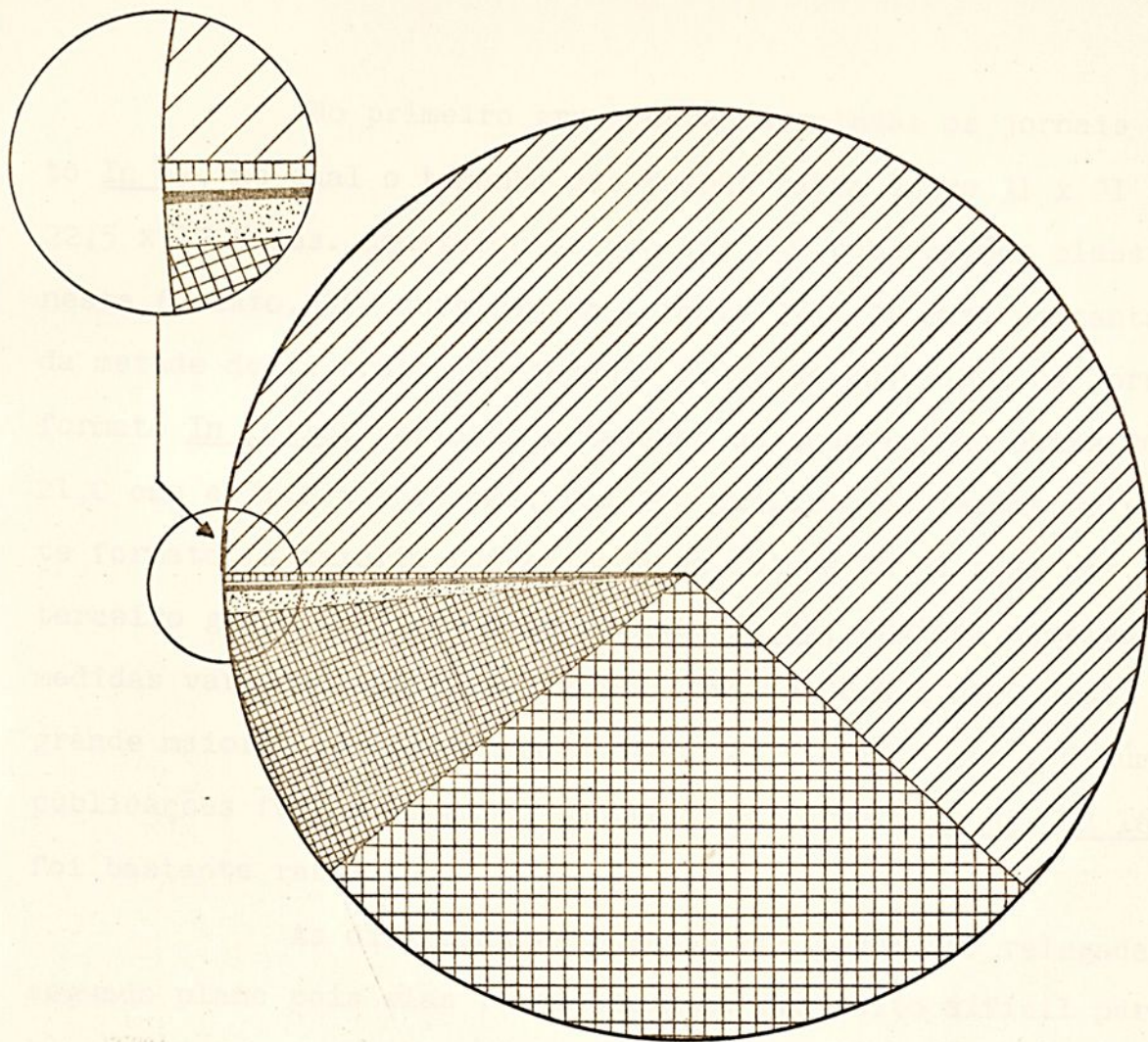
Analisando-se o gráfico pode-se ver que entre os jornais que aparecem no grupo de 1 e 5 páginas merece um destaque especial aqueles que foram apresentados com 2 páginas e que totalizaram o maior número, isto é, 651 jornais.

As dificuldades e os perigos eram bem mais consideráveis quando havia necessidade de imprimir o jornal e aí é que encontramos o grande valor dessa gente que, inconformada com a situação do país, tentava tudo para atingir o fim desejado.

Por causa dessas dificuldades, grande parte dos jornais não puderam jamais ser impressos pela falta das matérias primas necessárias que não podiam ser encontradas no comércio. Se às vezes conseguiam obter estencil para o mimeógrafo, eram de péssima qualidade e não permitiam boas tiragens. Como a obtenção do papel era difícil, além da restrição feita quanto ao número de páginas nas publicações, os resistentes viram-se forçados ainda a utilizarem o papel de formato pequeno.

O gráfico número V mostra os quatro grupos em que podem ser divididas as publicações clandestinas se se tomar como referência o formato do papel em que elas foram editadas.

FORMATO DOS JORNAIS E OUTRAS PUBLICAÇÕES.



LEGENDA.

TAMANHO	NÚMERO DE PUBLICAÇÕES	PORCENTAGEM
 IN. 4º	639	61,75 %
 IN. FOL.	282	27,27 %
 IN. 8º	101	9,75 %
 IN. 32.	8	0,77 %
 IN. 16	1	0,09 %
 IN. 12.	1	0,09 %
 SEM INDICAÇÃO	3	0,28 %

ORGANIZAÇÃO — DAISY REBEIRO DE CARVALHO.

DESENHO — PAULO Y. KATSUMOTO.

No primeiro grupo estão arroladas os jornais em formato In 4º, no qual o tamanho das folhas varia entre 31 x 21 cms. e 22,5 x 17,5 cms. Constatou-se que das 639 publicações classificadas neste formato, 354 surgiram em formato 27 x 21 cms, portanto mais da metade deste grupo. No segundo grupo se enquadram os jornais de formato In folio, variando o tamanho de suas folhas entre 30,5 x 21,0 cms e 71,0 x 46,0 cms. Das 282 publicações feitas em papel neste formato, a maioria foi editada em folhas de 31 x 21 cms.⁽⁸⁾ O terceiro grupo de jornais em formato In 8º, engloba aqueles cujas medidas variaram entre 13,5 x 10,5 cms. e 28,0 x 22,0 cms.; em sua grande maioria apareceram em tamanho 23,5 x 15,5 cms.. O número de publicações feitas em papel pequeno com formato In 32, In 16, In 12 foi bastante restrito.

As dificuldades humanas não podem ser relegadas a um segundo plano pois elas foram enormes. Era muito difícil para o dirigente de um grupo de resistentes, para a Comissão de um movimento, para o diretor de um jornal saber em quem se podia confiar. Todas as atitudes a serem tomadas deviam partir do seguinte princípio: "Confiar, desconfiando sempre". Por melhor e mais amável que fosse um indivíduo ele poderia tomar atitudes que colocariam em risco todo o grupo de resistentes do qual fazia parte. Além do mais nem todos os que abraçaram as fileiras da clandestinidade tinham aptidões para o tipo de vida e de trabalho que aí se exigia.

2. Meios empregados para resolvê-las

Uma vez vencidas as primeiras dificuldades, que eram

(8) A este respeito uma ressalva deve ser assinalada pois no Catálogo este formato 31 x 21 é apresentado ora como In 4º, ora como In fol; não chegamos a descobrir o motivo pelo qual uma mesma medida foi classificada sob duas formas diferentes.

as de obtenção do material indispensável, assim como as informações necessárias para a feitura dos jornais, apareciam as dificuldades com a impressão. O meio mais fácil, simples e modesto, mas de fraco rendimento era datilografar vários exemplares de um jornal ou outra publicação qualquer em 1 ou 2 folhas e depois enviá-los aos amigos pedindo para reproduzir e redistribuir. Graças a esse sistema de corrente ou de bola de neve conseguiram difundir várias centenas de exemplares apesar de todas as dificuldades e contratempos enfrentados.

Os resistentes que trabalharam e lutaram pela imprensa clandestina conseguiram no fim do período da ocupação imprimir seus jornais em máquinas muito boas, difundindo jornais com boa apresentação, de leitura fácil se bem que escritos em caracteres pequenos, porque o papel era raro e desta forma economizando-o podia fazer-se uma tiragem de maior número de exemplares.

Para imprimir seus jornais, os diferentes movimentos se dirigiram a tipógrafos profissionais. Foi bastante comum na zona sul, livre até 1942, a tiragem de jornais nas próprias tipografias de jornais autorizados.

Os movimentos de resistência fazendo a difusão de suas idéias puderam logo contar com a adesão de numerosos impressores para as suas fileiras, imbuidos de reais sentimentos patrióticos, e arriscando suas vidas sem temor, sendo que muitos deles pagaram com a própria vida o apoio essencial que deram de tão bom grado aos movimentos.

Este sistema expunha os impressores a grandes perigos e se se queria obter muitos números de um jornal era necessário utilizar mais de um impressor, o que aumentava os riscos. O melhor sistema, o único que permitia grandes tiragens, aquele que comportava

menos riscos, pois diminuía o número de pessoas trabalhando em segredo, e que permitia o aparecimento regular, era o de possuir uma impressora própria. Este era um sonho difícil de ser realizado pelos movimentos de resistência.

Como obter as máquinas? O material tipográfico? Como encontrar locais para abrigar tudo, protegendo contra a polícia dos "boches"⁽⁹⁾ e de Vichy? Como conseguir o dinheiro necessário para todos estes gastos?

Alguns movimentos de resistência conseguiram, graças aos esforços dispendidos por seus dirigentes, possuir sua própria impressora. É o caso de Combat em Lyon, e de Défense de la France em Paris. Isto explica em grande parte a possibilidade de grandes tiragens que tiveram e a ajuda que puderam dar a outros jornais em dificuldades como: Franc Tireur, Cahier du Témoignage Chrétien, La Voix du Nord, etc.. Por ter suas próprias máquinas impressoras também puderam publicar vários números ilustrados, quase todos no verão de 1943, reproduzindo fotos, folhetos lançados pela R.A.F., no território francês, mostrando o general de Gaulle, Leclerc, Giraud, Montgomery, o avanço e o desembarque dos exércitos aliados na Sicília, os bombardeios das cidades alemãs, ou ainda fotos de prisioneiros esqueléticos dos campos de concentração, etc.

O único jornal que pôde ser impresso em máquinas mais aperfeiçoadas foi Défense de la France. Seu fundador e diretor, chefe do movimento, Philippe Viannay, estudante de filosofia da Sorbonne, bastante jovem, contou desde 1940 com a ajuda de um rico indus-

(9) Boche é um termo pejorativo pelo qual os franceses designaram os alemães durante a época da ocupação. Este termo foi largamente usado entre 1940 e 1945, mas já existia desde a grande guerra de 1914-1918.

trial, Marcel Lebon,⁽¹⁰⁾ que lhe deu somas consideráveis para a época, graças às suas relações nos meios industriais. Já o jornal Com bat teve mais dificuldades para conseguir sua própria impressora, pois desde o início teve que enfrentar obstáculos para criá-la. Até 1942 o jornal foi impresso por um lionês, Martinet, assim como por diversos outros impressores da zona sul. Martinet até então fora bastante devotado e foi graças à sua colaboração que André Bollier pode comprar uma velha máquina Minerva no verão de 1942 e aprender a profissão de tipógrafo. A máquina foi colocada nos arredores de Lyon em Villeurbanne.

Era idéia dos dirigentes desse movimento instalar também um atelier de fotogravuras necessário para a fabricação de papéis falsos que seriam de grande valia para os resistentes e trabalhadores que se negavam a atender as exigências do S.T.O. que os convocavam para trabalharem na Alemanha. Porisso eles conseguiram um outro local no mesmo bairro de Villeurbanne, uma garagem desocupada da rua Viala, onde instalaram uma impressora oficial declarada como um atelier de fotogravuras onde puderam imprimir o jornal que chegou a atingir a cifra de 300.000 exemplares. André Bollier encontrou neste local um lugar apropriado para centralizar todo seu serviço de maneira a evitar as idas e vindas perigosas e as perdas de tempo, isto em julho de 1943.

Esta pequena oficina compreendia várias peças cercando um pátio que de um lado dava para um jardim de onde acreditava-se poder fugir em caso de um ataque de surpresa pela polícia. No pátio, ao abrigo dos olhares indiscretos, carregavam-se ou descarregavam-se as camionetas e os carros com os jornais. Nas diferentes pe-

(10) Marcel Lebon, nascido em 1889, diretor gerente da Companhia de Gaz e Eletricidade Lebon. Membro do Conselho da Administração da Companhia do Canal de Suez.

ças estavam falsos esconderijos, máquinas de imprimir, máquinas de escrever, reservas de papel, de gasolina, pia para as fotogravuras, assim como algumas armas e um leito onde André Bollier, que trabalhava dia e noite para o jornal, dormia frequentemente.

A fim de obter a eletricidade e o telefone André Bollier que era engenheiro declarou oficialmente que abria um escritório de Buscas Geodésicas e Geofísicas.

Esta impressora teve ainda um melhor rendimento desde que Bollier pode comprar uma máquina muito maior em Grenoble, em agosto de 1943. Ele procurou conhecer minuciosamente o seu funcionamento, depois numerou todas as peças e enfim a desmontou e colocou em caixas para poder despachá-la para Lyon onde ajudado por Martinet e dois outros tipógrafos, a remontou.

Esta tipografia abrigava ainda uma máquina Graffimann que Philippe Viannay tinha comprado para imprimir o seu jornal Défense de la France na zona sul. A impressão do jornal Combat se fez aí durante um ano e infelizmente a 17 de junho de 1944, dia em que um traidor advertiu a polícia de Vichy, a impressora da rua Vialla foi cercada pela polícia. Bollier e dois de seus tipógrafos foram mortos defendendo a tipografia do Combat.

Este revés abalou profundamente o jornal, mas, apesar de tudo, outros centros regionais se encarregaram da continuidade da publicação de Combat.

Outro grave problema a enfrentar foi a difusão destes jornais pois como tudo devia ser feito às escondidas, corriam riscos tanto o expedidor como o destinatário. Colocava-se o jornal quase sempre de formato pequeno, uma ou duas folhas, impressas ou simplesmente batidas à máquina ou mimeografadas num envelope fechado e selado, mas este processo era muito dispendioso e porisso alguns

dos jornais chegaram mesmo a fabricar falsos selos do correio com a figura de Pétain, como é o caso de Défense de la France.

A medida que a tiragem aumentava, utilizavam-se processos mais audaciosos. Não somente distribuíam exemplares aos amigos, mas também os entregavam em escritórios, oficinas, usinas, etc. Os estudantes que colaboravam com os resistentes deixavam-nos nas salas de aulas, nos laboratórios, nos anfiteatros, etc.. Jogavam-nos à noite nas ruas, nos jardins das residências dos bairros e no dia seguinte os passantes pensavam que os mesmos tinham sido lançados pela R.A.F.. A distribuição era ainda feita a domicílio passando-os por baixo das portas das casas ou dos apartamentos. Houve ainda distribuições mais audaciosas no Metro, por exemplo assim como nas portas das igrejas, aos domingos. Outras vezes ainda foram afixados nos muros e paredes das casas.

3. Local onde foram impressos

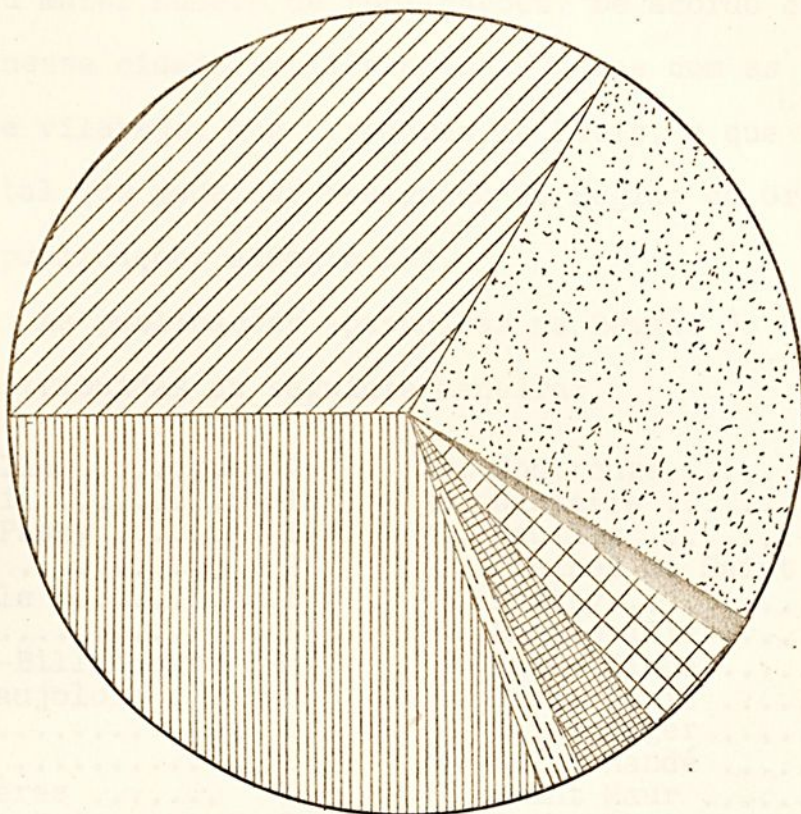
Ainda de acordo com o catálogo foi elaborado o gráfico nº VI que apresenta o aparecimento da imprensa clandestina pelas diversas regiões em que a França viu-se dividida depois do armistício de 1940. Essa divisão foi válida somente até 12 de novembro de 1942, tendo desaparecido com a ocupação total do território francês pelos alemães depois desta data, porém o gráfico foi elaborado para todo o período da ocupação alemã.

Pelas informações obtidas no catálogo constatou-se que das 1.035 publicações clandestinas aparecidas na França entre 1939 e 1945, as da Zona Ocupada (norte) foram mais florescentes que as da Zona Livre (sul). Entre essas 1.035 publicações, 315 não apresentam a indicação do local onde foram impressas ou mimeografadas.

Na Zona Ocupada, a capital da França, Paris, foi a



LOCAL DE APARECIMENTO DA IMPRENSA CLANDESTINA.



L E G E N D A .

REGIÃO	NÚMERO DE JORNAL	PORCENTAGEM.
 ZONA OCUPADA (NORTE)	348	33,62 %
 ZONA LIVRE (SUL)	262	25,31 %
 ZONA ANEXADA	10	0,97 %
 ZONA INCORPORADA	45	4,35 %
 PROCEDENTE DE OUTROS PAÍSES (12)	35	3,39 %
 APARECEU ZONAS { OCUPADA LIVRE	20	1,93 %
 SEM INDICAÇÃO DE ZONA	315	30,43 %

(12) ESTES JORNAIS NÃO FORAM EDITADOS NA FRANÇA E FORAM JOGADOS EM SUA GRANDE MAIORIA PELOS AVIÕES INGLESES E AMERICANOS.

ORGANIZAÇÃO — DAISY RIBEIRO DE CARVALHO.
DESENHO — PAULO Y. KATSUMOTO.

que registrou maior número de publicações. De acordo com os dados levantados, nessa cidade publicaram-se 47, mas com as publicações das cidades e vilarejos dos arredores de Paris, o que forma uma região da capital que pode ser designada de Região do Grande Paris⁽¹¹⁾, o número de publicações atingiu 172.

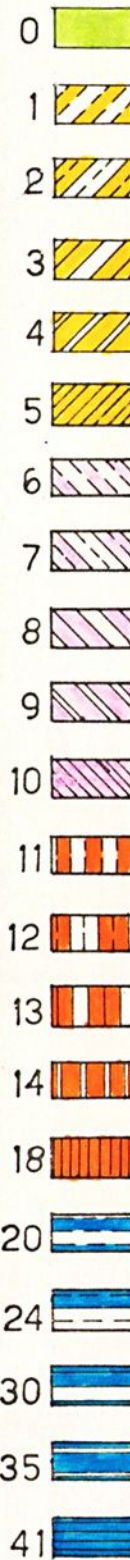
As publicações aparecidas na Região do Grande Paris podem ser distribuídas da seguinte maneira:

1. Alfortville	2	29. Montrouge	4
2. Argenteuil	1	30. Nanterre	1
3. Auteuil-Passy	1	31. Neuilly	1
4. Bagnole	2	32. Plaines de Saint Denis..	1
5. Belleville	1	33. Poissy	1
6. Boissy	1	34. Romainville	1
7. Boulogne-Billancourt	2	35. Saint Cloud	2
8. Bugey-Beaujolois ...	1	36. Saint Denis	3
9. Cachan	1	37. Saint Leger	1
10. Chateney	1	38. Saint Mandé	1
11. Chennevières	1	39. Saint Maur	3
12. Choisy-le-Roi	1	40. Saint Ouen	1
13. Clichy	1	41. Seaux	2
14. Coeuilly	1	42. Seine	6
15. Colombes	1	43. Seine Houilles	1
16. Courbevoie	1	44. Seine Oise	9
17. Creteil-Bonneuil ..	2	45. Sèvres	1
18. Delannay	1	46. Stains	1
19. Drancy	1	47. Villejuif	2
20. Epinay-sur-Seine ...	1	48. Villier	2
21. Fontenay	1	49. Vitry	5
22. Gennevilliers	2	50. Região de Paris	88
23. Ile de France	3	Paris (ville)	47
24. Ivry	1	Seine et Marne	16
25. La Folie la Garenne.	1	Yvelines	1
26. La Queue-en-Brie ...	1	Região (sem especi-	
27. Malakoff	1	ficação)	24
28. Montreuil	1	Total	172

Foram 45 as publicações que apareceram na Região Incorporada ao Comando Alemão de Bruxelas que compreendia os departamentos Nord e Pas de Calais. Somando-se o total das publicações aparecidas no Nord: 30 com as 24 do Pas de Calais obtem-se 54. Pode-se

(11) A Região de Paris é formada pelos departamentos: Paris (ville) Seine et Marne, Yvelines, Essonne, Hauts-de-Seine, Seine-Saint Denis, Val-de-Marne e Val-d'Oise. As cidades e vilas que aparecem nesta lista estão localizadas nestes departamentos.

- REGIÃO
DE
PARIS-172



ORGANIZAÇÃO — DAISY RIBEIRO DE CARVALHO.
DESENHO — PAULO Y. KATSUMOTO.

perguntar o porque desta cifra, se no gráfico aparecem apenas 45. O motivo é que alguns jornais apareceram em mais de um departamento, chegando às vezes a aparecer até em quatro ou cinco diferentes. No caso da Zona Incorporada, 9 jornais apareceram nos dois departamentos que a compõem, o que fez o total das publicações desta zona cair para 45.

Na Zona Ocupada (norte) os departamentos que foram mais férteis nestas publicações depois da Região de Paris ou da Zona Incorporada foram os seguintes:

1. Seine et Marne com 16 publicações
2. Seine Maritime com 14 publicações
3. Calvados com 13 publicações
4. Loire Atlantique com 11 publicações
5. Haute Marne com 10 publicações

Nesta Zona alguns departamentos: Meuse, Ardennes, Aisne, Mayenne, Deux Sèvres, não se conhece nenhuma publicação.

Na Zona Livre (sul) apenas dois departamentos não registraram nenhuma publicação: Haute Loire e Ariège, mas de uma maneira geral o número de publicações foi bastante elevado nos demais e entre estes, os que tiveram maior número de publicações foram:

1. Rhône com 41, nele destacando-se a cidade de Lyon com 38
2. Bouches du Rhône com 35, nele destacando-se Marselha com 12
3. Hérault com 24
4. Gard com 20
5. Haute Garonne com 20, nele destacando-se Toulouse com 16
6. Var com 20
7. Alpes Maritimes com 12

Observando-se o mapa da França com a divisão atual por departamentos nota-se facilmente aqueles que foram mais férteis nestas publicações. Somando-se as publicações destes departamentos com as do Grande Paris obtem-se o total de 762 publicações que indi

cam o local em que foram impressos e somando-se estas com as 315 que não indicam o local de impressão essa soma excederá o total de 1.035 publicações. Ainda aqui pode aparecer novamente a pergunta: Por que o total das publicações aparece em maior número que devia? A explicação é a mesma, algumas publicações apareceram em mais de um departamento, o que fez aumentar o total, mas o número de jornais e outras publicações que foram registrados de acordo com o catálogo para a França foram de apenas 1.035.

Na zona sul, que só nominalmente foi considerada livre, Lyon revelou-se desde o início uma verdadeira capital da Resistência. Lyon foi considerada também capital da França Livre e lá, como foi visto, foram publicadas 38 jornais, número bastante elevado para uma cidade do interior, muito embora fosse a segunda cidade francesa em população. Lyon guardou a característica de capital da Resistência e da França Livre até 12 de novembro de 1942 e a partir desta data toda a região sul do país foi ocupada pelos alemães e em consequência a capital da França Livre passou a ser Argel, fora do continente europeu.

Com a ocupação de toda a França houve o amaciamento da linha de demarcação o que facilitou os contactos com a zona norte e com Paris; esta, por suas dimensões oferecia maiores vantagens para os trabalhos clandestinos, por lá estarem as administrações centrais e principalmente por ser a capital do país. Com o afrouxamento da linha de demarcação os contactos entre Lyon e Paris passaram a ser mais frequentes e desde então os jornais puderam estender sua difusão. Muitos jornais da zona sul passaram a publicar edições parisienses ou transferiram suas redações para a zona norte, pelo contrário, outros da zona norte passaram a ser difundidos na zona sul. O jornal Défense de la France, por exemplo, a partir de novem



bro de 1942 passou a ser impresso e difundido também na zona meridional. Já o jornal Combat que era da zona sul, editado frequentemente em Lyon, imprimiu alguns números em Paris.

Relação dos Departamentos Franceses com o número de publicações de cada um deles, destacando-se as cidades

1. AIN	11	29. FINISTÈRE	6
Bourg-en-Bresse	2	30. GARD	20
Oynnax	1	Alès	1
2. AISNE	0	31. GARONNE (Haute)	20
3. ALLIER	5	Toulouse	16
4. ALPES (Basses)	5	32. GERS	2
Manosque	2	Auch	1
5. ALPES (Hautes)	5	33. GIRONDE	7
6. ALPES (Maritimes)	12	Bordeaux	4
Nice	1	34. HÉRAULT	24
Cannes	1	Montpellier	3
7. ARDÈCHE	12	Sete	1
Annonay	2	35. ILLE-ET-VILAINE	2
8. ARDENNES	0	Saint-Malo	1
9. ARIÈGE	0	36. INDRE	4
10. AUBE	1	Marseille-du Berry ..	1
11. AUDE	20	37. INDRE-ET-LOIRE	1
12. AVEYRON	2	38. ISÈRE	9
13. BOUCHES-DU-RHONE	35	Voiron	1
Marseille	12	Grenoble	3
14. CALVADOS	13	39. JURA	6
Caen	1	Morez	1
15. CANTAL	2	40. LANDES	2
Saint-Flour	1	41. LOIR-ET-CHER	4
16. CHARENTE	4	42. LOIRE	11
Angouleme	1	Saint Etienne	4
17. CHARENTE MARITIME	1	Le Perreux	1
La Rochelle	1	43. LOIRE (Haute)	0
18. CHER	3	44. LOIRE-ATLANTIQUE	11
19. CORRÈZE	4	Chateaubriand	1
Brive	1	Nantes	3
21. CÔTE-d'OR	4	Lou Litoral	1
22. CÔTES-DU-NORD	6	45. LOIRET	1
23. CREUZE	2	Orleans	1
24. DORDOGNE	4	46. LOT	8
Noutron	1	Figeac	1
Perigueux	1	Souillac	2
25. DOUBS	7	47. LOT-ET-GARONNE	1
Montbeliard	1	48. LOZÈRE	1
26. DRÔME	6	49. MAINE-ET-LOIRE	4
Montelimar	1	Angers	2
27. EURE	5	50. MANCHE	10
Vernon	2	Saint Sauveur	1
Vexin	1	51. MARNE	6
28. EURE-ET-LOIR	4	52. MARNE (Haute)	10
Nogent	1	Joinville	1
		Longeau	1

53. MAYENNE	0	74. SAVOIE (Haute)	1
54. MEUTHE-ET-MOSELLE	8	Annemasse	1
Longwy	1	75. PARIS (ville)	
Nancy	1	Região de Paris	
55. MEUSE	0	76. SEINE-MARITIME	14
56. MORBIHAN	5	Dieppe	2
57. MOSELLE	0	Le Havre	7
58. NIÈVRE	1	Rouen	4
59. NORD	30	77. SEINE ET MARNE	
Aniche	1	Região de Paris	
Anzin	2	78. YVELINES	
Carvin	1	Região de Paris	
Harnes	1	79. SEVRES (DEUX)	0
Lille	4	80. SOMME	7
Roubaix	3	Amiens	3
Tourcoing	2	81. TARN	1
Valenciennes	2	82. TARN-ET-GARONNE	3
60. OISE	2	Saint Antonin	1
61. ORNE	1	83. VAR	18
62. PAS-DE-CALAIS	24	Draguignan	1
Lievin	1	Toulon	2
Lens	1	Hyères	1
Auchel	1	84. VAUCLUSE	6
63. PUY-DE-DÔME	9	Avignon	1
Clermond-Ferrand	3	85. VENDEE	2
64. PYRÉNÉES (Basses)	2	86. VIENNE	3
65. PYRÉNÉES (Hautes)	4	Poitiers	1
Eaubonne	2	87. VIENNE (Haute)	5
66. PYRÉNÉES (Orientales)	6	Limoges	5
67. RHIN (Bas)	3	88. VOSGES	6
Strasbourg	2	89. YONNE	3
68. RHIN (Haute)	4	90. TERRITOIRE DE BELFORT ..	
Mulhouse	3	91. ESSONNE	
69. RHÔNE	41	Região de Paris	
Lyon	38	92. HAUTS-DE-SEINE	
Villeurbanne	1	Região de Paris	
70. SAÔNE (Haute)	7	93. SEINE-SAINT DENIS	
71. SAÔNE-ET-LOIRE	9	Região de Paris	
Chalon-sur-Saône	1	94. VAL-DE-MARNE	
72. SARTHE	7	Região de Paris	
Conneré	2	95. VAL-D'OISE	
73. SAVOIE	4	Região de Paris	

TOTAL GERAL

Região de Paris 172

Departamentos 590

762

D. Os diferentes tipos de Publicações

As publicações clandestinas pretendiam oferecer ao público a última palavra da atualidade e apresentaram-se com todas as características dos quotidianos: um editorial, os artigos de fundo na primeira página, ecos, novidades das agências de informações

nas páginas internas, artigos numerosos com títulos curtos, diretos, fáceis de reter.

Estas publicações: jornais, revistas, brochuras, folhetos, etc. nasceram tanto por iniciativa individual como por aquela de um grupo de resistentes e, em ambos os casos, a finalidade a atingir era a mesma seja a de mostrar sua inconformidade com a situação presente do país em consequência da derrota e da assinatura do armistício, lutar contra o invasor e levar a França ao combate novamente e para isso era preciso despertar o patriotismo dos franceses.

1. Jornal fundado por iniciativa individual

Libération Nord é um exemplo de jornal nascido de uma iniciativa individual. Seu fundador foi Christian Pineau⁽¹³⁾ que o dirigiu por algum tempo, tendo passado esta função depois para Jean Cavaillès e posteriormente Jean Texcier.

Christian Pineau desde o outono e verão de 1940 pensava em publicar um jornal clandestino, tendo como objetivo desafogar todo o desencanto e desespero que a derrota francesa lhe causara. Este jornal apareceu na zona norte, ocupada e onde os alemães dominavam completamente a imprensa e onde todas as notícias publicadas eram de procedência alemã. Liberation Nord não foi o primeiro jornal clandestino a aparecer, mas foi um dos que apareceram mais regularmente e com maior número de publicações. Sua periodicidade

(13) Christian Pineau, nascido em 1904, diplomou-se em Ciências Políticas. Seguiu a carreira bancária e fundou a revista "Banque et Bourse" em 1937. Era muito interessado em questões sindicais. Foi secretário da Federação dos Empregados de Banco e secretário no Conselho Econômico da (C.G.T.) desde 1938. No seu livro "La Simple Verité" (1940-1945) conta suas atividades na Resistência, suas missões em Londres, sua prisão pela Gestapo, em maio de 1943 e sua deportação para Buchenwald.

foi semanal ao longo dos anos de ocupação, atingindo um total de 190 números o que foi realmente notável para um jornal clandestino.

O seu primeiro número data de 1 de dezembro de 1940 , e como a idéia partiu de Christian Pineau, ele sozinho redigiu por longos meses o jornal que apareceu modestamente no começo, e depois, com o tempo, tornou-se um dos mais importantes. Sua tiragem nos primeiros números não passava de algumas centenas enquanto era ainda datilografado por Christian Pineau e alguns amigos, mas atingiu uma cifra de vários milhares quando foi mimeografado e depois impresso.

Christian Pineau redigiu e publicou os primeiros setenta números de seu jornal de 1 de dezembro de 1940 a abril de 1942 e para lhe dar maior importância e não deixar transparecer ser obra de uma só pessoa, dizia ser o mesmo um órgão dos franceses livres e assinava seus artigos com vários pseudônimos para dar a impressão de ser obra de vários redatores e não apenas dele. Assim "assinava François Berteval, os artigos de caráter sobretudo político; Capitão Brécourt, as informações militares e estes pseudônimos foram conservados por aqueles que o substituíram por ocasião de suas viagens a Londres e mesmo depois de sua prisão"⁽¹⁴⁾. Pelo menos o de Capitão Brécourt apareceu até quase o fim da ocupação para as informações militares.

Quando Pineau partiu para Londres em 1942 foi substituído por seus amigos socialistas e sindicalistas como ele, que passaram a se ocupar da redação do jornal, sendo seus sucessores

(14) GRANET, Marie - Un journal Socialiste clandestin pendant l'occupation "Libération Nord". Revue Socialiste nº 192, p. 9

primeiramente Jean Texcier⁽¹⁵⁾ e, depois, Jean Cavaillès⁽¹⁶⁾.

Christian Pineau sobrecarregado por inúmeras incumbências (tinha sido designado pelo general de Gaulle para criar uma rede de informações políticas Phaloux) e depois de sua segunda viagem a Londres, no primeiro trimestre de 1943, resolveu confiar a direção do jornal a Jean Cavaillès e a Jean Texcier. Estes ficaram encarregados da redação e difusão do jornal e trabalharam em conjunto até o desaparecimento de Jean Cavaillès e desde então Jean Texcier ficou sozinho com a responsabilidade da redação, publicação e difusão do jornal. A contribuição de Jean Cavaillès foi valiosa para o prosseguimento do jornal, mas foi realmente Jean Texcier quem sucedeu Christian Pineau em 1943 neste trabalho, Jean Texcier já vinha prestando sua colaboração com o jornal desde a primavera de 1942. Jean Texcier substituiu definitivamente Christian Pineau a partir de 3 de maio de 1943. Christian Pineau era um sindicalista convicto e formou no plano sindical um grupo de Resistência, a Ordem Nova. O jornal Libération Nord transmitia as idéias e funcionava como um órgão de socialistas e de sindicalistas pertencentes também à C.G.T.⁽¹⁷⁾ e a C.F.T.C.⁽¹⁸⁾. Libération Nord não perdeu ocasião de res-

(15) Jean Texcier - 1886-1957 - Militante socialista mesmo antes da guerra. Já em agosto de 1940 ele tinha publicado a primeira brochura clandestina "Conseils à l'occupé", depois "Propos de l'occupé"; As "Lettres à François", "Notre Combat" no outono de 1940. Na primavera de 1941 entrou em contacto com o grupo de "Petites Ailes" e com Christian Pineau.

(16) Jean Cavaillès foi um antigo aluno da Escola Normal Superior de Paris e quando eclodiu a guerra era Professor de Filosofia na Universidade de Estrasburgo. Com a anexação da Alsácia-Lorena ao Reich Alemão Cavaillès mudou-se para Clermond Ferrand. Participou da resistência na zona sul de início e depois na zona norte. Foi preso e fuzilado pelos alemães e hoje seus restos mortais repousam na capela da Sorbonne ao lado de outros resistentes da Segunda Guerra Mundial.

(17) C.G.T. - Confederação Geral do Trabalho.

(18) C.F.T.C. - Confederação Francesa dos Trabalhadores Cristãos.

ponder à propaganda alemã que se esforçava por fazer crer que as responsabilidades da guerra não eram do Reich. Ao contrário, assinava que estas responsabilidades eram tão somente de Hitler.

2. Jornal fundado por um grupo de Resistentes.

Assim como houve jornais fundados e orientados pelo trabalho de um único indivíduo houve outros que foram fundados por grupos de resistentes.

Pantagruel, talvez o primeiro jornal clandestino aparecido foi publicado e distribuído sob a égide do Exército Voluntário em zona ocupada. Seu primeiro número apareceu em 1 de outubro de 1940, impresso com caracteres claros e elegantes. Foi mais uma folha de informações que um instrumento de luta contra os ocupantes. Seu redator, Raymond Deiss⁽¹⁹⁾ de origem alsaciana mas nascido em Paris, era um editor de música que depois da derrota francesa resolveu dedicar-se ao jornalismo clandestino.

Ao todo foram impressos dezesseis números deste jornal, entre outubro de 1940 e outubro de 1941, na rua Rouget de l'Isle em Paris. A sua finalidade era a difusão das notícias vindas da Inglaterra pelo rádio, que muitos franceses não podiam ouvir.

Na zona sul, também foram impressos vários jornais fundados por grupos de resistentes: Libération Sud, Combat, Franc Tireur, etc.

Libération Sud⁽²⁰⁾ durante quase dois anos, a história do jornal se confunde com a do movimento do mesmo nome. De início o jornal apareceu como um apoio do movimento ao mesmo tempo que

(19) Foi preso em outubro de 1941 e decapitado na prisão de Colonia em 24 de agosto de 1943.

(20) Libération Sud - fundado por Emmanuel d'Astier de la Vigérie e que teve como redatores Pascal Copeau, Roger Massip, Lucie Aubrac, etc.

era um de seus órgãos. Enquanto a importância do movimento era aumentada, a do jornal diminuía pois ele não era mais que um dos setores da atividade do movimento cada vez mais envolvido em outras ações também de grande importância como: organização dos grupos francos⁽²¹⁾, tendo em vista a sabotagem e a ação armada, formação e manutenção dos maquis, preparação material da insurreição nacional. O jornal Libération Sud desempenhou um papel importante na evolução da Resistência Interior, sendo de início um dos pilares dos Movimentos Unidos da Resistência na zona sul e, em seguida, membro do Movimento de Libertação Nacional. Desde então o interesse do jornal é duplo porque como os outros grandes jornais clandestinos é tomado como um órgão do MUR⁽²²⁾ e depois do MLN⁽²³⁾ e por outro lado continua a ser um órgão próprio do movimento do mesmo nome e um veículo de suas próprias convicções.

A origem do movimento assim como a do jornal deve-se a Emmanuel d'Astier de la Vigerie que desde o outono de 1940 pensara ser necessário reagir contra o Governo de Vichy. Emmanuel d'Astier de la Vigerie, que era um oficial da marinha, não tinha aceito a derrota e pretendia unir todos os oponentes de esquerda contra o regime de Vichy. Ele foi conhecido por Bernard na clandestinidade. Entrou em contacto com Jean Cavaillès que embora professor de filosofia em Estrasburgo, se encontrava em Clermond Ferrand, Lucie Aubrac, professora de história em Lyon, Zerapha, um israelita de Marselha, Kohan, um israelita de Nice e Daniel Mayer. O trabalho ini-

(21) Grupos Francos eram os grupos de sabotagem dos Movimentos Unidos da Resistência (MUR)

(22) MUR - Movimentos Unidos da Resistência, Combat, Franc Tireur e Libération se uniram formando o MUR, federando seus grupos francos e seus maquis.

(23) MLN - Movimentos de Libertação Nacional que foi constituído em fins de 1943 pela fusão do MUR com os movimentos da zona norte: Défense de la France, Résistance e Lorraine.

cial deste grupo foi o de publicação de folhetos e folhas volantes. A seguir passaram a publicar um jornal, cujo primeiro número foi impresso em Clermond Ferrand, redigido por d'Astier, Cavaillès, Rochou. Este jornal foi impresso em diferentes cidades da zona sul: Clermond Ferrand, Saint Etienne, Lyon, Montelimar, Auch, Toulouse, Bourg-en-Bresse.

A equipe que trabalhava para o jornal Libération Sud fez com que esse movimento se tornasse um dos grandes movimentos de resistência e entre os principais elementos estavam Pascal Copeau (que em 1943 foi escolhido para representante do movimento no Conselho Nacional de Resistência) Maurice Cuvillon, Roger Massip, Jean Dutoural, Lucie Aubrac e seu marido, André Philip e Yves Morandat.

Por sua atividade anti-alemã, Libération Sud granjeou a simpatia de todos aqueles que o recebiam. O simples fato deste jornal gaullista atacar o governo e o tornar responsável, assim como os alemães, por todos os males que a França conhecia naquela época lhe era suficiente para assegurar um número importante de informadores, de redatores e de leitores. Todas estas pessoas viam nas suas atividades, por ilegais que fossem, a continuação de sua participação numa guerra que eles consideravam ser justa e da qual esperavam sair vitoriosos.

Esta guerra é de início a guerra da libertação do espírito, oprimido por todas as forças da matéria; desde a crueldade das pretensas doutrinas totalitárias até a ferocidade fria das práticas capitalistas⁽²⁵⁾.

O temor da repressão, por maior que fosse não conseguira arrefecer o ânimo dos que trabalhavam pela imprensa clandestina. Os que eram ameaçados de morte confiavam na certeza de serem

(25) Cahiers de Libération - nº 1



vingados, os ameaçados de prisão acreditavam que se isso acontecesse seriam libertados dentro de alguns meses.

Eis algumas indicações que nos dão de início a orientação geral do movimento e do jornal. Libération não tinha nenhuma ilusão a respeito do Governo de Vichy, o qual, pela aceitação da derrota, era visto como traidor. Este jornal fora, portanto, desde o início anti-vichiista, numa época em que a maioria da população francesa depositava a sua confiança no marechal Pétain; desejava reagrupar todos aqueles que estavam decididos a lutar contra o ocupante, assim como todos os que não estavam de acordo com o Governo de Vichy. Foram três as grandes direções que o jornal tomou para a publicação de seus artigos:

1. - Procurava denunciar a propaganda alemã e vichiista revelando o que se escondia dos franceses;
2. - Desencadeava uma luta contra a política anti-nacional de Vichy desejando a libertação do povo francês;
3. - Difundia palavras de ordens, de ação e apelos às resistências.

Combat

O jornal Combat nasceu da fusão de alguns pequenos jornais como Les Petites Ailes, Vérités e Liberté e tornou-se um dos mais importantes da zona sul.

Les Petites Ailes

Foi impresso numa editora de Villeurbanne. Seu título foi tirado de um jornal clandestino difundido na Bélgica e no norte da França durante a Primeira Grande Guerra Mundial. Começou a aparecer em 1 de junho de 1941 e ao todo foram impressos 9 números editados pelo Movimento de Libertação Nacional. O seu fundador foi Henri Frenay e os seus colaboradores foram Bertie Albrecht, Padre Pierre Chaillet, Jouffray, etc.

Verités

Formado pelo mesmo grupo de Les Petites Ailes. O diretor foi Henri Frenay e os seus colaboradores Bertie Albrecht, Padre Pierre Chaillet, Jouffray, Georges Oudard, Pierre Scize. Foi um jornal formado em prosseguimento do Les Petites Ailes, pelo Movimento de Libertação Nacional. Ao todo foram impressos 21 números, e deixou de aparecer no fim de 1941 por ocasião da criação de Combat que nasceu da fusão do Movimento de Libertação Nacional de Henri Frenay e de Liberté de François de Menthon.

Liberté

Apareceu também na zona sul tendo sido publicado em Marselha pelo Grupo Liberté, cuja Comissão Diretora estava sob a presidência de François de Menthon, Bacot, Fernand Belot, Paul Coste-Floret, Nathan Murat, Rémy Roure, Pierre Henri Teitgen. Ao todo foram impressos 6 números em Marselha, que foram difundidos na zona sul. O seu primeiro número foi datado de 25 de novembro de 1940. Foi um jornal hostil a toda e qualquer forma de colaboração, mas, curiosamente, ainda apoiava Pétain. Este foi um jornal clandestino fundado por alguns homens que não tinham outro fim senão afirmar o seu patriotismo⁽²⁶⁾. Da fusão de agrupamentos pequenos e que publicavam os jornais acima citados nasceu o agrupamento Combat que passou a publicar um jornal com o mesmo nome. Este agrupamento tornou-se uma verdadeira administração com numerosos serviços, compreendendo, cada um, uma direção central e uma implantação regional.

Esta fusão fôra decidida em Grenoble no decorrer de uma reunião em que se encontraram os responsáveis pelos dois grupos, o de Henri Frenay e o de François de Menthon. O título de Combat foi proposto e logo adotado.

(26) BELLANGER, Claude - Presse Clandestine 1940-1944. Op. cit., p. 41



O jornal Combat apareceu a partir de 1 de dezembro de 1941 e teve ao todo publicados 58 números. A equipe de Combat foi desde o início brilhante. Vinha de horizontes muito diversos. Dessa equipe faziam parte: Georges Bidault, professor de história e editorialista, mesmo antes da guerra, do jornal democrata-cristão "L'Aube", onde ocupava a função de comentador de política internacional; François de Menthon e Pierre Henri Teitgen, professores da Faculdade de Direito e também democratas cristãos; Claude Bourdet, escritor e jornalista; Rémy Roure; Maurice Chevalance Bertin; Pascal Pia; Albert Camus, professor de filosofia; Jacqueline Bernard; Pierre Scize; Claude Aveline. Jean Paul Sartre, Georges Altschuler, etc⁽²⁷⁾

Combat foi impresso em Lyon sob a responsabilidade de Jouffray e, depois, a partir de julho de 1942, sob a responsabilidade de André Bollier. No início, era impresso por vários editores, mas a partir de julho de 1943 e até junho de 1944 numa tipografia organizada por André Bollier nos arredores de Lyon. Depois da morte de Bollier foi mimeografado em Paris, nos Halles, por Jacqueline Bernard, e depois de novo impresso.

O jornal Combat chamava os franceses à luta, convocando-os a se unirem para vencer o espírito de submissão, preparando-os para a chamada das armas. Conclamava todos para um combate contra a Alemanha e contra todos os que compactuassem com ela. Conclamava os franceses a unirem todas as suas energias, até então dispersas, ao redor do movimento.

No seu número 1 de dezembro de 1941, na página 1 dizia: "A melhor de nossas armas é a nossa fé. Nós acreditamos na França desde, aquela de Joana, a Virgem, até aquela dos poilus"⁽²⁸⁾

(27) Idem, ibidem, p. 95.

(28) poilus - nome pelo qual eram chamados os soldados franceses na Primeira Grande Guerra - 1914-1918.

de 1914, cuja história acaba de ser suprimida dos manuais escolares porque é preciso esquecer que nós vencemos. Nossa arma também é a verdade. As mentiras mais insidiosas, mais grosseiras se instalam nos muros e enchem os jornais e as rádios. Nós lutaremos contra a anestesia do povo francês".

Na zona norte, onde a presença do ocupante era visível, apareceu o jornal Défense de la France⁽²⁹⁾. Este jornal foi formado por jovens estudantes, em sua grande maioria parisienses, entre os quais se destacavam: o estudante de Filosofia da Faculdade de Letras de Paris e fundador do Movimento "Défense de la France", Philippe Viannay, Robert Salmon, aluno da Escola Normal Superior, e que entrou em 1942 na Faculdade de Ciências Políticas, Jean Daniel Jurgensen, P. Dain, Geneviève de Gaulle, sobrinha do General de Gaulle e outros.

Este jornal teve uma das mais importantes tiragens, entre todos os jornais da Resistência, chegando a atingir em janeiro de 1944, 450.000 exemplares com um número especial, o que constitui o recorde de todos os jornais clandestinos.⁽³⁰⁾

No meio universitário de Paris foi desencadeada uma luta surda e contínua contra os ocupantes, com a criação do l'Université Libre⁽³¹⁾, jornal clandestino destinado a conservar alertas e vigilantes os intelectuais patriotas, tendo em vista uní-los na resistência. Este jornal foi fundado pelo físico Jacques Solomon, genro do professor Paul Langevin. Foi ajudado por outros professo-

(29) GRANET, Marie - Le Journal Défense de la France. Op. cit., na Introdução p. IV diz: "Este jornal foi sucedido pelo France Soir desde 1944 e ocupa ainda o mesmo imóvel na Rua Réaumur em Paris"

(30) Idem, ibidem, p. III

(31) l'Université Libre - fundado por Jacques Solomon, Jacques Decour, pseudônimo de Daniel Decourdemanche, Frédéric Joliot Curie, Paul Langevin, Georges Politzer, etc.

res universitários, que colaboraram no jornal ao longo dos anos de ocupação alemã, apesar das duras perseguições que sofreram e da morte de alguns deles. Em seus números desencadeou uma ativa resistência contra o nazismo, contra a colaboração e contra a revolução nacional⁽³²⁾. Este jornal era de tendência comunista e a defesa das liberdades e em particular a liberdade de pensamento e a independência da França eram os temas maiores e constantes dos seus artigos e das suas campanhas.

3. Jornal que aparecia clandestinamente mesmo antes da declaração de Guerra

L'Humanité foi um jornal clandestino publicado desde outubro de 1939 como órgão central do partido comunista francês.

O partido comunista na França, desde a sua criação, não havia titubeado em denunciar o militarismo, o imperialismo e o colonialismo francês. Preconizava uma intervenção na Guerra Espanhola em favor dos republicanos e denunciava o abandono da Tchecoslováquia como uma confissão de fraqueza e indulgência culpável das democracias ocidentais em relação ao nazismo. Em 1939, quando os comunistas franceses tomaram conhecimento da assinatura do pacto germanico-soviético, ficaram verdadeiramente espantados e mesmo desapontados com a atitude da Rússia.

(32) Revolução Nacional. Os dirigentes do Governo de Vichy eram em sua maioria velhos adversários da III República, apontada como responsável direta por todas as infelicidades do país. Uma intensa propaganda foi montada para acusar o sistema parlamentar, os partidos políticos, e os ex-dirigentes do regime desaparecido. Para renovar a França, na esperança de atrair com isso, as boas graças de Hitler, o Governo de Vichy adotou uma série de reformas, algumas delas de inspiração fascistas e que foram chamadas por ele Revolução Nacional. Uma delas foi o mito do chefe. A frente do país, o marechal Pétain transformou-se em objeto de verdadeiro culto; suas mensagens eram comentadas, não discutidas. Pétain mostrou-se contra as lutas de classes, tendo suprimido todas as centrais sindicais de patrões ou de operários. As greves foram proibidas, os salários bloqueados e a imprensa bastante controlada.

Os comunistas franceses não se resignaram, e muitos de seus membros abandonaram o partido, mas sua direção continuou submissa. A guerra entre a Alemanha e a França passou a ser denunciada como uma guerra imperialista a partir de então.

Os comunistas tiveram os seus jornais suspensos desde 25 de agosto de 1939 e o partido foi dissolvido em 26 de setembro. A assinatura do pacto germano-soviético nas vésperas da declaração da guerra é que provocara isso. L'Humanité, apareceu clandestinamente mimeografado desde outubro de 1939 e continuou sua atividade mesmo após a derrota.

A derrota da França, rápida e irreversível, surpreendeu o partido em plena desordem. Ainda que ele tivesse sido dissolvido pelo governo presidido por Daladier, e apesar das inúmeras prisões efetuadas entre seus membros e chefes, a direção do partido continuava intacta. A derrota da França e a situação perturbadora por que passava o país levaram os comunistas a reclamar a paz, e a pedir não somente autorização para publicar os seus jornais abertamente como também a libertação de seus chefes.

Os comunistas estavam certos de ser atendidos pelos alemães por causa do pacto germânico-soviético, mas estavam muito enganados. Os ocupantes lhes recusaram a autorização pedida no tocante à publicação dos jornais e pediram mesmo ao governo de Vichy para manter os comunistas na zona sul. Na zona norte todos os responsáveis pelo partido foram aprisionados.

Dessa forma, o partido comunista não entrou de maneira alguma em colaboração com o ocupante. Os comunistas recomeçaram a atacar o nazismo, denunciando a barbaridade das suas medidas raciais e anti-semitas. Também não aceitaram de Gaulle, que classificaram como agente do Capitalismo e do Imperialismo Britânico. Atacaram também o Governo de Vichy e toda sua organização. Mas continua-

ram a se recusar a um possível engajamento na luta.

Os comunistas faziam-se, através de sua imprensa, os campeões das reivindicações populares para um aumento de salários ou uma melhoria do abastecimento. Organizaram manifestações e greves. Provocaram agitações anti-vichiistas, anti-alemãs, etc.

O jornal l'Humanité apareceu antes da guerra, quando o partido comunista foi posto fora de lei em agosto de 1939 pelo governo presidido por Daladier.

A sua edição da zona norte atingiu 317 números entre 26 de novembro de 1939 e 15 de agosto de 1944 e mais alguns números especiais; na zona sul, foram publicados 240 números e também alguns especiais desde 15 de agosto de 1940, com publicações em Clermond Ferrand, Gard, Montpellier, Marselha, etc.. Também apareceram alguns números falsos de origem alemã como o número 91 de 12 de setembro de 1940; um número especial de maio de 1942 e o número 286 de 15 de fevereiro de 1944.

L'Humanité teve uma atitude política particular. Durante o primeiro período de guerra 1939-1940 e durante o primeiro ano de ocupação, de junho de 1940 a junho de 1941, tratou com certa consideração os alemães, os quais eram vistos como aliados da Rússia e de Stalin, sendo assim favorável ao pacto germano-soviético.

Desde o começo sempre se mostrara hostil ao governo de Daladier e depois ao de Paul Reynaud. L'Humanité continuou a mostrar-se hostil também ao governo de Pétain, assim como à Inglaterra, Churchill e de Gaulle. Nesta mesma ocasião, isto é, no período de 1940-1941, l'Humanité demonstrava grandes simpatias pela Alemanha e por Hitler.

Mas quando Hitler invadiu a Rússia tudo mudou. L'Humanité tornou-se inimigo da Alemanha e amigo dos aliados: de Stalin, da Inglaterra, dos Estados Unidos e naturalmente de toda a Resistên

cia Francesa, inclusive do general de Gaulle.

Apesar de ter-se aliado a de Gaulle, jamais mostrou-se unido incondicionalmente, opondo-se a ele em diversos pontos.

O partido comunista e seus dirigentes, enquanto durou o pacto germano-soviético tinham adotado com relação ao boche, ao ocupante, detestado pela grande maioria dos franceses, uma atitude amigável, mas bastante hostil ao capitalismo anglo-saxão e ao gaulismo, seu servidor. Mas esta atitude mudou completamente quando Hitler invadiu a Rússia.

É muito difícil seguir todas as atitudes tomadas por este jornal durante todo o período da guerra. Além do mais "a autenticidade de certos exemplares é hoje em dia contestada, seja pelo próprio partido comunista, seja pelos adversários." (33)

(33) BELLANGER, Claude - Presse Clandestine 1940-1944. Op. cit., p. 30.



III - O CONTEÚDO DOS JORNAIS CLANDESTINOS

A. Os diferentes tipos de artigos

Os jornais clandestinos publicados na França durante a Segunda Guerra Mundial apesar de diferirem quanto à ideologia política todos eles foram naturalmente anti-alemães, mas nem todos foram da mesma forma anti-Pétainistas.

Desde o seu aparecimento toda a imprensa clandestina mostrou essa tendência ressaltando para a população que apesar da derrota e do armistício nem tudo estava perdido e que os franceses deviam continuar a luta contra o ocupante, seu inimigo em potencial.

Houve alguns jornais clandestinos que tomaram uma atitude até benevolente para com o velho Marechal Pétain, enquanto outros demonstraram desde o início sua desconfiança em relação a ele.

A derrota clamorosa e rápida assim como a assinatura do armistício deixaram grande parte da população atônita e sem capacidade para tomar decisões. A França, embora vencida, tendo assinado o armistício, era uma nação soberana, com um governo regular, investido de poderes também diplomáticos, mas o armistício⁽¹⁾ separou a França em duas partes, uma sob o jugo direto dos ocupantes e outra, que compreendia um terço do território francês, pretensamente

(1) Muitos franceses não aceitavam essa divisão como a real e para ilustrar isso o jornal Défense de la France de 15 de agosto de 1941 no seu primeiro número dizia:

"Sabendo que uma França Unida é invencível, os alemães tudo fazem para dividi-la e hoje há seis França's pela vontade alemã.

- A França das Colônias
- A França chamada livre mas de fato controlada segundo os termos oficiais
- A França Ocupada
- A França Interditada (Os departamentos do Norte e Passo de Calais)
- A França Anexada (Alsácia e Lorena)
- A França dos Prisioneiros

Divisões estanques as separam. Assim tendo-nos separado materialmente, eles esperam nos desunir.

livre, e isto levava muitos franceses a acreditarem que pelo menos uma parte da população estava resguardada da humilhação de se encontrar a todo instante com os soldados ocupantes sendo isto devido à atitude do velho marechal.

Mesmo na zona ocupada houve pessoas que não atacaram ao marechal Pétain logo depois da derrota. Estavam certos e seguros de que Pétain executava um duplo jogo e que no momento usava de astúcia para com os alemães, mas que voltar-se-ia um dia contra eles.

Na região de Paris, o estudante Philippe Viannay⁽²⁾, fundador do jornal Défense de la France, como na região sul o jornal Combat não combateram Pétain no princípio do seu governo. Défense de la France e Combat somente mudaram de opinião sobre o velho marechal quando vários membros de seus movimentos foram aprisionados e mortos nas investidas efetuadas pela polícia do Governo de Vichy e pela Gestapo, sobretudo depois de 1943. Desde então todos os jornais, sem exceção passaram a desencadear uma tremenda campanha contra o Governo de Vichy e que contava com um punhado de colaboradores cada um mais detestado que o outro. Todos os jornais tanto os do norte como os do sul foram profundamente anti-colaboracionistas. Traziam as novidades das guerras procurando sempre exaltar os feitos dos aliados em detrimento do Eixo. Traziam também artigos políticos e desencadearam uma ferrenha campanha contra os ocupantes, contra os colaboradores e adeptos do Governo de Vichy. Traziam ainda palavras de ordem. Por exemplo as ordens a seguir nas épocas das festas nacionais: 14 de julho, 11 de novembro, seja de permanecer nas casas de tal a tal hora, seja, ao contrário, de pas-

(2) O jornal Défense de la France não era ainda hostil a Pétain e ele utilizava as palavras e os atos do Marechal que pareciam justificar a confiança que Philippe Viannay chefe do Movimento Défense de la France (o mesmo do jornal) conservava nele - confiança que não era partilhada por grande parte de seus camaradas.

sear tranquilamente de tal a tal hora, mas sem se manifestar para não provocar a brutalidade da polícia.

O período do Governo de Vichy foi de reação contra a República parlamentar e liberal. Este governo foi tolerado no seu início mas depois a partir do momento em que os ocupantes passaram a exercer uma forte pressão sobre ele e foram sendo atendidos em suas exigências surgiu uma violenta reação contra Vichy. A Resistência se uniu então numa mesma luta: a de uma reação contra o Governo de Vichy assim como contra os alemães, em nome do patriotismo francês.

Essa reação é mostrada muito bem nas publicações da imprensa clandestina através de seus diferentes artigos.

1. Novidades da guerra

Como a imprensa oficial da França sob o controle direto dos ocupantes na zona norte (ocupada) e sob o controle do Governo de Vichy na zona sul (livre), as notícias do desenvolvimento da guerra eram dadas de acordo com o desejo dos alemães, sendo portanto parciais, além do mais na primeira fase da guerra a Alemanha era a grande vitoriosa aparecendo como tal no cenário mundial.

A Inglaterra desde que a França pedira o armistício em 24 de junho de 1940 era a única nação que ainda estava em luta contra a Alemanha e apesar de nem todos franceses serem anglófilos, muitos dentre eles reconheciam e exaltavam sua heróica resistência aos ataques alemães.

Depois da derrota da França ela ficara só na luta e sua ação foi decisiva para o desfecho da guerra. Na França muitos acreditavam que sua luta não duraria muito e que logo a Inglaterra se renderia, mas a realidade foi outra, pois sua heróica resistên-



cia na Batalha da Inglaterra fez os alemães desistirem da idéia de desembarque no território inglês.

A derrota de 1940 na França provocara em muitos franceses a vergonha de abandonarem os seus aliados em plena guerra e muitos deles tiveram horror do mundo novo que se construía sob os seus olhos. Muitos franceses não podendo suportar a presença dos alemães em seu território resolveram abandonar o país para se colocarem ao lado do general de Gaulle que aparecia desde o dia 18 de junho de 1940 como o homem que tinha razão e cujo exemplo devia ser seguido por todos.

As notícias de guerra transmitidas à França pelas emissões da B.B.C. de Londres e pelas rádios suíças eram difundidas pelos jornais clandestinos que foram publicados nos diversos departamentos. Os franceses estavam ávidos por notícias e as notícias clandestinas passaram a circular atingindo aos poucos todo o país. A leitura dos jornais permite ver como um grupo de patriotas trabalhava, resolvido a não aceitar a derrota enquanto subsistia o mais fraco vislumbre de esperança, buscando e tateando pelo caminho da revolta dos espíritos, criada pela ocupação de grande parte do território francês.

Na França a guerra não estava acabada pois a paz ainda não fôra assinada e assim os alemães eram sempre vistos como inimigos por serem os ocupantes do território francês e não os ingleses e mesmo aqueles que não eram anglófilos reconheciam isto.

As notícias vindas de Londres ou aquelas transmitidas pelas estações de rádio suíças eram espalhadas rapidamente pela França pelos jornais clandestinos. Quase sempre estas notícias procuravam exaltar os exércitos aliados e os países que se aliaram à Inglaterra no desenvolvimento da guerra, exagerando muitas vezes as notícias que traziam, principalmente sobre o poderio bélico dos

anti-alemães. Os jornais apareceram para dizer as verdades evidentes, mas que muitos franceses tinham tendência a esquecer, apareceram para mostrar que os franceses ainda eram capazes de grandes coisas e que eles sabiam ainda ser eles mesmos.

Falavam da pilhagem que a França sofria com a ocupação dos alemães e em consequência disto, da fome, do terror e da humilhação que atingia a todos.

A invasão alemã na Rússia provocou os mais vivos protestos através dos jornais clandestinos que em diferentes artigos procuravam mostrar a todos que a Rússia ao enfrentar uma guerra para a defesa de sua pátria e de sua liberdade contra o imperialismo alemão, defendia ao mesmo tempo a liberdade de todas as outras nações e de todos os indivíduos contra o inimigo comum, Hitler, promotor da guerra, da miséria e da escravidão.

Iniciando a agressão contra a União Soviética, Hitler e seus seguidores que eram no momento os senhores da Alemanha, perpetuaram uma das maiores traições que se conhece na história das nações civilizadas.

Esta agressão foi motivo de assunto para os jornais clandestinos por muito tempo.

O jornal l'Université Libre por exemplo publicou vários artigos baseados nessa agressão.

"Os trabalhadores do mundo todo e com eles todos os homens de progresso sabem o que representa a U.R.S.S. para a humanidade, cujas mais caras esperanças ela tem realizado".⁽³⁾

Este jornal era de tendência nitidamente comunista e durante muito tempo procurou exaltar a Rússia, através de seus artigos.

(3) l'Université Libre - nº especial de 25 de junho de 1941.



Num outro número trazia na primeira página: "As primeiras informações chegadas da frente leste tem confirmado ao mundo inteiro um mesmo sentimento. A U.R.S.S. será o túmulo de Hitler"⁽⁴⁾

Além do jornal l'Université Libre, outros também exaltaram a Rússia: Não há enigma: "o surpreendente povo russo dá ao mundo o exemplo de uma nação em armas que deseja se bater e que sabe vencer"⁽⁵⁾. Se ele luta tão bem é que "a velha alma russa, religiosa, mística, pronta ao sacrifício pela terra sagrada reaparece nos dias de infelicidade. Sob o golpe da invasão ela se reaproxima de seus senhores, quaisquer que eles sejam, e se une para sua defesa"⁽⁶⁾.

E assim analisando-se o comportamento deste povo diante da adversidade "os russos nos dão uma lição de patriotismo e não de bolchevismo"⁽⁷⁾

... "Diante da Rússia os alemães não podem alinhar nem a superioridade do número, nem a do material. Eles têm que enfrentar agora o exército unido de um povo unido, o exército novo de uma sociedade nova de 193 milhões de membros, que lutam sob a direção de Stalin para a liberdade da pátria, prontos a todos os sacrifícios e a todas as bravuras para defenderem a honra nacional e as criações que o trabalho livre tem realizado ao preço de um esforço sem precedentes na história".⁽⁸⁾

De uma maneira geral todos os jornais apresentam artigos procurando exaltar a Rússia, mostrando que ela era uma grande nação. Falando de suas Universidades, de suas produções de cereais

(4) l'Université Libre - nº 22, 1 de julho de 1941.

(5) Le Franc Tireur - 15 de agosto de 1943.

(6) Bir Hakeim - nº 1, março de 1943.

(7) Libération Nord - nº 59, 18 de janeiro de 1942.

(8) l'Université Libre - nº 22, 1 de julho de 1941.

e mostrando que a França, para evitar a fome, deveria concluir um tratado comercial com a União Soviética. Enfim, procurando exaltar o regime daquele país.

A Rússia "deliberadamente deixou a estrada estreita da doutrina ortodoxa dos primeiros teóricos comunistas. Ela abriu os olhos à vida, ao progresso científico. É a união da massa com a elite que faz os povos fortes. Este ideal não tem senão um nome: Pátria."⁽⁹⁾

Procurando exaltar uma aliança franco-russa o jornal l'Avenir trazia: "em nenhum ponto do mundo a França e a Rússia têm interesses contrários. Os interesses econômicos são naturalmente complementares. A aliança franco-russa é o primeiro elemento para o reerguimento da França".⁽¹⁰⁾

A imprensa clandestina além de exaltar a aliança franco-russa exaltava também a aliança com os países anglo-saxões apesar de procurar ressaltar a posição da Resistência interior como uma força francesa.

"Se desejamos a vitória anglo-saxônica é porque a Inglaterra e a América combatem por uma certa forma da liberdade, mas a Resistência francesa não deve se atrelar a nenhum interesse estrangeiro, a nenhuma ideologia estrangeira. Não desejamos a domesticação da Resistência francesa por nenhuma influência estrangeira"⁽¹¹⁾

"Os ingleses e os americanos que bombardeiam nosso solo, que se batem nas ruas de nossas cidades; sim, são nossos irmãos em armas; sim, apesar de tudo, são amigos".⁽¹²⁾ Mas sua maneira de agir provocava descontentamento entre a população francesa. É

(9) La IVe République, Journal de l'Armée Secrète, Ardèche, nº 6, 16 de setembro de 1944.

(10) l'Avenir - nº 10, 15 de fevereiro de 1944.

(11) Le Franc Tireur - de 10 de maio de 1943.

(12) Jean Texcier - Libération Nord - nº 183, 26 de junho de 1944.

que uma ala da Resistência na França, principalmente a sindicalista e socialisante, acreditava que o capitalismo estava se reforçando pela guerra tanto na Inglaterra como na América. No jornal Le Peuple Syndicaliste apareceu: "enormes fortunas se edificam e benefícios colossais são realizados".(13)

É que os franceses desta ala temiam que os anseios revolucionários da Resistência fossem entravados pelos aliados anglo-saxões.

Os ingleses que foram aliados dos franceses e que foram deixados sós na luta quando os franceses fizeram o armistício com a Alemanha viram-se várias vezes obrigados a tomar certas medidas contra seus ex-aliados como foi o caso do ataque à frota francesa ancorada em Mers-el-Kébir ou o bombardeio de Paris executado pela R.A.F.. Muitos franceses ficaram agastados com a Inglaterra, mas outros mostraram-se de acordo com ela e isto pode ser constatado no seguinte artigo:

A respeito do bombardeio de Paris pelos ingleses o jornal Franc Tireur trazia: "Não é entretanto tarde para dizer que apesar dos exageros de Vichy, a grande maioria dos franceses, compartilhando a sorte das vítimas inocentes, compreendem a necessidade para os nossos aliados de interromper a ajuda que dão ao inimigo as indústrias que trabalham para ele na França".

As declarações do traidor, de Brinon não tem nenhuma aceitação entre a população e não é necessário lembrar que a transmissão a Rommel do petróleo vendido a Vichy pela América; que a entrega das bases indochinesas aos japoneses, custaram também aos nossos aliados britânicos numerosas perdas humanas, na Líbia e na Malásia".(14)

(13) Le Peuple Syndicaliste - nº 12, 1943.

(14) Franc Tireur de março de 1942.

Com a entrada da Rússia e depois dos Estados Unidos na guerra, os jornais traziam observações a respeito da aliança entre a Rússia e a Inglaterra assim como sobre o tratado assinado entre os E.E.U.U. e a Rússia, afirmando já a certeza de uma vitória próxima para os aliados.

"Dois anos são passados, 2 anos de pilhagem, de fome, de terror e de humilhação. Hoje em junho de 1942 uma grande esperança reanima o coração de toda nação. O tratado assinado entre Molotov e Churchill é um acontecimento considerável - a União Soviética e a Inglaterra se comprometem a não concluir nenhuma paz em separado com a Alemanha; a se dar mutuamente uma assistência total na guerra. Elas se entendem para se defender contra toda agressão depois da guerra e para restabelecer a segurança e a prosperidade da Europa, sem anexação territorial e sem intervenção nos negócios dos países.

Ao mesmo tempo foi difundida a notícia da conclusão de um acordo entre Molotov e Roosevelt, tratando sobretudo da ajuda material da América à União Soviética. A assinatura comum dos 2 documentos e o engajamento tomado pelo país anglo-saxão de abrir uma segunda frente de combate na Europa em 1942 é uma certeza de vitória num futuro próximo".⁽¹⁵⁾

Os jornais clandestinos exploraram muito a entrada da Rússia e dos Estados Unidos na luta, trazendo notícias da capacidade de produção dos materiais bélicos principalmente dos Estados Unidos. Quanto à Rússia exploravam ao máximo também a sua grandeza e a certeza de que os alemães jamais conseguiriam vencê-la. Por ocasião do desembarque aliado no norte da África, os jornais clandestinos trouxeram as mais variadas notícias exaltando os aliados.

No artigo publicado no Franc Tireur sob o título: " A

(15) l'Université Libre - nº 60, junho de 1942.

vitória mudou de campo" pode-se ler as seguintes palavras "Toda África do Norte é livre! Toda França de ultra mar é livre! Numa campanha magistral, os ingleses, americanos e franceses jogaram os alemães e os italianos ao mar".

Alguns meses depois da vitória de Stalingrado, onde desapareceram 325.000 nazistas, o arremesso dos blindados e dos aviões aliados ameaça o invencível exército de Rommel para assim libertar dos nazistas o solo africano. Um desastre após o outro. A vitória mudou de campo".(16)

O desembarque de 8 de novembro de 1942 em Casablanca, Oran e Argel, na África do Norte foi uma operação dos aliados e não contou com nenhuma participação das forças do general de Gaulle. Toda a responsabilidade estava nas mãos dos americanos e estes demonstraram um grande desprezo pelos franceses partidários da França Livre. Os americanos tentavam ignorar o general de Gaulle e este, apesar disso, conseguiu impor-se pelo seu valor. Os americanos apoiavam o general Giraud, mas a grande maioria dos franceses estava com de Gaulle. O desembarque aliado nesta ocasião foi encarado pelos franceses **como um** grande passo para a libertação do solo francês. E este foi um dos fatos da guerra mais explorados pela imprensa clandestina.

Na ocasião da derrota da França e da assinatura do armistício, a frota francesa estava ainda completa e durante entrevista que os ingleses tiveram com os franceses quando estes anunciaram a decisão da França de pedir o armistício, a Inglaterra pediu à França que juntasse a sua frota à inglesa ou que a enviasse para um porto de suas colônias ou mesmo para os Estados Unidos, e a França negou-se. Um dos artigos do armistício estipulava que essa frota ficava sob comando do governo francês. A Inglaterra, temendo a entrega da frota francesa aos alemães, bombardeou uma parte dela, ancora

(16) Franc Tireur - nº 17, 10 de maio de 1943.



da em Mers-el-Kébir, em 1940: Mas a frota, em sua grande maioria, estava ancorada em Toulon. Em novembro de 1942, por ocasião do desembarque aliado no norte da África, que provocou a ocupação pelos alemães de todo o território metropolitano francês, os franceses, percebendo que os alemães iam tentar se apoderar de seus navios, resolveram agir rapidamente e, para impedir esse ato os afundaram. Esta atitude dos comandantes franceses foi muito elogiada pelos jornais clandestinos como um verdadeiro ato heróico executado pelos franceses que, em Toulon, preferiram afundar a frota a entregá-la a Hitler. Estes homens tinham seguido durante dois anos cegamente Pétain, enganados por uma lenda de glória imerecida. Todavia, o momento chegou para se revoltarem e se unirem num ato supremo aos patriotas da França combatente. Os trechos que seguem, extraídos dos diferentes jornais, ilustram vigorosamente o fato.

"As ondas do Mediterrâneo não recobrem somente as unidades e os navios. A dor dos franceses é imensa diante da perda de sua marinha de guerra e de tantos heróis valorosos. Mas maior ainda é o orgulho de pertencer a uma pátria que engendra tais filhos, uma nação capaz de tais gestos".⁽¹⁷⁾

"A vontade de Resistência do povo francês confirmou-se quando este povo, submetido e humilhado pelos alemães, diante do perigo de ver a sua frota requisitada pelos inimigos, preferiu afundá-la apesar do todo o prejuízo que este ato lhes causava".

"A França perdeu também um magnífico meio de combate, de dinheiro e de glória. Que este afundamento marque um novo impulso francês".⁽¹⁸⁾

De qualquer forma "o gesto de afundamento da frota

(17) l'Université Libre, nº 76, 1 de dezembro de 1942.

(18) Combat d'Alger, nº 40, 29 de setembro de 1942.

foi magnífico, mas muito custoso para a França⁽¹⁹⁾... "Mandou-se para o fundo do mar uma esquadra magnífica que poderia servir de instrumento para a Libertação da Pátria".⁽²⁰⁾

Também o jornal Résistance teceu os seus comentários sobre este fato tão penoso à França: "Em Toulon a frota teve a coragem de se por a pique, enquanto em Vichy, o governo não teve a de se demitir."⁽²¹⁾

Combat, um dos mais importantes jornais da Resistência, trouxe: "O novo impulso de honra francês encontrou o seu apogeu no ato do afundamento de sua frota, o que mostra claramente a posição da França no mundo".⁽²²⁾

Este gesto trouxe para os dirigentes do Governo de Vichy críticas exacerbadas, severas e pertinazes. No jornal Combat d'Alger pode-se encontrar ainda:

"Infelizes os chefes que levaram nossos navios a uma morte obscura". Longe de permitir qualquer reabilitação dos homens de Vichy, o afundamento da frota em Toulon diante do perigo de uma requisição por parte do Reich Alemão, aos olhos dos Resistentes não foi senão o último episódio de uma tragi-comédia que se prolongava mas que acabou por condenar e deshonrar ainda mais os dirigentes de Vichy.

Depois do desembarque no norte da África e das vitórias conseguidas pelos aliados nesta região, eles resolveram invadir a Europa. O local visado foi a Itália e esta invasão veio ocasionar o desmoronamento do fascismo o que foi profundamente explorado como pode ser visto no artigo intitulado "Mussolini se afunda".

(19) Défense de la France, nº 23, 1 de dezembro de 1942.

(20) Libération Sud - nº 20, 30 de julho de 1942.

(21) Résistance - nº 4, 23 de dezembro de 1942.

(22) Combat - janeiro de 1943.

"Depois de 20 anos, a primeira ditadura fascista se desmorona. O Eixo é ferido, a derrota dos inimigos e dos traidores se aproxima. É o começo do fim. É a vingança dos povos que se anuncia.

..."Foram necessários 15 dias de guerra na Sicília, depois do desastre estrondoso na África, para que o regime de tirania e de agressão, instalado há 20 anos na Itália pelo chefe dos camisas negras, desaparecesse com as aclamações de todos os povos e do próprio povo italiano.

A 5 de julho, há 20 dias, o Duce dizia num discurso no palácio de Veneza estas frases incríveis: "O povo italiano está de agora em diante convencido de que se trata de viver ou morrer. É preciso que no momento do desembarque, o inimigo seja gelado na praia, lá onde a água termina e começa a terra. Se ele conseguir penetrar é preciso que as reservas que existem se precipitem contra os desembarcados e os acabe até o último homem. Assim se poderá dizer que todos aqueles que ocuparam um farrapo de nosso território ficaram, para sempre, na posição horizontal!

Isto foi dito 20 dias antes da derrota dos italianos quando milhares de soldados se recusaram a combater, seus generais, seus almirantes, seus aviadores fugiram do combate diante dos aliados. E este povo italiano que sempre o odiou, mas não ousava dizê-lo hoje está aclamando os libertadores.

Que formidável e estrondoso retorno da justiça".(23)

A derrota do fascismo foi profundamente tratada nos diferentes jornais em que frases como estas foram amplamente divulgadas: "A guerra das democracias deve ser feita contra o fascismo em toda parte onde se encontra, em Vichy ou em qualquer parte, nos

(23) Franc Tireur - nº especial de 25 de julho de 1943.

territórios libertados dos fascistas arrependidos".⁽²⁴⁾

L'Université Libre representava bem as idéias difundidas pelos jornais clandestinos quando dizia:

"Mussolini demissionário como um vulgar presidente do conselho"! "O partido fascista se despedaça..."

"Assim desaparece sem glória nem combate o primeiro nascido, o modelo dos fascismos, aquele que para se estabelecer beneficiou-se por longos anos de calma, de créditos importantes da finança internacional e das concessões sucessivas que lhes concederam os governos das democracias ocidentais, depois as agressões contra a Etiópia, e a Espanha Republicana até Munique e a anexação da Albânia. Acabado o Eixo de aço baseado sobre uma concepção comum da vida social e política".

"Acabado o tema de propaganda nazista de uma "Nova Europa" onde os povos jovens justificariam sua hegemonia por sua vitalidade totalitária".

"Acabado sobretudo o mito da solidez dos regimes totalitários! O general de Gaulle teve razão em sublinhar, no dia seguinte ao da queda de Mussolini, que um poder que estrangula as liberdades do povo, que não se apoia sobre a confiança e a colaboração do povo, não pode ser um poder forte".⁽²⁵⁾

"Eis porque a ditadura militar de Badoglio como a ditadura fascista não poderá governar as forças populares italianas que retomam confiança em si exigindo imperiosamente a paz imediata.

Quando a revolta contra a tirania é menos perigosa que a submissão à tirania, então o terror perde toda eficácia.

O movimento popular que causou a queda de Mussolini foi desenvolvido graças à invasão da Sicília e aos bombardeios das

(24) Volontaires de la Liberté - boletim de fevereiro de 1944.

(25) L'Université Libre - nº 83, 15 de agosto de 1943.

idades italianas assim como à incapacidade de Hitler de retirar da frente leste uma só divisão para vir em ajuda dos fascistas italianos".(26)

Com a invasão da Itália, os aliados passam a pensar na invasão da Normandia e os seus esforços vão ser dirigidos neste sentido. Os alemães nazistas extenuados caminham para uma rendição total. Os jornais clandestinos prosseguem sua campanha contra os alemães, assim como contra os seus colaboradores, explorando ao máximo o desenrolar da guerra. L'Université Libre enfocava a situação do povo alemão em face da derrota que se aproximava, procurando mostrar que os aliados não eram contra os alemães, mas sim que lutavam contra o nazismo causador de tantos males.

"Mas em 1944 os exércitos aliados vitoriosos que pisaram o solo alemão não eram exércitos conquistadores! Todos os chefes aliados declararam em termos nítidos que eles não faziam guerra ao povo alemão, mas sim à casta militarista e nazista, à horda hitlerista e à ideologia de morte que era sua lei".(27)

Nos primeiros meses de 1944, os aliados já sabiam que o dia da vitória estava próximo e os redatores dos jornais clandestinos deixavam transparecer a sua euforia nos diferentes artigos dos diversos jornais.

"O dia de glória vai chegar"

"No solo francês foi iniciado, a 6 de junho, uma operação de desembarque desconhecida na história da França. Por seu lado, o exército vermelho, que em três anos de lutas incansáveis e prodigiosas preparou a derrota do monstro nazista, desencadeou uma ofensiva, a 22 de junho, na frente da Bielorrússia. E enquanto Cherburgo caía nas mãos de nossos aliados ingleses e americanos nossos

(26) Université Libre - nº 83, 15 de agosto de 1943

(27) Université Libre - nº 97, 15 de junho de 1944

aliados russos tomavam Vitebsk, Orcha, Slolin, Mohilev, Brobuisk, Borislavov e milhares de localidades.

O dia de glória vai chegar iluminado pela certeza de que nós pensamos em vós, camaradas tombados em 40-41-42, quando o inimigo triunfava insolente e somente vós tinheis viva em vossos corações a fraca chama da esperança. De vosso sangue derramado nasceu o exército dos franco-atiradores e guerrilheiros, o Exército das F. F.I., cada dia acrescido por novos combatentes e que logo será a França da insurreição.⁽²⁸⁾

A alegria do desembarque aliado também foi amplamente divulgada:

"Eles desembarcaram!

Os aliados pisam no solo francês.

Toda a França está com eles, com a Resistência, no combate libertador!"⁽²⁹⁾

2. Artigos Políticos

Foi uma verdadeira avalanche de artigos que a imprensa clandestina publicou contra o fascismo e o nazismo. "Não é justo afirmar-se que a Alemanha de hoje é exatamente semelhante àquela de 1914, porque entrementes nasceu um monstro".⁽³⁰⁾ Bem certo, "o nazismo é a última incarnação da loucura de grandeza germânica, mas tem sido também utilizado pelo capitalismo agonizante."⁽³¹⁾

Os jornais clandestinos espalhavam com seus artigos um verdadeiro ódio ao nacional-socialismo na França mas acreditando que este mal deveria ser cortado dentro da Alemanha. Lutando contra

⁽²⁸⁾ l'Université Libre - nº 98, 1 de julho de 1944.

⁽²⁹⁾ Franc Tireur - edição da zona sul, nº 32, 6 de junho de 1944.

⁽³⁰⁾ Cahiers de Libération - nº 4, março de 1944.

⁽³¹⁾ Combat - março de 1944.

o nazi-fascismo, lutaram pela libertação da Pátria, o que impunha uma verdadeira guerra ideológica, quase uma guerra de religião. Assim o Courrier français du Témoignage Chrétien trazia: "O que o Témoignage Chrétien ataca, não é o boche, é o nazista, o indivíduo nazificado."⁽³²⁾

Foram muitos os exemplos de medidas tomadas pelos nazistas contra a Igreja Católica ou a Protestante e a imprensa clandestina as criticavam severamente quando dizia: "O Cristo é grande, mas Hitler é maior".⁽³³⁾

O nazismo era mal visto no princípio por alguns resistentes mas tornou-se com o passar do tempo um mal absoluto que era preciso acabar, mas mesmo os resistentes tinham uma espécie de sombria fascinação pela grandeza de seu adversário encarnado por Hitler, visto como "um monstro do mal"⁽³⁴⁾, "como um louco furioso, um desequilibrado mental"⁽³⁵⁾ "Um megalomano, levado ao paroxismo pelas lisonjas dos que o cercavam."⁽³⁶⁾

A tomada de consciência e o reconhecimento da força deste adversário fora do comum permitia aos resistentes melhor medir a grandeza do perigo. Os Resistentes sabiam que Hitler era um ditador e que para atingir os seus objetivos não vacilava um minuto em tolher a liberdade e os direitos daqueles que impedissem o seu caminho.

A derrota não fez desaparecerem as divisões da opinião pública, mas provocou mudanças singulares de posição. Com efeito, uma parte da extrema direita que entre as duas guerras tinha-se

(32) Courrier français du Témoignage Chrétien - nº 8 - janeiro de 1944.

(33) Les Petites Ailes - 16 de julho de 1941.

(34) Idem, ibidem.

(35) La France Continue - nº 9, 27 de dezembro de 1941.

(36) La France Continue - nº 11, 31 de dezembro de 1941.

mostrado animada de uma germanofobia de princípio, inclinava-se com mais indulgência para a Alemanha Nazista e mais ainda para a Itália Fascista depois que as greves e as reformas da Frente Popular tinham feito nascer o temor de uma revolução social.

Dos jornais clandestinos publicados na França de 1940 a 1944 alguns tiveram desde o seu início uma coloração política bem definida, enquanto outros não demonstraram nenhuma tendência, pelo menos nos primeiros anos de sua publicação. Os de esquerda, desde 1940, demonstraram sua tendência política, ressaltando claramente nos artigos que publicaram as suas atitudes anti-nazistas e anti-pe^{ta}inistas, assim como as idéias e o pensamento dos comunistas e socialistas, que por sinal conheceram durante a Segunda Guerra Mundial uma existência bastante atormentada.

Os comunistas franceses entre 1939 e 1940 viam a guerra como um conflito de imperialismos rivais, que não interessava às massas trabalhadoras.

É evidente que de todas as forças clandestinas da Resistência na França o partido comunista foi o mais singular, mas também é o mais difícil de ser estudado. Nenhum outro partido mudou tanto o seu comportamento e sua opinião aparente segundo o ritmo da guerra. Se alguns comunistas a título individual e por própria iniciativa aderiram aos Movimentos de Resistência, o partido comunista já se encontrava fora da lei quando a França foi ocupada, pois antes mesmo da entrada da França na guerra, muitos de seus chefes já tinham sido aprisionados enquanto outros fugiam, escondiam e viam-se forçados a agir na clandestinidade.

Quando a França foi ocupada, o partido comunista "conservou os seus membros e proclamou em seguida que era o único partido resistente"... Os organismos de luta que ele criou Franco Atiradores e Guerrilheiros Franceses, Organização Clandestina da C.G.T.



(Confederação Geral do Trabalho), F.U.J.P. (Forças Unidas da Juventude Patriótica), União das Mulheres Francesas, Comitês Populares, Milícias Patrióticas revelam a direção política do Partido⁽³⁷⁾. Também o Front National foi inspirado e organizado pelos comunistas e exprime a tática do partido na clandestinidade se bem que o seu recrutamento tenha sido bastante aberto, nele ocupando postos importantes muitos elementos que não eram comunistas.⁽³⁸⁾

A derrota de 1940, a assinatura do armistício e consequente ocupação de quase dois terços do território metropolitano francês aumentou ainda mais o isolamento em que vivia o partido comunista francês que, colocado à margem da nação, passou a ser alvo de ataques oriundos de todos os lados, dos nazistas e dos dirigentes do Governo de Vichy.

O partido comunista mostrou sua tendência anti-nazista desde antes do conflito e com a derrota mostrou-se também anti-vichista. Os comunistas viam os dirigentes do Governo de Vichy como os responsáveis pela derrota assim como antigos participantes da III República. Esta culpabilidade era estendida a todos os partidos que exerceram o poder anteriormente. Os comunistas franceses também condenavam os ingleses e o general de Gaulle pelo prosseguimento da guerra, por eles considerada imperialista.

Apesar de ser anti-nazista a atitude tomada pelos comunistas no período inicial da guerra foi prudente, uma vez que a Rússia havia assinado com a Alemanha o pacto germano-soviético entre eles se punha a seguinte questão: Um militante comunista pode hesitar em se opor à Alemanha quando a Rússia assinou com ela um pacto?

(37) MICHEL, Henri - Les Courants de Pensée de la Résistance. Op. cit., p. 555.

(38) Idem - p. 555.

Foi respeitando a existencia do pacto que os comunistas publicaram folhetos conclamando os trabalhadores franceses a se irmanarem com os soldados alemães. Mas não foram somente folhetos publicados.

O jornal comunista l'Humanité, nos seus números de 4 e 9 de julho de 1940, regojizava-se e felicitava os trabalhadores pelos primeiros resultados obtidos, constatando com satisfação que as conversações amigáveis entre os trabalhadores parisienses e os soldados alemães se multiplicavam.⁽³⁹⁾

Mas a partir do mês de setembro de 1940 as condições da ocupação passaram a ser criticadas pelos comunistas: "O governo francês deve pagar 400 milhões de francos por dia às tropas de ocupação... Não é possível que semelhante sobrecarga seja imposta ao povo francês sobrecarregado de miséria. Abaixo a exploração de um povo por outro povo"⁽⁴⁰⁾ "A conta foi feita por ano: 144 bilhões"⁽⁴¹⁾ "É evidente que estamos sendo submetidos a uma pilhagem total"⁽⁴²⁾.

Os comunistas, mantendo uma numerosa imprensa clandestina através da qual defendiam as idéias do partido, publicaram muitos jornais, folhetos, etc.. Um folheto do fim de outubro de 1940 emanado dos jovens comunistas dizia: "O soldado alemão não é inimigo do povo francês; é o capitalismo alemão, francês, inglês e italiano o seu verdadeiro inimigo". Um outro, também de outubro de 1940, dizia: "De Gaulle é o capitalismo inglês. Pétain, Laval, Doriot, Gitton são o capitalismo germano-francês".⁽⁴³⁾

O jornal l'Avant Garde de novembro de 1940 trazia:

(39) l'Humanité - nº 61, 13 de julho de 1940.

(40) l'Humanité - nº 77, 16 de setembro de 1940.

(41) l'Humanité - nº 78, 19 de setembro de 1940.

(42) l'Humanité - nº especial 30 de setembro de 1940.

(43) Folhetos do acervo do "Comité de la Deuxième Guerre Mondiale" em Paris.

"Os jovens franceses não esperam nada do general de Gaulle, colocando a serviço do imperialismo inglês. Eles se recusam a escolher entre os dois clãs imperialistas da guerra, porque a vitória de um ou de outro é sempre a vitória do capitalismo".⁽⁴⁴⁾

Muito embora os comunistas vissem na guerra que se desenvolvia uma luta entre países imperialistas, eles esperavam que a Alemanha pelo menos permitisse a publicação dos seus jornais livremente. Acontece que as intenções alemãs eram outras, e, além de não permitirem o que os comunistas franceses queriam, resolveram atacar a Rússia violando assim o pacto anteriormente assinado.

É preciso efetivamente distinguir entre os comunistas, pelo menos os estudantes comunistas de Paris, dos outros militantes. No conjunto do partido, alguns se iludiam enormemente sobre a importância do pacto germano-soviético de agosto de 1939, acreditando sinceramente e de boa fé que os alemães se encontravam por causa do pacto em má situação para reprimir as atividades comunistas, almejando que o partido buscasse com os alemães um "modus vivendi", pensando que seria possível obter deles a publicação de l'Humanité. Esta corrente existia por exemplo entre os comunistas dos Auberges de la Jeunesse. Mas entre grande número dos estudantes desde julho-agosto a posição era nítida e firme: os alemães eram nazistas; portanto nada de compromissos, nada de "modus vivendi", nada de colaboração com eles, era preciso combatê-los, a resistência era uma reação sábia e justa, o que aliás estava de acordo com o desejo popular.

Com o não atendimento de suas reivindicações, os comunistas franceses passaram a tomar uma posição nitidamente contra a Alemanha e os alemães.

(44) l'Avant Garde - nº 22, novembro de 1940.



Acontece que com a agressão alemã à U.R.S.S. e com o consequente rompimento do pacto germano-soviético os franceses mudaram radicalmente de posição e a partir de então passaram a cerrar fileiras ao lado da Inglaterra e depois dos Estados Unidos. Este ataque levou a revisão da posição do partido que iniciou uma coligação contra o nazismo na clandestinidade e Resistência. Os comunistas aliaram-se ao general de Gaulle tornando-se uma das mais ativas e dinâmicas forças da Resistência.

"O povo francês sente que os senhores do III Reich queriam fundar a prosperidade do capitalismo alemão sobre a exploração das nações submissas da Europa"⁽⁴⁵⁾ A pretensa Ordem Européia mostra sua verdadeira face: "É fundada sobre a existência de povos escravos e de um povo senhor fazendo a polícia em toda parte".⁽⁴⁶⁾

A virada no campo de batalha com as sucessivas vitórias aliadas e a derrota dos nazistas puzeram as seguintes questões: A quem caberá o exercício do poder depois da Libertação? Qual será o regime da França depois da guerra? Neste momento, o partido comunista, embora guardando sua linha, as palavras de ordem de união nacional e de guerra sem piedade, começa a se separar de seus companheiros e mesmo a se opor a eles. Os anglo-saxões foram taxados de moleza, de flouxidão; de Gaulle foi muito criticado por sua desconfiança a respeito da Resistência Clandestina; os socialistas foram alvo de múltiplos ataques... Assim, o partido comunista retorna progressivamente ao seu isolamento de 1939, formando um círculo onde se fechou sobre si mesmo, numa hostilidade contra tudo que não fosse ele mesmo.

Não foram só as publicações clandestinas comunistas

(45) La Vie du Parti - nº 2, 1º trimestre de 1941, p. 3.

(46) l'Humanité - nº 107, 7 de abril de 1941.

que difundiram idéias, pensamentos e política anti-nazista e anti-pétainista desde 1940. O jornal Le Populaire, órgão central do partido socialista, edição da zona sul, dirigido por Daniel Mayer, Felix Gouin, Horace Manicacci e outros, assim como o jornal Socialisme et Liberté, publicado na zona ocupada, e que apareceu com este nome até 1943, quando o mudou para Le Populaire da zona norte, dirigido por Robert Verdier, Raoul Evrard, Elie Bloncourt, etc. expunham em seus artigos as doutrinas socialistas e comunistas que os norteavam.

Desde o início da ocupação houve jornais profundamente hostis ao Governo de Vichy e, para eles, combater Hitler era combater pela França assim como era também uma forma de combater o totalitarismo, o militarismo, a ditadura. Era combater pelo país mas também pela classe dos operários. Os Jornais: Libération Nord, Libération Sud, l'Université Libre, Franc Tireur, Voix du Nord, todos eles de tendências socialistas bem marcadas atacavam o velho marechal Pétain e principalmente os seus colaboradores diretos, os seus ministros, sobretudo Laval, que teve uma grande projeção no governo de Vichy. Este político que no início de sua carreira estivera ligado à extrema esquerda e que entre as duas guerras renegara os seus antigos companheiros e se **tornara um dos líderes da direita**, era um homem venal e tinha conseguido fazer fortuna de forma escandalosa, sendo portanto muito desprezado por todos. Sua habilidade e inteligência o levaram a unir-se a Pétain. Sua atitude de colaboração para com os alemães lhe valeu o desprezo de grande número de franceses. Laval era visto como um renegado do socialismo, como um vendido que se aproveitara da humilhação e da derrota da França para se enriquecer. Laval que não hesitara em desejar a vitória dos ale-

mães,⁽⁴⁷⁾ e que não hesitava em enviar os trabalhadores franceses como escravos para a Alemanha pelo S.T.O.⁽⁴⁸⁾.

Libération Nord como vimos acima foi fundada por Christian Pineau que era socialista e sindicalista e este resistente declarando-se republicano, exaltava no jornal por ele organizado as realizações do **Front-Populaire** de 1936 tendo tomado a defesa de Leon Blum por ocasião do processo de Riom, no qual Pétain procurava encontrar os verdadeiros culpados pela derrota de 1940 entre os políticos de proa da III República. Christian Pineau, em seus artigos tomou a defesa de Leon Blum ex-presidente da França e líder do partido socialista.

Os socialistas franceses consideravam como um dever do partido que formavam não rivalizar com os movimentos já criados e **foi sobretudo a respeito da Alemanha de após-guerra que o partido socialista se separou da maior parte dos movimentos de resistência**. Este partido, que tinha como chefe Leon Blum, considerava como uma necessidade reagir contra a corrente popular na França que pensava numa **desforra** contra as atrocidades e crueldades inflingidas à população pelos alemães. Leon Blum insistia constantemente em que "não se apaga o ódio com ódio, nem a violência com violência"⁽⁴⁹⁾. Considerava que após a guerra os franceses não deveriam transformar a Alemanha num país miserável pois uma Alemanha miserável seria causa de miséria para a Europa inteira, para o mundo inteiro.

(47) A 22 de junho Laval tinha pronunciado uma frase que causou um verdadeiro escândalo, mesmo entre os franceses Pétainistas: "Eu desejo a vitória alemã porque sem ela o bolchevismo se espalhará por toda parte".

(48) A lei do S.T.O. (Serviço do Trabalho Obrigatório) foi promulgada a 16 de fevereiro de 1943.

(49) BLUM, Leon - A l'échelle humaine. 1ª ed., Paris, Gallimard, 1945, p. 151.

Ilustrando a posição tomada pelos socialistas de não rivalizarem com os movimentos de resistência já criados, no manifesto que anunciava a criação do jornal Libérer-Fédérer, os socialistas que o dirigiam declaravam integrar-se à França Combatente e marchar de mãos dadas ao lado dos diferentes movimentos de resistência. "Um grande número dentre nós, dizia o manifesto pertence já a estes movimentos. Eles não os deixarão. Nosso movimento não fará jamais nada que possa dividir a França Combatente".(50)

A união do partido socialista se fez tanto com movimentos da direita como com os de esquerda, às vezes mesmo dos dois lados. Libérer-Fédérer dizia-se pronto "a unir a sua ação, àquela de todas as forças revolucionárias da Nação, movimento sindicalista, partido comunista, movimentos sociais cristãos, etc."(51)

Os socialistas embora não fossem organizados como os comunistas, também publicaram folhetos, folhas volantes e jornais abundantes. "Os povos grandes ou pequenos têm direito igual a vida. Diante da exploração capitalista, o proletariado é unido e deve continuar unido".(52)

O Jornal Le Populaire da zona norte denunciava o caráter excessivo de certas soluções "Não se pode exterminar todo um povo".(53)

O certo é que desembaraçado de suas ovelhas desgarradas, reformado e renovado no combate, fortificado com o sangue de seus mártires, o partido socialista tomou novo alento e reencontrou sua segunda juventude na Resistência Clandestina.(54)

(50) Libérer-Fédérer - nº 1, 14 de julho de 1942.

(51) Manifesto de abril-maio de 1944.

(52) Folheto - Aux Socialistes fim de 1941 - Arquivos do "Comité de la Deuxième Guerre Mondiale" em Paris.

(53) Le Populaire - 15 de julho de 1943.

(54) MICHEL, Henri - Les Courants de Pensée de la Résistance. Op. cit., p. 538.

O partido socialista que se dizia um partido de revolução social e de democracia política afirmava através do jornal Le Populaire que nele "tinha seu lugar tanto o militante leigo, como o católico crente, ambos unidos por um ideal largo e humano".⁽⁵⁵⁾

O jornal Franc Tireur que foi publicado em Lyon, na zona livre portanto, refere-se à grande alegria que a vitória dos russos causara entre os franceses quando dizia: "Nós aplaudimos de todo o coração as vitórias dos russos. Pouco nos importa quem vença os "boches", o essencial é que eles sejam vencidos"⁽⁵⁶⁾. Mas isto não significava que o jornal tivesse a menor simpatia pelo regime da U.R.S.S., pois apesar de se regozijarem com esta vitória, os seus redatores não foram menos indulgentes com o totalitarismo bolchevique do que com o totalitarismo nazista. Consideravam ambos irmãos e de certa forma o jornal mostrou-se sempre hostil aos dois tipos de governo. Apesar de se regozijarem com as vitórias russas não eram partidários de um governo comunista na França, pois seus artigos mostram bem suas tendências sindicalistas e socializantes.

Nem todos os jornais clandestinos foram tão nitidamente revolucionários e socialistas, mas a maior parte se orientou pouco a pouco para a esquerda.

Combat, jornal da zona sul, não ocupada, nos seus primeiros números, foi muito prudente por causa da mentalidade da região. O armistício protegera esta região ainda que o Governo de Vichy não estivesse sob a inteira dominação do III Reich Alemão. A ausência física do inimigo, de suas bandeiras, a cumplicidade de certos serviços franceses desempenharam um duplo papel pela reação espontânea de uma população em sua grande maioria republicana e hostil à "Ordem Nova", e tinha criado condições bem diferentes daquela

(55) Le Populaire - nº 13 , junho de 1943.

(56) Franc Tireur - fevereiro de 1942.

região onde a Gestapo e seus cúmplices reinavam diretamente. Combat em seu início tomara uma atitude bastante prudente, mas a partir de 1943 já aceitava a idéia da necessidade de apoiar-se sobre a classe operária e desenvolver o sindicalismo, continuando, entretanto bastante anti-marxista.

O jornal Défense de la France também teve uma evolução muito lenta no início mas depois tornou-se cada vez mais e mais radical no fim da ocupação. O estudante Philippe Viannay, chefe do Movimento Défense de la France foi um dos mais importantes redatores do jornal do mesmo nome, e nos seus artigos, publicados com o pseudônimo de Indomitus, não era hostil a Pétain, demonstrando mesmo uma certa confiança em relação ao velho marechal. Esta confiança não era partilhada pela maior parte de seus amigos de clandestinidade. Foi publicado em sua grande maioria em Paris e seus arredores, zona ocupada portanto. Depois dos acontecimentos de novembro de 1942 se filiou ao General de Gaulle e tornou-se muito hostil ao Governo de Vichy.

O nome do general de Gaulle apareceu pela primeira vez no jornal Défense de la France no artigo que diz: "Enfim, Senhor Marechal, é preciso que aqueles que têm acreditado ser seu dever continuar a luta pela guerra, é preciso que aqueles que têm provado seu amor à França, lutando na legião do general de Gaulle, não sejam acusados de traição por vosso Governo. À sua maneira eles são heróis... Aos olhos da história serão aqueles que não abdicaram. Eles têm ao lado deles os corações mais ardentes da juventude da França."(57)

Philippe Viannay, Robert Salmon, Jean Daniel Jurgensen foram resistentes que se mostraram sempre socialistas. Eles pen

(57) Défense de la France - nº 9, 25 de janeiro de 1942.



savam mesmo num governo cujo poder executivo fosse forte para evitar as crises que a Terceira República passara na França e que a enfraquecera sobremaneira.

Já o jornal Combat defendia a idéia de se criar os Estados Unidos da Europa; Henri Frenay, seu organizador, pensava que este seria o único meio de se evitarem guerras futuras e de possibilidade de uma reconciliação com a Alemanha. Esta idéia do Federalismo Europeu era fundamentada pela criação de uma Alemanha democrática, assim como deviam ser todos os outros países europeus. Desta grande federação ninguém seria excluído. Os seus idealizadores acreditavam que essa seria a única maneira de se conseguir fazer reinar na Europa a prosperidade e a paz.

O Cahier du Témoignage Chrétien foi publicado clandestinamente em Lyon, sob a direção de um padre jesuíta, P. Chaillet, de 1941 a 1944. Foi a principal expressão da Resistência de inspiração religiosa, a fim de alertar os cristãos contra o perigo mortal que constituía o nazismo. Apareceram 15 cadernos entre o fim do ano de 1941 e o verão de 1944. Para os cristãos (católicos e protestantes) esta entrada aberta na resistência e ilegalidade, em nome da fé, foi uma iniciativa absolutamente extraordinária. A linha política dominante do Cahier du Témoignage Chrétien foi dirigida contra o nazismo, considerado uma doutrina anti-cristã e anti-humana.

O problema da vitória que se aproximava fez com que os resistentes publicassem uma série de artigos sobre as questões que se poriam no mundo. A França, por sua posição, era vista desempenhando a função de uma encruzilhada que tinha um importante papel a executar: "ela aparecia mais que nunca como um traço de união entre a Europa de Leste, o mundo Mediterrâneo e a Inglaterra⁽⁵⁸⁾". A

(58) Radio Journal Libre - janeiro de 1944.



França tinha como missão fazer o bloco russo e o bloco anglo-saxão compreenderem-se mutuamente. "Os vencedores se repartirão em: países revolucionários a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e em países conservadores os Estados Unidos e a Inglaterra. As rivalidades políticas e econômicas poderão agravar-se em conflitos ideológicos e, assim sendo, caberá à França o papel de entrar na vitória de envolvendo uma revolução espiritualmente orientada, que poderá inspirar dois mundos opostos e os reconciliar". (59)

Assim, a política francesa continuará sua atitude "na tradição de oportunidade e de equilíbrio". (60)

A aliança franco-russa fez com que os movimentos de Resistência esquecessem o seu anti-bolchevismo de 1941, indo muito mais longe que os socialistas e quase tão longe como os comunistas. Verdadeiramente foram além dos interesses imediatos. Convencidos da grandeza da França, de uma grandeza mais moral que material eles pensavam que "o caminho da França passava simultaneamente por Washington, Londres e Moscou". (61)

Como os socialistas uniram-se tanto aos movimentos de esquerda, como aos da direita, podia-se prever como um risco dessa atitude um esfacelamento das forças do partido, pois os socialistas aderiram à luta contra o nazismo ou contra o Governo de Vichy de maneira desordenada e dividida. Encontravam-se socialistas em todos os grupos. Mesmo no que diz respeito a aceitação ou não do general de Gaulle como chefe da Resistência, os socialistas se dividiram pois o general teve entre eles, partidários entusiastas que não trabalharam senão para ele, tal como Pierre Brossolette, para quem

(59) MANDOUZE, A. e HOURS, J. - Espoir de la France, Cahiers du Témoignage Chrétien, nºs XXXVIII e XXIX, julho de 1944.

(60) Radio Journal Libre - janeiro de 1944.

(61) Cerf - Ferrière, na Assembléia Consultativa de Argel.

"não se podia ser resistente sem ser gaullista". Foi Brossolette quem redigiu um artigo Renouveau Politique onde ele escreveu: "a França operará sua transformação política, logo depois da Libertação, no quadro do gaullismo"⁽⁶²⁾. Por outro lado, o general de Gaulle teve adversários intransigentes entre os socialistas franceses. "Merece destaque o Circulo Jean Jaurès em Londres que recusava, por princípio, depositar confiança num general cercado de reacionários".⁽⁶³⁾

A medida que as vitórias aliadas deixavam prever a derrota final da Alemanha, a Resistência se preocupava com a sorte da França depois da guerra. Os resistentes não pretendiam de forma alguma que se voltasse ao regime que antecedeu à guerra, a III República. Punha-se então o problema. Que construir no seu lugar?

Durante todo o tempo que o Governo de Vichy dirigiu os destinos da França, seus dirigentes não deixaram de tecer as mais severas críticas ao Governo que havia antecedido à derrota e ao armistício, a III República; contudo, sérias críticas também foram feitas ao Governo de Vichy por sua política ditatorial e fascista, e, refletindo sobre o presente e o passado, aproveitaram as lições amargas para corrigirem os erros, preparando um futuro mais promissor.

O jornal Combat criticando a política Vichista publicou o seguinte: "O fascismo não é um puro acidente. Ele se torna possível pela carência da democracia, pela incapacidade dos homens em fundar uma ordem econômica e social racional e coerente. A ditadura não se instala **senão onde a democracia é impotente**".⁽⁶⁴⁾

Assim, aproveitando os ensinamentos trazidos pela re-

(62) La Marseillaise - 27 de setembro de 1942.

(63) MICHEL, Henri - Les Courants de Pensée de la Résistance. Op. cit., p. 497.

(64) Combat, 25 de setembro de 1943.

flexão sôbre os erros cometidos pela III República e pelo Governo de Vichy, os diferentes grupos da Resistência elaboraram projetos de Constituição de tipos diversos procurando evitar o retorno a erros que provocaram tão penoso desastre à França. De forma geral caíram numa democracia autoritária na qual o poder executivo governaria de maneira durável e eficaz.

3. Profundamente anti-alemães e contra os ocupantes.

Todos os jornais clandestinos foram naturalmente anti-alemães e contra os ocupantes.

Desde o início da ocupação, o francês acostumado com uma longa experiência da liberdade deixava transparecer sua repulsa ao vencedor e para alguns resistentes logo no começo e pouco a pouco para a grande maioria dos franceses, o nazismo tornou-se um mal absoluto que deveria ser exterminado.

"Se toda a França resistir e se recusar deixar-se dominar, ela reencontrará sua força espiritual, fonte de toda potencialidade e, então os barbaros se destruirão.

... Não é do estrangeiro que devemos esperar a salvação, mas de nós mesmos.

Nosso jornal diz alto, o que cada um pensa baixo: que a França não se deixará nem constranger, nem seduzir. Porque Hitler sabe bem que uma nação, cujas armas foram vencidas, mas cujo coração permanece intacto, jamais será subjugada".⁽⁶⁵⁾

A derrota, o armistício de início deixaram os franceses aturdidos, feridos em seu orgulho, mas não abateram nos corações de todos eles a esperança de uma desforra. Uma derrota tão fra

(65) Défense de la France - nº 1, 15 de agosto de 1941.



gorosa, tão rápida, não podia ser definitiva. A esperança sempre permanecia como um tênue fio. O futuro podia trazer uma mudança. Era preciso ter fé e esperar. A escuta da rádio de Londres por apenas uma minoria fora já desde 1940 o primeiro ato de resistência e de fé no destino francês.

O vencedor por enquanto era todo poderoso, dominava toda Europa e a U.R.S.S. aparecia como sua aliada por causa do pacto germano-soviético, os Estados Unidos ainda não tinham entrado no conflito.

Dos países europeus somente a Inglaterra se recusava a submeter-se e raros eram aqueles que acreditavam na possibilidade dela resistir por muito tempo.

Os franceses estavam dispersos, isolados: 1.500.000 soldados prisioneiros estavam nos Oflags⁽⁶⁶⁾ e Stalags⁽⁶⁷⁾.

Em junho de 1940 eram poucos os que recusavam a derrota. Os civis também foram atingidos pelo lamentável êxodo que se abateu sobremaneira sobre toda a região norte da França.

Uma das primeiras manifestações da resistência espontânea foi a ajuda dada as pessoas em perigo face ao ocupante tais como: prisioneiros de guerra evadidos dos front stalags; israelitas alsacianos fugitivos que não desejavam voltar para seus lares; soldados ingleses não evacuados na derrocada de junho de 1940, etc..

O melhor meio para difundir as idéias dos patriotas franceses contra os alemães, ocupantes indesejáveis e que foi largamente empregado foi a imprensa clandestina que desde o seu apareci-

(66) Oflags - abreviação do alemão Offizierlager, campo alemão onde foram internados os oficiais do exército aliado durante a guerra de 1940-1945.

(67) Stalags - abreviação do alemão Stammlager - Nome dado durante a guerra de 1940-1945 aos campos alemães onde estavam internados os prisioneiros de guerra não oficiais.

mento até a libertação do território francês não esmoreceu jamais na firme determinação de criticar, zombar e diminuir o prestígio de Hitler e de seus seguidores.

Entre todos os contratempos sofridos pela Alemanha em 1942, a derrota na batalha de Stalingrado foi a mais dura; ali, os orgulhosos alemães, que já se julgavam os senhores da Europa, foram obrigados a abandonar aos seus adversários russos materiais bélicos e prisioneiros.

Stalingrado demonstrou a existencia de uma nova potencia militar, a U.R.S.S., a primeira nação do continente europeu capaz de se opor à força alemã. Stalingrado foi o primeiro sucesso dos aliados e esta vitória foi seguida de outras como a batalha de El Alamein na África assim como as alcançadas na região do Oceano Atlântico pelos aliados.

Os alemães, quando desencadearam a sua ofensiva na Rússia, na primavera de 1942 pensavam ser a mesma decisiva para a sua vitória e para isso eles tinham em mente apoderar-se de Stalingrado que era um verdadeiro centro que funcionava como passagem obrigatória para regiões vitais da Rússia. Além do mais Stalingrado era mais que um centro de comunicações, era a cidade de Stalin, um símbolo para os russos. Nesta região os alemães pensaram encontrar o esforço concentrado do inimigo para com sua força esmagadora esgotá-lo, mas a realidade é que os alemães acabaram sendo derrotados e viram-se obrigados a renderem-se aos russos.

As vitórias russas foram muito exploradas pelos jornais clandestinos, eis um pequeno trecho que comprova isto:

"Nós aplaudimos de todo coração as vitórias dos Russos e nós nos alegramos com os prejuizos que eles causam aos Boches. Pouco nos importa quem bate os Boches. O essencial é que eles sejam batidos.

Mas isto não significa que nós tenhamos a menor simpatia pelo regime político da U.R.S.S.. Nós não seríamos mais indulgentes com o totalitarismo bolchevique que com o totalitarismo nazista. Eles são irmãos e nós somos hostis aos dois...

... Nós queremos expulsar Hitler e seus colaboradores franceses.

Quanto ao bolchevismo não o queremos entre nós.

E dizemos ainda uma vez aos franceses: Ninguém ganhará a guerra por nós".⁽⁶⁸⁾

Os franceses saturados com a presença do alemão sabiam que era necessário tudo fazer para hostilizá-lo. Sabiam que deviam tomar atitudes prudentes face aos ocupantes para evitar as represálias que podiam sofrer. No entanto os verdadeiros patriotas franceses procuravam não conversar com os alemães e tomavam atitudes que mostravam claramente como eles viam a presença do ocupante sempre odiosa e insuportável.

Dessa forma frases como essa eram comuns nas publicações clandestinas:

"A grande luta dos povos entra hoje na fase da revolta ativa contra os carrascos nazistas".⁽⁶⁹⁾

Os franceses temiam sobretudo a perda da liberdade e o desaparecimento de valores tais como a dignidade da pessoa humana e a igualdade de direitos entre os homens, a soberania do povo, a emancipação social e o ideal democrático.

Os resistentes para excitar ainda mais o ódio dos franceses contra os alemães nos artigos que publicavam nos jornais clandestinos utilizavam-se das restrições que eram impostas à população. Também exploravam a repressão contra os patriotas, tais como:

(68) Franc Tireur - fevereiro de 1942.

(69) Franc Tireur - nº 8, junho de 1942.

prisões, torturas, execuções e o que se sabia então dos campos de concentração e que estava ainda bem longe da espantosa realidade.

Verdadeiramente durante muito tempo os Resistentes desconheciam os horrores que passaram todos aqueles que foram encaminhados para os campos de concentração. Ignoravam as torturas inflingidas aos prisioneiros pelos homens da Gestapo. Foi somente depois de 1943 que passaram a circular as primeiras notícias sobre o campo de concentração de Auschwitz.

Publicou-se um folheto intitulado: "Eu vi judeus deportados da França para Auschwitz". Este folheto reproduzia as palavras de um trabalhador francês que se evadira. Nele se descrevia como viviam os prisioneiros dos alemães, os duros e penosos tratamentos sofridos pelos concentracionários, um a dez mortos por dia, a existencia dos crematórios.⁽⁷⁰⁾

Este folheto foi retomado pela imprensa clandestina com algumas indicações suplementares: "falava das mulheres com cabeça raspada, da execução de prisioneiros por asfixia, da morte pela fome dos prisioneiros resistentes".⁽⁷¹⁾

Apesar destas notícias que circularam, os Resistentes não conheciam a exterminação sistemática que se fazia nas câmaras de gaz, principalmente contra os judeus.

As publicações clandestinas exploravam ao máximo tudo que podia mostrar o quanto era insuportável para os franceses a presença dos alemães. Recriminavam as pilhagens e requisições alemães tão mal suportadas pelas populações. Ótimo motivo apareceu quando Hitler resolveu convocar os operários franceses para irem trabalhar na Alemanha, o famoso Serviço de Trabalho Obrigatório, (S.T.O.). Todos os jornais clandestinos desencadearam uma rude campanha contra

(70) Arquivos do "Comité de la Deuxième Guerre Mondiale" em Paris.

(71) Le Franc Tireur, 1 de fevereiro de 1944.

o S.T.O. e esta campanha teve difusão sobretudo entre a população operária, pois ela foi de início a mais visada, os camponeses e os estudantes foram chamados mais tarde.⁽⁷²⁾

Durante todos os anos que durou a ocupação alemã na França através dos jornais clandestinos, os resistentes mostraram toda a descrença de verem um dia a Alemanha vitoriosa.

"Ninguém no mundo acredita mais seriamente na vitória alemã. E assim, salvo alguns imbecis, alguns eternos amedrontados e a mafia internacional dos traidores, dos covardes que vão de Quisling⁽⁷³⁾ a Doriot⁽⁷⁴⁾, passando por Laval e Pétain, não há um único homem digno deste nome entre nós, um único francês razoável que de hoje em diante não pense e não diga "Eles estão perdidos". Isto não é mais somente uma questão de esperança, de fé. Isto se torna cada vez mais uma questão de bom senso. O futuro mostrará que os espertalhões calcularam mal e que os vendidos arriscaram sua pele."⁽⁷⁵⁾

Na França Hitler era visto como "um monstro do mal"⁽⁷⁶⁾, como um louco furioso, um desequilibrado mental⁽⁷⁷⁾. Mas ao mesmo tempo reconheciam nele um certo gênio pelas soluções fora do comum encontradas para certos problemas. O reconhecimento das

(72) Vide p.116, nota nº 48 e páginas: 149,150,151 e 152

(73) O norueguês Vidkun Quisling fundador de um movimento pro-nazista. Em 1940 ele facilitou a invasão de seu país pelos alemães. Chefe de um governo de colaboração em 1942, mas, sem autoridade real, tendo sido pouco a pouco afastado desta função pelos alemães. Foi executado depois da libertação e seu nome tornou-se sinônimo de colaboracionista.

(74) Jacques Doriot, chefe do Partido Popular Francês (P.P.F.) organização revolucionária de tendência fascista, de antes da guerra. Com a derrota e a assinatura do armistício entre a França e Alemanha aliou-se imediatamente a Hitler e ao Governo de Vichy. Partiu com Pétain para Sigmaringen tendo morrido em fevereiro de 1945 numa estrada alemã durante um bombardeio da aviação aliada.

(75) Franc Tireur - nº 12, outubro de 1942.

(76) Les Petites Ailes, 16 de julho de 1941.

(77) La France Continue - nº 9, 27 de dezembro de 1941.

qualidades deste inimigo permitia entender melhor o perigo que ele representava. Se Hitler era visto como um psicólogo extraordinário, também era visto como um ditador que abafava a liberdade dos outros e sua sombra pairava como um fantasma sobre todos os países que foram dominados pelos exércitos do III Reich.

Dessa forma o prenúncio da derrota dos nazistas era motivo de grande alegria e de alívio para este povo que perdera a liberdade há muito tempo.

As dificuldades inflingidas ao plano de deportação dos jovens franceses para a Alemanha desencadeara o magnífico combate que encaminhava todos os dias estes jovens com o apoio das populações para os Alpes, o Maciço Central, os Pirineus e as Cevenas. Estes jovens que formaram a vanguarda do exército da libertação, o maquis, demonstravam a união de todo um povo que se engajara na luta e que procurava à sua maneira prosseguí-la, mostrando que a França, apesar do armistício prosseguira sem tréguas uma luta ferrenha contra os ocupantes e que era preciso mais que nunca desenvolvê-la a fim de um dia poderem participar da libertação e da vitória.

Prosseguindo sua campanha contra os alemães e contra os ocupantes, os jornais clandestinos atacavam da ideologia nazista, em especial o seu racismo desumano e anti-cristão.

Na verdade, a religiosidade pretendida dos nazistas não foi mais que blasfêmias, insultos e perseguições ao cristianismo. "O fim verdadeiro era o de abrir um fosso intransponível entre os anunciadores da palavra de Deus e a juventude que crescia".⁽⁷⁸⁾ A empresa nazista não foi nada mais que um imenso esforço de des-cristianização e o jornal Verités trazia: "O pior inimigo do cristianismo é o nacional socialismo".⁽⁷⁹⁾

(78) Verités - 25 de outubro de 1941.

(79) Verités - nº 16, 5 de novembro de 1941.

O Cahier du Témoignage Chrétien no seu número intitulado: "Les Racistes peints par eux mêmes", trazia:

"... Nossa ação é toda em defesa da fé cristã, ela é humana e religiosa: visa antes de tudo fornecer uma documentação honesta, sólida, autêntica, vem informar as consciências e alertar as almas em face de um dos maiores perigos que jamais a fé em Cristo sentiu"(80)

"A Revolução Hitlerista, revolução do nihilismo, marca um retorno ao paganismo: a auto-idolatria de uma raça que deseja fazer de Deus, um Deus anônimo e gregário, mais destruidor que os antigos Molochs e para o qual se poderá bem retomar a apavorante lamentação do poeta pagão... Nós não podemos imaginar que um francês, a menos que seja um vendido; que um cristão, a menos que seja um renegado, aspire esta idade de ouro da dominação mundial pelo Deus Germânico".(81)

O que no fundo tornava o cristianismo intolerável para Hitler e seus seguidores é que o cristianismo pregava o respeito ao homem, para eles uma teoria imbecil.

A origem judaica do cristianismo foi profundamente atacada por Hitler. Era apontada como um pecado imperdoável para o racismo e este pecado era comum à Igreja Cristã (católicos e protestantes) à Franco-Maçonaria e ao Liberalismo pois todos pregavam a liberdade dos homens.

Dois livros dominaram e inspiraram a abundante literatura do III Reich sobre o racismo. Foram verdadeiramente as fontes oficiais da Revelação Racista; difundidos em milhões de exemplares, comentados religiosamente nas cerimônias do Partido, invocados nos

(80) Cahiers du Témoignage Chrétien - nºs 4 e 5 - fevereiro-março 1942, p. 1. Avisos preliminares.

(81) Idem, p. 10.

tribunais como fontes de direito, utilizados nas escolas como normas da nova educação alemã, eles foram a Bíblia da concepção Nacional Socialista do mundo: "Minha Luta" de Hitler e "O Mito do Século XX" de Rosenberg.

No seu livro "Minha Luta", Hitler declarava o seu desejo de prosseguir com fanatismo a luta para o triunfo dos dogmas racistas. Para ele o povo alemão era um povo predestinado a ocupar um lugar de projeção na humanidade e por isso era dever dos arianos germânicos introduzirem a Ordem Nova no mundo, que nada tinha a ver com os sacrossantos direitos dos homens.

Hitler obsecado pela pureza da raça, acreditava que somente os arianos germânicos eram portadores de sangue puro e que era um sinal de predestinação da raça alemã e por esta razão para ele e seus seguidores o Estado Alemão devia ser um Estado racista devendo esforçar-se por obter uma procriação dirigida e assim conseguir o maior número possível de pessoas portadoras de raça pura.

Estas idéias de Hitler foram profundamente atacadas pelo Cahier du Témoignage Chrétien:

"O Estado racista deve logicamente considerar como sua tarefa principal a conservação e a melhoria da raça.

O Estado racista deve antes de tudo se preocupar em obter uma raça pura segundo as regras da eugenia. Deve fazer a procriação dirigida. Deve tirar fisicamente a faculdade de se reproduzirem aos indivíduos degenerados e favorecer consciente e sistematicamente a fecundidade dos elementos mais robustos.

... Deve procurar obter e criar corpos funcionalmente sãos. A cultura das faculdades intelectuais deve vir depois.

... Nenhum rapaz ou moça deve deixar a escola sem ter sido bem esclarecido sobre a pureza do sangue e a necessidade de conservá-la.

Todo o sistema de educação e de cultura deve visar a dar às crianças de nosso povo a convicção de que eles são absolutamente superiores aos outros povos".⁽⁸²⁾

Para atingir o fim desejado Hitler acreditava que cabia portanto à Alemanha Nova, restaurar o valor biológico do sangue e da raça ariana assim como proclamar a superioridade absoluta desta raça sobre todos os outros valores pois assim fazendo caberia a ela regenerar a civilização ocidental.

Vizando a pureza da raça o III Reich proibiu na Alemanha os casamentos entre judeus e alemães e isto foi tremendamente criticado:

"A história estabelece com evidência que, quando o ariano mistura seu sangue com o de povos inferiores, o resultado desta mestiçagem tem sido a ruína do povo civilizador"⁽⁸³⁾ "Um povo de raça pura e que tem consciência do que vale seu sangue não poderá jamais ser subjugado pelo judeu; este não poderá ser eternamente, senão o mestre dos mestiços".⁽⁸⁴⁾

Mas o anti-semitismo não é mais que um começo. "Os nazistas começam pelo judeu e acabam por destruir indiferentemente tudo o que o católico, o protestante ou o muçulmano possuem - uma alma reta, um coração puro, um pensamento independente. Negador da inteligência, coveiro da moral, o racismo é a mais extraordinária escroqueria intelectual, científica e política que existiu".⁽⁸⁵⁾ Ninguém, povo ou indivíduo escapa de seu mal. "Trata-se de uma ordem nova que se liga àquela que deseja construir os povos e que não

(82) Cahier du Témoignage Chrétien - nº IV e V de fevereiro-março de 1942, p. 9.

(83) Idem, p. 8.

(84) Idem, p. 9.

(85) Cahiers Anti-Racistes - nº 1, novembro de 1943.

é a mais antiga e a mais monotona das tiranias do mal. Este diabo na terra tem instalado seu inferno onde todo seu mal feito presente e potencial se afirma: nos campos de concentração". (86)

Para o Estado Alemão, durante o período nazista a missão da mulher não era a de colocar todo o seu ideal no foco familiar pois a família estava acima de seus sentimentos; estava a serviço da pureza racial e era através dela, pela preservação da raça que a mulher deveria agir, consciente da sua missão propriamente feminina.

..." Como expressão típica da raça regenerada, o estado rático devia ter força para fundar uma nova nobreza, uma nova aristocracia que seria a nobreza do sangue puro.

A nova aristocracia seria uma aristocracia de sangue"... (87)

Os nazistas alemães por sua monstruosa divinização do sangue e da raça, assim como por sua maneira brutal de encarar os valores mais sagrados da civilização foram tremendamente criticados não só pela imprensa clandestina da França, mas por todos os povos e pelas diferentes nações civilizadas.

Visando a obtenção e a criação de corpos funcionalmente sãos o nazismo feriu profundamente a moral de todo um povo. Isto provocou as mais severas críticas. O trecho que segue, extraído do jornal Vérités, ilustra bem:

"E que dizer da moral nazista, quando ela ensina a jovens moças de puro sangue alemão que o seu dever é tornarem-se de fato mães de soldados que serão encaminhados à frente de combate" (88)

(86) Cahiers du Témoignage Chrétien, nº IV e V, fevereiro-março de 1942.

(87) Idem, p. 14.

(88) Vérités - nº 13, 5 de outubro de 1942.

Também o jornal Libération Sud criticou a maneira desumana de agir dos nazistas alemães.

No artigo "Morte aos moribundos, diz o racismo", pode-se ler:

..." O relatório dos médicos suíços explica a razão de seu retorno prematuro de uma missão na Rússia.

Quando chegaram na frente alemã da Rússia o comandante queria lhes impor a regra seguida pelos corpos de saúde nazistas.

Esta regra era simples e se resumia em dois artigos: cuidar e evacuar os feridos recuperáveis; os outros grandes feridos que não podiam mais combater deviam ser mortos com uma injeção.

Os médicos suíços tinham uma outra idéia do homem e do dever profissional. Eles recusaram com desgosto estas medidas.

O que é espantoso nesta regra mortal que suprime os inúteis, é que ela não é ditada por uma pura ferocidade bárbara, mas por uma doutrina, o Racismo. Em nome da seleção se suprime na Alemanha os loucos, os incuráveis, os velhos e os que na frente de batalha derramaram seu sangue.

Quando um povo escolhe esta filosofia ele mesmo é incurável". (89)

Dessa forma os alemães nazistas que se consideravam pela pureza de seu sangue predestinados a regenerar a Europa, colocando ordem no caos em que viviam os outros povos europeus não se envergonharam em instaurar na Alemanha o eugenismo negativo, pelas esterilizações legais e pelas restrições aos casamentos exogâmicos.

O Cahier du Témoignage Chrétien em seu número IV e V de fevereiro-março de 1942 tecendo comentários sobre o "Mito do Sé-

(89) Libération Sud - nº 2, 15 de fevereiro de 1942.



culo XX" dizia em sua página 5:

"Este é a Bíblia menor do Nacional Socialismo: depois de "Minha Luta" é o mais célebre, o mais lido e o mais retumbante livro do III Reich. Seu autor Alfred Rosenberg, é um nazista da primeira hora; ele é o redator chefe do jornal oficial do Partido o Voelkischerbeobachter, que assegura a difusão quotidiana dos dogmas do "Mito do Século XX". O Mito é o livro da revolução religiosa do racismo.

Prosseguindo na página 6 encontra-se:

O Mito de Rosenberg deve ser enfim o livro de reunião racista para a Revolução Universal. Le-se textualmente em sua cobertura: "O Mito do Século XX é o mito de sangue que desencadeia sob o sinal da Cruz Gamada, a revolução mundial racista: este é o despertar da alma racial que ao final de um longo sono termina vitoriosamente o caos racial".

Segundo Rosenberg no "Mito do Século XX" a Alemanha tinha uma missão a cumprir e por conseguinte os únicos elementos raciais que se conservavam puros eram os germanos e estes deviam tomar consciência do seu valor racial e de sua missão cultural para regenerar a Europa pelo culto da raça. Esta regeneração exigia uma depuração total do sangue germânico de todos elementos estrangeiros, depuração que por seu turno exigia um verdadeiro culto do sangue. O sangue, a raça deverão dar nascimento a um novo mito religioso que toma a sucessão das antigas religiões. Este será "O mito do século XX".

O racismo alemão serviu portanto como uma justificação para a expansão e conquista de grande parte do território europeu pelo III Reich.

"É preciso colocar no ponto de partida a idéia romantica alemã, da missão do povo alemão, idéia que servida por uma



mística de força transforma-se num desejo de expansão e de conquista dos povos escravos pelo povo senhor".⁽⁹⁰⁾ O anti-semitismo toma assim todo seu sentido. Certo como sempre "ele é a válvula de segurança de onde escapa a lama dos sentimentos recalçados e sórdidos dos fanáticos"⁽⁹¹⁾. É assim "uma tara inevitável das sociedades ocidentais, ao lado da prostituição, do alcoolismo, do jogo".⁽⁹²⁾

O mito da raça pura assim como as suas diferentes idéias foram combatidas e quando os jornalistas clandestinos as combatiam procuravam evitar uma infiltração destes dogmas racistas, mais especificamente alemães, entre os próprios franceses.

Os resistentes tinham que combater sem descanso os alemães ocupantes de todo território francês desde novembro de 1942. E nessa luta empreendida por eles era necessário arrastar o conjunto do povo francês. Era uma luta desigual pois os franceses não possuíam mais um exército para enfrentar os inimigos, nem equipamentos, nem armas. Os inimigos eram todo poderosos e tinham como certa a vitória.

O general de Gaulle, da Inglaterra, começou a enviar armas, equipamentos, aparelhos de rádio, dinheiro para alguns agrupamentos de resistentes e que eram trazidos por aviões ou jogados por paraquedas. A resistência de início incipiente foi cada vez mais se fortalecendo mas mesmo assim os resistentes tinham necessidade de muitas armas para poder enfrentar os ocupantes detestados e muito embora o governo britânico apoiasse de Gaulle e o grupo da França Livre, os americanos não compartilhavam da mesma idéia. Os americanos tentavam ignorar de Gaulle e seus seguidores assim como os diferentes grupos de resistentes da França Interior.

De Gaulle teve que desenvolver grandes esforços para se fazer reconhecer como líder da resistência pelos americanos.

(90) Volontaires de la Liberté - Boletim de 27 de janeiro de 1943.

(91) Pantagruel - nº 16, outubro de 1941.

(92) Cahier Anti-Racistes nº 2, Alger, dezembro de 1943.

Os resistentes necessitavam de armas e os aliados anglo-saxões temiam enviá-las.

O jornalista clandestino Emmanuel d'Astier de la Vigèrie fundador do jornal Libération Sud publicou neste jornal um artigo intitulado: "Dê Armas para os franceses e nós economizaremos divisões inteiras das tropas aliadas".

Nele, Emmanuel d'Astier solicitava solenemente que a Resistência francesa fosse reconhecida e tratada como parte integrante do exército francês e mesmo como vanguarda dos exércitos aliados no continente europeu. Solicitava armas para os grupos franceses, para os franco atiradores, para os jovens rapazes dos maquis, para todos os combatentes anônimos que desejavam atacar a máquina de guerra alemã com meios infelizmente irrisórios.

Ressaltava a necessidade de aumentar ao máximo a ação contra o inimigo mostrando a necessidade de remeter aos responsáveis reconhecidos e qualificados da Resistência os meios materiais que lhes faltavam.

Ressaltava ainda que a Resistência francesa organizada contra os alemães ocupantes não era composta nem de mercenários, nem de aventureiros e que estes tinham necessidade de armas, munições, explosivos para desempenharem bem o seu mister. A Resistência na França era uma organização popular da resistência nacional à opressão inimiga. Ressaltava que a Resistência francesa era uma resistência nacional e democrática.

Neste artigo d'Astier dizia:

"Trata-se de combater o inimigo sem descanso. Trata-se de arrastar o conjunto do povo francês na luta. Se alguns de nossos amigos anglo-saxões temem remeter armas ao povo francês nós nos permitimos de lhes dizer: vocês retardam a vitória, vocês sacrificam vidas francesas porque podemos substituir os bombardeios mor-

tais para as populações civis por operações de sabotagem por vezes mais eficazes, abreviando em definitivo o dia da libertação. O povo francês se armará porque não esquecerá de juntar as armas sobre as rotas da debandada alemã. Nossa guerra é nacional e democrática. Pedimos que a Resistência seja tomada em consideração, que os aventureiros ou os usurpadores cessem sua obra de desmoralização e de divisão. Pedimos: Armas para a França".(93)

Este artigo de Emmanuel d'Astier de la Vigèrie é muito interessante de ser analisado porque em sua ânsia de querer armar os franceses ele deixa transparecer a situação difícil deste povo angustiado pela presença dos alemães e sequiosos de desforra.

Nos diferentes movimentos da resistência efetuou-se uma verdadeira mistura dos elementos os mais diversos para a luta contra os ocupantes que era uma luta comum a todos eles, pois os resistentes julgavam ser dever de cada um deles, matar o boche. O Cahier de la Libération trazia, num artigo assinado Denis, o seguinte:

"Meu ódio ao nacional socialismo é estendido à Alemanha inteira. A cada soldado que eu encontro eu desejo sempre a morte".(94)

Os resistentes sabiam que face aos alemães a sua única defesa era matar "Matar sem paixão. **Não se rebaixar** jamais a torturar, a fazer sofrer. Não somos carrascos, somos soldados. Matar sem remorsos ou piedade porque este é um dever, um doloroso dever, um dever de justiça".(95)

4. Profundamente contra os colaboracionistas

Uma atitude profundamente hostil aos colaboracionis-

(93) Libération Sud - nº 44, 5 de março de 1944.

(94) Cahier de la Libération, março de 1944.

(95) Défense de la France, nº 44, 25 de fevereiro de 1944.

tas do Reich Alemão foi uma constante de toda imprensa clandestina na França, desde os seus primeiros esboços com o aparecimento de folhas volantes, folhetos, boletins, jornais etc. até o período de maior euforia no ano de 1943, que antecedeu a libertação do solo francês.

Os colaboradores eram vistos como traidores pelos franceses resistentes e encarados mesmo como vergonha para toda a nação. Os atentados contra os alemães e contra os colaboradores aumentaram grandemente desde que a resistência se organizou melhor a partir de 1943. "Nesta época numerosos franceses sejam os colaboradores dos alemães, sejam os presumidamente vistos como tal recebiam pacotes contendo enterros em miniatura; assim eles ficavam sabendo que na libertação do país seriam executados".⁽⁹⁶⁾

"Foram múltiplos os golpes em todo território francês contra os ocupantes e os colaboradores criando entre eles uma verdadeira psicose de pânico.

Em maio de 1943 execuções pela Resistência dos membros do Partido Popular Francês de Doriot. Em agosto de 1943 atentados na região parisiense... A 11 de novembro de 1943, movimentos de greves e manifestações que levaram a repressões múltiplas, expedições contra os centros de distribuição das cartas de alimentação e de bilhetes tendo como objetivo facilitar o abastecimento dos maquis"...⁽⁹⁷⁾

Estas medidas tomadas pelos resistentes eram uma forma de desforra destes homens contra aqueles que causavam tanto mal aos franceses.

Também a rádio de Londres B.B.C. anunciava as condena

(96) ARON, Robert - Histoire de Vichy 1940-1944. 1ª ed., Paris, Arthème Fayard, 1954, tomo II, p. 291.

(97) ARON, Robert - Histoire de Vichy 1940-1944. Op. cit., p. 291.

ções pronunciadas pela França Livre contra os colaboradores, traidores da pátria.

Os redatores dos jornais clandestinos sabiam que a hostilidade de seus artigos feria profundamente os homens que se vendiam aos alemães por vís interesses. Estavam seguros que havia por toda a França não só na zona ocupada, mas também na livre, muitos franceses que militavam em favor de uma colaboração total com os alemães tais como Luchaire⁽⁹⁸⁾, Fernand Brinon⁽⁹⁹⁾, Marcel Déat⁽¹⁰⁰⁾, Jacques Doriot, etc, que precisavam ser severamente criticados. Num artigo chamado "Através da Imprensa" aparecia o seguinte:

"A publicação de l'Université Libre provocou um golpe a Déat, Doriot e associados, especialistas da mentira, técnicos da servidão, que não podem tolerar um jornal que diz cada semana a verdade aos universitários e os ajuda a prosseguir sem fraquejar a luta pela liberdade e independência da França".⁽¹⁰¹⁾

Este artigo publicado em dezembro de 1940 já colocava em evidência a ação destes colaboradores mostrando como eles eram vistos pelos resistentes. Os colaboradores foram na realidade mui-

(98) Luchaire, escritor e jornalista colaborador, diretor do "Nouveaux Temps" condenado à morte e executado em 22 de fevereiro de 1946.

(99) Fernand de Brinon, um dos colaboradores mais notórios e dos mais desprezados era desde dezembro de 1940, delegado geral do Governo de Vichy em Paris. Depois da guerra ele foi julgado pela Alta Corte, condenado à morte e executado a 15 de abril de 1947.

(100) Marcel Déat, homem político de esquerda tinha tomado posição contra a guerra à Hitler em 1939, por um artigo que fez grande barulho: "Mourir pour Dantzig". Foi um dos mais célebres jornalistas colaboradores, como redator chefe do jornal L'Oeuvre, antigo jornal radical. Chefe do Rassemblement National Populaire (R.N.P.). Foi igualmente ministro do trabalho e da Solidariedade Nacional em 1944. Seguiu Pétain a Sigmaringen, refugiou-se nos Alpes Italianos onde conseguiu se esconder e onde morreu em 1955. A Alta Corte de Justiça o tinha condenado à morte por contumácia em junho de 1945.

(101) l'Université Libre - nº 4, 28 de dezembro de 1940.

tos e em sua grande maioria foram oportunistas que, estando imbuídos pelas vitórias alemãs dos primeiros anos da guerra, pensavam tirar o maior proveito possível da situação, tendo portanto tomado posição de colaboradores incontestes dos alemães.

Outro artigo que ressaltava a Agressão da Alamenha à Rússia dizia num certo trecho:

"Hitler tem necessidade mais que nunca de seus governos fantoches de seus Pétain e Darlan⁽¹⁰²⁾ para ajudá-lo a manter a segurança de suas costas nos territórios ocupados. Já Déat e outros traidores fazem sua campanha para colocar a França ao lado do Reich contra a U.R.S.S.. Nós devemos, portanto fortalecer a luta contra os traidores de Paris e de Vichy.

Cada dificuldade criada aos homens de Vichy é uma revés para Hitler".⁽¹⁰³⁾

Nestas linhas pode-se entrever todo o ódio e desprezo que os patriotas franceses nutriam pelos colaboradores do governo ocupante. Em consequência a agressão Alemã à Rússia, esta vai entrar na guerra ao lado dos aliados, ao lado da Inglaterra e os jornais de esquerda como é o caso de l'Université Libre assim como l'Humanité que até então viam a guerra como uma guerra entre países imperialistas, mudam sua posição radicalmente.

Os colaboradores eram vistos pelos resistentes como oportunistas, que davam a sua colaboração ao Reich Alemão visando com isso tirar vantagens para si e suas famílias.

O trecho seguinte apareceu em diversos jornais:

(102) O Almirante Darlan era o herdeiro de Pétain, seu braço direito e seu ministro dos Negócios Estrangeiros. Encontrava-se em Argel quando do desembarque anglo-americano e se ligou aos aliados o que causou um grande escândalo entre os resistentes. Foi assassinado em Argel por um patriota, Bounin de la Chapelle, no fim de dezembro de 1942.

(103) l'Université Libre - nº especial, 25 de junho de 1941.

"O egoísmo da classe dos capitalistas é raramente manifestado com tanto cinismo. Aproveitadores de guerra, capitalistas, tendo em vista a obtenção de situação vantajosa, eles esmagam o povo e é isto que o velho marechal chama de Revolução Nacional".(104)

O ataque japonês a Pearl Harbour em 7 de dezembro de 1941 teve como consequência a entrada dos Estados Unidos na guerra ao lado da Inglaterra. A partir de então a guerra tomou um caráter mundial.

Enquanto a guerra se alastrava por todo mundo a esperança de libertação era aumentada na França, muito embora a resistência ainda fosse fraca em grande parte do seu território e os colaboradores fossem muitos.

Num artigo publicado "A Propósito do 14 de julho" podia-se ler:

Para colaborar, escreve um certo René Richard du Page em "La Gerbe"(105), "a França deveria renunciar às vãs sutilidades do seu racionalismo abstrato e se elevar à simplicidade da clara profunda e direta visão das coisas. Isto é, riscar Descartes de seu patrimônio, renunciar ao espírito crítico, a lógica e adotar por credo o obscurantismo de Rosenberg.

É bem isto! Para colaborar é preciso começar por renunciar às nossas liberdades, à nossa indústria, aos nossos produtos, ao nosso pensamento.

(104) Estas mesmas palavras apareceram nos seguintes jornais comunistas: l'Humanité, nº 85, novembro de 1940.

Avant Garde, nº especial, novembro de 1940.

l'Humanité, nº 102, 5 de março de 1941.

(105) Um dos primeiros cuidados dos alemães logo depois de sua chegada à França foi o de controlar as empresas da imprensa como: Matin, Paris Soir, l'Oeuvre, Le Petit Parisien, etc. Empenhou-se também em fazer publicações novas como os quotidianos Anjourd'hui, Le Cri du Peuple, La France au Travail, Les Nouveaux Temps. Assim como os semanários: la Gerbe ou le Pilore.

Renunciar ao pensamento cartesiano, renunciar à filosofia das luzes, a tudo isto que foi durante dois séculos as elites intelectuais do mundo inteiro partindo da França sua pátria espiritual esta que foi a fonte dos princípios imortais da grande Revolução, a fonte das Ciências Modernas".(106)

É evidente no artigo o que o autor pensava da colaboração. O que representava para a França a sua cultura, a sua tradição, tudo que lhe era mais caro e que estava sendo solapado pela presença dos vencedores de 40, desse povo que julgando-se superior aos outros tomava atitudes insuportáveis ao povo francês tão apegado às tradições e às glórias do seu passado brilhante.

De certa forma todos os clandestinos criticavam a desorganização do ensino no Governo de Vichy mas foram principalmente os jornais: l'Université Libre e Défense de la France que criticaram mais acremente. Os sucessivos Ministros da Educação que passaram neste governo foram criticados sem piedade.

Se tomamos como exemplo um trecho ainda do jornal l'Université Libre de 5 de julho de 1942 encontramos:

"O território está amputado, a população está esfomeada, as usinas fecham, os trabalhadores são enviados a serviços no outro lado do Reno, a agricultura está arrazada pelas requisições, o ensino está desorganizado pelos Carcopinos⁽¹⁰⁷⁾ e pelos Bon-

(106) l'Université Libre- nº 63, 5 de julho de 1942.

(107) Jérôme Carcopino, historiador renomado, autor de obras sobre Roma, foi reitor da Academia de Paris depois dos grandes incidentes de 11 de novembro de 1940. Foi Ministro da Educação Nacional do Governo de Vichy de 1941 a 1942. Foi substituído a 26 de maio de 1942 por Abel Bonnard.

nard⁽¹⁰⁸⁾, a busca científica está abafada em proveito dos industriais colaboradores".

Outros jornais clandestinos também desenvolveram frequentemente a mesma linha de críticas tais como: a anexação da Alsácia Lorena à Alemanha; a incorporação dos departamentos do Norte e Passo de Calais ao governo de Bruxelas: a pilhagem contínua das produções agrícolas francesas em favor da Alemanha; o envio dos trabalhadores para a Alemanha para trabalharem nas suas indústrias e a desorganização do ensino causada pela nomeação de Ministros obstinados colaboradores que para satisfazerem a Alemanha não titubeavam em prejudicar a França.

O jornal l'Université Libre publicou o artigo que trazia por título "As balelas de Bonnard" no qual podia-se ler:

"Abel Bonnard continua a confundir o ensino. Suas iniciativas incoerentes desorganizam cada dia mais a Universidade, cujas tradições são corajosamente mantidas pelos mestres de todas as categorias, apesar dos furores deste pequeno mestre provisório.

Numa circular do início de julho relativa aos exames este "Gestapette"⁽¹⁰⁹⁾ escreveu: "Algum esforço que se faça para reduzir a parte do acaso que entra nas provas, nos exames e nos concursos, é inevitável e necessário que subsista em alguma parte porque ele não representa nada mais que o acaso que se encontra sempre

(108) Abel Bonnard foi nomeado Ministro da Educação Nacional a 26 de maio de 1942. Foi um colaborador que não escondia a sua admiração pelos nazistas. Desde que assumiu o Ministério da Educação podia-se esperar graves medidas contra a Universidade. Abel Bonnard partiu com Pétain para Sigmaringen e refugiou-se em seguida na Espanha. Foi julgado pela Alta Corte de Justiça e condenado à morte por contumácia em 1947. Voltando a França um novo processo o condenou em março de 1960 a 10 anos de exílio.

(109) "Gestapette" não foi encontrada a tradução para esta palavra mas pelo sentido pode-se notar que é um termo pejorativo utilizado na época pelos franceses com referencia aos colaboradores.

nas provações da vida".

Assim Bonnard em sua sabedoria que a vida é uma loteria, concluía também por achar justo que o bacharelato também fosse uma loteria, porque preparava melhor as provas da vida"... (110)

A sabotagem da educação na França no período de Vichy será melhor enfocada no item seguinte.

Entre todos os colaboradores o mais severamente criticado foi sem duvida alguma Pierre Laval. A opinião pública no seu conjunto não foi jamais colaboracionista, muito embora nos primeiros anos que sucederam a derrota apoiasse o Marechal Pétain, na época visto como a pessoa mais indicada para salvar a França de maiores infelicidades.

Quando Philippe Pétain assumiu as funções de chefe de Estado na França foi auxiliado nos primeiros meses por Laval e este desde o início pretendia manter relações amistosas e colaboradoras com os alemães. Foi Laval quem teceu as manobras que levaram à Entrevista de Montoire de 24 de outubro de 1940 entre Pétain e Hitler. Esta entrevista foi amplamente divulgada no mundo todo e os jornais além da divulgação da notícia do encontro trouxeram estampado uma foto de Pétain estendendo as mãos a Hitler. Este gesto dos dois chefes transmitidos nos jornais pela Propaganda Staffel, foi difundido nas telas dos cinemas e mergulhou a França no espanto e revolta.

Nesta entrevista, Hitler falou na certeza de vencer logo a Inglaterra que seria em seguida ocupada e devastada. Disse estar seguro de que ganharia a guerra, mas também que gostaria de terminá-la o mais breve possível porque não achava nada mais destrutivo que a mesma, afirmando ainda que a Inglaterra é quem teria que

(110) l'Université Libre - nº 83, 15 de agosto de 1943.



pagar os maiores gastos. Dizia ainda que todos os países europeus sofreriam com o prolongamento da guerra e assim sendo seria interessante se formar uma comunidade continental tendo por fim abreviar a duração das hostilidades.

Hitler queria que a França se engajasse na guerra ao seu lado, mas Pétain, bastante reticente, acrescentou que a França já havia sofrido muito tanto moral como materialmente para se lançar de novo no conflito. Pétain tentou mostrar que para a França seria indispensável que Hitler desse liberdade aos seus prisioneiros, 1.500.000 de soldados dos Oflags e Stalags.

Hitler respondeu que só libertaria estes soldados depois da derrota definitiva da Inglaterra.

Pétain desejava um amaciamento da linha de demarcação, assim como o retorno dos departamentos do norte unidos ao governo militar de Bruxelas e ainda uma redução da indenização da ocupação. Estes foram realmente os motivos que levaram Pétain a aceitar a entrevista de Montoire. Hitler se comprometeu a entregar por escrito sua posição sobre os diversos pontos levantados e o Marechal por sua vez comprometeu-se de fazer um apelo pelo rádio a fim de convidar os franceses a colaborarem com a Alemanha.

Hitler queria que o Marechal Pétain colaborasse com ele engajando a França novamente na guerra ao seu lado, mas Pétain continuou bastante reticente a esse respeito.

De acordo com o que se sabe hoje desta entrevista, Pétain não acedeu à vontade de Hitler, contudo, a repercussão foi a pior possível para o velho marechal.

Alguns jornais clandestinos de esquerda desencadearam uma nítida condenação da política de colaboração que marcava uma evolução nova do partido comunista:

"A colaboração franco alemã é cheia de perigos de

guerra para o nosso país, que não deseja repor a mala nas costas... Assim como nosso partido se põe contra a guerra imperialista feita às expensas das finanças inglesa, também se opõe à entrada da França na guerra, a fim de evitar o triunfo da Nova Ordem Européia que seria a vassalização da França...

"Abaixo a guerra imperialista"!

"Viva a França livre e independente"!(111)

Outros jornais comunistas também publicaram artigos semelhantes. Por exemplo:

"A chamada colaboração da França para uma Europa renovada é a submissão total de nosso país ao clã imperialista alemão, é a deshonra, a escravidão, é de novo a guerra..."(112)

Depois dessa entrevista, o marechal Pétain declarava pelas rádios que dentro da honra e da dignidade era importante para a França buscar uma política de colaboração com a Alemanha. Este termo colaboração marcou o Governo de Vichy profundamente. Grande numero de franceses ficaram chocados com as palavras de Pétain e passaram a olhá-lo com desconfiança.

Muitas coisas foram publicadas contra Pétain e estes trechos podem ser destacados como exemplo:

"Pétain não escapará da justiça republicana e do desprezo da história. A libertação nacional se fará sem ele, apesar dele e contra ele. A hora da vitória aliada e francesa será também a do castigo".(113)

"Existe no mundo alguma coisa mais grotesca do que os galões, estrelas ou condecorações dos oficiais que colaboram com o inimigo".(114) Acontece que apareceram divergências entre Pétain e

(111) l'Humanité, 31 de outubro de 1940.

(112) L'Avant Garde - nº especial de novembro de 1940.

(113) Folheto do Movimento Unido da Resistência (M.U.R.) de novembro de 1943.

(114) La France Continue, 10 de junho de 1941.

Laval e o chefe do Governo resolveu afastar o auxiliar do seu governo e esta data 13 de dezembro tornou-se um verdadeiro acontecimento para a história de Vichy.

Apesar de tudo que se falou e se escreveu contra Pétain a verdade é que no fundo ele não era um traidor e colaboracionista como foram a grande maioria dos que o cercaram no período do seu governo. Os franceses de uma forma geral ficaram satisfeitos com o afastamento de Laval e essa atitude de Pétain fez crescer o seu prestígio, mas os alemães não esperavam isso e ficaram descontentes com a demissão de Laval, homem profundamente inteligente, mas venal e ardente colaborador da Alemanha.

A demissão de Laval, marca o início uma segunda fase do Governo de Vichy, na qual a principal figura foi o Almirante Darlan entre 9 de fevereiro de 1941 e 18 de abril de 1942.

Neste período o problema fundamental foi o da colaboração com os alemães, pelo Governo de Vichy.

O colaboracionismo de Darlan esteve amplamente ligado à evolução da guerra e aos sucessos alemães. Nos momentos dos maiores sucessos alemães, a colaboração foi maior que nos momentos em que a guerra parecia indecisa. Esta política não agradou aos alemães que em abril de 1942 forçaram a volta de Laval ao Governo de Vichy com o consequente afastamento do Almirante Darlan.

Esta volta de Laval foi amplamente criticada pelos jornais clandestinos. "Como um cão que volta a seu vomito, o Marechal teve de aceitar de volta Laval".⁽¹¹⁵⁾ Estes termos são realmente pesados contudo refletem a real situação e a maneira como foi encarada esta volta. Todos os jornais publicaram artigos sobre o ato constitucional de 19 de abril de 1942 que apesar de manter Pétain

(115) Franc Tireur - maio de 1942.



como chefe do governo entregava efetivamente a direção da política interior da França a Pierre Laval.

"Desde então Pierre Laval foi de fato, senão em título, o verdadeiro Chefe de Estado".(116)

O ato constitucional assinado por Pétain dizia:

"A direção efetiva da política interior e exterior da França é assumida pelo chefe do governo, nomeado pelo Chefe de Estado e responsável diante dele".(117)

A partir de então os acontecimentos se precipitam em todos os sentidos. Laval prosseguindo sua política de colaboração não hesita em desejar a vitória dos alemães.(118)

A colaboração do Marechal Pétain já era difícil de aceitar, mas estas palavras de Laval atingiram profundamente o orgulho e a dignidade da opinião pública francesa que desde então não o perdoou mais.

Os mais pesados artigos foram publicados contra Laval, contra sua política e principalmente no tocante à sua atuação no atendimento ao Serviço do Trabalho Obrigatório (S.T.O.).

"Laval vós sois um canalha e doze bocas de fuzis vos chamarão um dia".(119)

O artigo "Mercador de Escravos" reflete bem a maneira pela qual Laval era visto pela grande maioria da população:

..."Trabalhador francês! Laval e seu bando desejam te entregar a Hitler. Que lhe importa se nas usinas onde tu serás tratado como escravo pelos nazistas, tu és esmagado pelos bombardeios britânicos que retomam uma cadência terrível. Trabalhador francês!

(116) ARON, Robert - Op. cit., pp. 161-162.

(117) Idem, p. 162.

(118) Vide p.116, nota 47.

(119) Combat, 13 de junho de 1943.

Tu não serás enganado. Toda a França te ajudará a resistir, toda a França ajudará os desempregados até a hora da libertação.

Laval acha a França "Insubmissa e Inerte" Tu falas! Insubmissa? Certamente, mas não inerte? Que horror!

O trabalhador francês não tem nenhum desejo de ir até Hitler"... (120)

A campanha contra Laval e contra o S.T.O. foi prosseguida sem esmorecimento por todos os jornais clandestinos. Os artigos que seguem ilustram bem:

"A batida aos trabalhadores".

..."E em torno do trabalhador francês. É preciso 400.000, Laval vem de os prometer a Hitler. Eles não se apresentam na partida... É uma caça, uma batida. Jamais na história de um povo se viu os governantes e seus agentes de execução darem prova de tal baixesa, de tal servilismo: É uma espécie de frenesi no ignobil. Entrega-se vende-se o país no atacado e no varejo, corpos e bens, alma e carne, homens e coisas". (121)

O Jornal Franc Tireur publicou:

"Eles desejam varrer rapidamente um povo"

"Desta vez não é somente a caça ao homem, as prisões, as deportações, das quais alguns covardes inconscientes dizem: "Is-to não somos nós, são os outros".

É o varrer de todo um povo.

...Toda nossa juventude é recenseada, marcada como gado, cercada, expedida em vagões que rodam para a Alemanha, até as usinas, os campos, as frentes, carne para o trabalho, carne para o canhão, para a guerra de Hitler.

Ah! os traidores, os miseráveis, os imbecis que lhes

(120) Franc Tireur de julho de 1942.

(121) Franc Tireur, nº 16, 20 de março de 1943.

fazem coro falando-se de colaboração, como eles têm ainda coragem de olhar os rostos crispados das mães e dos pais da França? Como têm eles ainda a audácia de escrever e de falar? Como o velho Pé-tain pode ainda se mostrar?

Franceses! de pé contra a escravidão

O Movimento é levantado.

Milhares de jovens franceses recusaram partir para a Alemanha. Milhares são os que não aceitam a deportação e que serão amanhã os combatentes pela libertação, que fogem para as montanhas da Savoia, do Maciço Central, do Jura e do Var. É um reerguimento magnífico, um despertar de nosso povo que enfim grita "não" aos tiranos nazistas.

É preciso que todo o povo da França seja cúmplice na luta contra a deportação. Os empregados do recenseamento, os funcionários de todos os serviços e escritórios devem retardar por todos os meios as operações de registro. Cometer erros, arrancar folhas, sabotar os controles.

Os policiais, a guarda movel, os soldados devem ficar passivos diante de ordens infames, opor a força da inércia aos mandamentos de repressão que se lhes dão.

Os camponeses, os sitiante, os burgueses que têm casas no campo, os pequenos e grandes proprietários de terras, fazendas e sítios devem abrigar os fugitivos da deportação.

As famílias daqueles que são designados para partir, tudo devem fazer para os ajudar em sua recusa, em sua vontade de luta.

Arriscam-se menos escondendo-se na França que partindo para os ossários de leste.

... E sobretudo ganhais as montanhas, organizai-vos em redutos da resistência e da liberdade.

Recenseando-se em plena desordem, depois que os franceses resistem. O resenhecimento previsto dos homens de 31 a 41 anos não poderá ser feito se a ação continua a se desenvolver como agora.

Vichy e os Boches não sabem o que fazer.

Aproveite. Fale como todos os povos da Europa.

Não se prende, não se deporta toda uma nação.

E a libertação está próxima". (122)

A campanha contra o S.T.O. e contra Laval desencadeada pelos diferentes jornais clandestinos foi talvez a mais bela encetada por eles. Não se pode esquecer que o S.T.O. provocou entre a juventude francesa tal revolta que em poucos meses o número de resistentes aumentou sobremaneira. Todos aqueles que se recusaram a partir para a Alemanha foram engrossar as fileiras da resistência, tendo encontrado todo apoio da própria população civil. Os franceses não se conformaram com as medidas adotadas pelo Governo de Vichy em atendimento às exigências alemãs feitas pelo "Gauleiter" Sauckel, encarregado de recrutar franceses para trabalhar nas usinas alemãs.

Estas razões ou ainda razões políticas levaram os jovens franceses a se orientarem para a Resistência ou a cometerem atos de Resistência. Outros até então não engajados politicamente tomaram a mesma orientação. Muitos deles eram partidários do general de Gaulle, acreditavam que ele representava uma esperança para a França, partilhando de sua vontade de luta contra o inimigo.

Em novembro de 1942, os americanos desembarcaram no norte da África e a sua atitude na região foi recebida como uma grande ofensa aos franceses. É que os americanos depois de desembarcarem ofereceram cargos de direção a certos franceses considerados traidores, como Darlan, Pucheu, Noguès, etc.. Os resistentes franceses reprovaram virtualmente estas investidas e este descontenta-

(122) Franc Tireur, 20 de março de 1943.



mento não foi jamais esquecido durante todo o prosseguimento do conflito.

O jornal Combat publicou uma série de artigos mostrando este estado de coisas. O trecho que segue ilustra a afirmação:

"Nós vos pomos uma questão brutal. Porque, após ter desembarcado em nossas possessões africanas, destes o poder a homens pelos quais o povo francês tem somente desprezo? O povo francês recusa a colaboração. É fazer-lhes uma injúria impor-lhes Darlan, Pucheu, Boisson, Chatel, Bergeret, Noguès que, servindo Vichy, serviram Hitler. Caçai os traidores e seus seguidores".⁽¹²³⁾

Os americanos foram profundamente criticados pelos resistentes franceses por terem tomado tais medidas. Os resistentes franceses em sua quase totalidade apoiava o general de Gaulle e os americanos tentaram sistematicamente ignorá-lo. A imprensa clandestina extravasou seu desgosto com toda sua força:

"Assim Roosevelt comete um duplo erro: impôs aos franceses homens que eles não desejam e descartou sistematicamente aqueles que eles aceitam. "Vós não soubestes reconhecer o plebiscito moral de um povo voltado para de Gaulle"?⁽¹²⁴⁾

Estes artigos expressam o pensamento da grande maioria dos franceses que era profundamente hostil aos colaboracionistas do Reich Alemão, mostrando ainda que não desejavam nenhum deles no meio dos que lutavam com toda força para expulsar os ocupantes e seus colaboradores.

5. Contra o Governo de Vichy

A 10 de julho de 1940, no Casino de Vichy, a Assem-

(123) Combat - nº 44, 10 de dezembro de 1942.

(124) Combat - nº 44, 10 de dezembro de 1942.

bléia Nacional, por 569 votos favoráveis, 80 contrários e 17 abstenções declaradas, transferira seus poderes constituintes ao Marechal Pétain.

Assim se estabelecia o regime de Vichy. Eis em que termos foi redigido o documento que entregou nas mãos de Pétain o Governo da França.

"Artigo Único:

A Assembléia Nacional dá todos os poderes ao governo da República, sob a autoridade e a assinatura do marechal Pétain, a fim de promulgar por um ou vários atos uma nova Constituição do Estado Francês. Esta Constituição deverá garantir os direitos do Trabalho, da Família e da Pátria.

Ela será ratificada pela nação e aplicada pelas Assembléias que criar".(125)

No dia seguinte o marechal Pétain assumia as funções de chefe do Estado Francês.

Assim desapareciam todas as instituições e os quadros nos quais se organizava a vida política dos franceses. Dessa forma, a III República desaparecia com a derrota da França.

O parlamento voluntariamente tinha entregue seus poderes e suas responsabilidades nas mãos de um homem renomado o Marechal Pétain. Os partidos políticos dissolveram-se, os sindicatos patronais estavam reduzidos à inatividade antes mesmo do Governo de Vichy pensar em suprimi-los.

A popularidade de Pétain e do Governo de Vichy começaram a ser abaladas desde os seus primeiros tempos por uma pequena parcela de franceses que não concordavam com a atitude da França em aceitar passivamente a derrota.

(125) ARON, Robert - Histoire de Vichy. Op. cit., tomo I, p. 205.



Entre estes estavam os soldados disciplinados que depositavam confiança no marechal Pétain, estes homens eram militares de carreira do exército do armistício e mais particularmente os dos serviços especiais de informações e contra espionagem. Estes pretendiam formar um novo exército francês no Império colonial. Eram anti-alemães por vocação e por formação e chegaram mesmo a esconder as armas para não entregá-las aos alemães em atendimento à Convenção do armistício. Não visavam a resistência senão hierarquizada e no quadro de um exército regular. Não estavam de acordo com a guerra subversiva.

Para se compreender bem o Governo de Vichy é preciso separá-lo em três períodos:

1) - o que vai de 10 de julho a 13 de dezembro de 1940, período Pétain-Laval.

2) - o que vai de 13 de dezembro de 1940 a 18 de abril de 1942 - período Pétain-Darlan.

3) - o que vai de 18 de abril de 1942 a 20 de agosto de 1944 - período de retorno de Laval por imposição alemã e que, dando a aparência de ainda ser um governo chefiado por Pétain, foi na realidade um governo de Laval.

No primeiro período Pétain ao receber o governo tinha todos os poderes. Era um francês renomado e acatado pela grande maioria da população e era neste momento visto como um homem que tentava ajudar o seu país num momento difícil, pelo menos a grande maioria dos franceses o viam como tal.

No entanto ele pouco a pouco foi enveredando pelos caminhos da colaboração. Os seus atos passaram a ser suspeitos.

Já nos primeiros meses do Governo de Vichy, a imprensa clandestina publicava artigos contra ele. O jornal comunista l'Humanité dizia:

"Em realidade, o governo de Vichy não é livre em seus gestos. Ele copia o ocupante porque ele está às suas ordens, ele não existiria sem ele".(126)

L'Humanité, sendo um jornal comunista, não deixava de atacar o governo também por sua linha política quando dizia: "Os capitalistas traidores apegam-se à ocupação para manter-se no poder".

Seguindo a mesma linha de crítica contra o governo l'Humanité publicava em outubro de 1940:

"O remanejamento ministerial de setembro de 1940 foi feito por ordem de Hitler e este governo é um governo de fantoches nas mãos dos estrangeiros".(127)

A 24 de outubro de 1940, Pétain compareceu à entrevista de Montoire, onde conversou com Hitler. Criticando a entrevista e o governo nascido da capitulação l'Humanité dizia: "depois de Montoire o Governo de Vichy tornou-se um governo de traidores e de vendidos".(128)

Desde que Pétain compareceu à entrevista as cortinas abriram-se. Os patriotas franceses sentiam-se chocados e inquietos com a política de colaboração proclamada por Pétain depois dela.

Certas medidas tomadas pelo Governo de Vichy melindram profundamente os franceses: a entrega para o Reich de emigrados alemães anti-nazistas e que se achavam refugiados na França, assim como a eliminação de judeus da coletividade nacional.

"Nossa doutrina é pura e simplesmente a doutrina cristã, que reprovava o assassinato das coletividades como dos indiví-

(126) l'Humanité - nº especial, 30 de setembro de 1940.

(127) l'Humanité, 26 de outubro de 1940.

(128) l'Humanité. O jornal foi publicado em Paris duas vezes, em 31 de outubro de 1940 e a 2 de novembro de 1940, assim como em Marselha em 7 de novembro de 1940.

duos, o roubo, a traição, a covardia, a mentira e o farisaísmo sob todas as suas formas, resumindo, tudo o que simboliza desta data em diante o nome de Vichy.⁽¹²⁹⁾

Combatendo o Governo de Vichy por sua política racista o jornal Franc Tireur publicava o artigo intitulado "A Igreja e as Perseguições" que dizia o seguinte:

"A perseguição contra os judeus tem despertado a piedade e a indignação de alguns arcebispos e bispos. Não de todos infelizmente. Aqueles que se calam por medo devem saber que eles se tornam cúmplices dos crimes cometidos.

O arcebispo de Toulouse, Monsenhor Géraud-Salièges, ergueu a voz e o bispo de Montauban se juntou a ele.

Da carta pastoral que o primeiro endereçou aos padres, para serem lidas no púlpito, extraímos as seguintes passagens:

"Que crianças, homens, mulheres, irmãos e mães sejam tratados como uma vil tropa, que membros de uma mesma família sejam separados uns dos outros e embarcados para um destino ignorado, estava reservado ao nosso tempo ver tão triste espetáculo.

... França, pátria bem amada, França que traz na consciência de todas as crianças, a tradição do respeito, à pessoa humana, França cavalheiresca e generosa, eu não duvido - tu não és responsável por estes erros".

O Governo de Vichy logo proibiu esta leitura, enviando aos padres um comunicado advertindo-os de que em caso de resistência todos os ofícios religiosos seriam suspensos nas paróquias⁽¹³⁰⁾

Estas medidas eram contrárias às melhores tradições francesas por se mostrarem contrárias aos direitos humanos.

(129) La France Continue - nº 7, 20 de outubro de 1941.

(130) Franc Tireur - nº 11, setembro de 1942.

Além do mais, os alemães haviam inserido na Convenção do Armistício que impuseram aos vencidos a manutenção da tropa até a assinatura da paz e astuciosamente não fixaram o montante desta manutenção. Assim os alemães passaram a exigir somas enormes dos franceses. O Governo de Vichy para atender tais despesas viu-se obrigado a lançar mão de uma inflação devoradora, em consequência da qual os franceses passaram a sofrer a falta dos produtos por vezes indispensáveis para a sua sobrevivência.

Em novembro de 1940, o jornal l'Humanité, seguindo sua linha de combate ao Governo de Vichy, publicava um artigo do qual destaca-se o trecho seguinte:

"Caricatura do pacifismo Vichy o é igualmente da Revolução. A verdade é que o Governo de Vichy, a serviço dos causadores de miséria, deseja reduzir os desempregados a fome. A serviço dos capitalistas deseja arruinar os pequenos artesãos e comerciantes. A serviço dos grandes proprietários deseja transformar os camponeses em servos. A serviço da reação deseja destruir a escola leiga e fazer reinar a ignorância".(131)

A linha de demarcação era um grande impecilho para o andamento normal do país. O governo alemão mantinha os soldados franceses presos nos Oflags e Stalags o que diminuía muito a capacidade de produção do país pela falta de mão de obra provocada pelo grande número de prisioneiros. Com as exigências alemãs a França viu-se em pouco tempo na situação de um país subdesenvolvido. Aos franceses faltavam a carne, o leite, a manteiga, os sapatos, as roupas, o carvão, a gasolina. As autoridades ocupantes pagavam o que compravam dos franceses com o dinheiro francês pelas pesadas indenizações de guerra. Não se pode esquecer também das requisições fei-

(131) l'Humanité - nº 83, 12 de novembro de 1940.



tas pelos alemães e a essas requisições se juntou a diminuição das atividades econômicas em consequência das destruições devidas aos combates.

Os franceses tinham fome e frio. Tinham grandes dificuldades em obter o mínimo necessário para seu bem estar e sobrevivência.

Esta situação gerava cada vez maior descontentamento contra o ocupante e conseqüentemente contra o governo que colaborava com tão odiado opressor.

"O sentimento que definitivamente Vichy inspira aos Resistentes é o desgosto, o mesmo desgosto inspirado pela Alemanha Nazista, e estes não são mais que aspectos diferentes de uma mesma teoria".(132)

O Governo Vichista tomou uma série de medidas que abalaram profundamente a educação nacional e estas foram duramente criticadas. Eis alguns artigos que comprovam isso:

"Numerus Clausus"

"Afundando sempre mais rápido na deshonra, Pétain, Darlan e Carcopino, estes pretensos franceses de Vichy às ordens dos ocupantes, decretaram a introdução do numerus clausus na Universidade Francesa: o número de estudantes judeus não poderá ultrapassar 3% do número de estudantes inscritos.

Eis portanto a França da Revolução de 1789, aquela que teve a glória de libertar os negros, de não conhecer senão homens livres e iguais em direito, reconduzida ao nível cultural da Polónia dos coroneis, da Rumânia de Antonesco, da Rússia tsarista. Impedir jovens de se instruírem e prestar serviço à sociedade porque eles não pertencem à mesma raça? eis um dos sinais da separação

(132) l'Avenir - nº 1, 15 de agosto de 1943.



da França.

... Na realidade, o numerus clausus começa pelos estudantes judeus, atingirá em seguida os outros... O regime nacional socialista nos três primeiros anos do poder reduziu 58% o número de estudantes". (133)

Foram várias as medidas tomadas pelo Governo de Vichy contra o ensino e por isso a imprensa clandestina desencadeou uma série de artigos criticando o Governo de Vichy, Pétain e os seus auxiliares diretos. O jornal l'Université Libre foi um dos mais ferrenhos adversários do Governo de Vichy e não perdeu tempo, fazendo a ele críticas rigorosas. Destacando-se neste particular os seguinte trecho:

"As Reformas de Vichy".

"É pelo ensino que se forma a consciência popular.

Eis porque Vichy sistematicamente vem orientando a reforma do ensino no sentido mais retrogrado: Rivaut, Ripert, Chevallier, Carcopino, Bonnard têm trabalhado com atenção e de acordo com Pétain neste sentido, que desde muito tempo demonstra seu ódio ao ensino democrático... Já em 1935 pedira a Pasta de Ministro da Instrução Pública para sabotar a educação republicana". (134)

O jornal l'Université Libre prosseguiu esta campanha durante todo o tempo em que foi publicado mesmo depois da libertação do território francês. No seu número de agosto de 1944 trazia o seguinte:

"... Por exemplo são traidores os ministros sucessivos da Educação Nacional: Mireaux, Rivaux, Ripert e particularmente Chevallier, Carcopino, Bonnard os quais, ao mesmo tempo que tenta-

(133) l'Université Libre - nº 21, 21 de junho de 1941.

(134) l'Université Libre - nº 83, 15 de agosto de 1943.

vam introduzir na Universidade as suas sucessivas reformas baseadas no espírito nazista, perseguiram e exoneraram sob o pretexto de serem franco-maçons, judeus, comunistas ou sindicalistas, professores que não tinham contra si senão o fato de serem anti-alemães".(135)

A propaganda contra o Governo de Vichy a princípio incipiente foi se tornando cada vez mais violenta. Tornou-se mais e mais fácil à medida que o número e a força dos aliados aumentava.

O Governo de Vichy fôra reconhecido por todos os países do mundo diplomaticamente, com exceção da Grã Bretanha.

Os Estados Unidos, a Rússia, o Vaticano mantinham relações diplomáticas com ele e tinham seus representantes em Vichy.

Em Londres o general de Gaulle negava ao Governo de Vichy toda e qualquer legitimidade para representar a França por ser segundo ele muito submisso à dominação alemã.

Uma intensa propaganda foi difundida por seus porta-vozes pelo microfone da B.B.C.. Em seus primeiros apelos, o general de Gaulle não se tinha endereçado a uma resistência interior inexistente ainda no momento e na qual ninguém ainda pensava, mas dirigia-se tão somente aos elementos das forças armadas francesas.

O general de Gaulle enviou ainda à França agentes para se informarem sobre as reações dos franceses da zona ocupada, para agrupar e ajudar todos aqueles que manifestavam hostilidade ao ocupante por não estarem de acordo com o armistício, assim como todos aqueles que já demonstravam oposição ao Governo de Vichy.

A imprensa clandestina não deixava escapar oportunidade para atacar profundamente o Governo de Vichy, assim como o seu dirigente Pétain.

"Vichy é o símbolo da decadência francesa. É o primei

(135) L'Université Libre - nº 101, 15 de agosto de 1944.



ro governo francês que se diz tal, que oferece como ideal aos cidadãos o rebaixamento de sua pátria, que deseja impor ao povo, como única política, a servidão ao seu pior inimigo".(136)

Depois do desembarque americano no norte da África em novembro de 1942 que provocou a ocupação de toda a França pelos alemães, o marechal Pétain passou a ser acusado como o verdadeiro culpado pela derrota da França, assim como aqueles que, após a capitulação, foram os aproveitadores da situação: Laval, Doriot, Baudoin, Marquet, Delonde, etc, isso antes mesmo de ter sido iniciado o famoso Processo de Riom, em que Pétain tentou julgar ps responsáveis pela derrota francesa.

Pétain foi amplamente acusado pela imprensa clandestina dos erros militares de 1940, pois ele, como membro influente do Conselho Superior da Guerra foi um dos responsáveis pelos planos de mobilização e de fortificação. Acusavam-no de não ter sido eficiente no preparo do exército para enfrentar inimigos da categoria dos alemães.

A volta de Laval foi muito criticada pelos jornais:

Eis um artigo que mostra bem isso:

Cúmplice da Traição

"Se a dúvida persistia ainda no espírito de certos compatriotas sobre o papel de Pétain na derrota e na traição, o retorno de Laval, as declarações do triste Marechal de Vichy em todas as ignomínias aceitas do "boche" depois do retorno dissiparam sem remissão desta vez a persistente e tenaz ilusão de um Pétain impotente, mas patriota.

... Os franceses ouviram de sua boca que Pétain está inteiramente de acordo com Laval, que ele marcha com ele mão a mão,

(136) Cahiers Politiques - nº 6, abril de 1944.



que, como ele, deseja portanto a vitória da Alemanha.

Esta é a confissão oficial de uma traição que nós denunciamos desde os primeiros dias...

Depois... todas as torpezas dos canalhas lançados ao assalto do poder; todas as capitulações exigidas pelo Boche: requisição, roubos, cessão da Indochina ao Japão, defesa da Síria e Madagascar em proveito da Alemanha e de seus associados contra os patriotas franceses e nossos aliados; todos os fuzilamentos de milhares de reféns escolhidos por Vichy mesmo, todos os erros cometidos nos últimos dias contra os infelizes judeus, todos estes crimes, Pétain os cobre. Pétain os aprova, aprovando Laval. Aceitar tanta ignomínia, cobrir tantos crimes inexpríveis, isto não pode ser incompetência, erro, impotência. Isto se chama Cumplicidade.

Que ele tema portanto, este triste velho de Vichy, que a cólera do povo não o separe mais de seu ministro. E logo lhe faça seguir com seu chefe Laval uma última vez, mão a mão, um dia de madrugada o caminho da Caponnière". (137)

Este artigo é muito significativo pois ressalta fielmente como a grande maioria dos jornais clandestinos já encaravam Pétain. Desde que ele aceitou de volta Laval os franceses passaram a mostrar-se cada vez mais hostis a Pétain. Muitos dos que o apoiaram, no princípio de seu governo, já nesta ocasião tinham-se voltado para a resistência e aceitavam de Gaulle como o grande homem que iria salvar a França da derrota e caos, tirando-a do abismo em que se encontrava.

Os jornais clandestinos prosseguiram a sua campanha sem esmorecimento para atacar o governo de Vichy.

Eis um outro artigo bastante significativo:

(137) Franc Tireur - nº 10, agosto de 1942.

..." O senhor Pétain pode hoje calar-se e cobrir-se numa dignidade em trapos. Nós não esqueceremos nada. Ontem ele falou isto para acusar a França. Nós não esqueceremos nem a sua precipitação em fazer o armistício, nem seu golpe de Estado à fanfarrice, nem a vergonha do regime imposto à nação aturdida. Hoje ele pode deixar a Laval a responsabilidade da colaboração total, entre tanto foi ele e não outro quem inaugurou a política de Montoire. Por seu silencio de hoje ele pode dizer que queria deixar passar por reprovador, tentar fazer crer que não desejava, a vitória alemã. Foi portanto ele que ontem estendeu primeiro a mão a Hitler e lhe entregou sua Pátria. Por ter recusado ontem ser herói, desejaria amanhã passar por mártir.

Não e Não. Indigno dos louros, o é também dos espinhos. A este falso bom homem, coberto de estrelas mortas, a França reserva outros símbolos. (138)

O povo francês uniu-se para combater o ~~G~~overno de Vichy.

"... recusando o armistício, isto é, o abandono, recusando Vichy, isto é, a traição, a França combatente, que é toda a França, tem mostrado ao mundo sua resolução de se manter na grandeza e na dignidade mesmo antes de reencontrar a sua grandeza material". (139)

O jornal Franc Tireur combatendo o Governo de Vichy publicou em agosto de 1943 o seguinte:

"Fundados pela facilidade da violência e do desprezo do homem, os regimes totalitários não unem profundamente ninguém.

(138) Libération Nord - nº 130, 25 de maio de 1943.

(139) Libération Nord - nº 158, 7 de dezembro de 1943.

Suas paradas colossais não resolvem nada, não trazem nem reformas profundas, nem comunidade de fé, nem mensagem alguma. É o nada que o fascismo oferece como modelo. Todos os regimes de opressão se desmancharão em poeira. Assim acabará entre nós a ditadura de Vichy". (140)

(140) Franc Tireur, 15 de agosto de 1943.



B. Apresentavam uma série de aspirações imediatas e também projetos para o futuro.

Os jornais clandestinos apresentavam aspirações imediatas dos resistentes, para o momento presente, o momento em que viviam e agiam, mas também uma série de projetos para o futuro.

Para o bom andamento da causa abraçada, os resistentes ignoravam toda e qualquer divergência que podiam surgir entre eles pelos conflitos de idéias, pelas distinções sociais, políticas ou religiosas, assim como pelas diferenças de gerações. Os homens mais maduros viviam na clandestinidade tanto quanto os mais jovens. A tolerância e a solidariedade de uns para com outros era grande. Na clandestinidade os operários militavam nas suas organizações ao lado dos patrões, os padres católicos ao lado dos pastores protestantes. Para eles não existia distinção entre ricos e pobres, jovens e velhos e mesmo diferenças de credos. Naquele momento histórico eram irmãos unidos que combatiam lado a lado o inimigo detestado.

Os jornais clandestinos procuravam difundir a verdade sobre os acontecimentos políticos e militares mantendo dessa forma a população francesa ao corrente dos esforços e dos sucessos aliados.

Teve ainda um papel preponderante no desenvolvimento da Resistência em todo o país tendo permitido o sucesso da luta contra o Serviço do Trabalho Obrigatório (S.T.O.), com o consequente povoamento dos maquis, que tiveram um papel destacado na luta contra os ocupantes, tomados frequentemente como tema para os artigos publicados pela imprensa clandestina. Os maquis pelos seus sistemas de guerrilhas, sabotagens e atividade subversivas de seus agentes encarregados das destruições nas costas mesmo dos inimigos,

sabotagens políticas, sabotagens morais, etc., emperravam a máquina de guerra alemã, contribuindo assim para a libertação do país em 1944.

A imprensa clandestina chegou a constituir um Estatuto da Imprensa que tinha por fim assegurar a liberdade da Imprensa no futuro e de a subtrair das forças do dinheiro.

Os resistentes na França, desde a assinatura do armistício, não deixaram jamais de constatar o objetivo imediato da batalha, para imaginarem uma França renovada.

A grande maioria dos jornais clandestinos não visava a derrota da Alemanha em si, mas sim do Nacional Socialismo de Hitler e de seus seguidores. Este era também o objetivo dos resistentes e porisso foi largamente proclamado por muitos jornais clandestinos, pois pretendiam uma França renovada visando dessa forma uma vida melhor para os franceses.

Visavam espalhar o ódio ao Nacional Socialismo por toda a Alemanha e por todas as regiões que aceitaram esta ideologia. O Boletim Volontaires de la Liberté publicava: "É uma guerra contra o fascismo e o nazismo. Uma guerra que fosse apenas uma série de operações militares visando o esmagamento de povos Europeus que aceitaram completamente aquelas ideologias, perderia seu sentido". (141)

" O que o Témoignage Chretien ataca, não é o boche, é o nazi e mais ainda um indivíduo nazificado". (142)

Enquanto jornais como os acima citados apresentavam artigos condenando o Nacional Socialismo, mas de certa forma poupando a Alemanha, outros apresentavam uma atitude muito mais radi-

(141) Volontaires de la Liberté - boletim, fevereiro de 1944.

(142) Courrier Français du Témoignage Chretien - nº 8, janeiro de 1944.

cal, atacando ambos ao mesmo tempo.

O jornal Défense de la France, por exemplo, publicava em destaque:

"Não é apenas o nazismo que é uma monstruosidade, é a Alemanha".

"Não é apenas o nazismo que é preciso abater, é a Alemanha". (143)

Assim como este jornal Défense de la France outros publicavam artigos deixando transparecer claramente o enorme ódio que nutriam pelo nazismo e obviamente pela Alemanha Nazista. Ódio esse que se estendia a todos os alemães indistintamente.

Durante todo o período da ocupação alemã a imprensa clandestina publicou verdadeiras palavras de ordem e conselhos visando dar aos franceses uma orientação para sua maneira de agir frente ao ocupante.

O jornal Défense de la France publicou num artigo Resister de Philippe Viannay que se assinava Indomitus, o seguinte:

"A França não precisa de covardes. O heroísmo é desta data em diante a única atitude possível. Aquele que não luta é um desertor. Todo o francês que de qualquer forma recuse o combate está sujeito a ser levado diante um tribunal". (144)

Prosseguindo a mesma linha do artigo anterior, um outro artigo Resister também de Philippe Viannay chamava a atenção de toda a população dizendo o seguinte:

"Os franceses devem colocar-se diante de suas responsabilidades. Os dias que vivemos são decisivos para nosso país. Pela deportação em massa de nossa juventude, a Alemanha tenta nos

(143) Défense de la France - nº 29, 15 de março de 1943.

(144) Idem

dar o golpe da graça. Hitler deseja levar para trás da linha Siegfried a França inteira como refém. Não existe um único francês dotado de pouca inteligência que não compreenda desde agora o verdadeiro sentido do Revezamento.

Mas o que muitos franceses ignoram, ou pelo menos fingem pudicamente ignorar é que depende inteiramente de sua atitude que Hitler tenha sucesso ou fracasse em seus desígnios. Hitler não pode matar a França senão com a ajuda de franceses. ... Se os franceses, e principalmente aqueles que fazem parte de organismos oficiais recusarem totalmente seu concurso, os alemães não poderão deportar a juventude francesa... (145)

Artigos como este despertavam na população o desejo da Resistência pois além de abrirem os olhos de muitos para que tomassem consciência da situação do país, traziam ainda conselhos que deveriam ser seguidos.

Como se sabe a Resistência francesa foi uma recusa de tudo o que podia rebaixar ou diminuir a França e esta recusa vinha da alma, da carne e do sangue de toda nação.

O jornal Défense de la France publicou vários artigos que transmitiam palavras de ordem. Por exemplo o artigo de Robert Salmon, aparecendo sob o pseudônimo de Robert Tenaille, trazia o seguinte:

"O presente: união total contra a Alemanha.

Nos dizemos:

A todos os franceses: colocai obstáculos de todo modo ao Revezamento que se torna uma deportação em massa e ameaça a existência do país. Um país sem homens é um país morto.

Aos trabalhadores que partem: partai com vontade de

(145) Défense de la France - nº 29, 15 de março de 1943.

sabotar a guerra alemã e de fomentar a revolução.

Aos camponeses: sabotai a requisição e ajudai os franceses a viverem. Estocai víveres de que as tropas francesas necessitarão no dia da insurreição.

O futuro próximo: união total com o exército e o governo provisório.

... Zelai pelo bom estado das armas que possuis, constitui estoque dos gêneros não perecíveis e de produtos farmacêuticos. Agrupai-vos sob as ordens de um chefe. Mantende contactos.

Preparai para os alemães um duro despertar". (146)

Ainda do ponto de vista político trazia:

"Franceses vocês terão somente uma atitude possível: aliar-se ao Governo Provisório de de Gaulle-Giraud. Somente este governo, porque ele manteve a França no campo de batalha, e poderá falar com autoridade aos aliados". (147)

Até a época do desembarque aliado em 1942 a influência do general de Gaulle era muito pequena no norte da África. Nesta região o colonialismo e o anti-semitismo tinham sido favoráveis ao Governo de Pétain. Também como já foi dito o apoio dos americanos tinha sido dado a Giraud e desde que de Gaulle desembarcara tivera que desenvolver uma séria oposição a este. Foi uma luta renhida que se opôs entre esses dois generais. "Ela foi mais do que uma oposição de homens, de ambições de clãs. Ela engajou todo o futuro da Resistência e do País, e toda a filosofia da Resistência". (148)

Num artigo assinado por Indomitus o jornal Défense de la France publicava:

(146) Défense de la France - nº 27, 5 de fevereiro de 1943.

(147) Idem.

(148) MICHEL, Henri e GUETZÉVITH, Boris Mirkine - "Les Idées Politiques et Sociales de la Résistance". Op. cit., p. 25.

"A França exige homens novos sem nenhum compromisso, homens que tenham sido provados sob a ocupação alemã. É por isso que esperando a constituição de uma IV República, ela confiou seus destinos a homens que souberam tudo recusar, a de Gaulle, que deseja como chefe do Governo, a Giraud, depois para comandar o Exército. Esta escolha da Resistência francesa é imperativa. É importante que o mundo saiba que de Gaulle pesa diante dele com todo o peso da França".⁽¹⁴⁹⁾

Enquanto os americanos apoiavam Giraud e este tudo fazia para agradá-los, toda a Resistência Metropolitana colocava-se ao lado de de Gaulle. Começaram a surgir declarações cada vez mais hostis a Giraud. Estas declarações vinham de todos os Movimentos de Resistência e chegavam tanto de Argel como de Londres. As pressões foram sendo feitas e o general Giraud acabou afastando-se progressivamente. Este afastamento veio marcar profundamente toda a Resistência Francesa, pois enquanto Giraud perdia o seu prestígio, de Gaulle tinha o seu acrescido.

A imprensa clandestina publicou muitos artigos mostrando claramente sua adesão incondicional ao general de Gaulle e aos poucos todos aqueles que antes não reconheciam sua força pouco a pouco passaram a mudar de opinião. "O Conselho Nacional de Resistência" que agrupou os representantes de todos os movimentos, desde a sua primeira moção, afirmava unanimemente a sua união com o chefe da França Livre.

Os trechos que seguem são tirados de alguns jornais que pertenciam a alguns dos movimentos que se uniram para formar o Conselho Nacional de Resistência e que deram apoio ao general de Gaulle. O Jornal Défense de la France publicou uma série de arti-

(149) Défense de la France - nº 31, 20 de abril de 1943.

gos ressaltando sempre a posição do jornal assim como do próprio movimento que o norteavam a respeito do general de Gaulle.

"Desde o dia do armistício ele foi um homem que não duvidou jamais, que jamais enfraqueceu, que galvanizou a nação depois de ter desenvolvido o espírito que impediu a França de perder a sua alma. Este homem agrupou atrás dele soldados e terroristas que servem a causa comum. É atrás dele que devem se agrupar todos os franceses, todas as terras francesas, num só combate, por uma só pátria. Não há mais que uma Resistência, como não há mais que uma França. A unidade de nosso combate é nossa lei".(150)

"Ele não é homem de nenhum partido, de nenhuma facção. O Gaullismo não é um partido, mas um agrupamento de forças para atingir um único fim que é a libertação total da Pátria... De Gaulle, e isto será sua grandeza, é reclamado por todos os homens da França resistente quaisquer que sejam suas tendências políticas. Ele não é homem de nenhum partido, de nenhuma facção".(151)

O jornal Franc Tireur também adotou a mesma posição:

"Nós estamos com o general de Gaulle porque ele sabe dizer não".(152) "... O general de Gaulle admite que a França seja reduzida a posição de um país secundário. Ele tem desejado, ele deseja que diante seus aliados ela seja uma grande nação soberana, da mesma forma que diante dos seus inimigos".(153)

Todos os movimentos passaram a ver na pessoa do general de Gaulle a alma da resistência, o líder incontestável que nos momentos mais amargos e sombrios por que passara a nação tivera

(150) Combat - nº 40, dezembro de 1942.

(151) Défense de la France - nº 40, 25 de outubro de 1943.

(152) Franc Tireur, 15 de julho de 1943.

(153) Bulletin du Bureau de la Presse Combattante - nº 110, 8 de agosto de 1943.

forças e hombridade de gritar toda sua indignação ao ver a pátria invadida, solapada e vilipendiada, ao mesmo tempo que afirmava sua convicção num renascimento de forças para restaurar as liberdades abolidas. Estes queriam que o general de Gaulle assumisse o controle do governo provisório que se impunha.

O general de Gaulle depois do seu desembarque em Argel, no norte da África assumiu o controle do governo provisório juntamente com o general Giraud mas 11 meses depois tornou-se presidente único, isto em outubro de 1943.

Desde sua chegada a Argel o general de Gaulle pudera constatar o desequilíbrio evidente das forças existentes, tendo mesmo chegado à conclusão que de um lado estava tudo e do outro na da. Isto pode ser comprovado por suas próprias palavras: "Aqui o exército, a polícia, a administração, as finanças, a imprensa, a rádio, as transmissões estão sob a dependência do Comandante em Chefe Civil e Militar". A força dos aliados graças a quem foi colocado no lugar e alertado em seu único favor. Para mim "eu não tinha neste país, nem tropas, nem soldados, nem funcionários, nem conta no banco, nem meios próprios de me fazer escutar, mas ao mesmo tempo compreendi que forças invisíveis trabalhavam a meu favor. As atitudes, os propósitos, os olhares me revelavam de que lado se encontrava o ascendente". (154)

O general de Gaulle assumindo o controle do governo em Argel passou a fazer uma eliminação sistemática na alavanca de comando na África do Norte de todos aqueles que tinham servido ao general Giraud, mesmo daqueles que tinham demonstrado por seu comportamento depois de 1942 uma atitude anti-alemã bastante nítida.

(154) GAULLE, Charles de - Mémoires de Guerre. Op. cit., tomo II, p. 104.



A Ordenança de 17 de setembro de 1943 lançou as bases do Estatuto para a França depois da Libertação. Não era uma Assembléia eleita, era uma assembléia de homens designados e escolhidos entre os quais havia resistentes londrinos, os que podem ser chamados de gaullistas puros; resistentes vindos da metrópole; pessoal político; antigos ministros da III República, assim como estudantes, professores, militantes sindicalistas, etc.

Os comunistas franceses só aceitaram oficialmente a sua participação neste governo que tomou o título de Governo Provisório da República Francesa (G.P.R.F.) em março de 1944.

A sigla G.P.R.F. foi a sigla do governo sediado em Argel como também a do governo sediado em Paris depois da Libertação até a Constituição de 1946, e a França viveu sob esse regime durante quase dois anos e meio.

Foi a atitude firme do general de Gaulle que levou os aliados a reconhecerem sua pessoa como chefe único da Resistência Francesa assim como aceitá-lo à frente do Governo Provisório da República Francesa (G.P.R.F.).

Do ponto de vista político os franceses não deveriam ter senão uma atitude possível que era a de se unirem ao governo provisório do general de Gaulle. Este era o único governo que deveria ser reconhecido, pois foi ele quem manteve a França no campo da guerra e era o único que poderia falar com autoridade aos aliados.

No artigo de Philippe Viannay que trazia por título Le sens de la Résistance o autor procurava mostrar qual deveria ser a verdadeira posição da França diante dos aliados mostrando que as preocupações políticas não estavam ausentes para os franceses naquele momento principalmente no meio da Resistência mesmo.

"A Resistência entende que a ajuda que ela prestou

aos aliados, deu para a França uma posição de acordo com os seus direitos e que portanto ela deve participar na elaboração de um mundo pacífico num pé de perfeita igualdade com os aliados pois se os resistentes têm ligações com os aliados estas são ligações de associados e não de servidão".(155)

O sentimento de independência dos franceses estava profundamente arraigado em cada um. Este sentimento era sempre demonstrado através dos artigos publicados pela imprensa clandestina.

"Nós somos independentes da mesma maneira dos interesses ingleses, americanos ou russos. Nós defendemos somente os interesses franceses e os direitos da França".(156)

Era uma independência total. Os franceses não queriam saber de interferência estrangeira de nenhuma espécie em seus negócios internos. Todo e qualquer assunto referente à política interna do país era assunto que concernia apenas a eles e deveriam ser resolvidos por eles próprios.

Neste sentido o general de Gaulle aparece sempre como um verdadeiro baluarte francês pela ferrenha luta que desencadeou a fim de conseguir que fosse reconhecida a independência da França não só pelos inimigos mas também pelos aliados.

Gallia pseudônimo usado por Geneviève de Gaulle, sobrinha do general de Gaulle que ingressou na luta clandestina junto ao Movimento Défense de la France foi a redatora de um artigo publicado pelo jornal do movimento e que trazia por título De Gaulle et l'Indépendance Française. Nele Gallia procurava mostrar de forma diferente a personalidade do seu tio tendo como finalidade principal desfazer dois anos de propaganda que a Gestapo e o gover

(155) Cahier de Défense de la France - fevereiro de 1944.

(156) Combat - nº 50, 1 de novembro de 1943.

no de Vichy fizeram contra ele. Do artigo foram destacados estes trechos bastante significativos:

"Quando em 18 de junho de 1940 o general de Gaulle chegou na Inglaterra, ele estava só com um punhado de voluntários; de Gaulle não vinha propor seus serviços ao estrangeiro; desde esse momento ele incarnou a França que rejeita de sua história o armistício, esta falta capital contra a honra e a razão".

"Quando, pelos acordos de 7 de agosto de 1940 com Churchill sempre leal e compreensivo, de Gaulle obteve a promessa de uma restauração completa de nosso país na sua grandeza, ele foi tratado como o representante da França, em igualdade de condições com os mandatários do povo inglês. Como ele declarou mais tarde: Todo negócio repousa nisto: que a França combatente pretende marchar com seus aliados contanto que seus aliados marchem com ela. Ela pretende lutando perto deles readquirir sua independência, sua soberanidade, sua grandeza, contanto que eles respeitem nela sua grandeza, sua soberanidade e sua independência. Ela faz tudo o que pode para ajudar a vitória, mas com a condição de que essa vitória também seja a sua".(157)

Na realidade os resistentes foram favoráveis ao general de Gaulle, isto entre os resistentes no interior da França e de Gaulle acabou se impondo como chefe incontestado do governo provisório em Argel a partir de outubro de 1943.

Os jornais clandestinos aconselhavam os franceses a seguirem de Gaulle não somente porque ele incarnava a França na guerra, mas porque sabiam que ele seria o único capaz de enfrentar uma batalha tão dura como a desencadeada pela resistência, a batalha da Reconstrução Nacional.

(157) Défense de la France - nº 35, 5 de julho de 1943.



O jornal Bir Hakein trazia:

"Este homem probo, lúcido, corajoso realizou aquilo de que os franceses não tinham mesmo mais lembrança: a unidade francesa". (158)

Para mostrar a todos os franceses o quanto o general de Gaulle era importante para a Resistência e para a França a imprensa clandestina não deixou jamais de ressaltar suas atitudes, suas palavras, seus atos.

O jornal Défense de la France publicava:

"De Gaulle não deixou jamais passar uma oportunidade para manifestar por palavras e por atos, a independência total que ele tem sabido guardar nesta obra sagrada: a conservação do patrimônio secular da França". (159)

Os partidos políticos eram bastante desprezados na França, assim como o desprezo pelos antigos partidos políticos era geral na Resistência. Os partidos políticos não tinham mais unidade e já **não representavam mais** nenhuma força. Todos os seus membros encontravam-se divididos. Era preciso portanto refazer a unidade dos partidos políticos, não visando a formação de um partido único; o objetivo era outro. Não era a abdicação do espírito crítico que pretendiam pois a unidade devia estar repousada na boa vontade de todos e não na opressão sufocante que um único partido imporá a todos.

Era preciso que todos os franceses dessem provas de inteligência concordando em fazer as concessões necessárias. Os franceses que antes da guerra pertenciam à ala da direita deveriam reconhecer que os votos da imensa maioria do povo

(158) Bir Hakein - nº 4, 14 de julho de 1943.

(159) Défense de la France - nº 35, 5 de setembro de 1943

francês era para a instalação de uma democracia republicana. Os franceses de esquerda também deviam reconhecer que era preciso introduzir na República os princípios da autoridade extirpando a demagogia.

Os resistentes combatiam todos os partidos cujo fim era impor aos franceses uma ditadura e sobretudo numa ditadura apoiada no estrangeiro tal como os comunistas de antes da guerra ou os fascistas de então, vistos como inimigos da nação.

O jornal Défense de la France publicou um artigo intitulado Changement de Régime repleto de idéias que eram apoiadas pelo corpo de redatores do jornal.

Entre as questões que se põem à consciência francesa, uma das mais graves é aquela das instituições e do regime a vir. Os franceses são unânimes ao rejeitar o regime reacionário de Vichy. Mas a maioria também rejeita a demagogia da III República. Qual será o regime democrático que depassando as duas tendências do passado, reconciliará em uma harmonia superior os termos contraditórios, mas igualmente respeitáveis de toda vida política: a ordem e a liberdade?

... É portanto a autoridade que convém restaurar antes de tudo e isto por um reforço eficaz do poder executivo". (160)

A autoridade devia ser restaurada na França, mas a única autoridade que podiam admitir os homens livres era aquela que emanasse da nação.

Os jornais clandestinos em seus artigos reconheciam que o poder executivo não devia ser tirânico, e que devia haver uma representação nacional, o Parlamento, e este não devia governar. Seu papel seria o de controlador do governo. Devia ser um obs

(160) Défense de la France - nº 44, 15 de março de 1944.



táculo à ditadura, mas não devia funcionar como uma administração vigorosa do país.

Por outro lado, os resistentes franceses sabiam que um país sem disciplina é uma presa fácil para o estrangeiro e assim sendo desejavam desde então um regime político que conciliasse as suas liberdades e a força de coesão necessária, pensando ser o melhor para o país que fosse instituída depois da libertação uma Democracia autoritária.

A França Livre, os Movimentos de Resistência, o partido comunista enfim toda a Resistência francesa exprimia a mesma hostilidade a todos aqueles homens que participaram da III República.

Por exemplo o jornal comunista l'Humanité publicava:

"O povo da França não pode aceitar que se reconheçam políticos que foram os cúmplices da traição em junho de 1940 e que depois não fizeram nada contra os boches e seus colaboradores. É no combate que se formam as novas elites de que a França tem necessidade". (161)

De certa forma os jornais clandestinos publicaram muitos artigos em que procuravam exprimir as idéias de todos os resistentes mostrando que o regime político que os franceses desejavam era uma república, mas uma república rejuvenescida, melhor esboçada, mais democrática, mais social onde imperasse a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade. Desejavam homens públicos limpos, íntegros, ardentes, competentes, devotados até a abnegação.

Os jornais comunistas foram unânimes em seus artigos mostrando que "todos os postos de direção deviam ser entregues a verdadeiros patriotas e os titulares destes postos deviam ser esco

(161) l'Humanité - 1 de julho de 1944.

lhidos por seus pares".(162)

Quando se tratava de organizar o pós-guerra no tocante às reformas econômicas e sociais, a imprensa clandestina do partido comunista permaneceu fiel a duas afirmações de princípio:

"O capitalismo é a fome e a opressão: o comunismo é a abundância e a liberdade".(163)

"Nosso partido deve ser de organização infatigável em defesa das massas populares".(164)

Ao mesmo tempo a preocupação essencial que marcava a conduta do partido comunista francês era de não comprometer a união tão penosamente adquirida com os movimentos de resistência no plano de combate e no plano social com as classes médias. Para os comunistas franceses, a revolução se faria em dois tempos: o partido desencadeava seus golpes contra os trustes mas conservava uma aliança indispensável com as classes médias.

O jornal France Nouvelle publicava

"O ideal econômico e social dos comunistas é uma França onde será respeitada a propriedade, fruto do trabalho pessoal, mas de onde será abolido o reino dos trustes".(165)

Os comunistas queriam acabar com os trustes, pondo um fim a seus domínios quando seus jornais publicavam:

"A classe trabalhista e as classes médias não estão dispostas a se deixarem tratar como inferiores e a suportarem sua ditadura".(166)

Para os resistentes franceses que não eram comunistas

(162) l'Université Libre - nº 100, 1 de agosto de 1944.

(163) La vie du parti - 1º trimestre de 1941, p. 9.

(164) Idem, p. 42.

(165) France Nouvelle - nº 1, dezembro de 1943.

(166) l'Université Libre - nº 78.

os problemas que se punham para o novo governo do pós-guerra tinham forma diferente.

Para eles, do ponto de vista econômico, o governo teria diante da economia o mesmo papel do parlamento perante o governo, um papel de controle, não de direção.

Os problemas mais urgentes a serem resolvidos eram: a justiça e o progresso social, a educação cívica e o bem estar das massas. Com a resolução destes problemas poder-se-ia evitar a mortal luta de classes.

Na questão da propriedade seria necessário definir a propriedade como uma função ocupada por indivíduos por conta da sociedade, como o comando militar é uma função entregue a certos homens por conta da nação. A propriedade é um direito natural e sua gestão é um dever social.

Seria necessário dar ao direito de propriedade um outro fundamento que os direitos dos indivíduos para se evitar que ela fosse suprimida em nome dos direitos da coletividade.

Robert Tenaille redigiu um artigo que foi publicado pelo jornal Défense de la France onde ele expos uma série de problemas que se punham e que se poriam à consciência francesa.

"Reconstrução da grandeza francesa: o espírito de Resistência que anima hoje a França não é somente a vontade de se libertar do inimigo. Além da libertação é uma vontade de grandeza.

Franceses nós teremos uma tarefa difícil e bela a cumprir: mostrar ao mundo e à Europa que a indolência de antes da guerra e a falta de energia não são a verdadeira face da França.

É preciso reerguer o archote que os desajeitados ou os traidores deixaram cair, restaurar na França o sentido da propriedade moral e o do interesse nacional.

Para fazer surgir esta França nova, uma revolução

será necessária.

Todas as condições que levam a uma revolução estavam já reunidas: miséria, lassidão, descontentamento, cólera. Mas duas espécies de revoluções são possíveis. Uma revolução anárquica de onde sairia uma nova ditadura e uma revolução construtiva, uma mística de grandeza e do progresso colocada a serviço de uma vontade: a vontade de refazer uma França limpa, livre e forte.

Só uma democracia autoritária, servida por homens novos que têm demonstrado e demonstraram cada dia sua clarividência e sua coragem, sustentada pela fé de um povo e decidida a fazer a grandeza deste povo, poderá degolar a primeira e fazer triunfar a segunda.

Só ela poderá dar ao nome Francês todo seu brilho no mundo o que é já muito e o que é melhor ainda, toda sua força no coração daquele que tem a honra de o levar".(167)

Eis alguns extratos de jornais clandestinos que exprimiam a opinião francesa sobre o problema que preocupava muito os resistentes franceses, o da reconstrução da França de pós-guerra. No seu conjunto esta imprensa era unânime em pensar que esta reconstrução não poderia ser feita senão pela via traçada pelo general de Gaulle.

Défense de la France - indicava as grandes linhas deste regime futuro que devia ser uma democracia autoritária e progressista.

"Democracia porque este regime deverá antes de tudo assegurar nossas liberdades, mas democracia autoritária porque a França não poderá reconstruir sua grandeza senão na ordem e disciplina. Democracia progressista enfim porque uma sociedade moderna

(167) Défense de la France - nº 27, 5 de fevereiro de 1943.

e que se pretende civilizada deve se esforçar por encontrar um remédio real ao desequilíbrio social harmonizando os direitos econômicos de todos os seus membros.

Para realizar este programa três mudanças serão necessárias: **precisarão mudar as instituições, mudar os homens, mudar o espírito**". (168)

Espoir jornal clandestino publicado desde 1942 em Saint Etienne via o problema historicamente quando publicava num de seus números de 1943: A verdade clara é que miseráveis franceses desejaram a derrocada de 1940, porque viam nela a única maneira de fazer triunfar as suas preferências políticas. Entretanto outros franceses salvaram a honra: de Gaulle entrou para a história porque desde junho de 1940 soube dizer: "A França perdeu uma batalha, mas nesta guerra mundial, nada está terminado. Eu recuso o armistício, eu chamo os franceses ao combate". (169)

Libération Nord lançava a questão: Quais os homens que libertarão e reconstruirão o país? "A pátria não recusa a ninguém a alegria de combater por ela. Mas existem homens que, porque duvidaram dela, perderam o direito de presidir à seus destinos".

"Nós temos um duplo combate, dizia ainda Libération : libertar o território e libertar a Nação". Eis como nossos confrades entendem a libertação da Nação: "Transformar em realidade a soberania nacional, arruinando a chantagem permanente exercida contra ela pelas oligarquias financeiras e as coligações de interesses particulares... Fazer entrar a República nos fatos estendendo dessa data em diante a democracia política". (170)

(168) Défense de la France - nº 27, 5 de fevereiro de 1943.

(169) Espoir - 1943.

(170) Libération Nord - 30 de março de 1943.

Résistance apresentava a mesma nota "A França não são estes homens, mas sobretudo estes militantes que se devotam e que lutam cada dia, que fazem a doação deles mesmos ao ideal que os de_u passa e os arrasta..."(172)

(171) Résistance, 16 de março de 1943.



IV - BALANÇO DA IMPRENSA CLANDESTINA

FEZ CRESCER A RESISTÊNCIA INTERIOR

A finalidade de todos os jornais clandestinos qual-quer que fosse a sua tendência política sempre foi a mesma: desper-tar o patriotismo dos franceses e levá-los ao combate novamente, e despertando o patriotismo procuravam também explicar as razões da derrota, tentando provar que Hitler não era invencível, que havia conseguido vitórias somente por uma questão de sorte. O esforço da política de rearmamento encetada por Hitler desde que assumira o poder em 1933 fizera com que a Alemanha pudesse contar na eclosão da guerra, com um exército bem aparelhado e equipado formado de ho-mens valentes e disciplinados. Os resistentes juntamente com os jornais clandestinos tentavam provar que esse estado de coisas po-deria ser mudado completamente. Contudo a França não estava no mo-mento preparada para enfrentar o exército ultra moderno da Alema-nha Nacional Socialista.

A lição dessa derrota serviu de exemplo ao mundo todo e foi por não aceitar passivamente a derrota e pela certeza que trazia dentro de si mesmo de que um dia talvez próximo ou distante as coisas mudariam que o general de Gaulle pôde dizer em certo tre-cho do seu famoso apelo de 18 de junho de 1940: "A França perdeu uma batalha, mas não perdeu a guerra".

Nos mais diversos pontos da França, publicações clan-destinas passaram a conclamar a população para uma resistência con-tra os ocupantes, pois sabiam de antemão que nada podia ser cons-truído na presença do inimigo estrangeiro, assim como contra o Go-verno de Vichy.

A rejeição que os resistentes franceses demonstraram

contra os alemães, assim como contra o Governo de Vichy seria dada da mesma forma contra qualquer povo que fizesse pesar sobre a França opressão semelhante a exercida por eles naquele momento.

A resistência interior uma vez organizada conseguiu firmar-se pela adesão cada vez maior de grande número de voluntários que passaram a fortalecer as suas fileiras. Cada dia que passava ela conseguia mais adeptos que vinham fortalecer seus contingentes e foi por esta razão que pôde fazer-se reconhecer pelos aliados que tudo faziam para ignorá-la.

1. Solapando o Governo de Vichy

A derrota da França de 1940 forçara os franceses a pedirem o armistício à Alemanha e durante as negociações para esta assinatura por mais pesadas que tivessem sido as exigências alemãs os vencedores concordaram em deixar ao Governo de Vichy os seus principais atributos de soberania.

Contudo, o Governo de Vichy como já se viu anteriormente tomou uma série de medidas que o tornaram profundamente impopular. Uma intensa propaganda anti-vichista passou a ser difundida pela imprensa clandestina que não perdoava as atitudes ditatoriais do marechal Pétain, assim como o colaboracionismo encetado pelo seu governo desde a entrevista de Montoire.

Assim, o Governo de Vichy, visto pelos resistentes como um governo nascido da vergonha e da derrota, passou a ser contestado por alguns franceses que difundiram suas idéias através de artigos publicados pela imprensa clandestina, nos quais não perdiam oportunidade para tecer as mais severas e violentas críticas a esse governo.⁽¹⁾

(1) vide p. 162, nota 136.

Dessa maneira a imprensa clandestina nascida modesta e fracamente, mas tendo subsistido pela força de vontade de alguns resistentes, apesar das inúmeras dificuldades enfrentadas, conseguiu levar adiante os planos traçados pelos seus iniciadores e através de seus artigos contundentes solaparam pouco a pouco o Governo de Vichy que, graças ao seu trabalho, com o decorrer do tempo passou a ser visto como um governo símbolo da capitulação e que para completar essa vergonha recebeu a pecha **de colaborador dos alemães**.

A imprensa clandestina não cessou de atacá-lo durante todo período da ocupação, isto é, de 1939 a 1945.

2. Levou os franceses a almejarem construir uma nova França

Os jornais clandestinos ao difundirem suas idéias resistentes contra o Governo de Vichy e contra o Reich Alemão conseguiram alcançar um de seus objetivos, isto é, conseguiram despertar em muitos franceses o patriotismo e o desejo de luta a todo transe tendo como finalidade a obtenção da libertação do solo francês, legado precioso recebido de seus antepassados e que pretendiam deixar para seus filhos.

Sabia-se que para construir a França Livre fora o primeiro ministro inglês Winston Churchill que ajudara o general de Gaulle e na França acreditava-se que o relacionamento entre estas duas figuras de projeção da História Contemporânea fossem dos mais cordiais.

Daí, durante todo o período da ocupação do território francês escutava-se com emoção, apesar dos nazistas e da polícia de Vichy, não somente as transmissões da França Livre, mas todas as transmissões feitas em francês e os que sabiam também ouviam as

transmitidas em inglês. Estas transmissões traziam muitas notícias das quais os redatores dos jornais clandestinos se aproveitavam para informar o público das verdades que muitas vezes estavam sendo escondidas pelo Governo de Vichy.

Nos seus diferentes artigos, em jornais das mais variadas ideologias ou tendências políticas, podia-se notar que os patriotas franceses almejavam construir uma nova França, fortalecida pelos ensinamentos duros e amargos da derrota de 1940.

A fim de ilustração, para mostrar o que realmente a resistência pretendia para a França os Cahiers Politiques publicaram num de seus números:

"A resistência deseja o restabelecimento das liberdades democráticas. Ela deseja igualmente a instalação de um regime de justiça social... Para atingir tal programa, a República Francesa de amanhã não deve de nenhuma maneira lembrar a República Francesa de ontem... A República que a França espera deve ser forte, organizada, autoritária mesmo".⁽²⁾

3. Levou os franceses a se unirem para a expulsão dos alemães

Tendo como objetivo despertar cada vez mais o ódio dos franceses contra os invasores todo poderosos, os resistentes através da imprensa clandestina, sua única arma no momento, ressaltavam as restrições terríveis que estavam sendo impostas à população tais como: a fome e o frio.

Nesta época na França não se podia esquentar, mesmo a preço de ouro. Também as repressões que se faziam contra os patriotas, as prisões, as torturas, as execuções, as pilhagens e as re-

(2) Cahiers Politiques - nº 8, abril de 1944.

quisições alemãs tão mal suportadas pela população francesa eram ressaltadas, assim como a inconformidade de todos contra o recrutamento de franceses para trabalharem na Alemanha.

As vitórias alemãs na Europa trouxeram como consequência direta a instalação da "Ordem Nova" em todos os países vencidos. E com a "Ordem Nova" foi feita uma redistribuição das fronteiras e das soberanias políticas destes países sendo que desde então neles, todas as iniciativas deviam partir do Reich Alemão.

Na França **ela** foi conhecida como Revolução Nacional e a sua ideologia suscitou reações diferentes nas duas zonas formadas pelo armistício. Na zona sul, nos meios da extrema direita, entre os homens de opiniões moderadas e numa fração importante da esquerda não comunista teve acolhida bastante favorável entre 1940 e 1943. Nesta região a população tinha perdido toda confiança nas instituições da III República e acatava e prestigiava vigorosamente o marechal Pétain. Já a população da zona norte que se encontrava sob influência bastante grande da imprensa parisiense, muito crítica a respeito da política reacionária do Governo de Vichy não aceitava da mesma forma tal ideologia.

Com exclusão de uma fração importante da burguesia que colocava todas as suas esperanças na Revolução Nacional, a população francesa em geral não se mostrava de forma alguma disposta a dar a sua cooperação às instituições novas, cujas alavancas de comando estavam confiadas a homens **muito** frequentemente pouco representativos nos seus meios. A escolha para os cargos públicos era feita de modo que fossem descartadas todas as personalidades desacreditadas com o esfacelamento da III República e se ligava de preferência a homens íntegros e pouco marcados politicamente; estes homens na realidade se mostravam pouco ativos, bastante incompetentes mesmo e muito deles se deixaram manobrar no sentido dese-

jado pelos homens que dirigiam o Governo de Vichy e acabavam sempre cedendo às exigências alemãs. Assim em consequência da derrota e do armistício Hitler impunha-se como senhor absoluto e todo poderoso tentando **impingir** a sua "Ordem Nova" a todo preço. Hitler que era adorado e detestado ao mesmo tempo, mas servilmente obedecido por todos, e este estava resolvido a levar avante os seus planos de construção da Grande Alemanha pela guerra. Para levar a bom termo sua política agressiva formara um grande exército e este gozava de todas as chances. Bem aparelhado, bem equipado, bem comandado conseguindo dessa maneira vitórias estrondosas ao enfrentar os exércitos europeus que no momento não tinham condições para lhes fazer face.

O exército alemão trazia nos seus avanços uma vontade agressiva a todo transe e com suas operações relâmpagos surpreend~~e~~ra: todô mundo **pelas** vitórias que foram conseguidas sem grandes dificuldades.

Na eclosão da guerra somente a França era vista como capaz de construir uma vanguarda defensiva para dar tempo aos aliados de retomarem **fôlego** e de **se armarem para prosseguirem a luta**.

Na realidade a França tão orgulhosa de seu passado e de suas vitórias na Primeira Grande Guerra Mundial, já aparecia como um país dividido, submetido a discussões constantes, onde as vozes de um Paul Reynaud ou de um general Charles de Gaulle não conseguiram se fazer ouvir para a realização pelo menos de uma contra ofensiva que se impunha.

Nesta mesma época a Alemanha já aparecia como um país inquieto, que não tinha nada a perder, mas que era animado pelo espírito de seus filhos.

A França contando com a facilidade de suas vitórias de 1918 possuía filhos embuidos da idéia de que não era preciso

mais lutar. A realidade foi outra, pois em 45 dias a França viu-se invadida e dominada pelo inimigo. O desequilíbrio dos exércitos foi o principal causador dessa derrota. A França foi vencida, mas não estava totalmente submetida ao inimigo. O armistício preservara-lhe **pelo menos alguma autonomia.**

Golpes contra os ocupantes e colaboradores passaram a ser dados, muito embora no início fossem poucos por temor às represálias, mas mesmo assim existiram. Os inconformados com a derrota e com a assinatura do armistício de junho de 1940, cerraram fileiras ao lado do general de Gaulle. Os que tiveram oportunidade partiram para Londres, outros resolvidos a lutar no país mesmo passaram a constituir verdadeiros problemas ao governo estabelecido de Vichy. Estes foram pouco a pouco descobrindo as regras da guerrilha e da guerra subversiva com suas atitudes agressivas.

Os jornais clandestinos não deixavam de mostrar a sua admiração e entusiasmo pelo general de Gaulle. "Não é até a pessoa de de Gaulle que cresce o entusiasmo. O que ele **encarna** a nossos olhos é a recusa de ceder, o sentido da grandeza nacional, uma longa herança de glória a justa fidelidade de um povo que vendido, não é vencido".(3)

"De Gaulle não deixou jamais passar uma ocasião para manifestar por palavras e por atos, a independência total que soube guardar nesta obra sagrada: a conservação do patrimônio secular da França".(4)

Na França a resistência ao Governo de Vichy e contra os ocupantes alemães foi sendo aumentada dia a dia pelos atos de sabotagem dos inconformados com a situação do país, principalmente

(3) Franc Tireur - 15 de agosto de 1943.

(4) Défense de la France - nº 35, julho de 1943.

com a presença do boche detestado.

Os ataques contra as tropas de ocupação fizeram com que o Governo de Vichy promulgasse uma lei sobre os ardis comunistas e que foi aplicada com efeito retroativo. Por ela comunistas que já estavam nas prisões mesmo antes dos atentados e que nada tinham a ver com eles, foram condenados à morte por tribunais extraordinários.

A política de eliminação dos judeus e dos franco-maçons levada a efeito pelo estado francês, assim como a intensificação da caça aos comunistas, repressão ao gaullismo e a todas formas de resistência foi comum durante o Governo de Vichy.

Um juramento de fidelidade ao marechal Pétain à moda fascista também passou a ser exigido, de início somente dos militares, mas depois também dos magistrados. Houve ainda a unificação dos sindicatos sendo que, os delegados sindicais não podiam mais ser eleitos, passando a ser nomeados pelo governo no poder.

Foi o Front National que tomou primeiro a iniciativa de medidas repressivas contra os colaboradores dos alemães, se bem que a rádio B.B.C. de Londres também difundisse muitas ameaças de sanções que poderiam ser postas em execução momentaneamente. Entre essas medidas destacavam-se: o envio de caixões de defunto em miniatura, cartazes que eram afixados nas portas das casas dos colaboradores, bombas que serviam de advertência.

Severas advertências foram publicadas pela imprensa clandestina aos colaboradores, tendo a finalidade de prevení-los de que o dia da desforra estava se aproximando. Estas advertências podem ser lidas na imprensa clandestina da época, por exemplo no jornal Défense de la France, nº 6, publicado em fins de dezembro de 1941 e no Libération Nord também de dezembro de 1941.

O jornal Défense de la France num artigo assinado por

Indomitus trazia o seguinte:

"... Pois um dia virá. E nossa força será terrível porque ela será fundada sobre a justiça, nós não teremos piedade, porque agiremos sem remorsos. Nós não cessaremos nosso combate até que tudo seja purificado. Chefes do nazismo, franceses que denunciais e perseguis vossos irmãos, vós todos que ajudais o inimigo em sua obra de morte, que vos colocais a seu soldo, jornalistas, escritores que prostituís vossas assinaturas, vós Todos Tremei, Justiça Será Feita."⁽⁵⁾

Advertências como essa tinham a finalidade de fazer hesitar os adeptos da colaboração, e realmente o método adotado foi eficaz. A opinião pública sobretudo na zona norte aprovava estas publicações.

A imprensa clandestina publicava em suas folhas listas negras com os nomes desses colaboradores ou inimigos da França. O jornal Franc Tireur de março de 1942, o Populaire de setembro de 1942 e o Combat de julho de 1943 publicaram tais listas.

Contudo, grande parte do território francês só viu semelhantes execuções de colaboradores no fim de 1943; nesses territórios o Governo de Vichy e o marechal Pétain eram ainda bem vistos. Mas em muitas regiões, o estado de espírito da população era em sua grande maioria muito hostil aos ocupantes alemães e a todos aqueles que os ajudavam.

4. Contribuiu para a fortificação da Resistência e para a aceitação do seu papel pelas nações aliadas

A imprensa clandestina pela agressividade de seus ar-

(5) Défense de la France, nº 6. Como a data não está impressa, presume-se que tenha sido publicado no fim de dezembro de 1941, pois faz alusão a uma decisão das autoridades de ocupação tomada a 14 de dezembro de 1941.

tigos, solapando o Governo de Vichy, atacando os colaboradores da Alemanha na França, contribuiu sobremaneira para o desenvolvimento da Resistência Interior e para a aceitação do seu papel pelas nações aliadas, apesar dessa aceitação ter sido alcançada somente no período final da guerra.

Aparecida modestamente nos primeiros anos da guerra, já em 1944 tinha seguramente mais leitores que a Imprensa de Vichy e tinha-se formado já em Federação.

A imprensa clandestina foi uma prova constantemente renovada da existência e da ação da Resistência na França, assim como um motivo de desencorajamento para os colaboradores do Reich e principalmente para a polícia de Vichy; foi uma verdadeira arma de guerra para a libertação da França.

Aos aliados que não acreditavam muito na existência e na força da Resistência Interior, a imprensa clandestina revelava sua potência na medida em que parecia exprimir a opinião de todos os franceses.

Com suas palavras contundentes contra os colaboradores, contra o Governo de Vichy, contra a derrota e o armistício foi pouco a pouco atraindo cada vez mais um número maior de pessoas para a Resistência.

Os pequenos papéis volantes, os folhetos que desde os primeiros tempos da ocupação foram distribuídos com a finalidade de difundirem simples frases de propaganda, conselhos ou ainda ordens de ação, tiveram sua ação acrescida pelo aparecimento da imprensa clandestina que foi provavelmente na França a primeira manifestação do que se pode chamar de guerra psicológica.

Dessa forma, a Resistência foi sendo pouco a pouco reforçada pela adesão dos melhores elementos da nação, de todos aqueles que não podiam nem sequer suportar a idéia de ver o que se pas-

sava nestes dias sombrios, a gloriosa e sublime França diminuída e humilhada pelo odioso jugo alemão.

A imprensa clandestina conseguiu organizar-se e adaptar-se aos seus objetivos e necessidades construindo dessa forma uma estrutura inteiramente original à ela, onde a concorrência não existia e na qual todos os jornais trabalhavam unidos pela libertação da França. Como já foi visto anteriormente, a solidariedade era uma constante e nos momentos difíceis de um jornal, os outros o ajudavam.

Ela permitiu à nação francesa participar ao máximo de sua própria libertação, ao lado dos aliados que também foram levados a reconhecer o seu papel para o desenvolvimento da Resistência Interior.

Fora da França as Forças Francesas Livres, mantendo a presença francesa em todos os locais de combate, formada por um grupo de franceses inconformados com o armistício, eram motivo de encorajamento para a Resistência Interior e constituíam um forte argumento para um apelo às armas, frequente entre os jovens franceses, pois desde que foram formadas, desde que mostraram a sua existência, a divulgação de suas proezas foi um motivo de esperança e de encorajamento para a Resistência Interior.

Durante muito tempo a ação militar da Resistência Interior ficou impedida de executar operações maciças, tendo se limitado a ações individuais e estas quase sempre atraíam duras represálias sobre a população. As ações individuais resumiam-se em atos de sabotagem, assim como em execuções de soldados **alemães** ou de colaboradores do Reich. Estas ações criavam um estado de completo temor e de insegurança entre os ocupantes e seus colaboradores.

Os resistentes da França Interior não possuíam as armas necessárias para a luta a que se propunham e do ponto de vista

militar tinham que esperar este auxílio dos aliados do exterior, de Londres principalmente e, como se sabe, os aliados de fora não acreditavam realmente na sua força.

Foram muitas e longas as dificuldades enfrentadas pela Resistência Interior para se fazer reconhecer. A principal dificuldade advinha dos Estados Unidos e estes demonstravam mesmo grande desprezo pelas autoridades francesas.

Entre as muitas e longas dificuldades enfrentadas pela Resistência para se fazer reconhecer, a principal, como se sabe, advinha dos Estados Unidos⁽⁶⁾ que sempre olharam com desconfiança o general de Gaulle e este inegavelmente era a principal figura da Resistência, tanto da Exterior, "França Livre" organizada em Londres, como da Interior desenvolvida com grandes dificuldades na França.

O general de Gaulle era visto pela grande maioria dos franceses como o exemplo que devia ser seguido. Os Estados Unidos não aceitando o general de Gaulle, não reconheciam o papel da Resistência e chegaram mesmo a relutar para o reconhecimento do C.F.L.N.⁽⁷⁾

Até novembro de 1942, o único regime francês que os Estados Unidos reconheceram foi o do Governo de Vichy. Até 7 de dezembro de 1941, data do ataque a Pearl Harbour, os Estados Unidos foram neutros no conflito europeu tendo desenvolvido mesmo uma política de não interferência nos problemas daquele continente. Os americanos tinham uma representação diplomática na França e credi

(6) A este respeito ver o artigo de KASPI, A. - "Les Etats Unis et le problème français - 1942-1943", Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine - tomo XVIII, abril-junho de 1971, p. 203 a 236.

(7) C.F.L.N. - Comité Français de la Libération Nationale foi instituído a 23 de junho de 1943 sob a co-presidência de Giraud-de Gaulle.

tavam que o Governo de Vichy dispunha de duas armas poderosas: a sua frota e o seu Império Colonial.

Desde o início os Estados Unidos procuravam ignorar o movimento da França Livre organizado em Londres pelo general de Gaulle. Os americanos lhe atribuíam mesmo uma importância insignificante.

Com o desembarque aliado no Norte da África os alemães invadiram a zona livre do Governo de Vichy tendo a França perdido a partir de então suas últimas aparências de soberania. "Foram **precisos meses** de hesitações e de decisões algumas vezes contra ditórias para que enfim o Comitê Francês de Libertação Nacional fosse formado em Argel em junho de 1943 e reconhecido em agosto, não sem novas tergiversações pelos aliados".⁽⁸⁾

E assim a Resistência Interior, nascida num ambiente de extraordinário desinterêsse, pois ela era pobre, a causa que defendia não prometia a seus defensores senão sofrimentos e dissabores, cresceu e conseguiu fazer-se reconhecer.

Os primeiros resistentes não buscavam razões para esperar, mas buscavam uma justificativa para viverem dignamente, sem a tremenda humilhação que lhes causaram a derrota.

À medida que ela passou a receber armamentos e equipamentos necessários para o bom desenvolvimento de sua ação, passou a ser reconhecida.

Ela contribuiu sobremaneira no trabalho de libertação do país e os seus heróis e mártires têm seus nomes gravados para sempre nos corações de todos franceses.

(8) KASPI, A. - Les États-Unis et le problème français 1942-1943
Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine - tomo XVIII de
abril-junho de 1971, p. 203.

V - Conclusão

A Imprensa Clandestina na França durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) foi uma obra de combate, cuja grande maioria dos organizadores, redatores, etc., era formada de homens novos para a vida política do país. Essa imprensa foi mais que uma arma, foi um instrumento de expressão e de difusão de pensamento. Ela difundiu novidades sobre o desenrolar da guerra, revelou as fraquezas dos ocupantes, difundiu conselhos de prudência e ação, assim como lançou slogans contra a propaganda inimiga, denunciando as barbaridades cometidas pelos ocupantes tais como: o assalto da economia francesa, pelas pilhagens e requisições, as execuções de reféns, a tortura de patriotas, etc. Também todos os sucessos alemães foram sistematicamente minimizados por ela.

Tendo como objetivo despertar cada vez mais o ódio dos franceses contra os invasores todo-poderosos, os resistentes através da Imprensa Clandestina, sua única arma no momento, ressaltavam as restrições terríveis que estavam sendo impostas à população tais como: a fome e o frio, assim como a inconformidade de todos com o recrutamento de franceses para trabalharem na Alemanha, o tão falado S.T.O..

Suas publicações difundiram artigos com títulos curtos, diretos, fáceis de reter. Foram publicações emanadas das mais variadas ideologias ou tendências políticas, comunistas, socialistas, democratas, conservadoras, etc., e também de inspiração religiosa insurgindo-se principalmente contra o nazismo, por considerá-lo anti-cristão e anti-humano.

Representadas por jornais, revistas, boletins, folhetos, folhas volantes, etc., essas publicações sacudiram e despertaram a opinião pública francesa da apatia em que se encontrava, de-

sempenhando o seu principal papel fazendo penetrar nos espíritos, graças a uma repetição incessante, um certo número de idéias chaves que foram pouco a pouco tomando lugar na consciência dos leitores e acabando por constituir-se em elementos de sua ação.

Floresceu nas mais distantes regiões francesas e são poucos os departamentos que não apresentam alguma publicação, não se podendo afirmar, entretanto, com certeza, se verdadeiramente não publicaram nada. Das publicações clandestinas catalogadas pela Biblioteca Nacional de Paris, pelo menos um terço não apresenta especificações das localidades em que foram impressas ou mimeografadas. A ausência dessas informações torna praticamente impossível o estabelecimento de sua procedência, o que é compreensível em se tratando de publicações clandestinas - precaução necessária para iludir a vigilância da Gestapo e afastar a agressividade da polícia de Vichy.

De acordo com os dados fornecidos pelo Catálogo, a Zona Norte, ocupada, foi a que registrou um maior número de publicações clandestinas, nela merecendo um destaque especial a região do Grande Paris e os departamentos: Nord e Pas-de-Calais. Nessa zona a presença diária dos ocupantes fez com que as publicações clandestinas apelassem muito mais para uma ação contra os alemães. Já na Zona Sul, nominalmente livre até novembro de 1942, a ausência dos ocupantes possibilitou que essas publicações tomassem um rumo mais polêmico. Destacaram-se pelo número de publicações na região os departamentos: Rhône, Haute Garonne e Bouches du Rhône. O primeiro sobretudo com Lyon, a segunda cidade francesa em população, a qual durante os três anos que sucederam à derrota e ao armistício de Rhetondes, foi a capital da Resistência na Zona Sul. Testemunho disso são as 38 publicações clandestinas aí surgidas, fato notável, superado apenas por Paris, no conjunto de toda a França.

A medida que as vitórias aliadas preconizavam a derrota final da Alemanha, a imprensa clandestina passou a se preocupar com o futuro da França depois da guerra. Os resistentes que nela trabalhavam não pretendiam de forma alguma que o país voltasse ao regime anterior à guerra, o da III República, ou que se conservasse algum resquício do Governo de Vichy. As mais severas críticas foram publicadas contra esse governo por sua política ditatorial e fascista.

As reflexões sobre os erros cometidos tanto no presente como no passado, levaram-nos a buscar correções que preparassem para a França um futuro mais promissor.

Elaboraram projetos de constituição de diversos tipos, procurando evitar a repetição das falhas que provocaram tão fragoroso desastre à França. De forma geral caíram numa democracia autoritária na qual o poder executivo governaria de maneira durável e eficaz.

Os franceses temiam sobretudo a perda da liberdade e o desaparecimento de valores tais como a dignidade da pessoa humana e a igualdade de direitos entre os homens, a soberania do povo, a emancipação social e o ideal democrático.

A Imprensa Clandestina na França jamais vacilou na sua penosa tarefa de dizer e difundir a verdade, apesar dos inimigos. Como toda empresa humana cometeu seus erros e teve os seus aproveitadores; mas se a considerarmos em conjunto é incontestável que se constituiu num dos episódios mais magníficos da França Contemporânea.

Ela teve um papel muito importante dentro da Resistência, tendo desempenhado mesmo uma ação decisiva no trabalho da libertação do país. Catalizou as opiniões dos franceses, unificando

seus esforços contra o odioso invasor e atraiu a simpatia dos alia-
dos para a causa defendida pelos partidários da França Livre.

O caminho seguido para a Libertação foi íngreme e es-
pinhoso e muitos dos que nela labutaram: tipógrafos, linotipistas,
redatores, colaboradores, distribuidores, etc., não viram a coroa-
ção dos seus esforços, pelas perseguições, pelas torturas e pelas
mortes que lhes causaram os boches.



A N E X O

Relação das publicações clandestinas: jornais, revistas, brochuras, etc., das quais foram identificados seus fundadores, diretores, redatores, colaboradores, responsáveis, etc., muito embora algumas delas apresentem apenas os pseudônimos de seus responsáveis. Estão neste último caso as publicações que aparecem na presente relação sob os números: 5, 8, 28, 43, 69, 73, 76, 84, 87, 92, 98, 100, 101, 110, 121, 126, 139.

Porém as mais importantes publicações arroladas aparecem com os seus responsáveis identificados e foram nelas que nos baseamos para a elaboração da tese.

1. ACTION

Fundador: Marcel Degliame, pseudônimo Fouché

Diretores: Maurice Kriegel-Vatrimont, Valdi Leduc

Colaboradores: Charlotte Kaldor e Jeanne Modigliani

2. LES ALLOBROGES

Diretor Fundador: P. Morval

Diretor: Louis Couthelhas

3. ALMANACH DES LETTRES FRANÇAISES

Responsável: George Adam

Redatores: George Adam, Louis Aragon, Jean Blanzat, Jacques Debû-Bridel, Colette Duval, Paul Eluard, Jean Guéhénno, Frédéric Joliot-Curie, Jean Lescure, Fernand Loris, François Mauriac, Claud Morgan, Edith Thomas.

4. L'ALSACE

Redator: C. Schneider

Colaboradores: L. E. Schaeffer, G. Wild

5. APRÈS... LA RÉSISTANCE, PAR LA RÉVOLUTION, POUR LA RÉPUBLIQUE.

Redator: Adam

6. L'ART FRANÇAIS

Fundador: Joseph Billet

Redatores: François Desnoyer, André Fougerson, Edouard Goerg, Pierre Montagnac, Charles Walch.

7. L'AURORE

Fundador-Redator: Robert Lazurick, Pseudônimo L'Insurgé e

Jacques Vintras

Administrador: Maurice Verlow e depois Pierre Kahn, pseudônimo Farel.

Colaboradores: Pierre Loewel, Robert Salomon, Francine Bonitzer

8. AVANT-GARDE

Redator: Gislain

9. AVENIR

Fundador: Jacques Briffeau, Pierre Jeancart, pseudônimo Pierre Breteuil, Charles Verny.

Diretor: Claude Desjardins, pseudônimo Claude Isnard.

Colaboradores: René Millienne, Jacques Rebeyrol.

10. LA BANNIÈRE

Diretor: Jean Bassigny, pseudônimo d'Antoine Calace de Ferluc

11. BIBLIOGRAPHIE DE LA FRANCE

Redator: Lucien Scheler

12. BIR-HAKEM

Diretor: André Jacquelin

Redatores: George Blun, Gabriel Jeanjacquot, Albert Maréchal, Paul Neyrac, Jean Nocher.

13. BULLETIN D'INFORMATION ET DE PROPAGANDE

Editor: Robert Guédon

14. BULLETIN DE L'ENSEIGNEMENT

Redator: Yan Merry

15. BULLETIN DE L'UNION DES SYNDICATS OUVRIERS DE LA RÉGION PAISIENNE

Redatores: Henri Raynaud, Marcel Brenot, Eugène Henaff, André Tollet.

16. BUREAU DE PRESSE DE LA FRANCE COMBATTANTE. BULLETIN D'INFORMATIONS GÉNÉRALES

Redatores chefes: George Bidault, Pierre Corval

Redatores: Annie Hervé, Remy Roure, André Sauger, Louis Terrenoire e depois Pierre Courtade, Claude Roussel...

17. LES CAHIERS

Fundador: Maxime Blocq-Mascart

Colaboradores: Max André, Jacques Arthuys, Claude Bellanger,

Paul Bergeron, Pierre Beucler, Hélène Campinchi, Jean Louis Costa, Jacques Debû-Bridel, André Deschamps, Roger Dusseaulx, André Groetz, Jean Guichard, Georges Izard, Georges Jamati, Aimé Jean-jean, Pierre Lefauchaux, Aimé Lepercq. R. Lepercq, François de Lescure, Jean Morin, Jacques Piette, O. Raffalovitch, Jacques Rebeyrol, Alfred Rosier, Jean-André Sainte-Lagüe, Fernad Samson, Marc Scaillierez, J. H. Simon, Maximilien Sorre, Pierre de Soules, Antoine de Tavernost.

18. CAHIERS DE DÉFENSE DE LA FRANCE

Redatores: Philippe Viannay, Jean-Daniel Jurgensen e Robert Salmon.

19. LES CAHIERS DE LIBÉRATION, depois a partir de fevereiro de 1944

CAHIERS DE LA LIBÉRATION

Fundador: Movimento Libération Sud

Comissão de Redação: Jean Cassou, Pierre Leyris, Louis Martin-Chauffier, Roger Massip.

Textos de: Georges Friedmann, Jean Guéhenno, Louis Martin-Chauffier, Claude Aveline, Louis Aragon, Paul Eluard, Jean Paulhan, Jean Cassou, Albert Camus, Maurice Noël, Marcel Abrahan.

20. LES CAHIERS DU BOLCHEVISME

Fundador: Comitê Central do Partido Comunista Francês

Diretores: M. Thorez, Jacques Duclos, B. Franchon, G. Cogniot

Artigos Assinados por: Marcel Cachin, Raymond Guyot, Blaise Juillet, André Marty, G. Richard, Colonel Rivière

21. CAHIERS DU TÉMOIGNAGE CHRÉTIEN

Fundador: R. P. Pierre Chaillet

Colaboradores: R. P. Gaston Fessard, R. P. Pierre Ganne, R.P. Henri de Lubac, Cardeal August Hlond, R. P. Yves de Montcheuil, Joseph Vialatoux, André Mandouze, Fernand Belot, abade Bockel, R. P. Robert d'Harcourt, Joseph Hours, R. P. André Desqueyrat. (R. P. é abreviação de Reverendíssimo Padre).

22. LES CAHIERS POLITIQUES

Fundadores: François de Menthon e Pierre-Penri Teitgen

Diretores: P. H. Teitgen, Marc Bloch, Louis Terrenoire

Redator Chefe: Pierre-Henri Teitgen

Colaboradores: Paul Bastid, Albert Bavet, René Courtin, Michel Debré, Amédée Dunois, Léo Hamon, Joseph Hours, Robert Lacoste, Emmanuel Mounier, Alexandre Parodi, Dominique Parodi, Léonard Rist, Louis Saillant, Edmond Vermeil.

23. LE CANETON DÉCHAÎNÉ

Diretor: Philippe Maréchal

Redator Chefe: Adolf Marion

24. CEUX DE LA LIBERATION

Fundadores: Raoul Peigné e Ronze

Redatores: Aymé Guérin, pseudônimo André Blondelle, Jacques Darrasse.

25. CEUX DE LA RÉSISTANCE. BULLETIN D'INFORMATIONS

Fundador Redator: Jean de Vogüé

Colaboradores: Paul Arrighi e Pierre Arrighi

26. LA CHAÎNE D'UNION LORRAINE

Fundador: Jean Bossu

Colaboradores: Augustin Hamon, Dr. Charles Szoton

Artigos assinados: Louise Michel, Félix Pyat, Jules Vallès

27. LA CHAMPAGNE OUVRIÈRE ET PAYSANNE

Responsável: Michel Sicre

28. CHANTECLAIR (Revista dos poetas)

Redatores: D'Aram, Temporal

29. COLLABORATION

Redator: Jean Bossu

30. COMBAT

Comitê Diretor: Georges Bidault, Claude Bourdet, Maurice Chevance, Paul Coste-Floret, Henri Frenay, François de Menthon, Pierre-Henri Teitgen.

Redatores Chefes: George Bidault, Henri Frenay, Claude Bourdet, Jacqueline Bernard, Pierre Scize e Albert Camus.

Redatores: Os membros dos comitês diretores e Claude Aveline, Albert Camus, Marcel Pauté, Georges Altschuler, Albert Ollivier, Jean-Paul Sartre.

31. COMBAT (Edição da África do Norte)

Diretor: René Capitant

Colaboradores: Alfred Coste-Floret, André Fradin.

32. COMBAT (Orgão do Movimento de Libertação Francês, Suplemento para Lyon)

Redator: André Plaisantin

33. LE COQ ENCHAÎNÉ

Fundadores: Maurice Petit, Albert Dubois, Marcel Boué

Redator Chefe: René Denis, pseudônimo de Denis Dautun

Redatores: os mesmos, Jean Buisson e os membros do Comitê diretor dos Bataillons de la Mort, editores do jornal.

34. LE COQ ENCHAÎNÉ EST LÀ POUR LIBÉRER LA FRANCE

Responsável. Didier, Lucien Degoutte

35. LE COURRIER D'ALSACE-LORRAINE

Redatores: Jean de Mullenheim e H. F. Goguel

36. LE COURRIER FRANÇAIS DU TÉMOIGNAGE CHRÉTIEN

Fundador: R. P. Pierre Chaillet

Redatores: André Mandouze, Fernand Belot, abade Bockel, R. P. Pierre Chaillet, R. P. André Desqueyrat, R. P. Georges Fessard, R. P. Pierre Ganne, Robert d'Harcourt, Joseph Hours, R. P. Henri de Lubac, R. P. Yves de Montcheuil, Joseph Vialatoux.

37. DÉFENSE DE LA FRANCE

Fundadores: Philippe Viannay e Marcel Lebon

Secretários Gerais: Jacqueline Pardon e depois Genia Deschamps

Redatores: Philippe Viannay, pseudônimo Indomitus, autor dos editoriais assinados e não assinados do jornal; Robert Salmon, pseudônimo Robert Tenaille; Jean-Daniel Jurgensen, pseudônimo de Jean Lorrain, Lorraine; Alphonse Dain, pseudônimo Capitaine X, A. Francin, Klein, Pelletier.

Outros Redatores: Georges Chevrot, pseudônimo Un Prête de France; R. P. Georges Fessard; Geneviève de Gaulle, pseudônimo Gallia; Robert d'Harcourt, pseudônimo

H. B.; René Lalou; A. Lemarque, pseudônimo le Graisseur de Wagon, N.; William Lapiere, pseudônimo G. le Mainois, Scrutator; Jacques Lusseyran, pseudônimo Vindex; Paul Ranchon, pseudônimo Polaire; René Tezenas du Montcel, pseudônimo Maître Jacques; os resistentes que assinam R. Christian, René Robert e Wolfgang, etc.

38. DEMAIN

Fundadores: Jacques Mauprime, Maurice Lacroix

Secretário Geral: Roger Lardenois

Colaboradores: André Bossin, Raymond Burgard, Henri Féréol, Maurice Lacroix, Alcide Morel.

39. DOCUMENTS

Fundador: Pierre Villon

Redatores: Laurent Casanova, Jacques Debû-Bridel

40. L'ECHO SEYNOIS

Redator: Lou Garry

41. L'ECOLE DE BARA

Diretores: E. Labrunie, Buard

Redatores: Madame P. Pacaud, Juliette Nguyen-Van-Chi

42. L'ECOLE DU GRAND PARIS

Diretor: Jean Roulon

43. L'ECOLE DU GRAND PARIS (Secção Departamental do Sena)

Diretor: Bonissel

44. L'ECOLE LAIQUE

Fundador: Pierre Maucherat, depois Jean Roulon

Diretor: Jean Roulon

Colaboradores: Roger Clément, Yvonne Crebouw, Paul Delanoue, Jeanne Esthève, Lucie Giacomoni, Lucie Gratadoux, Marcel Merville, Geneviève Roulon, Jacques Solomon, André Voguet.

45. L'ECOLE LIBÉRATRICE

Responsáveis: André Voguet, Jean Roulon, Geneviève Roulon.

46. L'ECRAN FRANÇAIS

Diretor: René Blech

Comitê de Redação: Pierre Blanchar, Louis Daquin, Jean Delannoy, Jean Mercanton, Armand Salacrou, Marc-Gilbert Sauvajon, André Luguet, André Swobada, Bernard Zimmer.

47. L'EFFORT

Diretor: Claude Desjardin

Redatores: os operários resistentes da Usina Renault

Artigos Assinados: Alcantara, Votre Chef

48. ESPOIR

Diretor: Jean Nocher

49. L'ESPOIR

Fundador: Gaston Deffere

Redatores: Boyer, Marcel Bidoux

50. ESSOR

Fundador: G. d'Argenlieu, Charles Verny

Diretores: G. d'Argenlieu, Philippe Bernard.

Colaboradores: Biaggi, d'Humières, Lerognon, Jean Morin, Neuve-Eglise, Remandon, Remy, Romboust, Claude Veyssières

51. L'ETERNELLE REVUE

Fundador: Paul Eluard

Redatores: Anne, pseudônimo d'Edith Thomas; Chems-el-Kraba, pseudônimo de Gabriel Audisio; Jean Delamille, pseudônimo de Jean Lescure; Hugo Vic, pseudônimo de Michel Leiris; Jean Jacquet; Jean du Haut, pseudônimo de Paul Eluard; Armand Lanson; Malo-le-bleu, pseudônimo de Georges Hugnet; Louis Maste, pseudônimo de Pierre Seghers; Margueride, pseudônimo de Louis Parrot; Mazurier, pseudônimo de Lucien Scheler; Benjamin Phéllisse, pseudônimo d'André Frénaud; Daniel Trévoux; pseudônimo de Jean Tardieu; Vercors, pseudônimo de Jean Brüller.

52. LES ETOILES

Fundador: Louis Aragon

Redatores: Auguste Anglès, Joseph Billiet, R. P. Raymond-Léopold Bruckberger, Paul Eluard, Stanislas Fumet, Henri Malherbe, Jean Prévost, Pierre Seghers, André

Viollis, depois Jean Cassou e François Mauriac.

53. LES ETOILES (Setor Sudoeste)

Direção: Marcel Abraham, Jean Cassou e Jean Lurçat

Artigos Assinados: Jean Bruyères, pseudônimo de Jean Lurçat; Sablier, pseudônimo de Jean Cassou; Paul-Louis Valentin; Jacques Villefranche, pseudônimo de Marcel Abraham.

Colaboradores: André Chanson, René Huygues, Jean Marcenae

54. LA FLAMME

Fundador: Emile Janvier, pseudônimo Judex; Paul Mercier, Pierre Mornay e Plutarque.

Redatores: Beaufiles, pseudônimo de Jean Michel; Gandin, pseudônimo de Jean Paul, Mazeline, pseudônimo Alain; Trihoreau, pseudônimo de Paul Aubry.

55. FORCES FRANÇAISES

Fundador: Pierre e Sven Sainderichin

Redatores: L. N., pseudônimo de Hélène Verrie; L'Observateur, pseudônimo de P. e S. Sainderichin; P. S. (Pierre Sainderichin); Lieutenant Zorro.

56. DER FRANC-TIREUR

Redator: W. Wetzel

57. LE FRANC-TIREUR

Fundadores: Antoine Avinin, Noël Clavier, Jean Pierre Levy, Elie Péju, Auguste Pinton, Jean-Jacques Soudeille
Publicado pelo Comitê Diretor do Movimento Franc-Tireur: A. Avinin, Marc Block, Noël Clavier, Pierre Degon, Henri Deschamps, Pierre Gacon, Charles Gonnard, Jean-Pierre Levy, Eugène Petit, Auguste Pinton, Jean-Jacques Soudeille.

58. LE FRANÇAIS

Fundador: Comandante Félix-Alfred Germain, pseudônimo Bruno.

Colaboradores: Madame Germain, Félix Jobbé-Duval, Claude Woog
Artigos Assinados: Maurice, Michel.

59. LA FRANCE

Publicado por Combat, por iniciativa de Jacques Chabannes.

60. FRANCE AVANT TOUT

Redator: Capitão Mandrin

61. LA FRANCE CONTINUE

Fundadores: Henri de Montfort, Suzanne Feingold

Colaboradores: Emile Coornaert, Paul Petit, Marietta Martin-le-Dieu

62. FRANCE DE DEMAIN

Redatores: Jean François, J. L., Maximilien, H. R., P. R.

63. LA FRANCE INTÉRIEURE

Fundador Diretor: Georges Oudard

Redatores: Georges Oudard, pseudônimo Eudoxe, Spetactor, Viat-
tor; André Armengaud, pseudônimo Sergine, Sergius;
Bordelongue; Raymond Brugère; Gilbert de Chambrun;
Clarus, pseudônimo de um alto funcionário das fi-
nanças; Alphonse Dupront; Pierre Falaize, pseudôni-
mo Demos, Eudoxe; Roger Giron; o pastor Gillon; Al-
bert Kammerer, pseudônimo Invictus, Kataphron; Emma-
nuel Mounier; Suzanne Normand; André Pierre; Maître
Raulet.

64. LA FRANCE LIBRE

Diretor: André Labarthe

Secretário de Redação: Raymond Aron

65. LA FRANCE LIBRE (Orgão de Ceux de la Libération)

Fundadores: Raoul Peigné, Ronze

Redatores: Aymé Guérin, pseudônimo de André Blondelle,
Jacques Darnasse, Colonel F, G. A., Le Brix Testis.

66. FRATERNITÉ

Redatores: Dr. Arnaud; Bercke; Maître Berthon; Pancrasis; J.
C. Varennes.

67. FRONT NATIONAL

Fundador: Pierre Villon

Colaboradores: Laurent Casanova, Jacques Debû-Bridel

68. LE GAULLISTE

Fundador: uma equipe de tipógrafos sob orientação de Gaëtan
Charpentier.

69. LE GAULLOIS
Colaborador: Vavasseur.
70. GAVROCHE
Fundador-Redator: Marcel Bidoux, pseudônimo Jean Fresnoy.
71. LA GAZETTE DES TEMPS
Diretor: Robert Wolf-Wolney
72. LA GIRONDE POPULAIRE
Redator Chefe: Lucien Daffau e Robert Vonnet.
73. HEBDO-MAQUIS
Artigos Assinados: P. Détain, M. S., C. Vrai
74. L'HEURE H
Diretor: Paul D. Jardin
Colaboradores: Emile-Bechet-Vaast, Raymond Guénot
Artigos assinados: D. M., Jean Hergé, Paul D. Jardin, Raymond Lefranc, André Touvent.
75. L'HOMME LIBRE
Fundadores: Van Wolput, pseudônimo Bosmans; Jean Lebas; Augustin Laurent.
76. HONNEUR ET PATRIE, VOICI LA FRANCE LIBRE
Redatores: Athos, Ours brun, Tigre pensif, Vautour de la nuit, Won Tolla.
77. L'INDOMPTÉ
Redator: J. C. Alain, pseudônimo l'Indompté.
78. L'INSURGÉ
Fundado: Por elementos do partido socialista da região do Ródano
Redatores: Justin Godart, Fugère, Barboyon, Poncet, Joseph, pseudônimo de um socialista italiano e a partir de 1943. Gilles Martinet e Pierre Stib.
79. ITALIA LIBERA
Diretor: Ricardo Ravignan
Colaboradores: Bruno Bernieri, Aristide Colalucci, Giuseppe Nitti, Ottone Schwarz.
80. JEUNE RÉVOLUTION
Responsável: Jean Rous.

81. LES LETTRES FRANÇAISES

Fundador: Daniel Decourdemanche, pseudônimo Jacques Decour, com Jean Paulhan e Jacques Debû-Bridel.

Artigos de: George Adam, Louis Aragon, Pierre Bénard, Jean Blanzat, Jean Cassou, Jacques Debû-Bridel, Jacques Decour, Paul Eluard, Yves Farge, Max-Pol Fouchet, André Frénaud, François Lachenel, Michel Leiris, Jean Lescure, Loÿs Masson, François Mauriac, Claude Morgan, Louis Parrot, Jean Paulhan, Henry Pignolet, Raymond Quenau, André Rousseaux, Claude Roy, Jean Paul Sartre, Pierre Seghers, Jean Tardieu, Marcel Thiry, Edith Thomas, Elsa Triolet, Jean Vaudal, Charles Vildrac, Pierre Villon, Walt Whitman.

82. LIBÉRATION (Nord)

Fundador: Christian Pineau

Diretores: Christian Pineau, depois Jean Cavaillès e Jean Texcier e depois somente Jean Texcier.

Secretário de Redação: Maurice Harmel

Redatores: Barafort; François Berteval, pseudônimo de Christian Pineau, de Jean Cavaillès e de Jean Texcier; Serge Boze, pseudônimo de Jean Texcier; Capitaine Brécourt, pseudônimo de Christian Pineau; H. Darène; Jean Delarc, pseudônimo de Gaston Teissier; Jean Fournès, pseudônimo de Maurice Harmel; Jeanne Lafrance, pseudônimo de Gaston Teissier; P. Loutil, pseudônimo de Gaston Teissier.

83. LIBÉRATION (Sud)

Fundador: Emmanuel d'Astier de la Vigerie

Redator Chefe: Pascal Copeau, depois a partir de agosto de 1942 Roger Massip, Lucie Aubrac, F. Bauer, Maurice Cuvillon.

Redatores: Jean Dutourd, Pierre Hervé, Louis Martin Chauffier, Yves Massip, Yvon Morandat. O nº 4 traz um apelo aos trabalhadores de Léon Jouhaux.

84. LIBÉRER ET FÉDÉRER

Responsáveis: Descours, Zaksas.

85. LIBERTÉ

Fundador: Grupo Liberté

Comitê Diretor: François de Menthon, Bacot, Fernad Belot,
Paul Coste-Floret, Nathan-Murat, Rémy Roure, Pierre
Henri Teitgen.

Colaborador: Claude Aveline

86. LA LIBERTÉ SYNDICALE

Redatores: Henri Barré, Le Bourre, Jean Rous.

87. LE LIBRE COMTE

Diretor: Récamier

Redatores: Baudin, Maître

88. LIBRE FRANCE

Redatores: Peer Gynt, Requin

89. LE LIBRE POITOU

Fundador Redator: Louis Renard, Maurice Baudet.

90. LORRAINE

Editado pelo Movimento Lorraine

Fundador: Nicolas Hobam

Redator Chefe: Marcel Leroy , depois a partir de julho de
1943 Fallas, pseudônimo de René Magnin.

Redatores: Galliot, Gerhardt, Emile Pajot, Mlle Roiseux,
Valton.

Artigos Assinados: René Magnin, pseudônimo de Fallas; J.
Dalbret, J. Longueville.

91. LE LOT RESISTANT

Diretor: Robert Wolf-Wolney

92. LUTTE BALKANIQUE

Artigos Assinados: Branco, Diógene, Hélène P., Rachko

93. LE MAQUIS ALPIN

Redator: J. C. Alain, pseudônimo l'Indompté

94. LE MÉDICIN FRANÇAIS

Fundador: Dr. Maurice Tenine e Dr. Jean-Claude Bauer

95. 1918

Artigo Assinado: Jacques le Biffain

96. MUSICIENS D'AUJOURD'HUI

Redatores: Elsa Barraine, Roger Désormière e Alexix Roland-
Manuel; depois Georges Auric, Claude Delvicourt,

Louis Durey, Charles Munch, Francis Poulenc e
Manuel Rosenthal.

97. NOTRE DROIT

Fundador: Max Dolmont, pseudônimo d'Edmond Lablenie

98. NOUS

Diretor: D'Aram

99. NOUS... LES TRAVAILLEURS

Redatores: Pierre Bomsang, pseudônimo de um antigo comunis-
ta; Claude Gervois, pseudônimo de Christian Pi-
neau; André Maulnier, pseudônimo de Jean Texcier.

100. NOUVELLE JEUNESSE

Redator: Bathylle, Marcel.

101. LA NOUVELLE RÉPUBLIQUE

Artigos Assinados por: Akademos, Carnot, Caton, Valentine
Cramayel, Isabelle, Victor Philodephe, Priscus,
Valentine, Vauban.

102. LE NOUVELLISTE

Redatores: Marcel Grancher e Pierre Scize.

103. OPERA

Fundador: Jacques Chabannes
Artigos assinados por: Sextius

104. LE PALAIS LIBRE

Fundador: Joé Nordmann

105. PANTAGRUEL

Fundador-redator: Raymond Deiss

106. PAROLES FRANÇAISES

Redator principal: Julien Sabot

107. LA PENSÉE LIBRE

Fundadores: Georges Politzer, Jacques Solomon, Jacques
Decour, pseudônimo de Daniel Decourdemanche.

Redatores do Nº 1: J. Decour, G. Politzer, J. Solomon,
René Maublanc, Henri Wallon.

Artigos assinados por: Jacques Bonhomme, Laroche, Lefranc,
Rameau,

108. LES PETITES AILES

Fundador-diretor: Henri Frenay

Redatores: Bertie Albrecht, R. P. Pierre Chaillet, Jouffray

Colaboradores: Jean-Guy Bernard, Maurice Chevance, André

Hauriou, Georges Oudard, Marcel Peck, André Plaisantin, Pierre Scize.

109. LES PETITES AILES DE BRANCE

Editado sob a direção de: Henri Frenay,

sob a responsabilidade de: Robert Guédon,

Assistido por: Jeanne Sivadon.

Colaboradores de grandes organismos econômicos, administrativos ou patronais: Pierre Lebon, Jean Madeline, Joseph Schilling, Elizabeth Dussauze, Farjon, Jacques Lecompte-Boinet, François Morin.

110. POLICE ET PATRIE

Redator: Victrix

111. POLSKA PRACY

Colaborador: Stefan Mrozkiewicz

112. LE POPULAIRE

Diretores: Daniel Mayer, Cletta Mayer, Félix Gouin, Horace Manicacci

Colaboradores: Edouard Froment, Raymond Gernez

113. LE POPULAIRE

Diretores: Robert Verdier, Raoul Evrard, Elie Bloncourt

Redatores: Suzanne Buisson, Paul-Emile Dizard, Charles

Dumas, Amédée Dunois, Jean-Maurice Hermann, Gérard Jacquet, Daniel Mayer, Robert Verdier.

Artigos assinados por: Augustus; Delannoy; Demos; Pierre

Faujas, pseudônimo de Robert Verdier; Jean

Felber; Jean Glaive; Jean Longuet; Memor; Jean

Michel; Nicolas Moreau, pseudônimo de Amédée

Dunois; Spes, pseudônimo de Charles Dumas;

Yvette.

114. LE POPULAIRE DE SEINE-ET-OISE

Redator: Prieur, pseudônimo de Jean Denis.

115. PROVENCE LIBRE

Artigos Assinados: D'Artagnan, C. M., Georges Daevy, E. S.,

François Lonval, M. M., M. S., Maxence, Pythagore,
R. M., Spectator, um católico republicano.

116. QUAND MÊME

Fundador: Comandante Félix Alfred Germain

Colaboradores: Madame Germain, Félix Jobbé-Duval, Claude
Woog.

117. QUARANTE-QUATRE

Diretor Redator: Marcel Abraham

118. 93

Redatores: Enjolras, Tancredi, Paul Valjean

119. LA IVème REPUBLIQUE

Fundador: Comitê Central dos Volontaires de la Liberté

Colaboradores: Jean-Louis Bruch, Pierre Cochery, Paul
Rassinier, Tschann.

120. LA VIème RÉPUBLIQUE (órgão de ação socialista e de liberta-
ção nacional)

Fundadores: Augustin Laurente, Jean Piat e André Pantigny

Diretores: A. Pantigny e A. Laurent

Redator: Jean Piat

121. LA RÉPUBLIQUE COMBATTANTE

Redator: Henriette

122. RÉSISTANCE (boletim oficial do Comitê Nacional de Salvação
Pública)

Fundadores: Anatole Levitsky, Leon Maurice Nordmann, Boris
Vildé

Colaboradores: Andrieux, Claude Aveline, Jean Blanzat, Jean
Cassou, Agnes Humbert, Georges Ithier, Jean Paulhan,
Paul Rivet, Antoine Schlickin.

123. RÉSISTANCE (Ile de France)

Comitê de Redação: Robert Lecourt, Jacques Ogé e Jean Rudder

Artigos Assinados: Gerard Delers, Marc Deschamps, pseudônimo
Dr. Claude Lafargue; Pierre François, pseudônimo
d'Henri Mazeaud; J. Lebreton; André Lepintre;
Jean Renaud; Jean Richard.

124. RÉSISTANCE (Jornal da Libertação Nacional)

Artigos Assinados: Capitaine X, l'Economiste, Le Pasticheur

de Service Robert le lorrain.

Editado: por resistentes agrupados ao redor de Robert Guédon e que agiam em nome do Movimento de Libertação Nacional dirigido por Henri Frenay.

125. RÉSISTANCE (O novo jornal de Paris)

Fundador: Dr. Marcel Renet, pseudônimo Jacques Destrée

Diretores: Jacques Destrée e Maurice Lacroix; depois de setembro de 1943 até maio de 1944 por uma equipe composta de Daniel Apert, Maurice Lacroix, Roger Lardenois e Charles Serre

Colaboradores: Aubin, André Boisarie, André Bossin, Bouzon, Pierre Brossolette, Jacques Debû-Bridel, Henri Féréol, Yves Fournis, Henri Gay, André Lafargue, Dr. Claude Lafargue, Marcel Leroy, Madame Levreux, Jacques Mauprime, Henri Mazeaud, Alcide Morel, Madame Marcel Renet, Maurice Roland, André Sauger, Jean Scelles, Philippe Serre, Henri Steiner, Paul Steiner, Gaston Teissier.

126. RÉSISTANCE (Draguignan)

Redatores: Margues, Martial, Scrutator

127. RÉSISTANCE (Vernon, Eure)

Fundador: G. André

128. RÉSISTANCE DE BORDEAUX ET DU SUD-OUEST

Fundador: Henri Gay, pseudônimo d'Alguy ou d'Halguy

Redatores: Henri Gay, H. Desprat, pseudônimo de Charles Riscle; Plas, pseudônimo Philos; Verges, pseudônimo Vindic.

Artigos Assinados: Comandante Bayard, Charlin, Gallus.

129. RÉSISTANCE EN PICARDIE

Diretor: Cogneaux

Redator: H. Tahon

Artigos Assinados: Lesergeant, R. P.

130. LA RÉVOLUTION FRANÇAISE

Redatores: Henri Barré, Le Bourre, Jean Rous

131. LA REVUE LIBRE

Redatores: Georges Altman, Yves Debotton, André Ferrat,

Elie Péju

132. LA SCENE FRANÇAISE

Administrador: René Blech

Comitê de Redação: André Barsacq, Marie Bell, Aimé Clariond,
Derigoud, Armand Salacrou.

133. SERVICE DE SONDAGES ET STATISTIQUES; SONDAGES

Fundador: Max Barioux

Colaboradores: Claudine Isidore

134. SOCIALISME ET LIBERTÉ

Fundadores diretores: Robert Verdier, Raoul Evrard, Elie
Bloncourt

Artigos Assinados: Gracchus; Just; Jean Lhair; Nicolas Mo-
reau, pseudônimo d'Amadée Dunois; Siconet; Spes,
pseudônimo de Charles Dumas.

135. SOLDAT AM MITTELMEER

Colaboradores: Graf, Hähnel, Hauser, Oberlander, Priess,
Stinger, Ullmann, Vesper, Wittmann.

136. SOLDAT IM WESTEN

Colaboradores: Florian, Graf, Hähnel, Hauser, Oberlander,
Priess, Stinger, Ullmann, Vesper, Victor, Wittmann

137. LA TERRE

Colaboradores: Bernard Paumier, Georges Guezennec

138. LE TIGRE

Fundador: Jacques Oudin

139. TOUJOURS

Redator: Jean Liberté

140. TOUR D'HORIZON

Redator: General Gabriel-Roger Cochet

141. LE TRAVAILLEUR PICARD (região do Somme)

Diretor: Jean Catelas

142. LE TRAVAILLEUR PICARD (região Picardia)

Diretor: Jean Catelas

143. L'UNITÉ

Direção: Dreyfus e com a cumplicidade de Antonietti

Redatores: B. D. S., Boubou, Glucid, René Lersois, Pépé,

Rac, Tricolore, Sabre-au-clair, le T'iot bradé,
Z. quatre.

144. L'UNIVERSITÉ LIBRE

Fundadores: Jacques Solomon, Jacques Decour, pseudônimo de Daniel Decourdemanche; Frédéric Joliot-Curie, Paul Langevin, Pierre Maucherat e Georges Politzer
Redatores Chefes: Jacques Solomen, André Adler, Francis Cohen, Maurice Husson, René Maublanc.

Colaboradores: No Ensino Superior

Eugène Aubel, Louis Barrabé, Albert Dauzat, Robert Debré, Frédéric Joliot-Curie, Alfred Jolivet, Gabriel le Bras, Albert Pauphilet, Marcel Prenant, Henri Wallon, René Zazzo.

No Ensino Secundário

André Adler, Pierre Angrand, Bonin, Devilleneuve, Edmond Lablénie, Henri Legrand, Pastor, Thiédot.

No Ensino Primário

Paul Delanoue, Jacqueline Marchand, Geneviève Roulon, Jean Roulon, André Voguet.

Estudantes

Pierre Kast, Rolland

145. UNTER UNS

Fundador Redator: Joseph Schilling

Colaboradores: Farjon, Jean Madeline

146. UNSER VATERLAND

Colaboradores: Gräf, Hähnel, Hauser, Oberlander, Priess, Singer, Ullmann, Vesper, Wittmann.

147. VALMY

Fundadores: Raymond Burgard

Redator Chefe: Paulin Bertrand, pseudônimo Paul Simon

Redatores: Paulin Bertrand, Raymond Burgard, Jules Ballaz, Alcide Morel, pseudônimo Albert Gramme, André Vellay, pseudônimo Boyau rouge, André Bossin, pseudônimo Robin e Henri Féreol.

148. VERITAS

Redator: Abbé Vallée

149. LA VÉRITÉ FRANÇAISE

Fundadores: Jehan de Launoy, Louis Mandin.

Diretor Político: Jean Chouan, pseudônimo de Jehan de Launoy

Redator Chefe: F. T. Nelle ou Nel, pseudônimo do doutor Lafaye, médico veterinário que contava com a ajuda de seu assistente Dr. Hollstein, também veterinário.

Redatores: R. P. Cheneau, Coqueugniot, P. Debruyère, capitão Decamps, R. P. Guillaire, Ernest Massip, Mile de la Rochère, Stoun, Vogel, doutor Maurice Delort.

Artigos Assinados: Aramis, d'Artagnan, Athos, Antoine Bigornille, J. B., Cdt la Légion, Cdt Roncevaux, Surcouf, V.

150. VÉRITÉS

Diretor: Henri Frenay

Colaboradores: Bertie Albrecht, R. P. Pierre Chaillet, Jouffray, Georges Oudard, Pierre Scize

Artigos Assinados: Fabricius, Junius, Marc, Robert-le-lorrain, Testis, Vitamine.

151. LA VIE OUVRIÈRE

Artigos: Benoîte Frachon, Eugène Hénaff, Gaston Momousseau, Charles Nedelec, Julien Racamond.

152. LA VIGIE

Diretor: Francis Dumont

Colaboradores: Jean Jausion, Alexandre Astruc, Robert Kanters.

153. LA VOIX DE LA PATRIE

Comitê Diretor: Marcelle Barjonet, Henri Pupponi, Charles Robert.

Colaboradores: Allard, Alphonse Denis, Egreteau, Marré, Villeneuve.

154. LA VOIX DU NORD ET DU PAS-DE-CALAIS

Fundadores: Natalis Dumez e Jules Noutour

Redatores: Natalis Dumez, Louis Blanckaert, Georges Bulteuw, Henri Lagache, Maurice Vanhoenacker, Ernest Véry, Maurice Pauwels, Marthe Alexandre, Lionel

Alloy, Albert Van Wolput, Louis Blanckert, Gilbert Botzaron, Maurice Bouchery, Gaston Dassonville, Paul Petit, Robert Pouille, Kléber Ringot, Georges Van Kemmel, Pierre Baudel, Abbé Deconinck, Maurice Leroy, Guy Mollet, André Pantigny, Denis Reumont, Claude Roussignol, Jules Houcke, Charles Bertrand, Marcel Houcke e Jules Obin.

155. VOLK UND VATERLAND

Colaboradores: Graf, Hähnel, Hauser, Oberlander, Priess, Stinger, Ullmann, Vesper, Wittmann.

156. VOLONTAIRES DE LA LIBERTÉ

Fundadores: Jean Louis Bruch, Pierre Cochery

Colaboradores: Jean Bruneau, Jean-Claude Commert, Jean-Bernard Darrouzet, Pierre Bugand, Maurice Lécuyer, Jean Pineau.

FONTES MIMEOGRAFADAS OU IMPRESSAS

I - Jornais:

1. L'AVANT GARD - órgão da juventude comunista, publicado de 1-12-1939 a 15-8-1944, zona norte (230 números), zona sul (122 números).
2. AVENIR - editado pela Organização civil e militar dos jovens, publicado de 20-8-1943 a 14-7-1944, (16 números).
3. BIR-HAKEIM - republicano, publicado de ?-3-1943 a ?-6-1944, (12 números).
4. COMBAT - órgão do Movimento de libertação francês, a partir de fevereiro de 1943, Órgão dos Movimentos de Resistência Unidos, publicado de ?-12-1941 a ?-7-1944, (58 números).
5. LE COQ ENCHAÎNÉ - editado pelo Comitê diretor dos Batalhões da morte, publicado de ?-9-1941 a ?-6-1942, (7 números).
6. DÉFENSE DE LA FRANCE - órgão do Movimento Défense de la France, publicado de 15-8-1941 a ?-8-1944, (47 números).
7. DEMAIN - editado pelos militantes do Sena da Jovem República, publicado de ?-8-1942 a ?-2-1943, (7 números).
8. L'ÉCOLE LAIQUE - ?, publicado de 26-6-1941 a ?-1-1944, (28 números).
9. ESPOIR - combate a mentira, organiza a resistência, prepara a libertação, publicado de ?-11-1942 a ?-4-1943.
10. FRANC-TIREUR - órgão dos Movimentos de Resistência Unidos, publicado de ?-12-1941 a 25-8-1944, (37 números das edições de Lyon e Paris e 8 números de outras regiões).
11. LA FRANCE AU COMBAT - órgão regional do Front National de resistência, publicado de ?-9-1943 a ?-7-1944, (5 números).
12. LA FRANCE CONTINUE - ?, publicado de ?-6-1941 a ?-12-1941, (11 números publicados em Paris e 2 em Argel).
13. FRANCE D'ABORD - órgão de informação, de ligação e de combate dos franco atiradores guerrilheiros da zona norte - publicado de ?-1-1942 a 12-8-1944, (62 números).
14. FRONT NATIONAL - órgão de ligação do Comitê diretor do Front

National para a libertação da França, publicado de ?-10-1943 a ?-6-1944, (6 números).

15. L'HUMANITÉ - órgão central do partido comunista, publicado na Zona Norte, de 26-10-1939 a 15-8-1944, (317 números) e na Zona Sul, de 15-8-1940 a 29-5-1944, (204 números).
16. L'INSURGÉ - órgão socialista de libertação proletária, publicado de ?-6-1942 a ?-2-1944, (23 números).
17. LIBÉRATION (Nord) - órgão dos franceses livres, a partir do nº 55, Semanário dos franceses livres e tornou-se desde o nº 122 de 30-3-1943, órgão dos Movimentos Unidos de Resistência, edição zona ocupada, e a datar o seu nº 130, de 25-5-1943, Semanário da resistência francesa, publicado de ?-12-1940 a 14-8-1944, 190 números.
18. LIBÉRATION (Sud) - órgão do diretório das forças de libertação francesa e depois a partir do nº 23 de 1-2-1943, órgão dos Movimentos de Resistência Unidos, publicado de ?-7-1941 a 20-7-1944, 52 números.
19. LIBÉRER ET FÉDÉRER - órgão do Movimento Revolucionário para a libertação e reconstrução da França, publicado de 14-7-1942 a ?-5-1944, 52 números.
20. LIBERTÉ - órgão do grupo Liberté de Marselha, publicado de 25-11-1940 a 1-10-1941, (10 números).
21. LE PÈRE DUCHESNE - editado pelos franco-atiradores, publicado de ?-4-1942 a ?-9-1943, (4 números).
22. LES PETITES AILES - editado pelo Movimento de Libertação Nacional da Zona Livre, publicado de 1-6-1941 a 7-8-1941, (9 números).
23. LES PETITES AILES DE FRANCE - editado pelo Movimento de Libertação Nacional da Zona Norte, publicado de 1-6-1941 a 25-7-1941, (6 números).
24. LE POPULAIRE - órgão central do partido socialista, publicado na Zona Sul, de 15-5-1942 a ?-2-1944, (21 números).
25. LE POPULAIRE - órgão do Comitê de ação socialista "Socialisme et Liberté", publicado na Zona Norte de 15-1-1943 a 15-8-1944, (35 números, tendo os 16 primeiros números pu-

blicados com o nome de "Socialisme et Liberté".

26. LA IVÈME RÉPUBLIQUE - órgão da ação socialista e de libertação nacional, publicado de ?-12-1941 a ?-2-1942, (3 números).
27. RÉSISTANCE - é a continuação do Petites Ailes de France e editado pelo Movimento de Libertação Nacional, publicado de 15-8-1941 a 19-9-1941, (9 números).
28. RÉSISTANCE - (o novo jornal de Paris), publicado de 21-10-1942 a 7-8-1944, (26 números).
29. SOCIALISME ET LIBERTÉ - órgão do Comitê de ação socialista, publicado de ?-12-1941 a ?-1-1943, (16 números).
30. L'UNIVERSITÉ LIBRE - fundado por professores universitários franceses, publicado de ?-10-1940 a 15-8-1944, (101 números).
31. VÉRITÉS - editado pelo Movimento de Libertação Nacional, prosseguindo Les Petites Ailes, publicado em 1941, (21 números).
32. LA VIE OUVRIÈRE - editado pelo partido comunista da Zona Norte, publicado de 1-8-1940 a ?-6-1944, (221 números).
33. LA VIE OUVRIÈRE - editado pelo partido comunista da Zona Sul, publicado de ?-?-1940 a ?-5-1944, (112 números).
34. LA VOIX DU NORD ET DU PAS-DE-CALAIS - órgão da resistência da Flandres Francesa, publicado de 1-4-1942 a 21-11-1943, (65 números porém, o nº 28 jamais apareceu).
35. VOLONTAIRES DE LA LIBERTÉ - grupo de jovens filósofos, publicado de ?-6-1941 a ?-8-1944, (99 números).

II - Boletins:

1. BULLETIN D'INFORMATION (Zona Norte) - editado pelo partido comunista, publicado de ?-8-1941 a ?-5-1944, (72 números).
2. BULLETIN D'INFORMATION (Zona Sul) - editado pelo partido comunista, não se sabe quando teve início sua publicação, o de nº 26 é de 16-8-1943 e seu último número é de ?-1-1944, (37 números).

3. BUREAU DE PRESSE DE LA FRANCE COMBATTANTE - publicado de ?-1942 a ?-4-1944, (214 números).
4. CEUX DE LA RÉSISTANCE - BULLETIN D'INFORMATIONS - publicado de 6-5-1944 a 1-8-1944, (33 números).

III - Revistas:

1. CAHIERS DE DÉFENSE DE LA FRANCE - publicado pelo movimento Défense de la France, de setembro de 1943 a março de 1944, (6 números):
 - a) La Politique Extérieure Française, por Jean Daniel Jurgensen, setembro de 1943.
 - b) La politique Extérieure de Demain, por Robert Salmon, dezembro de 1943.
 - c) Projet de Constitution, por Jean Daniel Jurgensen, janeiro de 1944.
 - d) Le Combat pour une Cité Libre, por Philippe Viannay, janeiro de 1944.
 - e) Le Sens de la Résistance, por Philippe Viannay, fevereiro de 1944.
 - f) Vers la Révolution, por Jean Daniel Jurgensen, março de 1944.
2. LES CAHIERS DE LA LIBÉRATION, publicado pelo movimento Libération Sud, de setembro de 1943 a março de 1944, (4 números).
3. CAHIER DU TÉMOIGNAGE CHRÉTIEN, publicado de novembro de 1941 ao fim do verão de 1944, (29 números publicados em 15 cahiers). A relação dos mesmos é a seguinte:
 - I - France prends garde de perdre ton âme, novembro de 1941.
 - II e III - Notre Combat (documentos recentes), dezembro de 1941 e janeiro de 1942.
 - IV e V - Les racistes peints par eux mêmes, fevereiro-março-abril de 1942.
 - VI e VII - Antisémites, abril-maio-junho de 1942.
 - VIII e IX - Droit de l'Homme et du Chrétien, junho-julho-agosto de 1942.

- X e XI - Collaboration et Fidélité, outubro-novembro de 1942. O número XII foi apreendido pela Gestapo e não restou nenhum exemplar.
- XIII e XIV - Défi, janeiro-fevereiro-abril de 1943.
- XV e XVI - Les voiles se déchirent, agosto de 1943.
- XVII - Déportation, junho-julho de 1943.
- XVIII e XIX - Où allons-nous? Message de Bernanos, agosto-setembro-outubro de 1943.
- XX - XXI, XXII e XXIII - Alsace et Lorraine, terres françaises, novembro-dezembro de 1943. Este é o número mais extenso e conta 64 páginas.
- XXIV e XXV - Puissance des ténèbres, março de 1944.
- XXVI e XXVII - Exigences de la Libération, maio de 1944.
- XXVIII e XXIX - Espoir de la France, julho de 1944.
4. LES CAHIERS POLITIQUES, publicado pelo Comitê Geral de Estudos da França Combatente, de abril de 1943 a abril de 1944, (6 números)
5. LA FRANCE INTÉRIEURE, publicado pelo Movimento da França Interior, de 15 de outubro de 1942 a 15 de agosto de 1944, (23 números, dos quais foram lidos apenas o 17 e o 23).
6. LA PENSÉE LIBRE, publicada por intelectuais franceses de fevereiro de 1941 a janeiro de 1942. Circulou apenas a de nº 1.

BIBLIOGRAFIA

OBRAS

1. AGLION, Raoul - L'epopée de la France Combattante. New York, 1943.
2. AMOUROUX, Henri - La vie des français sous l'occupation. 1ª ed., Paris, Arthème Fayard, 1961.
3. AMOUROUX, Henri - Le 18 juin 1940. 1ª ed., Paris, Arthème Fayard, 1964.
4. APPELS de la Résistance, prefaciado por Jean Nocher. Paris, s/d.
5. ARNOULT, Pierre e outros - La France sous l'Occupation. 1ª ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1959. (col. Esprit de la Résistance).
6. ARON, Robert - Histoire de la Libération de la France. 1ª ed., Paris, Arthème Fayard, 1959. 2 volumes.
7. ARON, Robert - Histoire de Vichy. 1ª ed., Paris, Arthème Fayard, 1966, 2 volumes.
8. ASTIER de la VIGIÈRE, Ammanuel d' - Sept fois, Sept Jours. 1ª ed., Paris, Julliard, 1947.
9. ASTIER de la VIGIÈRE, Emmanuel d' - Sept jours en exil. 1ª ed., Paris, Flamont, 1946.
10. AUBRAC, Lucie - La résistance, naissance et organisation. 1ª ed., Paris, Robert Lang, 1945.
11. BAUDOIN, Madaleine - Histoire des groupes francs M.U.R. des bouches du Rhône, de septembre 1943 à la libération. 1ª ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1962. (col. Esprit de la Résistance).
12. BAUDOIN, Madaleine - Résistance, Bouches du Rhône 1943-1944. 1ª ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1962. (col. Esprit de la Résistance)
13. BAUDOT, Marcel - L'opinion publique sous l'occupation. L'exemple d'un département français 1939-1945. 1ª ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1962. (col. Esprit de la Résistance).

14. BELLANGER, Claude - Presse Clandestine 1940-1944. 1^a ed., Paris, A. Colin, 1961. (col. Kiosque, n^o 13).
15. BELLANGER, Claude - Fabien du groupe de la rue de Lille. Paris, s/d.
16. BENOIST-MÉCHIN - Soixante jours qui ebranlèrent l'Occident. 1^a ed., Paris, Albin Michel, 1956. 3 volumes.
17. BENOUVILLE, Guillain de - Le sacrifice du matin. 1^a ed., Paris, Robert Laffont, 1946.
18. BLOCK, Marc - L'étrange défaite. Temoignage écrit en 1940 suivi d'écrits clandestins, 1942-1944. 1^a ed., Paris, Albin Michel, 1957.
19. BLOCK, Jean-Pierre - Le vent souffle sur l'histoire. 1^a ed., Paris, Sipet, 1956.
20. BLOCK, Jean-Pierre - Mes jours heureux. 1^a ed., Paris, Ba^{te}au Ivre, 1946.
21. BLUM, Leon - Mémoires. La prison et le procès. 1^a ed., Paris, Albin Michel, 1955.
22. BOISSEL, Pierre - Les Hussards Perdus. 1^a ed., Paris, Car^{lo} Descamp, 1966. (col. Action)
23. BORWICZ, Marcel - Écrits des condamnés à mort sous l'occupation Allemande. 1939-1945. Étude Sociologique, 1^a ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1954. (col. Esprit de la Résistance)
24. BOURGET, Pierre - Témoignages Inédits sur le Maréchal Pétain. 1^a ed., Paris, Armand Fayard, 1960.
25. BRISSARD, André - La dernière année de Vichy 1943-1944. De Vichy à la Haute Cour. 1^a ed., Paris. Librairie Académique Perrin, 1962.
26. BRUNEAU, Françoise - Essai d'historique du Mouvement né autour du Journal Résistance. 1^a ed., Paris, Sedes, 1951.
27. CALMETTE, Arthur - La Libération de Bordeaux (Août 1944). 1^a ed., Bordeaux, ed. Bière, 1947.
28. CALMETTE, Arthur - L'O.C.M. (Organisation Civile et Militaire). Histoire d'un Mouvement de Résistance de 1940

- à 1946. 1^a ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1961. (col. Esprit de la Résistance)
29. CASSIUS - La Vérité sur l'Affaire Pétain. 1^a ed., Genève, ed. du Milieu du Monde, 1945. (col. Documents d'Aujourd'hui. vol. V)
30. CANLOBRE, Pierre - Le service de la Santé de la Résistance. 1^a ed., Paris, Flammarion., 1945.
31. CATALOGUE des Périodiques Clandestins 1939-1945. 1^a ed., Bibliothèque Nationale de Paris, 1954.
32. CERÉ, Roger - La seconde Guerre Mondiale. 7^a ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1967. (col. Que-sais-je? n^o 265)
33. CHAPSAL, Jacques - La vie politique en France depuis 1940. 2^a ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1969. (col. Thémis, n^o 16)
34. CHARPENTIER, J. - Au service de la Liberté. 1^a ed., Paris, Arthème Fayard, 1949.
35. CHURCHILL, Winston - A Segunda Guerra Mundial. (tradução de Breno da Silveira e outros), 1^a ed., São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1949. 4 volumes.
36. CLAVEL, Maurice - Dernière Saison. 1^a ed., Paris, ed. Noel, 1945.
37. CLAVEL, Maurice - Le Temps de Chartres. 1^a ed., Paris, Julliard, 1960.
38. COLE, Hubert - Pierre Laval. (tradução do Inglês por Lea Marcou) 1^a ed., Arthème Fayard, 1964. 2 volumes.
39. COLLOQUE sur l'Histoire de la Résistance en Europe. Viena, 1965.
40. DANSETTE, A. - Histoire de la Libération de Paris. 1^a ed., Arthème Fayard, 1946.
41. DARLAN, Alain - L'Amiral Darlan parle. 1^a ed., Paris, Amiot Dumont, 1953.
42. DAVIN, Charles - Bataille des ombres. 1^a ed., Paris, Dervy, 1953.

43. DEBÔ-BRIDEL, J. - La Résistance Intellectuelle. 1^a ed., Paris, Julliard, 1970. (col. La Résistance par ceux qui l'ont faite)
44. DENIS, Henri - Le Comité Parisien de la Libération. 1^a ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1963. (col. Esprit de la Résistance)
45. DURAND, Paul - La S.N.C.F. Pendant la Guerre. Sa Résistance a l'occupant. 1^a ed., Paris, Presses Universitaires de France. (col. Esprit de la Résistance)
46. FABRE, Luce Alfred - Journal de la France 1939-1944. 1^a ed., Genève, Constant Bourquin, 1946.
47. FARGE, Yves - Rebelles soldats, citoyens. 1^a ed., Paris, Grasset, 1946.
48. FERRIÈRES, Gabrielle - Jean Cavaillès, Philosophe et Combattant 1903-1944. 1^a ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1950.
49. FREVILLE, Jean - Les Collabos. 1^a ed., Paris, Flammarion, 1946.
50. GALTIER, Jean Boissière - Mon Journal pendant l'Occupation. 1^a ed., Paris, Le Jeune Parque, 1944.
51. GANDY, Georges - Combats Libérateurs. 1^a ed., Lyon, H. Landanchet, 1946.
52. GARD, Maurice Martin du - La Chronique de Vichy 1940-1944. 1^a ed., Paris, Flammarion, 1948.
53. GAULLE, General Charles de - Mémoires de Guerre. 1^a ed., Paris, Plon, 1960. 3 volumes.
54. GAULLE, General Charles de - Discours et Messages. New York, Oxford University Press, 1944. 2 volumes.
55. GILLOIS, André - De la Résistance à l'Insurrection. 1^a ed., Lyon, ed. Scève (recueil d'émissions), s/d.
56. GUEHENNO, Jean - Journal des années noires 1940-1944. 1^a ed., Paris, Gallimard, 1947.
57. GOSSE, Lucienne - Chronique d'une vie française. René Gosse 1883-1943. 1^a ed., Paris, Plon, 1962.

58. GRANET, Marie e Michel, Henri - Combat. Histoire d'un Mouvement de Résistance de juillet 1940 à juillet 1943. 1^a ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1957. (col. Esprit de la Résistance)
59. GRANET, Marie - Défense de la France. Histoire d'un Mouvement de Résistance. 1^a ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1960. (col. Esprit de la Résistance)
60. GRANET, Marie - Le Journal Défense de la France. 1^a ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1961. (col. Esprit de la Résistance)
61. GRANET, Marie - Ceux de la Résistance 1940-1944. 1^a ed., Paris, ed. Minuit, 1963.
62. GROUSSARD, Colonel - Chemins Secrets. 1^a ed., Mulhouse, Bader-Dufour, 1948.
63. GROUSSARD, Serge - Crepuscule des vivants. 1^a ed., Paris, Gallimard, 1947.
64. HAINAUT - L'Appel de la liberté. 1^a ed., Paris, ed. Minuit, 1944.
65. HOSTACHE, René - Le Conseil National de la Résistance. Les Institutions de la Clandestinité. 1^a ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1958. (col. Esprit de la Résistance)
66. ISORNI, Jacques - Souffrance et Mort du Marechal Pétain. 1^a ed., Paris, Flammarion, 1951.
67. JACQUELIN, André - Bir Hakein. Toute la Verité sur le Journal Clandestin Gaulliste. 1^a ed., Paris, ed. Kerenac, 1945.
68. LABLENIE, E. - Aspects de la Résistance Universitaire. 1^a ed., Bordeaux, Taffand, 1964.
69. LAPIERRE, Dominique e COLLINS, Larry - Paris Brûte-t-il? (25 août 1944). Histoire de la Libération de Paris. 1^a ed., Paris, Robert Laffont, 1964.
70. LAPICIRELA, J. - Mon journal du Vercours. 1^a ed., Lyon, Les Nouvelles Imprimeries, 1961.

71. LECOUR, Auguste - Le Parti Communiste Français et la Résistance août 1939 juin 1941. 1ª ed., Paris, Plon, 1968.
72. LEPROUX, Marc - Nous les Terroristes - Journal de la réaction spéciale de sabotage. 1ª ed., Montecarlo, ed. R. Solar, 1947. 2 volumes.
73. LUALDI, Aldo - Les grandes heures de la Guerre Mondiale. (tradução do italiano por Denise e Henri la Rocque). 1ª ed., Paris, France Empire, 1964.
74. MALLET, Alfred - Pierre Laval. 1ª ed., Paris, Amiot-Dumont, 1955. 2 volumes.
75. MAYER, Daniel - Les Socialistes dans la Résistance. Souvenirs et Documents. 1ª ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1968. (col. Esprit de la Résistance)
76. MC INNIS, Edgard - História da Segunda Guerra Mundial. (tradução de Homero de Castro Jobim), 1ª ed., Porto Alegre, ed. Globo. 6 volumes.
77. MICHEL, Henri - La Guerre de l'Ombre. 1ª ed., Paris, Grasset, 1970.
78. MICHEL, Henri - Histoire de la France Libre. 1ª ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1963.
79. MICHEL, Henri - Histoire de la Résistance. 1940-1944. 5ª ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1969. (col. Que-sais-je? nº 429)
80. MICHEL, Henri - Jean Moulin l'Unificateur. 1ª ed., Paris, Hachette, 1964.
81. MICHEL, Henri - Les Courants de Pensée de la Résistance. 1ª ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1962. (col. Esprit de la Résistance)
82. MICHEL, Henri e GUETZEVITCH, Boris Mirkine - Les idées politiques et sociales de la Résistance. 1ª ed., Paris. Presses Universitaires de France, 1954. (col. Esprit de la Résistance)
83. MICHEL, Henri - Les Mouvements Clandestins en Europe 1938-1945. 1ª ed., Paris. Presses Universitaires de France, 1961. (col. Que-sais-je? nº 946)

84. MICHEL, Henri - La Seconde Guerre Mondiale. 1^a ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1969. 2 volumes (col. Peuples et Civilisations n^o 21)
85. MICHEL, Henri e WORMSER, Olga - Tragédie de la Déportation. 3^a ed., Paris, Hachette, 1954.
86. MICHEL, Henri - Vichy Année Quarante. 1^a ed., Paris, Robert Laffont, 1966.
87. MICHELET, Edouard - Le Gaullisme, cette passionante aventure. 1^a ed., Paris, Fayard, 1962.
88. MORDAL, Jacques - Bir-Hakein. 1^a ed., Paris, Amiot-Dumont, 1951.
89. MOURET, Georges - Oradour: Le crime, le procès. 1^a ed., Paris, Plon, 1958.
90. MOURIN, Maxime - Histoire des Grandes Puissances. 3^a ed., Paris, Payot, 1958.
91. NOCHER, Jean - Les Clandestins. La vie ardente et secrète de la Résistance. 15^a ed., Paris, Gallimard, 1946.
92. NOGUÈRES, Henri - Histoire de la Résistance en France de 1940 à 1945. 1^a ed., Paris, Robert Laffont, 1967.
93. OZOUF, René - Pierre Brossolette. 1^a ed., Paris, Librairie Geldaze, 1946.
94. PARDEE, M. - Le maréchal que j'ai connu. 1^a ed., Paris, André Bonne, 1952. (Série Documents, études, témoignages)
95. PAULHAN, Jean - Lettre aux Directeurs de la Résistance. 1^a ed., Paris, Les Editions de Minuit, 1952. (Documents)
96. PINEAU, Christian - La Simple Vérité 1940-1945.
97. PIQUET, Georges - Presse Clandestine. 1^a ed., Paris, Nathan, 1945.
98. ROMANATXO, Hector - Ils ont franchi les Pyrénées. 1^a ed., Paris, ed. de la Plume d'Or, 1955.
99. ROURE, Rémy - André Roure, Valeur de la vie humaine. 1^a ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1948.

100. SAINT PIERRE, C. de - Des Ténèbres à l'Aube. Journal d'une française. 1^a ed., Paris, Arthaud, 1945.
101. SCHMITT, General - Les accords secrets franco-britanniques de novembre-décembre 1940. Histoire où Mystification. 1^a ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1957. (col. Esprit de la Résistance)
102. SCHUMAN, Maurice - Honneur et Patrie. 1^a ed., Paris, édition du Livre Français, 1945. (Recueil d'émissions)
103. SEREAN - L'Armée de l'Armistice. 1^a ed., Paris, Nouvelles Editions Latines, 1961.
104. SHIRER, Willian L. - Le Troisième Reich. Des Origines à la Chute. 1^a ed., Paris, Brodard et Taupin, 1967. 2 volumes.
105. SOLIER, Albert - Nous étions des bandits. 1^a ed., Louvain, Ed. Sam, s/d.
106. SIEGFRIED, A. - De la IIIe. à la IVe. Republique. 1^a ed., Paris, ed. Grasset, 1956.
107. TEXCIER, Jean - Un homme libre. 1^a ed., Paris, Albin Michel, 1960.
108. THÉRINE, André - L'Envers du Décor. 1940-1944. 1^a ed., Editions de la clé d'or, 1948.
109. TILLON, C. - Les F.T.P. (Franc-Tireurs Partisans). 1^a ed., Paris, Julliard, 1962.
110. TOYNBEE, Arnold, ASHTON, GWATKIN, Frank - Le Monde en mars 1939. 5^a ed., Paris, Gallimard, 1958.
111. TRUCHET, André - L'Armistice de 1940 et l'Afrique du Nord. 1^a ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1955. (col. Esprit de la Résistance)
112. VIDALENC, Jean - L'Exode de mai-juin 1940. 1^a ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1957. (col. Esprit de la Résistance)
113. VIGNAUX, Paul - Cahiers du Témoignage Chrétien. France prends garde de perdre ton âme. Extraits choisis et commentés. New York, ed. de la Maison Française, 1943.

114. VISTEL, Alban - Héritage Spirituel de la Résistance. 1ª ed., Lyon, ed. Lug, 1955.
115. YOUNG, Gordon - Celle qu'on appelait la Chatte. 1ª ed., Paris, Arthème Fayard, 1957.
116. WALTER, Gerard - La vie de Paris sous l'Occupation 1940-1944. 1ª ed., Paris, Armand Colin, 1960.
117. WEYGAND, General (Preface) - La Seconde Guerre Mondiale. Numéro especial do Larousse Mensuel de 1939-1947). 1ª ed., Paris, Larousse, 1951.
118. WIDGERY, A.G. - Les grandes doctrines de l'Histoire. 1ª ed., Paris, Gallimard, 1965.
119. WILLARD, Germaine - La drôle de guerre et la trahison de Vichy. 1ª ed., Paris, Editions Sociales, 1960.

TRABALHO INÉDITO

Jacques Eschalier - Le Journal Libération Sud 1941-1944.
(Diplôme d'études supérieures d'Histoire Contemporaine) Paris, 1962. Exemplar inédito do Comité de la Deuxième Guerra Mondiale.



ARTIGOS

1. ANGEL, P. Les responsabilités hitlériennes dans le déclenchement de la Deuxième Guerre Mondiale. Revue d'Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale, Paris, nº 60:1-20, octobre 1965.
2. ARMSTRONG, John A. - Collaborationism in World War II: The Integral Nationalist Variant in Eastern Europe. The Journal of Modern History, Chicago, vol. 40 (3):396-410, Septembre, 1968.
3. BAIRD, J.W. - La campagne de propagande nazie en 1945. Revue d'Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale, Paris, nº 75: 71-92, juillet, 1969.
4. BARIETY, Jacques - La politique extérieure allemande dans l'hiver 1939-1940. Revue Historique, Paris, nº 469 (I): 141-152, janviers-mars 1964.
5. BARIETY, Jacques - Quelques sources récents pour l'histoire de la seconde guerre mondiale. Revue Historique, Paris, nº 481: 63-98, janviers-mars 1967.
6. BARRAL, Pierre - Deux livres étrangers sur la vie de la France sous l'Occupation. L'Information Historique, Paris, nº 1: 50-53, janvier-février 1972.
7. BARRAL, Pierre - La France dans l'Europe de Hitler. L'Information Historique, Paris, nº 2: 96-97, mars-avril 1969.
8. BAUDOT, M. - Les F.F.I. de l'Eure dans la Bataille de Normandie. Revue d'Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale, Paris, nº 35: 49-66, juillet 1959.
9. BAUDOT, Marcel - Livres sur la Résistance. Revue d'Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale, Paris, nº 61: 89-105, janviers 1966.
10. BAUDOT, Marcel - L'opinion publique devant la propagande allemande et l'invasion de l'U.R.S.S. Revue d'Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale, Paris, nº 64: 63-80, octobre 1966.

11. BAUDOT, Marcel - La Résistance française face aux problèmes de répression et d'épuration. Revue d'Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale, Paris, n° 81: 23-47, janvier 1971.
12. BEDARIDA, François et Renée - Une résistance spirituelle: Aux origines du "Témoignage Chrétien". Revue d'Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale, Paris, n° 61: 3-34, Janvier 1966.
13. BIDAULT, G. - Hommage à Jean Moulin. Revue d'Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale, Paris, n° 1, novembre 1950.
14. BLUM, Albert A. - Roosevelt et la mobilisation économique. Revue d'Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale, Paris, n° 82: 47-71, avril 1971.
15. BOUDOT, François - Sur les problèmes du financement de la défense nationale (1936-1940). Revue d'Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale, Paris, n° 81: 49-72, janvier 1971.
16. BOUGEOIS, Daniel - Une lettre de Heydrich à Ribentrop sur Vichy. Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine, Paris, Tome XVIII: 296-307, avril-juin 1971.
17. CAIRNS, J.C. - General de Gaulle and the salvation of France. (1944-1946) The Journal of Modern History, Chicago, vol. 32 (3): 251-259, 1960.
18. CALMETTE, P. Les équipes Jedburg dans la bataille de France. Revue d'Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale, Paris, n° 61: 35-48, janvier 1966.
19. CALMETTE, A. - La Formation de l'O.C.M. (Organisation Civile et Militaire) août 1940-mars 1942. Revue d'Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale, Paris, n° 35: 1-24, juillet 1959.
20. COMBES, G. Aspects de la Résistance Française. L'Esprit public en Haute Loire, 1940-1942. Revue d'Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale, Paris, n° 85: 51-71, janvier 1972.

21. CONSTANTINI, Colonel - La Bataille de Smolensk (10 juillet-10 septembre 1941). Revue d'Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale, Paris, n° 59: 53-78, juillet 1965.
22. DANIEL, R. - L'Armée de l'Air Française à l'entrée en guerre. Revue d'Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale, Paris, n° 73: 110-116, janvier 1969.
23. DEJONGHE, Etienne - Les problèmes sociaux dans les entreprises houillères du Nord et du Pas de Calais durant la Seconde Guerre Mondiale. Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine, Paris, Tome XVIII: 124-147, janvier-mars 1971.
24. DEJONGHE, Etienne - Un mouvement séparatiste dans le Nord et le Pas-de Calais sous l'occupation 1940-1944. Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine, Paris, Tome XVIII: 50-77, janvier-mars 1970.
25. DUROSELLE, Jean-Baptiste - Le conflit stratégique anglo-américain de juin 1940 à juin 1944. Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine, Paris, Tome X: 161-184, juillet-septembre 1963.
26. ERELIISKA, M. - Le Mouvement de Résistance. Revue d'Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale, Paris, n° 72: 67-82, octobre 1968.
27. FIAT, R. - L'Insurgé. Revue d'Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale, Paris, n° 47: 61-78, juillet 1962.
28. GIRARD, J. - Les F.F.I. dans les Alpes-Maritimes (mars-août 1944). Revue d'Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale, Paris, n° 85: 73-94, janvier 1972.
29. LE GOYET, Lt-Col. - La percée de Sedan 10-15 mai 1940. Revue d'Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale, Paris, n° 59: 25-52, juillet 1965.
30. GRANET, Marie - Ceux de la Résistance (C.D.L.R.). Esquisse de l'Histoire du Mouvement (1940-1944). Revue d'Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale, Paris, n° 47: 33-60, juillet 1962.
31. GRANET, Marie - Défense de la France. Revue d'Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale, Paris, n° 30: 33-57, avril 1958.

32. GRANET, Marie - Dessin général de maquis. Revue d'Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale, Paris, n° 1, novembre 1950.
33. GRANET, Marie - Libération Nord. Un journal Socialiste Clandestin pendant l'Occupation. Supplément à la Revue Socialiste, n° 192.
34. GRANET, Maria - (continuação do artigo anterior) Supplément à la Revue Socialiste, n° 193.
35. HOFFMANN, Stanley - The Collaborationism in France during World War II. The Journal of Modern History, Chicago, vol. 40 (3): 375-395, septembre 1968.
36. D'HOOP, Jean-Marie - La Bataille des Ardennes 10-15 mai 1940. Revue L'Information Historique, Paris, Année 26 (1): 16-22, janvier-février 1964.
37. D'HOOP, Jean-Marie - La main d'oeuvre française au service de l'Allemagne. Revue d'Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale, Paris, n° 81: 73-88, janvier, 1971.
38. HUGHEN, R. - Un réseau d'évasion: le réseau Shelburne, Revue d'Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale, Paris, n° 85: 33-50, janvier 1972.
39. L'HUILLIER, F. - La politique du Vatican dans la crise mondiale. Revue d'Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale, Paris, n° 63: 1-22, juillet 1966.
40. HYTIER, Adrienne D. - La politique étrangère des Etats-Unis en 1942. Revue d'Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale, Paris, n° 83: 1-15, juillet 1971.
41. JACOBSEN, H.A. - Les buts et la politique de Hitler 1939-1943. Revue d'Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale, Paris, n° 63: 23-40, juillet 1966.
42. JOHNSON, Douglas - The Political Principles of General De Gaulle. International Affairs, Londres, vol. 41 (4): 650-662, october 1965.
43. JOSSE, Raymond - La Naissance de la Résistance Étudiant a Paris et la manifestation du 11 novembre 1940. Revue

d'Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale, Paris, nº 47: 1-31, juillet 1962.

44. KASPI, André - Les Etats-Unis et le problème français de novembre 1942 à juillet 1943. Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine, Paris, tome XVIII: 203-236, avril-juin 1971.
45. LABORIE, P. - Partis Politiques et Résistance dans le Lot. Revue d'Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale, Paris, nº 85: 3-32, janvier 1972.
46. LAINE, F. Block - Le Financement de la Résistance. Revue d'Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale, Paris, nº 1, novembre 1950.
47. LECLERE, Françoise - La composition d'un réseau "Zero France". Revue d'Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale, Paris, nº 61: 75-88, janvier 1966.
48. LÉVY, Claude - La presse de collaboration en France occupée: conditions d'existence. Revue d'Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale, Paris, nº 80: 84-100, octobre 1970.
49. LÉVY, Claude - L'organisation de la propagande allemande en France. Revue d'Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale, Paris, nº 64: 7-28, octobre 1966.
50. LÉVY, Claude - Un journal parisien sous l'Occupation 1940-1944: Les Nouveaux Temps. Revue L'Information Historique Paris, nº 5: 215-222, novembre-décembre 1971.
51. MERMET, P. e DANAN, Y.M. - Les thèmes de la propagande allemande après le 22 juin 1941. Revue d'Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale, Paris, nº 64: 39-62, octobre 1966.
52. MICHEL, Henri - Une feuille clandestine: "Arc" (octobre 1940-janvier 1941). Revue d'Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale, Paris, nº 30: 23-32, avril 1958.
53. MICHEL, Henri - Le Giraudisme. Revue d'Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale, Paris, nº 35: 25-48, julho 1959.
54. MICHEL, Henri - Histoire de la Résistance Française. Revue Historique, Paris, nº 498: 483-498, avril-juin 1971.

55. MICHEL, Henri - Les "Mémoires du General de Gaulle". Revue d'Histoire de la Deuxième Guerra Mondiale, Paris, n° 27: 31-41, juillet 1957.
56. MICHEL, Henri - Pour une chronologie de la Résistance. Revue Historique, Paris, n° 453 (I): 111-122, juillet-septembre 1960.
57. MICHEL, Henri - La Résistance Française: 1. Les Courants de Pensée de la Résistance; 2. Bibliographie de la Résistance. Revue L'Information Historique, Paris, Année 25 (5): 211-216, novembre-décembre 1963.
58. MICHEL, Henri - La Révolution Nationale. Latitude d'action du Gouvernement de Vichy. Revue d'Histoire de la Deuxième Guerra Mondiale, Paris, n° 81: 3-22, janvier 1971.
59. MICHEL, Henri - Sur Pétain et Vichy. Revue d'Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale, Paris, n° 23, juillet 1956.
60. PETZINA, D. - La politique financière et fiscale de l'Allemagne pendant la Seconde Guerre Mondiale. Revue d'Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale, Paris, n° 76: 1-14, octobre 1969.
61. PEVSNER, M. - Les thèmes de la propagande allemande avant le 22 juin 1941. Revue d'Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale, Paris, n° 64: 29-38, octobre 1966.
62. RENOUVIN, Pierre - L'Europe au lendemain des armistices. Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine, Paris, tome XVI: 3-15, janvier-mars 1969.
63. RENOUVIN, Pierre et BARIÉTY, J. - Nouvelles recherches sur la politique extérieure allemande 1914-1945. Revue Historique, Paris, n° 464 (II): 381-408, octobre-décembre 1962.
64. REYNOLDS, P.A. - Hitler's War. History, Londres, volume 46 (158): 212-218, octobre 1961.
65. RYSZKA, F. - Les origines de la Deuxième Guerre Mondiale. Essai historiographique. Revue d'Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale, Paris, n° 60: 45-53, octobre 1965.
66. SCHODER, Joseph - L'Allemagne et ses alliés. Revue d'Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale, Paris, n° 88:

45-65, octobre 1972.

67. STOLFI, R.H. Equipament for Victory in France in 1940.
History, Londres, volume 55, (183): 1-20, february 1970.
68. TILLION, Germaine - Première Résistance en Zone Occupée
(Du côté du réseau "Musée de l'Homme - Haut-Vildé").
Revue d'Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale, Paris,
nº 30: 6-22, avril 1958.
69. THONSON, David.- General de Gaulle and the Anglo-Saxons.
International Affairs, Londres, volume 41 (1): 11-22,
january 1965.
70. VILLATE, R. - La Bataille de Paris 19-25 août 1944. Revue
d'Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale, Paris, nº
30: 58-77, avril 1958.
71. WORMSER, Olga Migot - Le système concentrationnaire nazi
1933-1945. Revue L'Information Historique, Paris, nº
2: 85-88, mars-avril 1969.

INDICE DAS GRAVURAS

I - Mapas

- 1 - Mapa da França - Separações decorrentes do Armistício de 24 de junho de 1940..... 11
- 2 - Mapa da França com a divisão atual por departamentos, destacando-se os que foram mais férteis nessas publicações..... 74

II - Gráficos

- 1 - Aparecimento dos jornais de: julho de 1939 a junho de 1945..... 51
- 2 - Números de tiragens das 226 publicações para as quais o catálogo oferece esses dados..... 53
- 3 - Duração das publicações..... 57
- 4 - Número de páginas dos jornais e outras publicações clandestinas..... 63
- 5 - Formato dos jornais e outras publicações..... 65
- 6 - Local de aparecimento da imprensa clandestina.... 72

ÍNDICE GERAL

Prefácio	2
I - Introdução	5
A. A França diante da Derrota de 1940	5
1 - O General de Gaulle e os primeiros esboços da Resistência	14
2 - A Resistência e Jean Moulin	23
3 - Os Movimentos de Resistência	34
II - Aparecimento da Imprensa Clandestina	44
A. Razões que levaram os resistentes a publicar papéis volantes, folhetos e jornais	44
1 - Número e variedade das publicações clandestinas	49
Escala de Periodicidade	54
B. Os responsáveis pelo aparecimento destes jornais	58
C. Como eram publicados estes jornais?	61
1 - As dificuldades de ordem técnica e humana..	61
2 - Meios empregados para resolvê-las	66
3 - Local onde foram impressos	71
Relação dos Departamentos franceses com o número de publicações de cada um deles, destacando-se as cidades	77
D. Os diferentes tipos de Publicações	78
1 - Jornal fundado por iniciativa individual ..	79
2 - Jornal fundado por um grupo de Resistentes.	82
3 - Jornal que aparecia clandestinamente mesmo antes da declaração de guerra	89
III - O Conteúdo dos Jornais Clandestinos	93
A. Os diferentes tipos de artigos	93
1 - Novidades da guerra	95
2 - Artigos Políticos	108
3 - Profundamente anti-alemães e contra os ocupantes	123
4 - Profundamente contra os colaboracionistas .	138
5 - Contra o Governo de Vichy	153

B. Apresentavam uma série de aspirações imediatas e também projetos para o futuro	166
IV - Balanço da Imprensa Clandestina	185
Fez crescer a Resistência Interior	185
1 - Solapando o Governo de Vichy	186
2 - Levou os franceses a almejarem construir uma nova França	187
3 - Levou os franceses a se unirem para a expulsão dos alemães	188
4 - Contribuiu para a fortificação da Resistência e para a aceitação do seu papel pelas nações aliadas	193
V - Conclusão	198
 Anexos	 202
Fontes Mimeografadas ou Impressas	
I - Jornais	222
II - Boletins	224
III - Revistas	225
 Bibliografia	
I - Obras	227
II - Trabalho Inédito	235
III - Artigos de Revistas	236
Índice das Gravuras	243
Índice Geral	244

